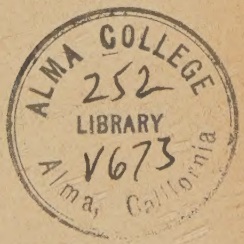
SERMÕES

VOLUME XIV

Revisto pelo Rev. Padre Gonçalo Alves

Prégador, ou S. Paulo, ou Vieira.
D. Luiz de Sousa, Arc. de Braga.



PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, editores
R. DAS CARMELITAS, 144

1908

9116

IMPRENSA MODERNA, de Manoel Lello
Rua da Rainha D. Amelia, 61 — PORTO

Composto em machina americana
((MERGENTHALER))

SERMÃO UNDECIMO

DO SEU DIA

Euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturæ. [1]

I

Dois mundos em um mundo; o mundo que fez o Verbo encarnado: *Mundus per ipsum factus est*, e o mundo que depois de humanado o não conheceu: *Et mundus eum non cognovit*, são os dois mappas universaes que o Senhor e restaurador de ambos deu aos seus Apostolos, o primeiro para termo de suas peregrinações: *Euntes in mundum universum*, o segundo para ouvinte de suas prégações: *Prædicate omni creaturæ*. Muito teem que caminhar os pés destes peregrinos, pois é o mundo todo: *Mundum universum*. E muito teem que doutrinar as linguas destes prégadores, pois são as gentes tambem todas: *Omni creaturæ*. Os pés e os passos louva Isaias: *Quam pulchri super montes pedes annuntiantis, et prædicantis pacem: annuntiantis bonum!* [2] E as linguas e as vozes admira David: *In omnem terram exivit sonus eorum, et in fines orbis terræ verba eorum.* [3] Mas Isaias só diz que viu os pés subir os montes: *Quam pulchri pedes super montes!* E David posto que falla nos fins da terra, não diz que chegaram a ella as vozes, senão que para ella

---

[1] *Marc.*, XVI, 15.
[2] *Isai.*, LII, 7.
[3] *Psalm.* XVIII, 5.

sahiram: *In omnem terram exivit sonus eorum.* D'aqui nascem duas graves questões, fundadas nas palavras que propuz, uma sobre o ir, outra sobre o prégar. A primeira: Se andaram os pés dos Apostolos tanta terra, quanta Christo lhes não mediu, pois foi todo o mundo: *Euntes in mundum universum.* A segunda: Se prégaram as suas linguas a tantas nações, quantas o mesmo Senhor lhes assignalou, que foram sem excepção todas as creadas: *Prædicate omni creaturæ.* Os Doutores antigos não teem aqui voto adequado, porque Christo não fallou só dos Apostolos em suas pessoas, senão tambem nas de seus successores, de que os antigos não tiveram nem podiam ter inteira noticia. Os modernos, não só fundados na historia ecclesiastica e profana, mas na evidente experiencia, constantemente resolvem que até o seculo todo de mil e quatrocentos annos depois da Redempção, nem os pés dos Apostolos e varões apostolicos tinham pizado as ultimas terras do mundo, nem as gentes habitadoras das mesmas terras tinham ouvido as vozes das suas linguas. Parece que o numero dos seculos se ajustou com o dos Apostolos. Os Apostolos foram quatorze, porque ao sagrado numero dos doze da primeira eleição (substituido em logar de Judas S. Mathias) accrescentou Christo depois de estar no céu, S. Paulo e S. Barnabé. E assim como os Apostolos foram quatorze, assim foram tambem quatorze os seculos, em que o mundo, em tanta antiguidade não conhecido, nem com as pizadas de seus pés, nem com as vozes das suas linguas se podia santificar. Agora, divino assumpto desta minha indigna oração, começaremos a ouvir o vosso heroico nome. Chegou em fim na era de mil e quinhentos o seculo decimo quinto, e com elle appareceu no mundo Francisco Xavier, decimo quinto Apostolo. Do reino de Christo diz David seu pae: *Dominabitur à mari usque ad mare, et à flumine usque ad terminos orbis terrarum:* [1] Que dominará de mar a mar, e do rio até os fins da terra. E que é de mar a mar? E' do mar Atlantico, o ultimo da Europa, até o mar Eoo, o ultimo da Asia. E que é do rio até os fins e termo da terra? E' do rio Tejo, onde se embarcou Xavier até o Japão, onde elle foi o primeiro prégador que poz os pés, e o

[1] *Psalm.* LXXI, 8.

primeiro de cuja lingua se ouviu o nome de Christo. Assim o propuzeram na causa da sua canonisação ao Papa Gregorio XV os auditores da Sagrada Rota, por estas notaveis palavras: Prégou o Evangelho nas ilhas do Japão, aonde o nome de Christo nunca antes fôra ouvido, e então se cumpriu a primeira vez a prophecia do Psalmo: *In omnem terram exivit sonus eorum*. Até aqui aquelle notavel testemunho. E como entre todos os ministros da propagação da Fé Catholica, no ir foram tão singulares os pés, e no prégar tão singular a lingua de S. Francisco Xavier, que nenhum outro se póde comparar com elle, parece que nos não fica que dizer na materia do nosso thema, sendo ella tão ampla, que contém dois mundos, o elementar que se anda, e o racional a que se préga. Ora já que Xavier é incomparavel nesta gloria, e ninguem se póde comparar com elle só: resta compararmol-o comsigo mesmo, e uma parte sua com outra parte. Comparando pois os pés de Xavier com a sua lingua, e a lingua com os pés, a questão ou problema do meu discurso será este: Se foram mais admiraveis os pés de Xavier no que andaram: *Euntes in mundum universum*, ou a lingua de Xavier no que prégou: *Prædicate Evangelium omni creaturæ*.

II

O ir pelo mundo não é a mesma coisa para todos, diz Seneca. Se o homem fôr sabio, é peregrinação; se fôr nescio, é desterro: *Sapiens peregrinatur, stultus exulat*. E' peregrinação, se fôr sabio, porque terá muito que aprender do que vir e experimentar, e será para elle a mesma peregrinação estudo. Pelo contrario, se fôr nescio, não tirará outro fructo das terras que andar, senão estar fóra da patria, e isto propriamente é desterro. Quanto á peregrinação, ella é um dos livros, que o mesmo Espirito Santo inculcou para se aprender a verdadeira sabedoria: *In terram alienigenarum gentium pertransiet.* [1] Porque a geographia do mundo melhor se aprende vista no mesmo mundo, que pintada no mappa. Assim o fizeram os dois maio-

[1] *Eccl.*, XXXIX, 5.

res e mais famosos mestres de uma e outra philosophia, Platão e Aristoteles. E quando os maiores mestres vão aprender do mundo, manda Christo a seus Discipulos que o vão ensinar: *Euntes in mundum universum prædicate omni creaturæ.*

Foram os primeiros Apostolos ás partes do mundo, que lhes couberam, e o nosso á sua. E como primeiro é o ir, que o ensinar, antes que oiçamos as maravilhas da lingua de Xavier no que prégou, vejamos os passos dos seus pés, e quão admiraveis foram no que caminharam. Mas como poderá ser isto sem cançar a memoria, nem enfastiar os ouvidos, repetindo agora por junto o que em outros discursos temos visto por partes? Já que a medida desta peregrinação, e o termo sem termo deste itinerario, não é menor que o mundo todo: *Euntes in mundum universum*, façamos um petipé não de centos, mas de milhares de leguas, e medindo com fiel compasso as distancias de umas terras a outras, andadas e tornadas a andar muitas vezes, desfazendo assim o novello daquelle mundo novo em linhas mathematicas; por ellas, como pelo fio de Ariadna nos poderemos sahir de tão intricado labyrintho e reduzir a numero comprehensivel a summa, que verdadeiramente é immensa.

Os que mais estreitamente fazem esta conta, dizem que andou S. Francisco Xavier no Oriente trinta e tres mil leguas. Mas porque estes medem só as distancias de umas a outras por linha direita, sem as quebras ou demasias que nas subidas dos montes, nos rodeios das enseadas, e em outros passos difficultosos teem todos os caminhos, mais certa é a medida dos que adiantam este computo, quando menos a trinta e seis mil leguas. Isto diz a arithmetica da terra; mas quem poderá comprehender a do céu? No Apocalypse se faz menção de medida dos homens, e medida dos Anjos: *Mensura hominis, quæ est Angeli.* [1] Os homens grosseiramente medem por leguas, e por milhares, os Anjos medem por passos, e um por um. Nas vidas dos Padres do ermo lêmos de um Santo velho que cançando-se de ir buscar agua á fonte, por estar longe da sua choupana, determinou fazer outra mais vizinha, e indo para a mesma fonte com este pensamento, ouviu uma

[1] *Apoc.*, XXI, 17.

voz, que o seguia, dizendo: Um, dois, tres, quatro: e voltando, viu que era um anjo que lhe ia contando os passos: com que mudou tanto do intento que tivera, que passou a choupana para mais longe. Oh longes dos caminhos de Xavier! Aquelle Anjo como o do Apocalypse media os passos a modo dos homens: *Mensura hominis, quæ est Angeli*, e assim os contava. Mas que gloria immensa seria a do nosso peregrino, quando, não os homens, nem só os Anjos, senão o mesmo Deus lhe contava os passos, como de si dizia o santo Job: *Tu quidem gressus meos dinumerasti!* [1]

Antes que passe adiante, quero aqui tirar uma duvida, e é, concordar os passos do tempo, que tanto corre, com os dos pés de Xavier, que correram muito mais que elle. Como póde ser que em dez annos que o grande Apostolo viveu na India, andasse e corresse tanto? A mais celebre peregrinação que temos na Sagrada Escriptura, é a de Moysés, desde o Egypto á Terra de Promissão, e é certo que em quarenta annos não caminhou Moysés a centesima parte do que Xavier em tão poucos. Se este maravilhoso heroe não vivera em nossos tempos, haviamos de cuidar e fazer uma de duas supposições: ou multiplicando-lhe os annos, crendo que houvesse vivido duzentos, e trezentos, como os Patriarchas que succederam a Noé; ou multiplicando-lhe a mesma pessoa, imaginando que este Xavier não fosse um só homem, senão muitos Xavieres, assim como foram muitos os Hercules, que correram o mundo, alimpando-o dos monstros que o infestavam, e tudo se attribue a um só Hercules. Sendo porém sem duvida que Xavier foi um só homem, como poderam uns pés humanos caminhar tanto em tão pouco tempo? De Mercurio dizem os poetas gentios, que tinha azas nos pés, mas isto é fabula. Dos de Xavier podemos affirmar que elle as tinha, não fabulosas, senão verdadeiras, e tão velozes, diz Isaias, como as da aguia: *Assument pennas sicut Aquilæ.* [2] E para que? Não para voar, senão para correr e andar tanto, como se voasse: *Current et non laborabunt, ambulabunt et non deficient.*

Tornando pois não ao numero dos passos de Xa-

[1] *Job.*, XIV, 16.
[2] *Isai.*, XL, 31.

vier, que só Deus podia contar, mas ás leguas que contaram os homens; a todos os doze Apostolos disse Christo Senhor nosso, que fossem a todo o mundo, mas a nenhum que fosse a todo, senão dividido por partes como fizeram: e se elles não sahissem de Jérusalem, andou tanto a Apostolo do Oriente, que podéra supprir o caminho de todos doze, não em parte do mundo, senão em todo. Não é encarecimento, senão demonstração evidente. Porque o diametro de todo o mundo como do Oriente a Poente, ou do Septentrião ao Meio dia, em que se atravessa todo de parte a parte, não tem mais de tres mil leguas; e em trinta e seis mil, que foi o menos que Xavier andou, podia dar e repartir tres mil a cada um dos Apostolos. Este é um modo de andar todo o mundo. O outro, e maior, é não atravessal-o pelo diametro, mas rodeal-o esphericamente por toda a circumferencia. E este rodeio dando volta a todo o mundo fazem, não uma, senão quatro vezes trinta e seis mil leguas. A primeira nau que deu volta a todo o mundo, mais digna de se collocar entre as estrellas que a fabulosa Argos, foi a do valoroso portuguez que deu o nome ao seu estreito. Não elle, mas ella, chamada a Victoria, chegou ás praias de Hespanha, e alli se mostrava e via com admiração, e quasi com reverencia, aquelle prodigioso lenho. E que diremos de um homem, cujos passos caminharam tanto, que puderam dar volta quatro vezes a toda a redondeza do mundo?

III

Não ha duvida que muito admiraveis foram os pés de Xavier; mas muito mais admiravel foi a sua lingua. Porque se os pés andando poderam dar volta ao mundo, a lingua prégando fez que o mundo désse volta. Archimedes, aquelle prodigioso mathematico, dizia: que se pudesse firmar um pé fóra do mundo, lhe faria dar uma volta: *Tollerem, si consisterem.* E isto é o que fez Xavier. Poz-se fóra do mundo, porque o deixou; pôde-se firmar fóra delle, porque se firmou em Deus: *Dominus firmamentum meum.* [1] E não com outro

[1] *Psalm.* XVII, 3.

instrumento, que o de sua lingua, fez que o mundo désse volta: *Verte impios et non erunt:* [1] Se quereis que não haja maus nem maldades no mundo, dae-lhe uma volta, diz o Espirito Santo. Isto quer dizer aquelle *verte*, como trasladam os melhores Interpretes: *In orbem gira.* [2] E para que vejamos como lhe fez dar esta volta Xavier, oiçamos primeiro o estado em que se achava aquelle novo e grande mundo do Oriente, antes de lá entrar o seu Apostolo. Constava de christãos e infieis de diversas seitas. E começando pelos chamados christãos, referirei por suas proprias palavras, o que escreviam e choravam naquelle tempo as informações mais authenticas. A corrupção dos costumes se reduzia áquellas tres vicios capitaes, dos quaes diz o Evangelista S. João: *Mundus in maligno positus est*, [3] cubiça, ambição, torpeza. Quanto á cubiça, nos tratos e contractos, o de mais proveito era o mais licito. As culpas provadas em juizo eram o pão, como diz Oseas, de que se sustentavam os juizes, pezando-se para a absolvição na mesma balança, de uma parte o delicto, da outra o dinheiro. Quanto á ambição, era honra e nobreza a impunidade das leis humanas e divinas. E o matar homens para ter que gastar com largueza, se reputava por valor, como o não guardar verdade, nem palavra, por fidalguia. Quanto á torpeza, vivia o senhor com suas escravas, cinco e seis das portas a dentro, como se com ellas legitimamente se recebera, nem isto se estranhava em Gôa mais que em Marrocos: obrigando a outras a pagar tal tributo, ou jornal cada dia, que não o podendo grangear com o trabalho, traziam vendida a honestidade. Para desafogar as consciencias de tão profundo e escandaloso abysmo, não havia cuidado nem lembrança. Muitos passaram annos sem acudir aos Sacramentos, e fazel-o fóra da Quaresma, era a maior hypocrisia.

Assim achou Xavier a christandade, ou o nome della na India. E que poder, que industria, que machinas eram necessarias para fazer dar volta a esta Ninive mais mais difficultosa de se converter, que merecedora de ser subvertida? Mas já vejo vir navegando Jonas,

---

[1] *Prov.*, XII, 7.
[2] Salaz. ibi.
[3] *1.ª Epist. ad Joan.*, V, 19.

não forçado e violento no ventre da baleia, mas obediente a Deus, e revestido do espirito de Christo, parecendo-lhe vagorosas, não as barbatanas, ou remos do monstro, senão as azas dos mesmos ventos para sahir em terra, e dar felicissimo principio á sua heroica missão. Chega em fim, põe os pés em Gôa Xavier, e agora verão elles nos do mesmo Jonas, quanto mais poderosa é a sua lingua. A cidade de Ninive era tão grande, diz S. Jeronymo declarando o Texto, que escassamente se podia rodear, ou andar todo o circuito della em tres dias inteiros: *Tanti ambitus ut vix trium posset itinere circumiri.* E accrescenta o mesmo Santo, que assim o fez Jonas lembrado do preceito de Deus, e do seu naufragio, correndo com tanta pressa, que em um dia fez o caminho de tres: *Jonas præcepti, et superioris naufragii memor viam trium dierum unius diei festinatione complevit.* Não podiam andar mais maravilhosos os pés no que caminharam. E foram elles os que converteram a Ninive? De nenhum modo. A lingua foi a que converteu o rei: *Pervenit verbum Regem Ninive.* [1] E a lingua a que persuadiu o povo a que cresse em Deus: *Crediderunt viri Ninivitæ in Deum.* Ao nosso ponto agora: De maneira que os pés poderam dar volta a toda Ninive, mas a que fez que Ninive désse volta foi a lingua. Para que entendam os pés, posto que de Xavier, que ainda que podessem dar muitas voltas ao mundo, fazer que o mundo désse volta, só o podia a sua lingua.

Assim o fez nesta primeira parte e cabeça daquelle mundo, e com tanta brevidade, que prégando só ametade dos quarenta dias da prégação de Jonas (porque chegou a Gôa em seis de maio de mil e quinhentos e quarenta e dois, e no fim do mesmo mez partiu para a costa da Pescaria) ficou aquella cidade tão outra do que era, como se nella se trocassem os habitadores ou nos habitadores as almas. A frequencia das confissões era tão contínua, que não bastavam ao Santo os dias e as noites para as ouvir: os tres vicios de que acima fallámos, todos convertidos nas virtudes contrarias. A ambição e invejas, em concordia e amizades: a cubiça, em restituições e grossas esmolas: a incontinencia, em se alimparem as casas de tudo o que encontra

---

[1] *Joan.*, III, 5 e 6.

a honestidade christã. Emfim, outra volta como a de Ninive. A Ninive racional (que as cidades são os homens, e não as paredes) tinha duas faces, uma superior, outra inferior, uma que se via, outra que se não via: a superior, e que se via, era vivendo todos na infame seita de Epicuro, de que Sardanapalo, então rei de Ninive, era o sectario mais bruto: a inferior, e que se não via, era a lei da razão, que estava sepultada, esquecida, e mettida debaixo dos pés. Mas tanto que deu volta aquelle grande e desordenado corpo, no mesmo ponto desappareceu o que se via, e resurgiu o que se não via, e deixando de ser o que era, começou o que devia ser. Dizem todos os nossos Historiadores, que quem pouco antes tivesse visto a Gôa, e agora a visse, não a conheceria. E é pelas mesmas palavras o que disse S. Chrysostomo de Ninive: *Sane si quis tunc ingressus fuisset civitatem Ninivitarum, qui prius eandem probe novisset, nequaquam agnovisset eam. Adeo repente à turpissima vita ad pietatem resilierat.* [1]

IV

Passando á segunda e maior parte deste vastissimo corpo, que são os gentios e idolatras, divididos em tantas seitas; quem nos declarará e como, a grande volta que deram? Diz S. João que viu (como já tinha prophetisado Isaias) um céu novo, uma terra nova, e um mar novo: *Vidi cœlum novum, et terram novam: primum enim cœlum, et prima terra abiit, et mare jam non est.* [2] E quando se viu esta grande mudança, sendo sempre o céu o mesmo, a terra a mesma, o mar o mesmo? Aguda e profundamente S. Jeronymo. Diz que se viu, quando os Apostolos e seus successores converteram a idolatria de Roma e Grecia gentilicas, porque então deu volta o mundo, e se tornou a pôr no estado, em que Deus o creara. Deus creou este mundo em tal fórma e com tal ordem, que o homem servisse e adorasse a Deus, e todas as outras creaturas do céu, da terra, e do mar servissem ao homem.

---

[1] D. Crysost. Libr. de orando Deo.
[2] *Apoc.*, XXI, 1.

Mas a idolatria (de que foi o primeiro mestre o demonio, quando disse: *Erit's sicut Dii*, fingindo mais deuses que um) de tal modo perturbou esta ordem, que os homens deram a divindade de Deus ás creaturas, e devendo ellas servir aos homens, os homens as serviram e adoraram a ellas. Assim o fez no céu, na terra, e no mar. No céu tinha Deus posto estrellas, na terra plantas, no mar peixes: e de tudo isto fez a idolatria deuses e deusas. A Jupiter deus do céu, a Plutão deus da terra, a Neptuno deus do mar. E para que não faltasse geração a estes deuses, posto que os idolatras lhes chamavam immortaes, a Jupiter ajuntaram Juno, a Plutão Proserpina, a Neptuno Thetis. E assim como no céu com segundo grau de divindade, ao sol fizeram Apollo, á lua Diana, e aos outros planetas Saturno, Marte, Mercurio, Venus, e a multidão das outras estrellas a que na Escriptura se chama *Militia cœli;* assim na terra e no mar beatificaram outras deidades, de ambos os sexos, terrestres e maritimas.

A estes monstros levantavam templos, dedicavam altares, consagravam sacerdotes, offereciam sacrificios: e o que mais admira é que sendo os gregos e romanos os homens mais sabios do mundo, e os judeus os mais allumiados, todos aquelles, e a maior parte destes, crêssem tão cega e obstinadamente nestas chimeras do céu, do mar, e da terra, que as adorassem como verdadeiros deuses, e aos que lhes não offerecessem incenso castigassem como atheus e sacrilegos, abrazados em fogo, comidos das féras, e martyrisados com os mais exquisitos tormentos. Mas chegado o tempo (como ensinou S. Paulo aos Areopagitas) em que o verdadeiro Deus quiz desfazer as trevas desta ignorancia, e tirar do mundo todos os deuses falsos por meio da prégação do Evangelho, derrubados os celestes do céu, afogados os maritimos no mar, e sepultados os terrestres no inferno; então appareceram o céu, a terra, o mar, reduzidos á pureza e verdade de seu nascimento (envergonhando-se o sol e a lua, como diz Isaias, de terem sido adorados), e foi tão estupenda esta volta universal de todo o creado, que o mesmo céu, a mesma terra, e o mesmo mar pareceram creados de novo: *Ecce ego creo cœlos novos, et terram novam.* [1]

[1] *Isai.*, cxv, 17.

E diz o Texto sagrado, creados de novo, não só com auctoridade, mas com energia e elegancia divina; porque crear é produzir de nada, e como a idolatria é nada, e os idolos nada, deste nada tornou Deus a reproduzir o céu, a terra, e o mar, tirando-os da mentira á verdade, e restituindo-os do que apparentemente eram, ao que realmente tinha sido.

Porém se compararmos a idolatria romana com a do Oriente, muito maior e mais admiravel volta foi a que fez dar áquelle novo mundo a prégação e lingua de Xavier. Os Romanos dedicaram um templo a todos os deuses, por isso redondo, em que tudo o que se admira, não é sombra do que dedicou aos seus, ajudada do poder e da arte, a superstição dos orientaes. A grandeza do Pantheon de Roma não eguala os maiores templos da christandade, e sendo milhares os daquellas nações, os que vencem toda a admiração, são os cavados e abertos em uma só pedra com abobadas, naves, e torres, entre os quaes se contam em um tres mil cellas da mesma pedra unica, e continuada, para os que teem cuidado do culto e serviço delle. E admira-se muito em Roma, que o portal do mesmo Pantheon seja de um só marmore. Mais admiração merecem as dez ou doze columnas do mesmo portal, que não podem abraçar dois homens, com proporcionada altura, de uma só peça. Mas se dellas se póde gloriar a potencia de Agrippa, que alli as trouxe e levantou; como ficaria muda toda a soberba romana, se soubesse, como sabemos, que em um templo ou varella da India, chamado do Bugio (por ser dedicado a tão ridiculo deus) só o claustro, que serve de recolher as rezes que se hão de sacrificar, tem setecentas columnas lavradas de marmore, tambem de uma só peça, e egual grandeza? Da estupenda e monstruosa dos altares, baste dizer que em um só do Japão se contam quinhentos idolos doirados, cada um com cem braços como o Briareo.

Estas eram as muralhas, torres, e castellos, com que a idolatria oriental estava armada, e guarnecida nelles de infinitos ministros, chamados sacerdotes bramanes, jogues, bonzos, todos rendosamente sustentados a soldo dos reis e dos povos, com os opulentos thesouros, que os mares e terras por natureza, e os homens por artes lhes pagam em tributo. E sendo maior este poder no invisivel, que no que se via (por-

que em cada idolo, posto que de pedra ou metal, e ao parecer morto, morava e vivia um demonio); com que forças lhes podia fazer guerra Xavier sendo tão desegnaes as suas? Contra a fortaleza daquelles templos, em qualquer parte onde chegava, levantava uma igrejinha fundada sobre quatro esteios cortados do matto, e coberta com a ramada das arvores: contra a multidão, grandeza, e riqueza dos idolos e imagens, arvorava uma cruz secca; contra os innumeraveis exercitos dos sacrilegos sacerdotes, apparecia elle só descalço, e tão pobremente vestido, como quem se sustentava de esmola: e nesta desproporção e desegualdade tão extrema do que se via, em soando e se ouvindo a voz e prégação de Xavier, como ao som das trombetas de Josuë, se arrazaram os muros de Jericó, assim cahia a machina dos templos, os idolos se desfaziam em cinza, os demonios, que não podiam morrer, fugiam, emmudeciam os Camis, e Totoquez, e os nomes de Xaca, e Amida, ouvindo-se em toda a parte o do verdadeiro Deus Creador do céu e da terra, e sendo recebida, crida e adorada em cidades e reinos inteiros a divindade de Christo. Tão poderosas e efficazes eram as vozes de Xavier, e taes os triumphos da sua lingua!

V

Mas se a triumphante lingua de Xavier foi tão gloriosa na volta que fez dar ao mundo prégando, *prædicate*; parece que se não podem gloriar menos os seus pés do modo singular e maravilhoso, com que Deus os fortificou, para que pudessem dar tantas voltas ao mesmo mundo andando, *euntes*. No famoso Cantico de Anna, mãe de Samuel, que tem por fim a propagação universal do imperio de Christo: *Dominus dabit imperium regi suo et sublimabit cornu Christi sui;* [1] diz immediatamente antes a mesma prophetisa, que Deus para isso ha de conservar os pés dos seus Santos: *Pedes sanctorum suorum servabit.* O que litteralmente não só se póde, mas deve entender dos pés de S. Francisco Xavier. Tendo elle já passado o cabo das vãs es-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, II, 10.

perranças, com que o mundo o detinha, o primeiro livro por onde deu principio ao novo estudo, foi o dos exercicios espirituaes de Santo Ignacio. Nestes exercicios se lembrou o novo cavalleiro de Christo, de outro, em que as suas grandes forças e destreza se avantajavam muito, e era a agilidade de correr e saltar, gentileza naquelle tempo muito estimada na côrte de Paris. Para mortificar pois e castigar esta vaidade, de que se prezava tanto, inventou o seu fervor uns cordeis primeiro cheios de nós, com os quaes fortissimamente se atou e apertou por baixo dos joelhos, e com que não dava passo sem grande molestia e dôr. Assim atado se poz a caminho de Paris para Veneza, onde Santo Ignacio o esperava com os outros seus companheiros, em cumprimento do voto que tinham feito de passar a Jérusalem. E a poucas jornadas, que todos faziam a pé, e com o que tinham recolhido dos proprios estudos aos hombros, não podendo Xavier dar mais um passo adiante, declarada por força a causa, que a humildade dissimulava e encobria, foi logo chamado cirurgião, o qual com pasmo de tal genero de penitencia, vendo as grandes chagas e inchação dos joelhos, e quão profundamente se tinham penetrado e escondido nellas os cordeis, disse, que se não podia intentar a cura sem cortar muito pela carne, e sem manifesto perigo da vida, pelo muito concurso das veias e nervos naquella parte: em conclusão, que tendo chegado as feridas a tal estado, só Deus lhe podia dar o remedio, a que elle se não atrevia. Com este lastimoso desengano se puzeram em oração os nove companheiros (que foi a primeira novena de S. Francisco Xavier) e perseverando toda a noite com as instancias ao céu, que a caridade e necessidade da viagem pedia, não tinha bem amanhecido (coisa maravilhosa!) quando os cordeis appareceram quebrados por todos os nós, a inchação egual, as chagas perfeitamente sãs, e o enfermo com as forças tão inteiras, que, sem perder jornada, dando as devidas graças a Deus, continuaram todos seu caminho.

Quem se não lembrará neste passo das cadêas de S. Pedro? Prezo S. Pedro, e atado a duas cadêas, quando se esperava só pela manhã, para que elle sahisse a morrer, diz o Texto de S. Lucas, que toda a Igreja fazia oração pela sua vida a Deus: *Oratio autem*

fiebat sine intermissione ab Ecclesia ad Deum pro eo. [1] E da mesma maneira naquella noite tambem fazia oração a Deus pela vida de Xavier a Companhia toda, porque toda (como então *pusillus grex*) se continha naquelle pequeno numero. Lá Herodes era o impio tyranno de Pedro, cá Xavier era o piedoso tyranno de si mesmo. Lá foi tão efficaz a oração de toda a Igreja, que em uma noite por meio de um Anjo as cadêas de Pedro se quebraram, e lhe cahiram das mãos: *Ceciderunt catenæ de manibus ejus;* e cá foi tão efficaz a oração de toda a Companhia, que em outra noite os cordeis de Xavier se romperam, e lhe cahiram aos pés. Mas se Pedro fazia tantos milagres, porque não foi elle o que se soltou das cadêas? E se Xavier havia de fazer tantos, porque não foi tambem o primeiro seu o da soltura de seus cordeis? Porque quiz Deus auctorisar mais a ambos com que não fossem elles os auctores, senão que fosse a vida de Pedro milagre de toda a Igreja, e a vida de Xavier milagre de toda a Companhia. De tantas causas juntas, e taes, não podiam resultar senão grandes effeitos. Da oração de toda a Igreja um Pedro vivo, e soltas as suas mãos das cadêas, com que o prendeu Herodes: da oração de toda a Companhia um Xavier vivo, e soltos os seus pés dos grilhões com que elle mesmo se prendeu. Se S. Pedro quebrára as suas cadêas, fôra este um dos milagres de S. Pedro. Se Xavier rompêra os seus cordeis, fôra este um dos milagres de Xavier. Mas seja Pedro o milagre de toda a Igreja, e Xavier o milagre de toda a Companhia, para que quando a Igreja se quizer ostentar milagrosamente, mostre a Pedro: e quando a Companhia lhe importar provar que tambem ella faz milagres, mostre a Xavier.

Só houve em um e outro caso uma bem notavel differença, que foi obrar Deus o milagre de Pedro por um Anjo, e o de Xavier por si mesmo. Se Deus então revelára aos Anjos que aquelle caminhante chagado, cahido, e tão prezo que não podia dar passo, era o vaso de eleição destinado por sua providencia para Apostolo de todo o Oriente, não ha duvida que os Anjos da guarda daquella infinidade de almas, todos e cada um á contenda *ambitioso famulatu*, como diz Santo

[1] *Act. Apostol.*, XII, 5.

Hilario) se haviam de offerecer para o ir curar, tendo-se por mais ditoso o que tivesse a ventura de ser o seu Raphael. Mas que não commettendo Deus, nem concedendo a soltura dos cordeis de Xavier, como a das cadêas de S. Pedro a algum Anjo, elle por si mesmo quizesse ser o auctor do milagre, e curar tão mimosa e amorosamente as chagas daquelles joelhos! Que motivo podia ser o que obrigasse a Magestade divina á condescendencia de tão particular favor? O favor e o motivo, posto que tão soberano, por outro da estimação de Deus no mesmo genero, se póde entender facilmente. Curou Deus por si mesmo os joelhos de Xavier, como elle por si mesmo os castigára; porque Xavier era aquelle prodigioso homem, que lhes havia de fazer dobrar os joelhos a tantos milhares de gentes que os dobravam aos idolos. Quando Elias blasonava de ser elle só o que seguia e defendia as partes de Deus, sendo todos os mais idolatras, apagou-lhe Deus as labaredas deste seu fogoso espirito, dando-lhe em rosto com sete mil que tinha na mesma terra, os quaes não dobravam os joelhos a Baal. Elias dizia: *Derelictus sum ego solus:* e Deus com a mesma palavra: *Derelinquam mihi in Jerusalem septem millia virorum quorum genua non sunt incurvata ante Baal.* [1] E se Deus tanto estimava ter sete mil homens que não dobrassem os joelhos aos idolos na terra, onde só era conhecido: *Notus in Judæa Deus;* que estimação faria dos joelhos de um homem, que em tantas terras e nações aonde nunca chegára o conhecimento do verdadeiro Deus, lhe havia de fazer dobrar os joelhos, não a sete mil idolatras, nem a setenta mil, nem a setecentos mil, senão a tantos milhares, que delles se podia inferir, como o mesmo Deus tinha promettido, que o fariam todos: *Mihi curvabitur omne genu!* [2]

E porque os pés que sem aquelles joelhos se não podiam mover, os tinha Xavier enfraquecido tão mortalmente, para castigar a vaidade, posto que venial, com que se prezava de correr e saltar; que faria Deus com a cura das suas mãos? Santificando com ellas a mesma vaidade, e contrapondo elegantemente o premio ao castigo, fortificou de tal sorte os mesmos pés,

---

[1] *3.º Livr. dos Reis,* XIX, 10, 14 e 19.
[2] *Isai.,* XLV, 24.

que corressem muito mais ligeiros do que d'antes corriam, e dessem muito maiores saltos do que d'antes nelles se admiravam. Quando o Salvador do mundo com os passos da sua humanidade satisfazia ás obrigações de tão piedoso nome, acudindo sem descançar a toda a parte onde o chamava a salvação das almas, uma que mereceu vêr a velocidade dos mesmos passos, diz que vinha saltando de monte em monte, e passando os oiteiros em claro: *Ecce iste venit saliens in montibus, transiliens colles.* [1] S. Gregorio Papa se convidou para contar e medir estes saltos, dizendo: *Vultis ipsos ejus saltus agnoscere?* Mas nem elle, nem Santo Ambrosio e S. Bernardo os podéram fazer maiores que a terra de Israël, posto que nella houvesse o monte Sion, o Thabôr, o Olivete, o Calvario, e o chamado *Mons Christi*, que o mesmo Senhor santificou com o seu nome, por haver nelle promulgado a sua Lei. Mas como a missão do mesmo Salvador lhe não permittia pôr os pés fóra das raias daquella terra: *Non sum missus nisi ad oves, quæ perierunt domus Israel;* [2] e a de Xavier se estendia desde o Poente até o Oriente, a todos os fins da terra, agora direi eu com maior admiração (pois o mesmo Christo assim o quiz) *Vultis ipsos ejus saltus agnoscere?* Quereis vêr os saltos que deram os pés de Xavier pela salvação das almas? Vêde e medi bem quanto vae de monte a monte: *Saliens in montibus.* Que salto como de Lisboa a Moçambique! Que salto como de Moçambique a Gôa! Que salto como de Gôa a Meliapôr! Que salto como de Meliapôr a Cambaya! Que salto como de Cambaya a Malaca! Que salto como de Malaca a Amboino! Que salto como de Amboino ao Japão! Que salto como do Japão á China! E que salto como (muitas vezes sem guardar esta ordem) do primeiro termo do Oriente até o ultimo, com distancia de mais de duas mil leguas de monte a monte! Por isso o propheta Isaias não só admirava os pés, senão os pés sobre os montes: *Quam pulchri super montes pedes annuntiantis, et prædicantis bonum!* [3]

---

1 *Cant.*, II, 8.
2 *Matth.*, XV, 24.
3 *Isai.*, LII, 7.

VI

Estas ultimas palavras: *Annuntiantis, et prædicantis bonum*, nos obrigam já a passar do que correram e saltaram os pés, ao que prégou a lingua. E se o milagre que Deus fez nos pés de Xavier foi fecundo de tantas maravilhas, não foram menos nem menores os prodigios, com que a lingua, tambem milagrosamente dotada, assombrou os ouvidos do mundo. Naquelle milagre obrou a Sabedoria Divina como medico, neste como mestre. S. Paulo faz menção de dois generos de linguas, linguas de homens, e linguas de anjos: *Si linguis hominum loquar, et angelorum.* [1] E tanto foi a lingua de Xavier neste segundo genero angelica, como no primeiro mais que humana.

Em um instante infundiu o Espirito Santo na lingua de Xavier a sciencia das linguas de todos os homens: e para saber quantos milagres se encerraram neste primeiro milagre, era necessario saber quantas linguas fallavam os homens naquelle tempo. No tempo da torre de Babel, em que as linguas se multiplicaram e dividiram, foram as linguas originaes setenta e duas. No tempo dos Apostolos eram mais que as da torre de Babel: e no tempo de Xavier mais que as do tempo dos Apostolos: porque em um e outro tempo corrompendo-se as originaes, de cada uma dellas nasceram muitas outras, como vêmos na latina. E quando a sciencia de Xavier se não estendesse mais que ás linguas de toda a Asia, em que não ha duvida, bastavam só as do archipelago indico, em que são quasi tantas as linguas como as ilhas, para as linguas serem innumeraveis, e tantos os milagres como as linguas. No Cap. 10.º das suas visões diz o propheta Daniel que viu um homem, cujo corpo era formado de todo genero de luzes, e a voz de suas palavras, não como de um só homem, senão como de uma multidão de gente: *Et vox sermonum ejus, ut vox multitudinis.* [2] E que homem mais parecido a este prodigioso homem que Xavier? Todo formado de luzes, como feito por Deus

---

[1] *1.ª ad Cor.*, XIII, 1.
[2] *Dan.*, X, 6.

para allumiar o Oriente, e com a sua voz, não de um só homem, senão de muitos, quantos eram aquelles, e quão diversos nas linguas, a quem por meio da sua havia de allumiar? Neste sentido é celebre um proverbio turquesco, que diz: Quantas linguas sabe um homem, tantos homens é. E Plinio, pelo contrario, no mesmo sentido disse: Que o estrangeiro na terra onde não sabe a lingua, não é homem: *Linguæ varietas efficit, ut externus alieno non sit hominis vice.* Assim seria Xavier, se entrára no Oriente só com a lingua natural hespanhola; mas como fallava todas as linguas, era tanta a multidão de homens para elles, quantas eram as nações diversas dos que o ouviam: *Et vox sermonum ejus, ut vox multitudinis.*

Esta mesma é a primeira parte do dom de linguas, que o Espirito Santo infundiu nos Apostolos. Mas posto que elles fallassem todas, é muito notavel a particular energia e primor com que o mesmo Espirito Santo as communicou a Xavier. S. Paulo dizia, que dava graças a Deus de fallar em todas as linguas daquelles com quem tratava: *Gratias ago Deo meo, quod omnium vestrum lingua loquor.* [1] Comtudo, a Epistola aos Hebreus notam todos os Expositores, que no estylo e na phrase é muito mais elegante que as outras. E porque? Porque elle, dizem os mesmos, era hebreu, e fallava na sua lingua natural. Agora oiçamos ao Eminentissimo Cardeal de Monte, o qual relatando em Consistorio ao Papa Gregorio XV o que constava dos actos ou processos da sua canonisação, diz assim: *Diversarium gentium linguas, quas non didicerat, cum eas evangelii causa adiret, ita eleganter, et expedite loquebatur, ac si ibi natus, et educatus esset: et contigit non raro, ut cum concionantem diversarum nationum homines sua quisque lingua plane, et polite audierint.* De sorte que Xavier não só fallava todas as linguas, *expedite*, correntemente (que é o que a Igreja canta dos Apostolos: *Verbis ut esset proflui*) senão tambem, *eleganter et polite*, em estylo elegante e polido; no qual se descobrem dois primores particulares deste dom do céu. A elegancia em respeito de S. Paulo, que fallava mais elegantemente a lingua, que lhe era natural: e Xavier com tanta elegancia prégava

[1] *1.ª ad Cor.*, XIV, 18.

nas estranhas, e aos estranhos nas suas, como se nascera e fôra creado entre elles: *Ac si ibi natus, et educatus esset.* Ao elegante, que consiste no estylo e phrase, se ajunta o polido, que pertence ao som e assento da pronunciação, a que os latinos chamam dialecto, de que temos o exemplo em S. Pedro, o qual sendo hebreu pronunciava a lingua hebrea de Jérusalem e da Côrte com tanta differença, que por ella conheceu a Ancilla que era de Galiléa: *Nam et loquela tua manifestum te facit.* [1] Assim se falla a mesma lingua italiana em Napoles e Veneza, mas com differente consonancia da romana. Isto baste quanto ao primeiro grau do dom de linguas, que é fallar um homem a de todos, a que S. Paulo chama, *linguis hominum.*

A outra, a que o mesmo Apostolo dá nome de lingua de Anjos, é muito mais maravilhosa. Porque fallando um homem em uma só lingua propria ou estranha, os que o ouvem sendo de differentes nações, ouve cada um a sua. Assim, ouvindo a S. Pedro os Parthos, Medos, e Elamitas, diziam mais pasmados que admirados: *Quomodo nos audivimus unusquisque linguam nostram, in qua nati sumus?* [2] A maravilha consiste, em que sendo a lingua na bocca de quem a falla uma só, nos ouvidos dos que a ouvem sejam tantas, quantas e quão diversas forem as suas, com outros tantos milagres. E porque se chamam estas linguas, linguas de anjo? Porque os Anjos fallam por conceitos, que são imagens naturaes das coisas, as quaes imagens conhecem todos. Pelo contrario as palavras pronunciadas, como tambem escriptas, são imagens artificiaes das mesmas coisas, e não as podem entender senão os que souberem a arte. A lingua em que fallava Xavier tambem era artificial, mas todos a entendiam, como se foram as suas palavras imagens naturaes do que dizia, e por isso lingua de anjo, supprindo Deus com tantos milagres, não só quantos eram os ouvintes, senão os ouvidos, o som da voz, e a dearticulação das palavras, quaes eram as da lingua de cada um. Muitos Theologos, e entre elles o grande Nazianzeno, querem que esta mudança se fizesse no ar, e não nos ouvidos: porque no tal caso seriam os milagres dos ouvintes, e não

---

[1] *Math.*, XXVI, 73.
[2] *Act.*, II, 8.

do prégador. Mas o merecimento do milagre, como o do beneficio, está em quem o faz, e não em quem o recebe. Se o Santo sara o enfermo, e resuscita o morto, posto que o enfermo receba a saude, e o morto a vida, o milagre não é do enfermo, nem do morto, senão do Santo. Assim como o Manná na bocca do que o comia sabia ao que elle desejava, assim a voz de Xavier nos ouvidos do que a ouvia, soava ao que elle entendia. E por isso este modo de fallar se chamava lingua de Anjos, diz Carthusiano, como o Manná pão de Anjos.

Mas tudo isto não basta para explicar as maravilhas da lingua de Xavier. Propondo-lhe os lettrados do Japão varias questões em materias muito diversas, a todos satisfazia com uma só resposta. E se isto era não só fallar com lingua dos homens, como no primeiro caso, nem só com lingua dos Anjos, como no segundo; que diremos? Occorria-me dizer, que fallava tambem com lingua de Deus. Da lingua, ou fallar de Deus diz David: *Semel locutus est, Deus, duo hæc audivi:* [1] Deus fallou uma vez, eu ouvi duas coisas. E neste sentido se podia applicar a Xavier, o que diz S. Pedro: *Si quis loquitur tanquam sermones Dei.* [2] Porém as palavras de Deus, quaes são as da Sagrada Escriptura, ainda que tenham mais que um sentido litteral (o qual não é certo, senão depois de interpretado por auctor canonico) não bastam estes dois sentidos, para que se responda com elles mais que a outras tantas questões; e Xavier com as mesmas palavras satisfazia não só a duas, ou quatro, ou dez questões, senão a muitas mais, e de industria excitadas em materias muito diversas. Que novo dom era logo, e que milagre este da lingua de Xavier?

O que só se póde entender é, que eram as suas palavras, não como as palavras, senão como a palavra de Deus. Deus tem muitas palavras, e uma só palavra. As muitas palavras, são aquellas com que falla pelos Prophetas, e pelas Escripturas: a palavra uma e unica é a eterna Palavra, ou o eterno Verbo, que *ab æterno* gerou. Neste sentido entende Santo Agostinho o *semel locutus est Deus. Apud se*, diz elle, *se-*

[1] *Psalm.* LXI, 12.
[2] *1.ª Epist. ad Petr.*, IV, 11.

mel Deus locutus est, quia unum Verbum genuit, unum Verbum habet, ubi omnes thesauri sapientiæ, et scientiæ absconditi. E como nesta palavra unica de Deus estão encerrados todos os thesouros da divina e infinita sabedoria; assim como o auctor do Psalmo ouviu della, ou nella duas coisas, assim todos podem ouvir quantas quizerem saber, e não com largos discursos, senão com uma simples intelligencia, mais propriamente vendo, que ouvindo, ao modo com que os bemaventurados no céu: *Omnia vident in Verbo.* Este, pois, ou similhante a este, era o terceiro dom da lingua de Xavier, ao qual o mesmo Verbo communicava um raio ou sombra da sua mesma luz, pelo qual allumiado elle, e por elle os que ouviam, mais vendo que ouvindo as respostas das suas questões e perguntas, ficavam satisfeitos todos, por muitos que fossem. Assim o escreveu o mesmo Santo, posto que não declarou o modo. Sendo a lingua de Xavier uma como chave dos thesouros da sabedoria e sciencia divina, que os abria quando era necessario, para allumiar e tirar as duvidas de todos aquelles a quem prégava.

VII

Vistos por modo tão admiravel os milagres que Deus fez nos pés e lingua de S. Francisco Xavier; vejamos agora alguma parte dos que os mesmos pés e a mesma lingua fizeram. Um dos maiores trabalhos dos navegantes é acharem-se no mesmo elemento da agua sem agua para beber. Mas para acudir a esta necessidade eram muitos os modos que tinha o nosso Santo, com que soccorria os que o invocavam. Umas vezes fazia chover com tanta abundancia, que recolhiam toda a agua que haviam mister. Outras os levava a ilhas e costas não conhecidas, onde as fontes e os rios lhes faziam a aguada. Uma vez mandou que enchessem todas as vasilhas da agua do mar, e lançando-lhes a benção, como se a sua fosse *de benedictionibus dulcedinis*, de salgada se converteu em doce. Mas o milagre por todas suas circumstancias famoso neste genero, foi que navegando com calmas e ventos contrarios, uma nau em que iam embarcadas quinhentas pessoas, todas

quasi espirando á sêde, fazendo-se levar Xavier pelo costado em braços dos marinheiros até o mar, mettendo nelle um pé o adoçou de maneira, que não só naquelle dia, mas em todos os que durou a viagem se bebeu na nau sem ração. Que diria neste passo ou neste pasmo o propheta Jeremias? Encarecendo este Propheta as amarguras em que se viu a cidade de Jérusalem destruida, e buscando comparação com que as declarar: *Cui comparabo te?* Não achou outra senão a do mar: *Magna est velut mare contritio tua.* [1] E totalmente desconfiado de ter ou poder ter remedio aquelle mal, accrescentou: *Quis medebitur tui?* Se toda a terra desfazendo-se em rios de agua dôce, e se todos os rios tantos e tão caudalosos entrando no mar, elle com a sua amargura os converte em si, e elles não podem fazer no mar a menor mudança: que medico haverá que possa curar esta amargura, e com que medicamento: *Quis medebitur tui?* Ora, Propheta santo, pois conheceis os futuros, não desconfieis. Virá tempo em que haja neste mundo um homem chamado Francisco Xavier, que curará as amarguras do mar, e não com outro medicamento ou instrumento, senão com metter nelle o pé. O Chaldeu lê: *Poculum tuum sicut mare.* Se naquelle aperto se puzera em leilão no convez um pucaro de agua, tudo quanto levava a nau não era bastante preço para o comprar. Antes se poriam em armas todos os navegantes, e se dariam batalha sobre quem o havia de levar. E todas estas vidas salvou duas vezes Xavier só com molhar um pé no mar, e o fazer doce.

E que diremos da sua lingua? Tambem a lingua de Xavier faz doces muitas amarguras, e por ventura maiores. Que amargura como a da morte? *O mors, quam amara est memoria tua!* [2] Mas assim como na bocca do leão morto fabricaram as abelhas os favos, assim adoçava Xavier as amarguras da morte de tal modo, que sendo o primeiro martyrio inventado no Japão contra os que criam no Deus crucificado, a cruz: os mesmos que pouco antes tinham sido idolatras, a abraçavam com taes demonstrações de alegria, que

---

[1] *Thren.*, II, 13.
[2] *Eccles.*, IV, 1.

bem se via a doçura que naquelle não duro, senão doce lenho, *dulce lignum*, e naquelles não duros, senão doces ferros, *dulces clavos*, tinha destilado a lingua de Xavier: *Favus distillans labia tua.* [1] Que amarguras como a das affrontas: Das com que injuriava Phenena a Anna mãe de Samuel, diz a Escriptura, que lhe chegavam as amarguras á alma: *Cum esset Anna amara animo.* [2] E sendo que as affrontas no Japão se sentem tanto mais que a morte, que o remedio de se desaffrontarem grandes e pequenos, é matarem-se com suas proprias mãos, tão doces tinha feito a prégação de Xavier as affrontas, que com os ferretes nas faces, com as orelhas cortadas, e com os pregões mais infames sahiam dos carceres e tribunaes dos tyrannos, não menos contentes e triumphantes que ós primitivos Apostolos, tendo as mesmas affrontas pela maior honra e dignidade: *Ibant Apostoli gaudentes à conspectu concilii, quoniam, digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati.* [3] Que maior amargura que a morte, não só cruel, mas natural dos filhos, cuja vida estimam os paes mais que a propria? Assim dizia Noemi depois de ter perdido os seus, que lhe trocassem o nome de formosa no de amarga: *Ne vocetis me Noemi (id est pulchram), sed vocate me Mara (id est amaram) quia amaritudine valde replevit me Omnipotens. Egressa sum plena, et vacuam reduxit me Dominus.* [4] E tão fóra estavam de chorar esta tão natural amargura os paes do Japão tão fortes como Mathatias, e as mães tão constantes como a mãe dos Macchabeus, que elles e ellas como rindo-se do tyranno Antiocho, os exhortavam, ou ao breve tormento das fogueiras, ou ao dilatado das covas, que Nero e Diocleciano não souberam inventar. Que amargura finalmente, como a das confiscações e perdas da riqueza, da nobreza, dos estados, e das coròas, das quaes dizia Jób nas suas: *Implet me amaritudinibus?* [5] (porque a cada bem deste mundo que Deus lhe tirava, lhe mettia uma amargura no coração) e sendo estas tão amargas ao Mestre da paciencia, na escola de Xavier eram tão dòces, que os

---

1 *Cant.*, IV, 11.
2 *1.º Livr. dos Reis*, I, 10.
3 *Act.*, V, 41.
4 *Ruth.*, I, 20 e 21.
5 *Job.*, IX, 18.

ricos, os nobres, os principes, os reis, elles e seus successores com tanta alegria no rosto, como no coração, as desprezavam todas, ainda que fossem as proprias corôas: egualando na primeira infancia da fé a da maior edade de Moysés, quando não quiz ser filho da filha de Pharaõ, estimando por maior riqueza que os thesouros do Egypto, a pobreza e paciencia de Christo: *Fide Moyses grandis factus negavit se esse filium filiæ Pharaonis, magis eligens affligi cum populo Dei, et maiores divitias æstimans Ægyptiorum, improperium Christi.* [1]

Já d'aqui podem entender os pés de Xavier que se elles são tão milagrosos que um só basta para adoçar as amarguras do mar, não é menos poderosa a lingua de Xavier para fazer dôces as da terra, que não são menos difficultosas de tragar, nem menos amargas. Mas não é este o maior milagre, com que ella quer acudir por si, ou eu por ella. O que digo, trocando a similhança em contrariedade, é que se os pés de Xavier fazem as amarguras dôces, a lingua de Xavier póde fazer as doçuras amargas. Se isto é mais ou menos, outrem o julgue, que eu o que só quero provar é o milagre, e o modo. Em uma das visões do seu Apocalypse deu um Anjo a S. João um livro, dizendo-lhe, que o comesse, e que na bocca o acharia dôce como o mel, mas que no estomago lhe amargaria: *Dixit mihi: Accipe librum, et devora illum, et faciet amaricari ventrem tuum, sed in ore tuo erit dulce, tanquam mel.* [2] Fel-o assim S. João experimentando na bocca a doçura do livro, e no estomago a amargura. E sem perguntar que livro era aquelle, e que mysterio continha, o Anjo lhe disse, que importava que elle tornasse a prégar a muitos povos, a muitas gentes, a muitas linguas, e a muitos reis: *Et dixit mihi: Oportet te iterum prophetare gentibus, et populis, et linguis, et regibus multis.* [3] Pois porque S. João ha de prégar a tanta diversidade de ouvintes, por isso ha de comer um livro, que primeiro é doce, e depois amargoso: e dôce na bocca, e amargoso no estomago? Sim. Porque naquelle livro se continha a materia, o intento, e

---

[1] *Ad Hebr.*, XI, 24, 25 e 26.
[2] *Apoc.*, X, 9.
[3] *Ibid.*

o fim do que havia de prégar. A materia eram doçuras e amarguras: e o intento e fim era, que o mesmo que d'antes fôra dôce, se convertesse em amargo. Se o Anjo fallára com S. Francisco Xavier, nem lhe poderá dizer nem esperar delle outra coisa. Ao menos o auditorio que aqui se descreve, é o mesmo a que elle prégou: muitos povos, muitos reis, muitas gentes, e de diversas linguas. A lingua distingue o dôce do amargo: e a lingua de Xavier não só distinguia, mas extinguia as doçuras, para as converter em amarguras. O intento dos seus sermões era converter os appetites em arrependimentos, as delicias em contrições, os gostos em pezar, o mel em fel, e tudo o que tem ou teve de dôce o peccado nas amarguras da penitencia. Quantos soldados, depois de crucificarem a Christo, e lhe jogarem as vestiduras, se recolhiam do mesmo Calvario batendo nos peitos! Quantos Zacheus publicanos e onzeneiros, não só restituiam o alheio, mas repartiam o seu largamente aos pobres! Quantas Magdalenas depois de ser laços e escandalo das cidades, trocando o amôr profano pelo divino, prostradas aos pés de Christo os regavam com lagrimas! Quantos Davids (para que não faltassem os reis) despida a purpura, e cobertos de cilicio e cinza, emendavam a fealdade das culpas, que não poderam encobrir com outras maiores! Assim convertia a lingua de Xavier as falsas e enganosas doçuras do appetite, nas verdadeiras amarguras e desenganos da penitencia.

Mas porque se gostava o dôce na bocca, e o amargo se sentia no estomago: *In ore tuo erit dulce tanquam mel, et faciet amaricari ventrem tuum?* Porque os mesmos manjares na bocca se gostam, no estomago se digerem. Esta digestão muito miuda, muito distincta, e muito particular de cada vicio, com a brevidade do que deleita, e a eternidade da pena, com o céu perdido no que passou, e o inferno merecido no que não ha de passar: estes eram os relampagos daquella luz, estes os trovões daquella voz, com que o tremor dos raios se convertiam em chuva: *Fulgura in pluviam fecit.* [1] Que chuva é esta senão as lagrimas dos ouvintes, chuva verdadeiramente do céu? Poz Deus o

[1] *Psalm.* CLIV, 7.

gosto em um sentido cego, e o amargo no sentido da vista, para que veja o peccador com os olhos abertos o que devorou com elles fechados, não sendo outra coisa o amargoso das lagrimas, que o liquido digerido do indigesto dos gostos. Assim digeria os de quarenta annos passados nas delicias da côrte, de que era senhor, Ezechias: *Recogitabo tibi omnes annos meos in amaritudine animæ suæ.* [1] Cuidando agora, e tornando a cuidar, o que então lhe não déra cuidado, e sendo agora amargura sobre amargura para a alma, o que então era gosto sobre gosto para os sentidos. Mas porque se não veja esta efficacia da lingua de Xavier só na doçura enganosa dos peccadores; que doçura mais innocente e mais licita que a da patria, ainda nos penedos da Ithaca, ou nos frios da Getica sempre dôce?

Nescio qua natale solum dulcedine cunctos
Allicit, immemores nec sinit esse sui.

E comtudo olhem os pés de Xavier para esse mesmo mar, que fizeram dôce, e verão quantos discipulos do mesmo espirito, esquecidos da doçura das mais deleitosas patrias do mundo, a trocam não pelas amarguras de qualquer mar, senão pelas immensas dos mais inclementes, dos mais perigosos, dos mais indomitos, dos mais feros, emfim, dos mares mais mares, isto é, dos mais amargosos de todos. Milagre immortal cada anno da lingua de Xavier, ou dos echos sempre vivos da sua voz.

VIII

Mas tornando aos seus pés, que direi delles, quando vejo que não para descançar, senão para mais andar se ajudam de outros pés? E da mesma lingua que cuidarei, quando não para emmudecer, ou respeitar, senão, para mais prégar, se soccorre de outras linguas? S. Paulo, quando Saulo, enganado do seu falso zelo (mas grande) não se contentando de pelejar pela

[1] *Isai.*, XXXVIII, 15.

fé, que defendia só com duas mãos, teve traça para o fazer com as mãos de todos, como diz Santo Agostinho. E porque seriam menos diligentes na propagação da verdadeira os pés de Xavier, contentando-se com serem só dois, e ainda menos a lingua, com ser só uma?

Quando era chamado no mesmo tempo a enfermos, a endemoninhados, a partos perigosos, e a outras afflicções e trabalhos, que nelle tinham o remedio certo, e não podia ir o Santo por sua propria pessoa, valia-se dos pés dos seus meninos da doutrina, e levando algum signal de que eram enviados por elle, obravam as mesmas maravilhas que o mesmo Xavier costumava. Depois que teve muitos companheiros da mesma profissão, tambem caminhava com os seus pés indo aonde não podia ir, e assistindo onde não podia estar. Na costa da Pescaria, quando tinha um só companheiro, vendo que os povos eram trinta, e que não podendo assistir mais que em dois, ficavam vinte e oito sem assistencia, inventou a residencia dos que na lingua malabar se chamam Canacapoles, que vale o mesmo que procuradores da Igreja, os quaes sendo de boa vida, e bem instruidos nos mysterios da fé, os ensinavam todos os dias, baptizavam em caso de necessidade, ajudavam a bem morrer, e suppriam quanto sem o caracter do sacerdocio póde fazer um christão. E para que estes officios tão importantes se perpetuassem, se valeu Xavier (quem tal imaginára!) dos reaes pés da mesma rainha de Portugal. Para os chapins da mesma rainha, como diz a phrase da côrte portugueza, se pagavam dos tributos daquella costa quatro mil fanões, que montam da nossa moeda quatro centos cruzados, e estes alcançou o Santo para salario dos Canacapoles, concluindo, na carta com que os pediu: E as almas que por este meio se salvam, são, senhora, os chapins, com que Vossa Alteza entrará seguramente no céu. Não creio que póde haver caso em que mais litteralmente se entenda aquella sentença dos Canticos: *Quam pulchri sunt gressus tui in calceamentis filia Principis.* [1] Era a rainha D. Catharina em toda a Propriedade filha do Principe, como fi-

[1] *Cant.*, VII, 1.

lha de Philippe, primeiro conde de Flandres, pae de Carlos Quinto, e seu; e louvar-lhe o Espirito Santo o airoso dos passos pelo calçado, *in calceamentis*, mais parece que se deve aos chapins, que aos passos.

Em todos estes pés, de que os de Xavier se valeram, tambem tinha a sua parte a lingua, porque não eram pés de figuras mudas. As outras linguas, para que não tinham uso todas as suas, sendo tantas, foram primeiramente os acenos, pelos quaes se entendeu e deu a entender aos barbaros de Socotorá, com tanta satisfação, que assim cathequizou e baptisou muitos delles. Outra lingua tanto mais eloquente, quanto mais copiosa, foi a sua penna: *Lingua mea calamus scribæ.* [1] Não só porque todas as nações a que Xavier prégou a fé, como se não fallára, mas escrevera, lhes ficou tão impressa, que nunca a deixaram; nem porque escreveu cento e quinze epistolas admiraveis, que andam impressas pelo mundo, e durarão até ao fim delle; senão porque copiados por sua mão e vertidos em todas as linguas os mysterios e artigos da Fé Catholica, nos navios os fixava ao pé do mastro grande, e nas cidades nos logares mais publicos, sendo naquella breve escriptura tantas as Biblias e versões que ensinavam a fé e nome do verdadeiro Deus, quantas as folhas desencadernadas, que no mar, e na terra se liam. Nem se devem passar em silencio os tropheus de nossa Redempção, que nos escolhos das praias e no mais alto dos montes arvorava, com tantos pregões do Crucificado, quantas eram as cruzes, servindo tambem de lingua á de Xavier até os paus e as pedras. Mas o que mais me edifica e faz devoção é, que tendo o Santo aquelle dom, ou dons de linguas tão sublimes; comtudo as aprendia e estudava palavra por palavra, para que a seu exemplo o fizessem muitos outros, por cujas linguas tambem fallasse. Finalmente a lingua mais universal com que a de Xavier mudamente se desafogava, era a que, encobrindo as demais, e escrevendo das ilhas do Moro aos outros Religiosos da Companhia, declarou com esta clausula: Aqui estou baptisando sómente os innocentes, que morrem, e não cathequizando os adultos, porque

[1] *Psalm.* XLIV, 2.

lhes não sei a lingua; procuro comtudo fazer-lhes as obras de caridade que posso, que é lingua que todos entendem.

IX

Esta é a relação (mais larga do que eu quizera, e mais breve do que devèra ser) do muito que obraram os pés e lingua de S. Francisco Xavier: elles, indo por todo o mundo: *Euntes in mundum universum;* e ella, prégando a todas as creaturas: *Prædicate Evangelium omni creaturæ.* E porque entre tantas, e tão gloriosas acções não deixou de haver uma omissão, seja ella o remate de tudo.

Partindo de Roma em companhia do embaixador de Portugal, que por ordem d'El-rei pedira ao Summo Pontifice e a Santo Ignacio alguns missionarios do seu Instituto, assim edificou e admirou no caminho a elle, e a todos os da sua familia, não só com exemplo das virtudes, mas com milagres e prophecias, que então lhe começaram a dar o nome de Padre Santo (canonisação fóra de Roma, que ella não póde dar em vida.) Levava o embaixador a estrada por junto a Pamplona em Navarra, onde ainda vivia já viuva D. Maria Aspilcoeta e Xavier, sua mãe, e pedindo-lhe com grandes instancias a quizesse visitar, e despedir-se com sua benção, pois se não haviam de vêr mais nesta vida, de nenhum modo o pôde alcançar. E esta foi a omissão dos pés e da lingua; dos pés em não querer ir, e da lingua em não querer fallar a sua mãe. Eu por parte desta piedosa demanda tambem allegára a Xavier o exemplo do mesmo Christo, o qual tendo-se mostrado sempre tão alheio do affecto de carne e sangue ainda com sua mesma mãe, comtudo no ultimo apartamento se despediu della com tão singular demonstração de amôr de filho. Porém Xavier entendendo com altissima reverencia que o que é devido á Mãe de Deus, para nenhuma outra mãe faz exemplo, julgou que nesta parte não devia seguir o de Christo. E o mesmo Christo fez tanto caso e estimação deste mais que natural desapego, que entendo eu (deixae-me assim dizer), o quiz gratificar e pagar, dizendo assim comsigo: Xavier caminhando a me servir andou tão fino, que se não quiz despedir de sua mãe, como eu me despedi

da minha? Pois a fineza que eu não fiz por minha mãe, hei de fazer por elle.

Para que tenhaes mão na censura do pensamento, ouvi a prova. Perdeu a Virgem Santissima a seu bemditissimo Filho na viagem ou romaria de Jérusalem; buscou-o com grande dôr tres dias, até que o achou no Templo; e a razão que o Senhor deu de ficar, e o acharem alli, foi estar em serviço de seu Pae: *Nesciebatis quia in his, quæ Patris mei sunt, oportet me esse?* [1]. De maneira (e é o que pondero) que perdendo a Virgem Maria a Christo, a Mãe buscou o Filho, e não o Filho a Mãe. E isto é o que elle fez ou não fez então. Passemos agora do Templo ao mar, e de Jérusalem á India. Navegando Xavier aquelles mares, foi tão terrivel a tempestade, que todos se davam já por perdidos; e valendo-se o Santo de um Christo de metal que trazia sobre o peito, lançou aquella ancora ao mar, preza por uma amarra delgada, como pedia o pezo da ancora. Obedeceram os ventos e os mares ao imperio do que já os tinha reprehendido no Tiberiades; e depois que cessou a tempestade, indo Xavier a recolher a sua ancora, achou que quebrada a amarra, ella se tinha ido ao fundo. Oh que nova tormenta e tormento! Que faria o amoroso servo sem o Senhor do seu peito, e do seu coração? Tomou porto o navio, não sabemos depois de quantos dias, e caminhando Xavier pela praia com a dôr que merecia a sua perda, eis que vê sahir do mar um caranguejo, o qual com o crucifixo prezo, e levantado nas tenazes, o metteu nas mãos do Santo. Deixo os extremos de devoção e amôr com que prostrado de joelhos, e abraçado com o seu Senhor se deteve extatico e fóra de si Xavier por espaço de meia hora, como testemunhou quem o acompanhava; porque me chama o meu ponto. De sorte que a Virgem Maria perdeu a Christo, e Xavier perdeu a Christo; mas Christo quando o perde sua Mãe, não busca a sua Mãe, e quando o perde Xavier, busca a Xavier. Logo é certo e provado que fez Christo uma fineza por Xavier, que não fez por sua Mãe. E para maior propriedade e correspondencia do caso, fez esta fineza um Crucifixo, isto é, Christo crucificado: porque era em

[1] *Luc.*, II, 49.

premio, parte do desapego, e parte da reverencia com que Xavier não quiz imitar o exemplo com que Christo tambem crucificado se despediu tão amorosamente de sua Mãe. Oh Deus nunca mais admiravel, nem mais amante! Oh Homem o mais mimoso, o mais favorecido, e o mais honrado de Deus!

Aquelle caranguejo era verdadeiro, e não o fabuloso, que os astrologos com o mesmo nome puzeram no tropico chamado de Cancer. Chama-se tropico de Cancer, porque chegando alli o sol torna para traz, e não póde passar d'alli. E o mesmo digo eu do divino Sol Christo. Quando Christo perdido de sua Mãe não vae buscar a sua Mãe, e perdido de Xavier vae buscar a Xavier, então é que as finezas do Sol divino chegaram ao tropico: porque até alli podiam chegar, mas não passar d'alli: ponham-se duas columnas, uma no céu, outra na terra, que digam: *Non plus ultra.*

No céu ha um Cancer, na terra outro Cancer, e no mar outro. E todos tres se uniram em honrar a Xavier. O Cancer do céu que faz o tropico austral, e é o limite do curso do sol, está em vinte e tres degraus da Linha para o sul: o cabo da Boa Esperança está em trinta e cinco; e sendo que o maior conquistador da antiguidade não chegou da Europa á Linha equinocial, Xavier não só passou o cabo da Boa Esperança duzentas leguas além do curso do sol; mas d'alli voltou até ás ilhas do Japão, que foi o tropico de suas peregrinações, maior carreira ou zodiaco, que o do sol duas mil leguas. O Cancer da terra é aquelle apostema pegonhento, feio e asqueroso, o mais cruel roedor da carne humana. E succedeu que affrontando de palavra a Xavier um homem descomedido, lhe respondeu o Santo: Deus vos guarde a bocca; mas não ouvindo Deus a oração, e verificando a prophecia, subitamente lhe saltou e appareceu um cancro na mesma bocca blasphema, o qual roendo-lh'a toda, medonha e asquerosamente lhe queimou e cauterisou a lingua. O cancro do mar, finalmente, é o que fez o milagre tão novo e inaudito: com que em summa todos os tres Canceres, do céu, da terra, e do mar, se uniram e conjuraram em honrar a Xavier. O do céu encarecendo suas peregrinações, o da terra vingando suas injurias, e o do mar alliviando e premiando suas saudades.

X

Chegado o nosso discurso ao tropico, e não podendo passar adiante, acabe para memoria dos ouvintes com dois brevissimos documentos. Nota a historia, que reparando algum critico nos muitos caminhos e viagens que Xavier fazia a tão differentes e remotas partes, dissera: Que se elle caminhára menos, tivera convertido mais. Ao que respondeu com profundissima prudencia o Santo, como Prelado dos seus companheiros. Que ia primeiro vêr e conhecer todas aquellas terras, para saber aonde mandava, e a quem. Oh reis e principes do mundo, que mandaes a tantas partes e tão remotas delle os vossos ministros, como podeis não errar as eleições das pessoas e dos logares, se não sabeis a quem mandaes, nem aonde! E que direi dos que por profissão e instituto, ou por outras obrigações que ainda podem ser maiores, depois de terem ouvido da bocca de Christo a quem têm por Deus: *Euntes in mundum universum prædicate Evangelium omni creaturæ*, por não deixar a patria, nem as côrtes, e por não ter valor como Jonas, para trocar os applausos vãos de Jérusalem pela prégação tão importante de Ninive, nem as pégadas dos pés de Xavier lhe excitem os passos, nem os echos das suas vozes o silencio da lingua, mas como estatuas mudas, immoveis, e sem alma, nem se doam ao longe de vêr perder tantas, nem ao perto, e dentro em si, temam a condemnação da sua?

SERMÃO DUODECIMO

DA SUA

PROTECÇÃO

Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus et regibus. [1]

I

A maior coisa que disse de si o Apostolo S. Paulo, é que elle suppria e enchia em seu proprio corpo o que faltou á Paixão de Christo: *Adimplo ea, quæ desunt passionum Christi in carne mea.* E a maior que eu posso dizer de S. Francisco Xavier, é que elle suppriu e encheu em si, e por si mesmo, o que faltou ao apostolado de S. Paulo. S. Paulo suppriu e encheu o que faltou á Paixão de Christo; porque Christo Redemptor nosso, posto que padeceu tão excessivos tormentos em sua Paixão, desejou padecer muito mais por amôr de nós, e o mais que o Senhor desejou padecer, e não padeceu, isto é o que S. Paulo suppriu, e a que deu complemento, padecendo-o em seu proprio corpo. Do mesmo modo S. Francisco Xavier suppriu e encheu o que faltou ao Apostolado de S. Paulo; porque S. Paulo, posto que prégando e convertendo, sujeitou ao jugo suave de Christo innumeraveis gentes, comtudo em uma parte muito principal não encheu a vastissima

---

1. *Act.*, IX, 15.

empreza para que foi destinado Apostolo: e esta parte a que elle não deu complemento com a sua prégação, suppriu e encheu S. Francisco Xavier com a sua.

Vamos ao nosso Texto: *Vas electionis est mihi iste, ut portet nomen meum coram gentibus, et regibus:* são palavras do mesmo Christo, quando desceu do céu em Pessoa a converter a Saulo, e animando a Ananias, que o não temesse, porque o mesmo Saulo mudado em Paulo, era o vaso de eleição que elle tinha escolhido para levar o conhecimento e fé do seu nome pelo mundo, e o prégar ás gentes, e aos reis. De maneira que nestas duas palavras, ás gentes, e aos reis: *Coram gentibus et regibus*, se contém dividido em duas partes o fim e empreza grandissima da missão e Apostolado de S. Paulo. Quanto á primeira parte da prégação e conversão das gentes, não temos necessidade de outro roteiro de suas navegações por mar, e peregrinações por terra, que o estupendo itinerario descripto exactamente pelo Evangelista S. Lucas, desde o Cap. 11.° dos Actos dos Apostolos, até o Cap. 28.°

De Damasco (que foi o theatro da sua conversão) passou a Tarso, de Tarso a Antiochia, de Antiochia a Seleucia, de Seleucia a Chypre, a Salamina, a Papho, de Papho a Pergen de Pamphilia, de Pamphilia a Antiochia de Pisidia; desta segunda Antiochia a Iconio, Licaonia, Listra e Derben; de Derben, passando por Phrygia e Galacia, a Mysia, a Troade, a Macedonia; de Macedonia a Samothracia, a Napoles, a Philippos, a Lydia; de Lydia a Amphipolis, a Polonia, a Thessalonica; de Tessalonica a Berêa, de Berêa a Athenas, de Athenas a Corintho; de Corintho a Syria e a Epheso, de Epheso a Cesarea, de Cesarea por varias partes da Asia e da Grecia a Mileto, de Mileto ao Coo, a Rhodo, a Patara, de Patara a Phenicia, a Tyro, a Ptolemaida, a Creta, a Malta, e finalmente a Roma, aonde depois de repetir e visitar muitas vezes estas mesmas cidades, nações e provincias, chegou o Vaso de eleição tão cheio (não digo de perigos, naufragios, perseguições, cadêas, açoites) mas de infinitas conversões de almas, que trasbordando em leite, em logar de sangue, deu pela confissão do mesmo nome a vida, como se mais vivera da doutrina e fé que prégava, que do proprio sangue que a sustentava nas veias.

Todas as penas dos Santos se fazem linguas á vista

deste formoso mappa. Mas nenhuma ponderação é bastante a declarar, quanto mais a encarecer o muito que o espirito e zelo sem medida de Paulo trabalhou, obrou, e conseguiu na prégação e conversão das nações gentilicas, por onde mereceu o nome ou antonomasia de Apostolo e Doutor das Gentes. Porém no que pertence á segunda parte da sua missão: *Coram gentibus, et regibus*, não por falta do Apostolo e prégador, senão dois reis a quem havia de prégar, faltou ao Vaso de eleição a materia, isto é, as corôas, com cuja fé e conversão se enchesse. Porque em toda a historia de S. Paulo só se nomeiam tres cabeças coroadas, El-rei Aretas, El-rei Aggripa, e o imperador Nero. E quanto a El-rei Aretas, nem S. Paulo o buscou para o converter, antes fugiu de um seu ministro, que o queria prender: *Præpositus gentis Aretæ regis custodiebat civitatem, ut me comprehenderet. Et per fenestram in sporta dimissus sum, et sic effugi manus ejus.* [1] Quanto a Nero, não foi lá, nem quiz ir S. Paulo com intento da prégação como apostolo, mas como réu por appellação: *Cæsarem appellasti, ad Cæsarem ibis.* [2] E nem então viu ou fallou a Nero, nem d'ahi a oito annos, quando juntamente com S. Pedro o mandou matar por outra causa. Finalmente, quanto a El-rei Agrippa, acaso estava este rei com o presidente Festo, quando S. Paulo se havia de defender das accusações dos Judeus, e por occasião do modo com que contou que Christo o tinha chamado, disse Agrippa, que faltára pouco para o persuadir a ser christão: *In modico suades me christianum fieri.* [3]

Em summa, que no Apostolado de S. Paulo, posto que sobejaram ao Vaso de eleição as gentes, faltaram os reis: mas a gloria de supprir esta falta, e encher este vaso, é certo pela experiencia de todos os seculos da Igreja, que Deus a tinha guardado, não para outro algum Apostolo, senão para o futuro de todo o Oriente, o grande Xavier. Delle diz a mesma Igreja: *Fidem Japoniæ, et sex aliis regionibus invexit:* Que levou a fé e nome de Christo ao Japão, e a seis outras regiões de gentios, aonde o nome do mesmo Christo nunca

---

[1] *2.ª Epist. ad Cor.*, XI, 32 e 33.
[2] *Act.*, XXV, 12.
[3] *Ibid.*, XXVI, 28.

fôra ouvido, que é propriamente, *ut portet nomen meum*. Porque se já lá fôra conhecido, não seria elle o que o levou. E como aquellas regiões e nações, conforme o uso do Oriente, todas teem os seus reis particulares, a todos estes prégou Xavier, bastando para serem muitos só os do imperio do Japão, em que se contam sessenta e seis reis debaixo do supremo Cuboçama. Nomeadamente prégou Xavier a El-rei de Firando, a El-rei de Bungo, a El-rei de Moluco, a El-rei de Ternate, a El-rei de Tidoré. E tambem nomeadamente (que de outros muitos não se sabe o nome) baptisou por suas proprias mãos a El-rei de Nulliagra, a El-rei de Olate, a El-rei de Rosalau, a El-rei de Maldiva, a El-rei de Maçacar; e neste numero se deve tambem contar o famoso rei de Bungo, o qual posto que o não baptisou Xavier, dizendo elle que primeiro queria examinar até o fundo todas as outras seitas, quando finalmente se houve de baptisar, não quiz outro nome senão o de Francisco, por ser o Padre Francisco o primeiro que lhe prégou e ensinou a fé de Christo. E a estes baptismos reaes seria injuria não ajuntar o da rainha Neachile, que o mesmo Santo converteu e baptisou com nome de Isabel, filha de rei, mulher de rei, e mãe de tres reis, porque foi filha d'El-rei Almancor, mulher d'El-rei Bolcife, e mãe d'El-rei Boaat, d'El-rei Dayalo, e d'El-rei Tabarija, que depois se baptisou, e morreu christão em Gôa.

Digamos pois á bocca muito cheia, que em S. Francisco Xavier se encheu o Vaso de eleição no segundo e mais illustre fim para que foi eleito, que era a propagação do nome de Christo na fé não só das gentes, senão dos reis: *Coram gentibus et regibus*. E não foi nem é meu intento nesta demonstração preferir ou egualar, nem ainda comparar a S. Francisco Xavier com S. Paulo. Mas sómente para me alegrar com a metropole de todo este estado, e lhe dar o parabem de Sua Magestade a ter dedicado e posto debaixo de tão alto e poderoso patrocinio: e principalmente para representar a todos os reis e principes christãos, quão fiel e quão segura protecção é, e quão approvada pelo céu a de S. Francisco Xavier, não só para os reinos e monarchias, senão para as mesmas pessoas reaes, primeiro na infancia, e depois na maior edade, pois tão especialmente encommendou Deus ao seu cuidado e

zelo, a doutrina e direcção dos reis. Este será o argumento desta ultima exhortação, e tambem, pois havemos de fallar com as corôas, a corôa de tudo o que temos dito: *Ave Maria.*

II

Ainda S. Francisco Xavier tem que supprir e encher. E tanto mais gloriosamente, quanto mais fóra de toda a opinião. Mu to acaso chegou ás minhas mãos um livro intitulado «Cartilha Politica e Christã» — offerecida á infancia de um dos maiores monarchas da christandade, para que juntamente com os dias fosse crescendo nas virtudes e dictames reaes. E assim como a materia não póde ser mais grave, nem o estylo mais desaffectado e proprio, nem os exemplos e auctoridades que se allegam, mais ajustadas; assim a capacidade do campo, para tudo isto se estender naturalmente, e sem violencia, não podia ser maior, assentando tudo o que se diz debaixo da propriedade de Cartilha, sobre cada uma das lettras do abecedario vulgar, que vem a ser um como globo ou mappa universal, que contém dentro em si quanto comprehendeu a natureza, descobriu o tempo, e retratou a historia no céu e na terra. Assim aponta o A, as armas e o cuidado e vigilancia dellas: o B, a bondade e sinceridade do rei: o C, o conselho: o D, o dar e liberalidade: o E, o exemplo: o F, a fama: e pelo mesmo modo as outras lettras o abreviado thesouro, e como indice do que cada uma, ou dentro em si encerra, ou fóra como principio demostra. Comtudo chegando á lettra X, o mesmo auctor a deixa totalmente sem commento, contente com a auctoridade de Quintiliano, que quasi a exclue do numero das lettras; tendo maior razão, e melhores auctores, com que excluir do mesmo predicamento o H. Mas valeu-lhe a esta aspiração o escrever-se com ella a honra, a que tanto devem aspirar os reis em si, e nos vassallos, como aquelle nobilissimo idolo, que sempre foi no mundo o principal incentivo de todas as acções heroicas.

Que direi logo do X assim desamparado? Digo que no X se devia e deve pôr Xavier; porque debaixo

deste famosissimo nome, e sua protecção estão recopiladas, e com maior efficacia, todas as virtudes, que no resto de todo o abecedario se apontam para formar um perfeito rei christão, e o começar a ser desde sua infancia, que é o assumpto do abecedario referido, e a primeira parte do nosso. Admiravel e singular foi o zelo de S. Francisco Xavier em cultivar a edade da infancia nos meninos, e introduzir nella a primeira fórma de homens. A este fim, como outras vezes dissemos, chamando-os pelas ruas com uma campainha, os tirava das casas dos paes, e muitos dos braços das mesmas amas: a este fim, por maiores que fossem as occupações, não faltava por si mesmo á repetição de tão humilde exercicio duas vezes no dia: a este fim instituia escolas e mestres em toda a parte, onde, tirados dos peitos das mães, fossem creados com o leite da verdadeira doutrina. Este foi o seu primeiro cuidado tanto que poz os pés na India. Mas se Deus, meu Santo, vos mandou á Asia a desenganar e convencer os idolatras, como vos occupaes com a innocencia daquella edade, que não conhece os idolos? Se vos mandou á Asia onde nasceram as primeiras corôas do mundo, principalmente para converter e ensinar os reis e os grandes, como vos empregaes todo com os pequeninos? Não ha duvida que a mesma Providencia que o mandou onde havia de ir, lhe ensinou o que havia de ensinar. Por onde começa a natureza, ha de começar a graça, a qual não é segura na edade varonil, se não trouxe as disposições desde a infancia. Naquelle edade tenra e branda se imprime facil e solidamente o que na robusta, e dura mais fortemente se resiste, do que se recebe. Grande caso é que Adão sahindo formado das mãos de Deus, recebesse tão mal um só preceito, e não bastasse a graça em que fôra creado para o observar. Mas como Deus o tinha creado na edade de varão, não foi muito que o barro secco e duro regeitasse o que na infancia, diz S. Basilio, se recebe e imprime como em cera. Por isso o segundo Adão, não por necessidade, nem por este perigo, mas para nosso exemplo, não quiz apparecer no mundo Homem, senão Menino.

Delle, que não podia crescer, affirma o Evangelista, que crescia na edade, e juntamente na sabedoria e graça diante de Deus, e dos homens: e só poderá crescer

assim, quem começar assim. Job tendo nascido rei, dizia que desde a sua infancia crescera com elle a piedade: *Ab infantia crevit mecum miseratio.* [1] E S. Gregorio considerando na infancia deste grande pequenino o modo tão antecipado de crescer, distingue nos que Deus escolheu para si duas edades, uma a do tempo, outra a da virtude, uma com que os mesmos crescem no corpo por fóra, e outra com que na alma e na virtude crescem por dentro: *Electis cum foris ætas corporis, intus, si dici liceat, crescit ætas virtutis.* E que lastima seria se um homem (e muito mais se fosse principe) passasse da infancia á puericia, e da puericia á adolescencia, e da adolescencia ás outras edades, e contando muitos annos de vida, ainda nas virtudes e ornamentos do estado para que nasceu, não sahisse do berço! Debalde se endireita o tronco depois de torcido, e mal se póde abrandar depois de duro. Os sabios antigos nas frautas rusticas dos pastores costumavam declarar docemente o mais polido e fino dos seus pensamentos. Os Menalcas eram os Senecas, os Tityros e Milibeus, os Plutarchos e Democritos. E como os pastores da Arcadia eram estimados por mais discretos, delles se diz que no tronco brando e liso das plantas quando novas e tenras, escreviam e entalhavam subtilmente os nomes ou motes dos seus affectos, para que crescendo as arvores, fossem crescendo ao mesmo passo as lettras, e com ellas se fizessem e lessem sempre maiores os affectos do seu amôr: *Crescent istæ, crescetis amores.* [2]

III

Oh Xavier! Oh principes christãos! Que ditosas e abençoadas seriam as vossas faxas, se com as primeiras auroras da luz deste mundo depois dos dotes sobrenaturaes que se infundem na alma com o soberano caracter da Cruz, se escrevesse tambem na lisa e pura innocencia da vossa infancia a formosa aspa daquelle X! Juntamente com os dias iria tambem crescendo

---

[1] *Job.*, XXXI, 18.
[2] *Virgil.*

nella a devoção e amôr de Xavier, e com as lettras deste nome tão empenhado e empregado sempre na cultura e rudimentos daquella edade tenra, se iria imprimindo nesses pequenos corpozinhos, e grandes almas, todo o abecedario politico das virtudes christãs e reaes. El-rei David no Psalmo 118.º compoz um famoso abecedario da politica do céu, que toda consiste na observancia da Lei divina. E dando Santo Ambrosio a razão de ser esta obra repartida e ordenada pelas lettras do A, B, C, diz que foi inspirada áquelle grande rei e propheta pela Divina Sabedoria, para que assim como os meninos começam a aprender pelas lettras do A, B, C (as quaes se chamam elementos, porque dellas se compõe tudo), assim todos nos adiantemos, e apressemos ao estudo dos documentos divinos, que nellas se contém, tanto sem perder tempo, que desde a verdura da infancia, e primeira edade, vamos sempre crescendo por todas até á madureza da ultima: *Intelligamus per literas hebræorum psalmum hunc esse digestum, ut homo noster tanquam parvulus, et ab infantia per literarum elementa formatus, quibus ætas puerilis assuevit, ad maturitatem virtutis excrescat.*

Agora se entenderá com quanta prudencia e espirito do céu destinado Xavier para a conversão das gentes idolatras do Oriente, e muito particularmente dos reis dellas, o seu primeiro cuidado e industria foi não mover logo as armas contra os grandes, mas ganhar e fazer do seu partido os pequeninos. Tendo por certo, que pela verdade da doutrina facilmente bebida com o leite na infancia dos filhos, podia penetrar e abrandar a dureza dos paes, e derrubar a idolatria. Assim o entendeu com tanto encarecimento S. Jeronymo, que escrevendo a Leta, senhora illustrissima entre as Romanas (a qual sendo filha de pae gentio, ella o converteu e fez christão) chegou a dizer, que se o mesmo Jupiter tivesse tal parentesco, poderia crêr em Christo: *Ego puto etiam ipsum Jovem, si habuisset talem cognationem, potuisse in Christum credere.* E que diria o mesmo Doutor Maximo, se visse ou lesse o que os meninos da creação e doutrina de Xavier faziam e podiam? Sahindo bem instruidos da escola, iam ser mestres a suas casas do que tinham decorado e aprendido, ensinando-o aos paes e mães, e a toda a visinhança, e

como espias domesticas que sabiam onde estavam os idolos talvez escondidos, então se cumpria nelles o que estava escripto por Isaias: *Delectabitur infans ab ubere super foramine aspidis, et in caverna reguli, qui ablactatus fuerit manum suam mittet:* [1] Que os meninos em sua infancia pouco depois de apartados do peito lançariam as mãosinhas intrepidamente aos aspides e basiliscos, e os tirariam de suas covas. E assim o entendem litteral e nomeadamente dos meninos de S. Francisco Xavier na India, os Expositores que depois delle commentaram a Isaias: *Sic Franciscus Xaverius in India mittebat pueros, que fidem Christi docebant parentes, et vicinos, et idola eorum demoliebantur.* [2] Estes aspides e basiliscos, eram os idolos muitas vezes das mesmas figuras, e de outros bichos mais asquerosos e feios, os quaes os meninos sem medo desencovavam d'onde os paes os tinham escondido, e em sua presença os quebravam, pizavam, cuspiam, e affrontavam de nomes injuriosos; o que vendo os mesmos paes, junto com o que tinham ouvido do verdadeiro Deus, se convertiam e faziam christãos. Podendo-se dizer com toda a verdade, que os paes neste genero de nova e mais alta geração eram filhos de seus proprios filhos. E onde os filhos geravam os paes, como dizia S. Paulo: *Per evangelium ego vos genui,* [3] bem ordenada e naturalmente procedia Xavier em começar pelos pequenos para converter os grandes.

Busquem-me agora em todo o abecedario da cartilha outra politica mais fina, mais bem entendida, mais certa, e mais effectiva. E se S. Jeronymo não duvidou dizer, que onde os filhos convertem os paes, se faria christão o mesmo Jupiter; o mesmo Jupiter na gentilidade rei dos reis, e dos idolos; que industria mais efficaz e mais forte para converter os reis idolatras, e os obrigar a pôr as corôas aos pés do Creador, que verem os seus mesmos idolos pizados dos pés das creanças? Escreva-se logo rubricado com letras de oiro o nome de Xavier no X com maior razão e justiça, que a mesma justiça no J. e a razão no R.

---

[1] *Isai.* XI. 8.
[2] Corn. ibid.
[3] *1.ª Epist. ad Cor.* IV, 15.

E vós, ó reis e monarchas da christandade, imitae a Filippe rei de Macedonia, que quando lhe nasceu Alexandre, não festejou tanto seu nascimento por se vêr com successor e herdeiro do que sobre o que recebera de seu pae tinha conquistado, mas por ser em tempo que vivia Aristoteles, debaixo de cuja disciplina e creação podia vir a ser tão grande, como verdadeiramente foi. E dae infinitas graças a Deus por vos dar os filhos quando desde sua infancia os podeis offerecer ao patrocinio, direcção e magisterio de S. Francisco Xavier. Estando certos que não faltará ao agradecimento e desempenho desta devoção o seu zelo e cuidado sempre immortal daquella primeira edade tão importante a toda a republica christã, e mais nos que em maiores annos, não digo hão de ter o sceptro nas mãos, mas sustentar o leme della,

IV

Disse zelo e cuidado immortal, porque antes parece que terão inveja os presentes aos passados, e que tiveram a ventura de alcançar o Santo no tempo em que vivia. Mas bem podem estar livres deste pezar; porque a morte ainda que lhe tirou a vida, não lhe sepultou com ella o zelo tão particular de doutrinar os meninos, e ter especial cuidado de os favorecer, encaminhar, assistir, e não apartar de si. No Malabar muitos annos depois de morto appareceu Xavier em dois logares distantes a um sacerdote, e a uma boa mulher, caminhando acompanhado de meninos, como quando fazia doutrina: e perguntado para onde ia, respondeu que a dar saude á filha de uma familia muito conhecida, cujos paes depois de lh'a encommendarem, a tinham chorado por morta. E passadas as horas que eram necessarias para chegar áquella casa, como despertando de um leve somno se levantou a quasi morta inteiramente sã. Onde se deve notar mais que o milagre da saude, o acompanhamento do Santo com os seus meninos, provado com duas testemunhas de vista, para que ninguem duvide que o mesmo cuidado que tinha delles o seu zelo na vida, tem depois da morte.

Em Mindanau adoeceu mortalmente um indio fiscal dos outros, mas tão pouco zeloso da vida christã e honesta delles, como da sua. Exhortado a que se confessasse, cria mais ao demonio, que lhe aconselhava que o não fizesse, porque confessando-se havia de morrer. Nesta supposição era tão difficultosa empreza persuadil-o a que se quizesse confessar, como a que desejasse a morte: e Xavier que lhe desejava a salvação, a quem encarregaria, e de quem fiaria esta victoria? Caso admiravel! Não a encarregou a nenhum Religioso, ou homem de madura edade, senão a um dos seus meninos, o qual com espirito varonil lhe deu tão efficazes razões, que ouvidas elías, e perguntado o indio se queria morrer, respondeu que sim, e de muito boa vontade. Pois agora, concluiu o menino, te apparecerá S. Francisco Xavier, e te dará não só a saude da alma, senão a do corpo: e assim foi. Tornando a mostrar Deus quanto se serve dos meninos creados na doutrina de Xavier, e quão capazes os fáz de emprezas muito maiores que a sua edade.

Mas o maior exemplo de todos, ou a maravilha mais rara e sem exemplo nesta materia foi na cidade de Aquila, ou districto della, o de um menino de dois annos e meio, chamado Mauricio, ao qual tinha o Santo sarado da' peste, e livre de muitos outros perigos, e se empenhou em o favorecer com tal extremo, que lhe fallava por uma imagem sua, e despachava por elle sensivel e vocalmente as petições que lhe faziam. O modo era admiravel, porque o menino pondo-se diante da mesma imagem (que era em habito de peregrino) fallava ao Santo, como se estivera e o vira presente, e depois applicando o ouvido á imagem esperava a resposta, e recebida em voz clara e intelligivel a dava como oraculo aos que o consultavam: cumprindo-se sempre o que prophetisava ou promettia, com allusão muitas vezes, ou expressão de segredos, que os pertendentes não tinham revelado. Era naquelle tempo e naquelle logar (que se chama Potamo) a imagem de Xavier um segundo Propiciatorio, e o menino o interprete, que declarando, como voz segunda, o que ouvia, annunciava os despachos pela maior parte milagrosos e favoraveis aos que se encommendavam ao Santo.

Assim que, destes tres testemunhos posthumos, e

tão vivos, se confirma, como eu dizia, ser immortal o cuidado e magisterio de Xavier com os seus meninos: e que o X, inicial de tão sagrado nome está mais adornado e estabelecido com solidos e elegantes commentos das obras e palavras dos mesmos innocentes, aprendidas na sua escola, que todas as outras lettras do abecedario politico illustradas com o estudo e sentenças dos Aristoteles, Tacitos, e Polibeus, filhas todas da agudeza e discurso humano, não só incerto e duvidoso, mas nas experiencias tão falso, como nos accidentes das occasiões diverso. E agora me lembra que no principio deste discurso chamei ditosas e abençoadas as infancias, que nas primeiras usuras da luz desta vida puzessem os seus menores annos debaixo das aspas cruzadas daquelle X e delle esperassem a benção dos seus augmentos. Assim o disse, e seja o fim do mesmo discurso a prova. Tendo cheio Jacob o numero dos dias, que elle chamava pequenos, presentou-lhe José os seus dois filhos Manassés e Ephraïm, para que o avô lançasse a benção aos netos do filho que mais amava, e poz á mão direita o mais velho que era Manassés, e á esquerda Ephraïm, que era o de menor edade. Porém Jacob, que nos olhos do corpo era quasi cego, e nos da alma tão grande propheta com santo, trocando as mãos, estendeu a direita sobre Ephraïm, e a esquerda sobre Manassés: *Extendens manum dexteram posuit super caput Ephraïm minoris fratris: sinistram autem super caput Manasse commutans manus.* [1] E replicando José por parte da edade de ambos, como se a troca dos braços fosse por engano dos olhos, respondeu Jacob: *Scio fili mi, scio:* Bem sei, filho meu, bem sei: como se dissera: Bem sei a edade de ambos, mas tambem sei a benção que hei de dar a cada um: e deu a primeira, melhor, e muito avantajada a Ephraïm, declarando que elle, sendo o menor, seria maior que o outro: *Frater ejus minor, maior erit illo.* O original hebreu em logar de *commutans manus*, diz com phrase notavel: *Fecit intelligere manus suas:* Que fez entender as suas mãos; signal que houve alli mais intelligencia que a de Ephraïm e Manassés, que o mesmo Jacob declarou. E que segunda e nova intelligencia foi ou seria esta, que as mãos e braços de

[1] *Gen.*, XLVIII, 14 e 19.

Jacob assim trocados significaram? S. João Damasceno, Tertulliano e Ruperto, dizem que significavam a cruz, por meio da qual são abençoados e bemditos todos os que creem no Crucificado. Comtudo venerando esta accommodação como pia, não posso deixar de reconhecer nella o que tem de violenta e impropria. Porque a cruz de Christo compõe-se de duas linhas rectas, uma perpendicular de alto a baixo, e outra transversal ou atravessada de um lado para o outro. E se Jacob quizera representar esta, havia de estender os braços como Christo os teve na cruz, e pôr ou fazer pôr os netos, um á mão direita, outro á esquerda. Assim o entendem os Expositores mais litteraes, os quaes explicam o modo com que Jacob atravessou os braços pelo verbo *decussare*, e adverbio *decussatim*. E que significa propriamente este verbo, e este adverbio? Os auctores da lingua latina com Cicero, e tambem os da grega com Columela, o dizem, declarando que a significação de qualquer destes vocabulos é pôr as coisas de tal modo atravessadas, que representem a figura da lettra X: *Decussare est res aliquas eo ordine collocare, ut inter se literæ X speciem præbeant.* Bem podéra Jacob pôr primeiro a mão direita sobre Ephraïm, e depois a esquerda sobre Manassés: mas trocou-as juntamente de modo que formassem um X. Para que os que soubessem que a troca daquellas mãos tinha outra intelligencia, entendessem que os de menor edade, qual era Ephraïm, os quaes no abecedario christão se puzessem debaixo da lettra X de Xavier, esses seriam os seus abençoados. Desde Jacob até Xavier passaram mais de tres mil e duzentos annos, e se em todo este tempo nas historias sagradas e ecclesiasticas se achar outro X a que esta allegoria convenha com maior propriedade, ou tanta, eu me retrato.

V

Suppondo pois dos fundamentos solidos, e que não dependem da cortezia dos ouvintes, o que fica dito no discurso passado, quanto á primeira parte da infancia, e menor edade, sujeita ou consagrada á direcção de S. Francisco Xavier debaixo das benignas influencias daquelle X, como estrella de quatro raios, ninguem

haverá que a contradiga. Mas quando os reis na maior edade (que é a segunda parte) houverem de seguir a mesma estrella, muito receio que do mesmo abecedario politico se tirem as objecções, e da mesma cartilha se lhe formem os capitulos, e ainda da mesma lettra. Pithagoras em uma só lettra achou e ensinava dois caminhos, um que guiava á bemaventurança, e outro á perdição. E na mesma lettra de S. Francisco, que se compõe de duas aspas encontradas, poderá dizer outro tanto a politica secular, e não fundada em differente principio, senão no mesmo de ser Religioso e Santo. Dirá que assim como para a innocencia da menor edade é o meio mais proprio e natural, assim, para a edade provecta dos reis, e malicia do mundo, que elles governam, não só parece o menos efficaz, senão ainda o mais contrario. Arsenio foi mestre do imperador Arcadio, e Cassiodoro d'El-rei Theodorico, ambos porém antes de serem, o primeiro anachoreta, e o segundo monge. E se S. Raymundo de Penha Forte, sendo Religioso, acompanhou a El-rei D. Jayme a Malhorca, desenganado do pouco que valiam com elle seus bons conselhos, negando-lhe embarcação, a fez do seu proprio manto, e navegou sobre elle a Catalunha, obedecendo o mar e os ventos a quem não pôde sujeitar um rei christão dominado de seus appetites.

As virtudes religiosas são mui diversas das reaes, e o que é em um Religioso a maior virtude, seria em um rei o maior vicio. Vê-se claro na obediencia, que sendo no Religioso o fundamento e essencia da sua profissão, no rei, como diz o Rei Propheta, seria o maior de todos os delictos deixar-se dominar e obedecer a algum, quando deve mandar a todos: *Si mei non fuerint dominati, tunc immaculatus ero: et emundabor à delicto maximo.* [1] Do Religioso póde-se esperar que faça bom um homem; mas fazendo um homem bom, póde fazer um rei mau; porque a bondade que faz bom a um, é particular, e a do rei ha de ser universal para todos. Os mestres são os espelhos daquelles a quem ensinam: como serão nestes espelhos os reflexos reaes, mostrando á purpura o saial, á opa a cogula, e o capello á corôa? A fórma que se ha de introduzir, faz similhante a si a materia; e como seria

[1] *Psalm.* XVIII, 14.

Affonso Henriques tão grande rei, se não fosse Egas Moniz, em tudo o mais leigo, tão grande aio? Que espiritos soberanos e reaes póde influir um professor de tão differente estado, ainda que seja de grande espirito? Ensinará o rei a orar, e quando sáia grande rezador, para encaminhar o seu reino será cego. David que fez o Psalterio, dizia que nas suas matinas meditava em Deus: *In matutinis meditabor in te.* [1] Mas os pontos da meditação nas mesmas matinas, eram arrancar da terra todos os maus: *In matutino interficiebam omnes peccatores terræ.* [2] Inclinal-o-ha como virtuoso a que prefira os virtuosos, e com isto, sem querer, o metterá nos enganos santos da hypocrisia, agradando-lhe mais um hypocrita mal vestido, que um capitão bem armado. O cavallo troyano foi recebido em procissão dentro dos muros, como voto dos gregos á deusa Pallas, e debaixo desta especie de religião levava dentro o incendio com que ardeu Troya. Como arbitro da consequencia fal-o-ha muito escrupuloso, mas por isso irresoluto, perdendo em consultas o tempo que se havia de empregar nas execuções, como bem estranhou Tacito no imperador Valente: *Inutili cunctatione agendi tempora consultando consumpsit.* [3] E isto acontece aonde falta a resolução, que buscando-se o impossivel de meios que não tenham inconveniente, tudo se teme, e nenhuma coisa se faz. Deixo os damnos, não do habito religioso, senão dos habitos que se podem pegar ao rei, tão alheios da obrigação, como da magestade. Pelo desejo da paz a desattenção das armas e da guerra, pelo escrupulo da vangloria o esquecimento da fama, pelo amôr e nome da piedade o perdão ou tolerancia dos delictos, em fim pelo pensamento unico do céu perder a terra, e ser como o mathematico de Seneca, que não vendo onde punha os pés, porque levava os olhos nas estrellas, cahiu na cova. Taes estatuas são, dizem os politicos (e estatuas sómente) as que se podem fabricar e sahir das officinas claustraes: e no cabo de muita lima ou fundição, quando a republica ha mister um grande rei, achar-se-ha quando muito com um beato.

---

[1] *Ibid.*, LXII, 7.
[2] *Ibid.*, C, 8.
[3] Cornel. lib. 3 Histor.

VI

Mas deixada a questão ou apologia dos Regulares nesta parte; quando todo o abecedario politico (que muitas vezes é dos que não sabem o A, B, C,) se verificára contra elles, S. Francisco Xavier é a excepção desta regra. Ha uns Religiosos que são Religiosos, e nada mais, como os Paulos, Hilariões, e Macharios: ha outros que são Religiosos, e mais outras muitas coisas, e grandes, como os Agostinhos, Gregorios, Doutores da Igreja, Bispos e Papas. E póde haver outros que não só sejam Religiosos, e muitas e grandes coisas, senão Religiosos, e todas. Destas qualidades reconheço dois, um por fé, outro por experiencia. Por fé S. Paulo, que dizia: *Omnibus omnia factus sum:* [1] Eu sou todas as coisas para todos. E por experiencia Xavier, que o podia dizer com a mesma, e por ventura maior universalidade. Por nascimento, era do sangue real de Navarra, por profissão, Religioso da Companhia, por genio universal, em todos os talentos e artes. Com o soldado tratava da guerra, com o marinheiro da navegação, com o mercador dos commercios, com o lavrador da agricultura, com o mathematico das estrellas, com o politico das razões de estado, como cortezão da côrte, e até com o taful das cartas e dados: mas sempre e em tudo santo, como o Manná que cáe do céu, e contém em si todos os sabores. As advertencias e cautelas que a cartilha dá ao rei, são uma em cada lettra: e o grande coração e cabeça de Xavier era tão capaz, que nella se achariam quantas de todo o abecedario se podem compôr. Assim conta Salmeirão de um monge, que a oração que rezava era o A, B, C, dizendo a Deus, que com aquellas lettras escrevesse e mandasse tudo quanto fosse sua divina vontade, que para tudo estava prompto. O mesmo offerecimento faço eu a todos os principes e reis christãos na pessoa, no conselho, no patrocinio, e nos talentos de S. Francisco Xavier, posto que Religioso.

Assim o entendeu o grande rei D. João o III, pelo

---

[1] *1.ª Epist ad Cor.*, IX, 22.

muito que nelle reconheceu de grande homem (quando pelo muito que tinha de grande Religioso nos grangeou o titulo de Apostolos) pedindo-lhe e encommendando-lhe encarecidamente quizesse visitar todas as praças, cidades e fortalezas que Portugal tinha na India, emendando e reformando tudo o que cumprisse ao serviço de Deus, e seu. E para que isto se veja por suas proprias razões e palavras referirei o seu voto em um conselho de estado e guerra diante do governador Martim Affonso de Sousa, em Cambaya. Tinha um rei ou tyranno de Jafanapatão, martyrisado muitos vassallos só por se fazerem christãos, contando-se só em uma cidade seiscentos. Tratava-se christã e politicamente se com nome de castigo se lhe devia fazer guerra, e ouvido o parecer vario dos Capitães, fallou Xavier desta maneira:

«A quem devemos, senhor, a India, senão á prégação da fé, e para que a queremos senão para ella? Onde e para que se póde melhor aventurar uma armada, que pela defeza da christandade por cuja dilatação se fazem todas as de sua Alteza? Quanto mais, que a ventura aqui não está em romper com o tyranno de Jafanapatão, pois sempre foi de menos prejuizo o inimigo descoberto que o falso amigo. O risco seria tomarem elle e os mais animo, e forças do nosso soffrimento, em um caso que tem por si o zelo da Lei, o serviço d'El-rei, a obrigação da honra, e a reputação do Estado. Que podemos esperar de Deus nas outras emprezas mais nossas se nas suas o desamparamos? Ninguem sabe melhor que vossa senhoria o que El-rei nosso senhor fizera, se aqui fôra. Escuso requerel-o da sua parte, porque sei que tenho das dos christãos de Ceylão e Manar a vossa senhoria. Quem se fiará em todo o Oriente da amizade, do nome, da fé dos portuguezes, se vir que faltamos tão fracamente áquelles, que não só nos deram a sua humana, mas tomaram a nossa verdadeiramente divina? Necessario nos será d'aqui por diante prégar o martyrio junto com o baptismo, pois vós, senhores, não trataes de amparar aos que se fizerem christãos, porque não periguem, não se atrevendo a ser martyres. Mas quem não sabe de quanto momento são á gente portugueza, na paz e na guerra, os proprios naturaes da India, se teem comnosco verdadeira amizade; que nem o foi, nem o será nunca aonde a lei e religião não fôr a

mesma. E assim se entende que um dos respeitos que o barbaro teve para matar tão cruelmente os christãos, foi porque depois de o serem, já os havia mais por vassallos d'El-rei de Portugal, que seus. Foram-no e são-no para morrerem, e não o serão para os defendermos ? »

Até aqui a oração de Xavier tão forte, e tão viva, que nas de Livio e Salustio não lêmos outras que o sejam mais. A resolução foi que se fizesse a guerra, e que vencido o rei, se entregasse vivo ao Padre Francisco, o qual não lhe pertendia o castigo com o seu sangue, senão a sua fé com o Baptismo. Mas porque neste conselho, pela parte que tocava aos novos christãos, parece que fallou Xavier tambem como Religioso; passemos brevemente a outro, que só pertencia aos portuguezes, e á reputação do Estado, e vejamos se póde ter nos seus algum rei, nem conselheiro de guerra mais prudente e resoluto, nem capitão mais animoso e valente. Quando o rei de Pedir com a poderosa armada dos Achens appareceu sobre Malaca, e com uma carta tão affrontosa, como arrogante mandou desafiar aos portuguezes, que não se achavam mais que com quatro fustas varadas em terra, o capitão da fortaleza, fazendo graça do desafio, perguntou ao Padre Francisco Xavier o que lhe aconselhava; esperando, diz a historia, que tanto mais se afastasse das armas, quanto menos as professava. Mas a resposta foi, que com inimigos e barbaros mais se perdia na reputação se lhe não sahissem, do que se aventurava em um encontro, ainda que o perdessem. Que ao menos, quando a armada levantasse ferro a mandasse seguir, e picar na retaguarda, tomando-lhe os navios de menos voga, para que não fossem tão folgados do desafio. E como o capitão mais sentenciosamente, que mal soffrido, respondesse: Ha casos em que é forçado fazer da impossibilidade prudencia, como em outros se faz da necessidade virtude: Tem Vossa Mercê muita razão, acudiu Xavier, mas a mim se me representava, que o que dizia era aqui o voto da virtude, da necessidade, e da prudencia. E quanto á impossibilidade, eu que menos posso que todos, confiando na infinita bondade do Senhor, cujo poder é o querer, por gloria sua, e honra de seu servo El-rei de Portugal nosso senhor, tomo sobre mim dar as fustas prestes a tempo, por pôdres que estejam. Dizem que os votos se hão de tomar pelo

pezo, e não pelo numero. E aqui mostrou o X de Xavier, que assim como o numero de dez, que com elle se significa, é o mais perfeito, assim pezou mais que todos os votos de Malaca. E as poucas fustas que Xavier fez aprestar, posto que não levassem o mesmo X pintado nas bandeiras, como os soldados o levavam impresso nos corações, e na batalha o tiveram sempre na bocca, foi a sua victoria naval, uma das mais prodigiosas que nunca viu o mundo.

E como para a protecção e defeza dos reinos e estados, o que os reis devem esperar de S. Francisco Xavier, não depende só da bocca, senão das mãos, não só de palavras, senão de obras, podéra eu aqui trazer á memoria a victoria já referida do exercito dos Badagás, que Xavier alcançou só, e desarmado, por sua pessoa: e de novo podéra referir outra contra os Morotos, que se tinham rebellado contra a Igreja, os quaes tambem sujeitou pessoalmente, acompanhado de muitos poucos christãos animados por elle. Só contarei uma das Filippinas contra os Moiros, por duas razões que depois apontarei. Defendia no reino de Buahiem uma companhia de soldados hespanhoes uma pequena fortaleza, cujos muros ou trincheiras eram de madeira, e os tectos das casas cobertos de palha, e os moiros que a vieram sitiar, não só muitos em numero, mas fornecidos de artilheria, bombas, e todos os petrechos de guerra, e guiados por um rebelde domestico, que fugido da mesma fortaleza se passára a elles. Succedeu, pois, que passados os primeiros combates em que mataram o alferes, e feriram mortalmente o capitão, houve de supprir o posto de ambos o ajudante. Este e os mais reconheceram o perigo na desegualdade das forças, resolveram encommendar a defeza a uma imagem de S. Francisco Xavier. Puzeram-lhe na mão a bandeira, pediram-lhe as ordens que o ajudante distribuia em seu nome, e nada se obrava sem o mudo consentimento do novo capitão. O qual tanto que tomou o governo das armas, como se mandára tocar caixa aos milagres, começaram a apparecer na campanha uns apoz outros, e a guerra a mudar de semblante. A bandeira, por mais que assoprassem diversos ventos, sempre esteve direita contra o inimigo. As ballas de tal sorte se divertiam do ponto a que eram atiradas, que em nenhum soldado tocaram. As settas de fogo que choviam sobre os telhados, alli

se consumiam sem prender em uma palha. Tendo fabricado dois castellos para que levados da corrente abrazassem a fortaleza, um ardeu antes de chegar, e o outro voltou atraz contra a mesma corrente. E posto que com a artilheria tivessem derrubado duas cortinas, e um baluarte, foi tal o terror dos moiros, que se não atreveram ao assalto, e finalmente desenganados e raivosos, mais fugindo que retirando-se, puzeram fogo aos seus alojamentos, que serviram de luminarias a tão gloriosa victoria.

Agora darei as duas razões porque contei mais largamente esta, contentando-me só com apontar as outras. A primeira, por ter succedido no anno de mil e seiscentos e cincoenta, quasi cem annos depois da morte de S. Francisco Xavier, que é o que podia pôr duvida, ou escrupulo ás assistencias do seu patrocinio. A segunda, por serem as outras victorias obradas pelo Santo nas Indias Orientaes, e esta nas Occidentaes: as outras nos dominios de Portugal, e esta como nas outras muitas maravilhas, nos de Castella. Motivo era este não só bastante, mas egual, para que a cartilha castelhana não excluisse do seu abecedario o X do nome de Xavier, principalmente sendo este grande heroe, como navarro, subdito de uma das suas corôas. E' verdade, como vimos nos dois votos do mesmo Santo, que sempre a El-rei de Portugal chamava El-rei nosso senhor, porque militava debaixo da bandeira das suas Quinas, as quaes trazia pintadas no mesmo X. Não é novidade ou observação minha, senão de Cicero e Quintiliano, os quaes allegam e declaram as fontes da lingua latina por estas palavras: *Dimidium literæ X figura est literæ V: veteres enim numerum denarium, et quinarium hujusmodi notis X et V, pingere solebant.* E como a lettra X por todas as partes, ou se fórma, ou é formada da lettra V, e nella do numero quinario, bem se segue que Xavier no seu X traz pintadas as nossas Quinas.

VII

E para que o mundo veja que os Castellos e Leões hespanhoes não são menos obrigados que as Quinas de Portugal a S. Francisco Xavier, e por isso muito

merecedor elle de ter logar no abecedario da sua cartilha, como devoção e virtude muito importante aos reis, quero reduzir este ponto ao mais universal e sensivel, em que o mesmo Santo parece se mostrou parcial de Portugal, apartando-o e dividindo-o no seu dia, que foi o de mil seiscentos e quarenta, da sujeição e união de Castella. Tenho por tão evidente a demonstração, que se elle estivera neste auditorio a não havia de negar.

Creados nas ribeiras occidentaes do mar Oceano, nadavam no meio delle dois grandes praticos deste exercicio, os quaes chegando-se um a outro por razões que tinham de amizade e parentesco, se abraçaram: senão quando assim abraçados ambos naturalmente se iam a pique. Digam-me agora até os cegos, que remedio tinham estes nadadores para se não afogarem, senão soltar outra vez os braços, e dividirem-se? Pois este foi o maior milagre de S. Francisco Xavier naquelle seu dia, e tão seu de Portugal, como seu de Castella. Nadavam ambos estes dois imperios de Hespanha felicissimamente, um para o Oriente, outro para o Occidente, pacificos, opulentos, victoriosos, senhores de dois mundos novos, e recebendo os riquissimos tributos de ambos com grandes invejas do velho. Isto em quanto separados e divididos, posto que tão unidos no sangue. Mas tanto que se abraçaram e uniram, que succedeu? *Ex illo fluere ac retro sublapsa referri spes Danaum.* D'alli começaram as perdas e ruinas de ambos, e se não se dividissem, ao que acudiu S. Francisco Xavier naquelle dia, ainda seriam maiores. Eram aquelles dois imperios os que divididos sustentavam e defendiam a grandeza de Hespanha, e unidos não poderam nem podiam. Porque derrubou Samsão o templo dos Philisteus? Porque as suas abobadas estavam rematadas em duas columnas tão juntas, que as pôde elle abraçar ambas, e com a força dos cabellos mal crescidos lançar por terra quanto sustentavam.

Diga-o o que melhor entendeu as razões de estado, e da guerra, El-rei David. Dá graças a Deus de o ensinar a pelejar, e comparando as outras suas batalhas á lucta, diz que para não cahir e estar firme o plantára o mesmo Deus no terreiro com os pés muito apartados um do outro: *Dilatasti gressus meos subtus*

me: et non sunt infirmata vestigia mea. [1] As bases daquellas columnas em que se sustenta o corpo do luctador são os pés, e se os pés estiverem juntos e unidos, facilmente com qualquer impulso vem o pezo do corpo á terra. O que importa é estarem divididos e bem apartados um do outro: *Dilatasti gressus meos*, porque só assim estarão firmes e fortes: *Et non sunt infirmata vestigia mea.* E assim como juntos os pés não podem dar passo; assim divididos podem obrar o que continúa David, seguindo a seus inimigos até os vencer, derrubar, e metter debaixo dos mesmos pés: *Persequar inimicos meos, et comprehendam illos, nec poterunt stare, cadent subtus pedes meos.* [2] Augusto poz limites ao imperio romano: *Incertum metu, an per invidiam*, diz Tacito. E ambas as coisas foram: A primeira, porque crescer a grandeza que se não póde sustentar, é enfraquecer: a segunda, porque outros, ou não tivessem, ou não fizessem maior imperio que o seu, como fizeram Claudio e Trajano. Mas o grande Constantino, depois de tantas experiencias, fundando segunda Roma em Constantinopla, com Capitolio, Senadores, e todos os outros ornamentos da Magestade, entendeu que para sustentar um imperio tão grande como o Romano, não bastava uma só Roma, senão duas Romas, nem uma só cabeça, senão duas cabeças, como depois appareceram divididas nas aguias imperiaes. E porque não seriam egualmente uteis e necessarias á grandeza de Hespanha tambem duas, posto que uma de leão, outra de serpente? A prudencia forte, e a fortaleza prudente, a fariam invencivel, e ambas perpetua na sua mesma divisão.

Peregrinando Loth com Abrahão, tomaram assento na terra de Canaan, onde ambos se fizeram grandemente poderosos nas riquezas daquelle tempo. E porque entre os pastores de um e outro começava a haver discordias, posto que Loth e quanto possuia estava sempre unido e sujeito a Abrahão, entendeu elle que para lograrem o que já tinham, e crescerem pacificamente, convinha e era necessario que se dividissem, e assim se fez. Abrahão era tio, como El-rei Filippe II. Loth era sobrinho, como El-rei D. Sebastião: e se aquelle

---

[1] *Psalm.* XVII. 37.
[2] *Ibid.*, 38 e 39.

prudentissimo rei imitára este exemplo, e se contentara, e tivera por melhor o tio, que as herdades do sobrinho estivessem divididas das suas, não só não ficariam ellas diminuidas na grandeza, mas muito mais seguras na divisão, e mais accrescentadas no premio. E' caso notavel, e muito digno de se notar o como Deus logo e de contado premiou em Abrahão o prudente, generoso, e justo desinteresse, com que quiz que elle e Loth estivessem divididos: *Dixitque Dominus ad Abraham, postquam divisus est ab eo Loth: Leva oculos tuos et vide à loco, in quo nunc es, ad Aquilonem, et Meridiem, ad Orientem, et Occidentem omnem terram, quam conspicis, tibi dabo, et semini tuo usque in sempiternum:* [1] Tanto que Loth esteve dividido de Abrahão, disse Deus ao mesmo Abrahão: Desse logar em que agora estás, olha para as quatro partes do mundo desde o Oriente até o Occidente, e desde o Septentrião até o Meio Dia, e tudo quanto alcançares com a vista te darei a ti e a teus descendentes para sempre. Parece que depois de se dividir Loth da união e sujeição de Abrahão: *Postquam divisus est Loth*, ficaria diminuida a grandeza do tio; mas foi tanto pelo contrario, que por aquella pequena parte de terra em que pastavam as ovelhas, lhe deu Deus a de todas as quatro partes do mundo, sem outra medida ou limite que a dos proprios olhos: *Leva oculos tuos, et vide.* Assim o fez Deus, e assim entendia o mesmo Abrahão que havia de ser, quando fez a divisão: *Sciebat patriarcha cedentem minoribus assequuturum maiora*, diz S. João Chrysostomo.

Nem S. Francisco Xavier pretendeu, desejou, e deu principio naquelle seu dia a outros menores effeitos, senão a esta mesma felicidade com egual amôr a ambas as partes. E se ambas se deixaram governar, e contentaram com o que tinha feito um tão interior interprete da Divina Providencia; considerem os politicos com todas as virtudes ou advertencias do seu abecedario juntas em conselho, de quantas invasões e diversões se podéra livrar Hespanha, e de quantas dôres mui sensiveis dentro e fóra de casa, se as armadas que guardavam cem leguas de costa, e os presidios e exercitos que de uma e outra fronteira defendiam em

---

[1] *Gen.*, XIII, 14 e 15.

roda perto de duzentas, e tanto sangue catholico e hespanhol derramado lastimosamente em vinte e sete annos de guerra, a fizessem contra os inimigos da fe, ou de ambas as corôas. Mas o passado não tem remedio, e só póde servir de espelho para o futuro.

VIII

De todo este discurso tão sincero como o animo com que se escreve, devem colher todos os principes christãos quanto lhes importa a devoção e patrocinio de um Santo, que não só está no céu como os demais, mas anda entre nós neste mundo peregrino em todas as partes delle. Primeiramente devem encommendar a S. Francisco Xavier, desde o berço a infancia de seus filhos, para que se criem e cresçam debaixo da sua direcção e doutrina, o que elle como tão cuidadoso e vigilante pedagogo daquella edade, fará com tanto maior zelo, quanto nelles é mais necessaria ao governo de seus estados. Egualmente, e não em segundo logar, devem pôr debaixo da protecção do mesmo Santo, não só os mesmos estados, reinos, e monarchias, senão as proprias pessoas, encommendando-lhe todas suas acções e resoluções com firmissima confiança, que tudo o que obrarem ou resolverem pelas inspirações do seu conselho, será o mais acertado, o mais grato, e o mais favorecido de Deus.

De Achitophel diz a Escriptura Sagrada, que eram tão certos e tão acertados os seus conselhos, como se consultassem a Deus os que o consultavam a elle: *Consilium Achitophel, quod dabat in diebus illis, quasi si quis consuleret Deum.* [1] E eu me atrevo a dizer que os conselhos de Xavier são taes, não como se os homens consultassem a Deus, mas como se Deus consultasse a Xavier. E para que ninguem tenha este dito por demasiado encarecimento, oiça um caso publico, e que cada dia é mais provado e manifesto, com que acabo. Quando Xavier com tão grande ou immensa resolução intentou a conversão não menos que do vastissimo imperio da China; todos os praticos das seve-

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XVI, 23.

rissimas leis com que não admittiam entrar lá estrangeiro algum, lhe persuadiam que no dia em que fosse conhecido o seu disfarce, em quanto o não condemnavam á morte, o metteriam carregado de ferros em uma estreitissima prisão. E que responderia Xavier? Discorria desta maneira: Primeiro que tudo hei de prégar aos mesmos prezos e ministros de justiça a fé do verdadeiro Deus, com que segurarei o morrer por ella. Logo communicarei aos prezos muitas coisas admiraveis e novas, principalmente das sciencias mathematicas, a que elles não guardarão segredo, e divulgadas, como gente tão curiosa, será o carcere a minha primeira escola. E assim como a chuva cahindo no cume do telhado, de telha em telha está brevemente na rua, assim as minhas novidades subindo da rua e gente vulgar, passarão aos nobres, dos nobres aos grandes, e dos grandes chegarão facilmente ao imperador, que me poderá chamar á sua presença. E do modo com que as palavras de Jonas quando chegaram ao rei, posto que tão mau como Sardanapalo, o converteram primeiro a elle, e por elle a toda Ninive; porque não poderá succeder o mesmo na China? Este foi o discurso daquelle Xavier a quem Deus não quiz conceder que entrasse na China. Mas que? Se lhe negou a entrada, tomou-lhe o conselho. Prégá-se hoje na China publica e livremente a Fé e Lei de Christo com templos, altares, sacrificios de seu Santissimo Corpo, Sacerdotes, Religiosos, e Bispos. Alcançou-se primeiro esta licença dos imperadores chinas, e depois dos imperadores tartaros. E porque meios? Não do Evangelho descuberto, mas escondido das sciencias mathematicas, com que lá penetram os successores de Xavier, Religiosos da Companhia, famosos astronomos e astrologos, e vencendo as suas demonstrações com evidencia ás dos que lá professavam as mesmas artes, estes são os que teem as mais francas e familiares entradas nos encantados palacios do supremo Senhor, aonde elle por grande favor de dentro das cortinas do seu throno mostra um dedo. Assim que estes foram os meios naturaes e não divinos, com que Deus approvando o discurso de Xavier, e como seguindo o seu conselho pelo céu da lua, pelo céu do sol, e pelo céu das estrellas, levou as almas dos Chinas ao Empyreo.

FIM DOS SERMÕES DE S. FRANCISCO XAVIER

SERMÃO

DAS

OBRAS DE MISERICORDIA *

Á IRMANDADE DO MESMO NOME

Prégado na igreja do hospital real de Lisboa, em dia de Todos os Santos, com o Santissimo Exposto, no anno de 1647

Beati pauperes: Beati misericordes. [1]

I

Não só uma, senão duas vezes sacramentado, vos contempla a minha consideração e vos reconhece e adora a minha fé neste dia, e neste logar, todo poderoso Senhor. Nas duas clausulas ou nos dois oraculos de vossa divina palavra, que propuz, vejo beatificada a pobreza: *Beati pauperes;* [2] e tambem beatificada a misericordia: *Beati misericordes.* A misericordia em vós é substancia, a pobreza em nós são accidentes: e se eu desta substancia e destes accidentes quizesse formar algum Sacramento: este Sacramento seria só um, e não só vosso, mas vosso por uma parte, e nosso por outra. Comtudo, torno a dizer, que neste dia, e neste logar vos contemplo e adoro, não uma, senão duas vezes sacramentado: e não a outro titulo, senão da mesma

---

* Este Sermão, commenta Honorati, trata não sómente das Obras de Misericordia, senão tambem das propriedades do Sacramento ainda que d'um modo secundario e indirecto.

1 *Math.*, v.

2 *Ibid.*, v, 3.

misericordia; nem a outro beneficio, senão da mesma pobreza. O' bemaventurada pobreza, e bemaventurada misericordia! Bemaventurada a pobreza dos pobres, que a este hospital real veem buscar o remedio; e bemaventurada a misericordia dos misericordiosos, que nelle os soccorrem e remedeiam; pois a pobreza de uns e a misericordia de outros, para uns e para outros vos sacramentou outra vez. Este será, Senhor, com vossa licença e graça, o argumento do meu discurso hoje. Vós o encaminhae, como novo: vós o alentae, como fraco: vós o allumiae, como rude: e por intercessão de vossa Santissima Mãe, vós o assisti, como vosso. *Ave Maria.*

II

Neste grande e formoso theatro da piedade christã (em que a mesma piedade junta em corpo de congregação é a principal e melhor parte do mesmo theatro) as duas figuras, ou personagens, que hoje entram a representar, é a pobreza e a misericordia, ambas em habito de bemaventurança: *Beati pauperes: Beati misericordes.*

Começando pela pobreza: este nome tão mal avaliado entre os homens tem duas significações. Ha pobreza, diz Santo Agostinho, que é virtude, e pobreza que é miseria. A pobreza que é virtude, é a pobreza voluntaria, com que se desprezam todas as coisas do mundo. A pobreza que é miseria, é a pobreza forçada, com que se carece dessas mesmas coisas, e se padece a falta de todas. Supposta esta divisão, em que se não duvida, duvido agora, e pergunto: se a pobreza que é miseria, é tambem bemaventurada, ou não? A pobreza que é virtude, essa é a canonisada por Christo, e a essa se promette o reino do céu: *Beati pauperes spiritu, quoniam ipsorum est regnum cœlorum.* Porém a pobreza que é miseria, á qual nem se promettem os bens do céu, nem ella possue os da terra, antes padece a falta de todos, parece que não póde ser bemaventurada. Malaventurada sim, porque para esta pobreza não ha ventura: malaventurada sim, porque todos a desprezam, e fogem della: malaventurada sim, porque ainda para se conservar na mesma miseria, ha de pedir e depender da vontade alheia, que é a sorte

mais triste. Comtudo é tal a bondade de Deus, e tão larga a immensidade de sua Providencia, que até a pobreza que é e se chama miseria, fez bemaventurada. E porque, ou de que modo? Porque nessa mesma pobreza instituiu Christo um novo e segundo Sacramento, não de outra senão de sua propria Pessoa, transformando-se a si mesmo em todos os pobres do mundo, e do modo que logo vereis, consagrando-se nelles. De sorte que assim como naquella hostia consagrada, e em todas e cada uma está todo Christo, assim está todo em todos os pobres, e todo em cada um. Os pobres da pobreza que é virtude, são bemaventurados, porque hão de vêr a Deus: os pobres da pobreza que é miseria, são bemaventurados, porque nelles está Deus. Esta é a razão e o fundamento porque se atreveu a dizer a minha fé, que neste dia e neste logar está Christo duas vezes sacramentado. Os que hoje com tanta piedade e devoção visitastes as enfermarias deste hospital, que vistes nellas, senão pobres miseraveis, em que a pobreza veiu buscar o remedio, e a miseria a misericordia? Pois sabei, que em todos esses pobres está o mesmo Christo que adoramos naquella hostia. Porque crêmos que está Christo naquella hostia? Porque elle o disse. Pois essa mesma, e não outra, é a prova que temos para crêr que está nos pobres.

III

No dia do Juizo quando Christo chamar para o premio da bemaventurança a todos os Santos (que não era bem nos faltasse ao menos a sua memoria no seu dia, pois a obrigação é outra) as palavras e o relatorio daquella gloriosa sentença serão estas: *Venite, benedicti Patris mei, possidete paratum vobis regnum: esuivi enim, et dedisti mihi manducare: sitivi, et dedisti mihi bibere; hospes eram, et collegistis me; nudus, et cooperuistis me; infirmus, et visitastis me: in carcere, et venistis ad me:* [1] Vinde, bemditos de meu Padre, possuir o reino que vos está apparelhado: porque tive fome, e me déstes de comer, tive sêde e me déstes de beber: era

1 *Math.*, XXV, 34, 35 e 36.

peregrino, e me hospedastes; andava despido e me vestistes; estava enfermo, e no carcere, e me visitastes. Ouvida esta sentença tão alegre e venturosa para todos os que a mereceram ouvir, que fariam? Cuidava eu, que, prostrados por terra, dariam a Christo as graças, e logo a si mesmos o parabem, não cabendo dentro em si de prazer: mas o que fizeram, foi como pôr embargos á sentença, e appellar ou aggravar dos fundamentos della. Diz o Evangelista, que responderam: E quando fizemos nós, Senhor, essas obras que allegaes por nossa parte, e premiaes como merecimentos nossos? *Quando te vidimus esurientem, et pavimus te, sitientem, et dedimus tibi potum:* [1] Quando vos vimos nós com fome, e vos démos de comer, ou com sêde, e vos démos de beber? *Quando te vidimus hospitem, et collegimus te, aut nudum, et cooperuimus te:* Quando vos vimos peregrino e vos hospedamos, e despido e vos vestimos? *Aut quando te vidimus infirmum, aut in carcere, et venimus ad te:* Ou quando vos vimos enfermo e no carcere, e vos visitamos? Isto é o que replicaram sobre a sua sentença os bemaventurados, e com réplica muito bem fundada e verdadeira; porque todos, ou quasi todos não tinham visto a Christo, e muito menos naquellas occasiões de necessidade ou pobreza em que o soccorressem. Pois, Senhor, se estes homens nem vos viram, nem vos soccorreram com essas obras de caridade que referis, como as allegaes na sua sentença, e por ellas os premiaes com a bemaventurança?

Só Christo podia responder a esta réplica: e assim foi elle o que logo respondeu, declarando a mesma sentença, e a verdade do que nella tinha allegado: *Et respondens rex, dicet illis: Amen dico vobis, quamdiu fecistis uni ex his fratribus meis minimis, mihi fecistis.* [2] E' verdade, respondeu o Senhor, que vós não me vistes como dizeis; mas eu vos digo e vos affirmo com juramento, ser tambem verdade, que me fizestes tudo o que eu alleguei na vossa sentença, porque bem lembrados estareis, que todas aquellas obras de caridade as fizestes aos pobres, e tudo o que fizestes a cada um delles, me fizestes a mim: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.* De sorte, que quando o pobre

---

[1] *Math.*, **xxv**, 37 e seg.
[2] *Ibid.*, 40.

padece o seu trabalho e a sue necessidade, padece-a Christo: *Esurivi, sitivi:* e quando vós soccorreis e fazeis a esmola ao pobre, fazeil-a a Christo, *mihi fecistis:* logo, ou Christo está no pobre, ou é o mesmo pobre. A primeira destas consequencias é de S. Cypriano, a segunda de S. Pedro Chrysologo, e ambas de todos. Para o homem soccorrer e fazer esmola ao pobre, bastava ser homem como elle: mas quiz Christo estar no mesmo pobre, diz Cypriano, para que quando não fosse bastante motivo de o soccorrermos, este respeito do que elle é, nos obrigasse a não deixar de o fazer a reverencia e dignidade de quem nelle está, que é Christo: *Ut qui respectu fratris non movetur, vel Christi contemplatione moveatur: et qui non cogitat in labore, et egestate conservum, vel Dominum cogitet in illo ipso, quem despicit, constitutum.* Notem-se com particular advertencia estas ultimas palavras, *in illo ipso constitutum*, que não só significam estar Christo no pobre de qualquer modo, senão estar nelle permanentemente. Mas menos era, ou seria, se Christo se contentasse só com assistir e estar no pobre; o mais é, diz S. Pedro Chrysologo, que não só quiz assistir e estar nelle; mas o mesmo Christo se fez e quiz ser o mesmo pobre: *Quod se Deus amore pauperis sic deponat, ut non adsit pauperi, sed ipse sit pauper.* O assistir, e o estar no pobre, póde-se entender conservando-se a differença das pessoas entre a de Christo, e a do pobre: mas o ser não se póde verificar senão passando a differença a constituir identidade, e sendo o pobre o mesmo Christo, e o mesmo Christo o pobre: *Ut ipse sit pauper.*

E como neste occulto e profundo arcano da misericordia e bondade divina, Christo por particular modo de assistencia está no pobre, e o pobre por particular modo de identidade se converte em Christo: este é o segundo sacramento do mesmo Senhor, com que eu dizia que a pobreza e misericordia o tornou a sacramentar segunda vez. Excellentemente S. João Chrysostomo comparando as palavras da consagração com as da sentença do dia do Juizo, umas e outras pronunciadas pelo mesmo Christo: *Qui dixit: hoc est corpus meum, hic dixit, esurientem me cibastis:* Aquelle Senhor, que disse, *Este é meu corpo*, esse mesmo disse, *tive fome e me déstes de comer.* E assim como pela virtude daquellas palavras nos ensina a fé, que está

Christo realmente debaixo das especies de pão; assim nos certifica (diz o mesmo Chrysostomo) que está tambem realmente debaixo das especies do pobre: *Si speciem apparentem spectes, nudum induis, re autem vera Christum operis.* Ponderae muito o *re autem vera.* E se alguem me perguntar, ou ao mesmo Santo, como formou Christo de uma tão differente materia, qual é o pobre, outro segundo sacramento tão similhante ao primeiro: responde por Chrysostomo, Chrysologo, ambos com palavras de oiro: *Sed quomodo aut in se transfuderit pauperem, aut se in pauperem fuderit, dicat ipse jam nobis. Esurivi (inquit) et dedistis mihi manducare. Non dixit, esurivit pauper, et dedistis illi, sed esurivi ego, et dedistis mihi.* Não disse Christo: o pobre teve fome, e vós lhe déstes de comer a elle, senão, eu tive fome, e me déstes de comer a mim: e este foi o modo de uma transeffusão, diz Chrysologo, com que o mesmo Senhor se infundiu no pobre, ou refundiu o pobre em si: *Quomodo in se transfuderit pauperem, aut se in pauperem fuderit.* Até os gentios reconheceram nos pobres e miseraveis algum genero de consagração, por onde disse altamente Seneca: *Res est sacra miser.* Na consagração propriissima da Eucharistia a substancia de pão converte-se em substancia de Christo, e a esta conversão de substancia chamam os Theologos transubstanciação: na consagração, a seu modo, da pobreza, infunde-se a Pessoa de Christo no pobre, ou a do pobre em Christo, e a esta conversão de pessoas chamou Chrysologo transeffusão: *Se in pauperem transfuderit.* Tão parecido é Christo a si mesmo em um e outro sacramento, e tanto merece a similhança do segundo o nome do primeiro!

IV

A réplica dos justos, quando Christo os chamou para a bemaventurança, tão fóra esteve de fazer duvidoso este nome de Sacramento, que antes foi maior confirmação delle. Que disseram todos aquelles que, pelas obras de misericordia exercitadas com os pobres mereceram ouvir tão venturosa sentença? O que disseram ou replicaram, foi: *Domine, quando te vidimus esurientem, et sitientem:* Senhor, quando vos vimos com fome,

ou com sêde? *Domine, quando te vidimus hospitem, aut nudum:* Senhor, quando vos vimos peregrino, ou despido? *Domine, quando te vidimus infirmum, aut in carcere:* Senhor, quando vos vimos enfermo, ou encarcerado? E porque fizeram tão repetidamente esta pergunta? Porque ainda não tinham ouvido da bocca do mesmo Christo: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.* Se aquelles Santos souberam que Christo estava encoberto debaixo das especies dos pobres, e sacramentado nelles, entenderiam claramente, que essa era a razão manifesta de o não terem visto, nem poderem vêr. Porque não vemos nós a Christo naquella Hostia, sabendo de certo que está nella? Porque tambem sabemos que está nella por modo sacramental, e que é proprio e essencial do Sacramento, aquillo mesmo que crê a fé, occultar-se á vista. De sorte, que quando Christo disse, que o que se fazia ao pobre, se fazia a elle, *Quod uni ex his fecistis, mihi fecistis*, então revelou e declarou o Senhor, que estava no pobre: e quando os que isto ouviram, responderam que nunca tinham visto a Christo, *Domine, quando te vidimus*, então confirmaram que estava Christo no mesmo pobre por modo de sacramentado, pois estava invisivel debaixo de especies visiveis, que é a essencia do Sacramento.

D'aqui se infere em seguimento da mesma paridade, que assim como o Sacramento da Eucharistia é o primeiro mysterio da fé, assim o da pobreza é o segundo. Porque é, e se chama por antonomasia mysterio da fé o Sacramento do altar? Porque nelle vemos uma cousa, e crêmos outra. Vemos pão, e crêmos que alli está Christo. Pois do mesmo (ou ao mesmo modo) quando olhamos para o pobre, vemos o pobre, e não vêmos Christo; mas no mesmo pobre que vêmos, crêmos que está Christo, que não vêmos: e não por outro motivo senão pelo proprio e essencial da fé. O motivo ou razão formal, como fallam os Theologos, porque crêmos o que ensina a fé, é a auctoridade divina: creio o que Deus disse, porque elle o disse. Esta foi a altissima e divina theologia com que Christo respondeu aos Judeus, quando duvidaram de elle haver de dar a comer aos homens a sua carne: *Quomodo potest hic nobis carnem suam dare ad manducandum?* [1] Bem podéra o

1. *Joan.*, VI, 54.

Senhor responder ao *quomodo* da sua duvida, declarando-lhes o modo do mesmo mysterio: mas o que respondeu, foi tornar a dizer o mesmo que tinha dito: *Nisi manducaveritis carnem Filii hominis, non habebitis vitam in vobis:* porque? Porque toda a razão de se crêr o que elle dizia, era dizel-o elle. Esta é toda a razão de ser mysterio da fé o estar Christo no Sacramento; e esta é tambem toda a razão de ser mysterio da fé o estar Christo no pobre. Por isso querendo S. Basilio Magno persuadir esta mesma verdade, o que disse, como refere S. João Damasceno, foi: *Crede Deo, qui beneficia ea quæ in oppressum conferuntur, tanquam in se ipsum collata accipiet.*

V

E se vos parece que é egualmente difficultoso (ou ainda mais) estar Christo tão verdadeiramente encoberto em um homem, como naquellas especies sacramentaes: oiçamos a Isaias: *Tantum in te est Deus, et non est absque te Deus: verè tu es Deus absconditus:* [1] Só em vós está Deus, e fóra de vós não está Deus, e vós verdadeiramente sois Deus escondido. Palavras sobre todo encarecimento grandes, admiraveis, estupendas, tremendas, e que se não foram do mesmo Deus, não se poderam crêr! Mas de quem, e com quem fallava Isaias? Não ha duvida, que fallava d'El-rei Cyro, e com o mesmo rei Cyro. Pois em Cyro, que era um homem como os outros (porque a corôa não os faz de outra especie), em Cyro está Deus, e fóra de Cyro não está Deus, e o mesmo Cyro é Deus escondido? Sim. Para que nos não admiremos de que Deus possa estar em algum homem, e não estar nos outros, e que esse mesmo homem verdadeiramente seja Deus encoberto e escondido: *Verè tu es Deus absconditus.* Esse é o sentido litteral daquelle Texto, o qual maravilhosamente se corresponde com o nosso. Lá está Deus em Cyro, *in te est Deus;* cá está Christo no pobre: lá está Deus em Cyro e não está nos outros homens, *Non est absque te Deus;* cá está Christo nos pobres, e não está nos que não

[1] *Isai.*, XLV, 14 e 15.

são pobres: lá verdadeiramente Cyro é Deus encoberto e escondido, *Verè tu es Deus absconditus;* cá verdadeiramente o pobre é Christo escondido e encoberto: finalmente lá, porque Deus em Cyro obrava nelle e com elle a liberdade do captiveiro de Israël, *Deus Israel Salvator;* e cá porque Christo no pobre padece nelle e com elle a sua pobreza, *esurivi*, e recebe nelle e com elle o bem que lhe fazem, *mihi fecistis.* Os disfarces não mudam a pessoa: escondida e descoberta é a mesma. Quando Christo appareceu á Magdalena em trajos de hortelão, alli estava Christo; mas a Magdalena não via mais que o hortelão: quando o mesmo Christo caminhava com os Discipulos de Emmaüs em habito de peregrino, alli estava Christo; mas os Discipulos não viam mais que o Peregrino. Do mesmo modo, quando S. Martinho deu ametade da capa ao pobre, não via mais que o pobre mas alli estava Christo, como o mesmo Senhor se mostrou aos Anjos coberto com a mesma capa: *Martinus hac me veste contexit.* Assim foi naquelle caso, e assim é sempre, sem differença alguma. Nos pobres que estão pedindo nos degraus desta Igreja, e nos que andam por essas ruas está o mesmo Christo: tanto assim, que quando vos pedem a esmola e lhe dizeis, perdoae por amôr de Deus; com a mesma verdade lhe podereis dizer, perdoae por amôr de vós: *Verè tu es Deus absconditus.*

Mas o melhor e maior paralello desta similhança não é Cyro no throno da Persia, senão Christo no throno daquelle Altar, como sacramentado. S. Jeronymo, Santo Ambrosio, Santo Athanasio, S. Cyrillo, Santo Epiphanio, Procopio, Theodoreto, e os outros Padres communmente em sentido tambem litteral e prophetico dizem que estas palavras se entendem do Verbo depois de encarnado, no qual esteve a Divindade encoberta e escondida debaixo da Humanidade. E passando, ou subindo do sentido litteral ao mystico as entendem os Doutores, principalmente modernos, do mesmo Christo no Sacramento, em que o estar escondido se verifica ainda com maior propriedade e energia, porque, como nota S. Thomaz, em Christo absolutamente estava só escondida a divindade, e no mesmo Christo em quanto sacramentado está escondida a divindade e mais a humanidade: a divindade debaixo da substancia humana, e a humanidade debaixo dos accidentes sacramentaes. De maneira, que alli está encoberto e escondido todo Christo,

isto é, toda a divindade e toda a humanidade de Deus: *Verè tu es Deus absconditus.* E tal, ou similhante, é o modo com que Christo está escondido e encoberto no pobre, porque no pobre não basta o ser homem para Christo estar nelle (que por isso não está nos outros homens), mas é necessario ser homem debaixo dos accidentes da fome, da sêde, da desnudez, e de outras miserias e necessidades de que se compõe, ou descompõe a pobreza. Assim o exclama o grande Chrysostomo, tantas vezes benemerito em todos os pontos deste discurso: *Proh quanta paupertatis est dignitas! Dei personam induit: in paupertate absconditur Deus.* O' quão grande é a dignidade da pobreza! O pobre despido veste a Pessoa de Deus e o mesmo Deus está escondido no pobre.

VI

E em qual pobre? Indifferentemente em todos, e em cada um: que é a propriedade que só nos faltava para complemento da similhança. Assim como Christo no Sacramento do altar, sendo um só, não está só em uma hostia consagrada, senão em todas e qualquer dellas; assim neste segundo sacramento não só está em um pobre, senão em todos e cada um, sendo elles muitos, e Christo nelles um só, e o mesmo. A casa de Abrahão no Valle de Mambré era um hospital commum de todos os peregrinos. Por isso não sendo elle o mais antigo no limbo dos Padres, se lhe deu a superintendencia, ou provedoria daquelle diversorio universal, e se chamou Seio de Abrahão. Chegaram pois alli a horas de comer tres peregrinos, e sem alforge como pobres; agasalhou-os Abrahão, e serviu-os por sua propria pessoa com o melhor da casa. Mas sendo tres, nota a Escriptura, e é modo de urbanidade muito notado, que não lhe chamou senhores, senão Senhor: *Domine, si inveni gratiam in oculis tuis, ne transeas servum tuum:* [1] Senhor, se achei graça em vossos olhos, fazei-me mercê de não passar adiante sem vos servir desta choupana. Pois se os peregrinos eram tres,

[1] *Gen.*, XVIII, 3.

tres viri, e Abrahão os tratava com tanta reverencia e cortezia, porque não lhe chamou senhores, senão Senhor? Responde Santo Agostinho, que como eram peregrinos, entendeu e creu Abrahão que nelles estava Deus, e medindo as suas palavras mais com a fé do que cria, que com o numero dos que via, por isso lhes chamou Senhor e não senhores: *Abraham in tribus viris Dominum agnoscebat, cui per singularem numerum loquebatur, etiam cum eos homines esse arbitrabatur.*

Naquelle altar e nestes temos um excellente exemplo do que fez Abrahão, e declarou Agostinho. Se nestes tres altares se disserem ao mesmo tempo tres Missas, e nelles estiverem tres hostias consagradas; diremos com toda a propriedade, que no primeiro altar está o Senhor, e no segundo o Senhor, e no terceiro o Senhor. E diremos tambem, que nos tres altares, e nas tres hostias estão os senhores? Não. Porque ainda que os altares e as hostias sejam tres, o Senhor que nellas está é um só. Pois este mesmo mysterio do Sacramento é o que se representou nos peregrinos do hospicio de Abrahão, e o que temos presente nos pobres deste hospital. Elles muitos, porém o Senhor que está nelles, um só: e essa é outra nova e maravilhosa circumstancia com que Abrahão tendo fallado ao Senhor como a um, quando passou ao remedio e regalo dos peregrinos, os tratou como muitos: *Lavate pedes vestros, requiescite sub arbore, confortate cor vestrum, postea transibitis:* [1] Lavareis os pés, descançareis, comereis, e depois continuareis vosso caminho. De sorte, que para o remedio e regalo eram muitos, e para a veneração um só, *Domine*. Entrae agora nessas enfermarias com a fé, e com a vista. O que vereis com a vista, são muitos enfermos jazendo cada um no seu leito, curados e assistidos com grande caridade: mas o que deveis crêr com a fé, é que em todos e cada um delles está Christo. Este foi o engano daquella alma que nos Canticos de Salomão buscava ao mesmo Christo, e o não achou: *In lectulo meo quæsivi quem diligit anima mea, quæsivi illum et non inveni:* [2] Eu, di-

[1] *Gen.*, XVIII, 5.
[2] *Cant.*, III, 1.

zia ella, busquei ao meu amado no meu leito, e não o achei. E vós buscaes a Christo no vosso leito? Por isso o não achaes: ide buscal-o no leito desses pobres enfermos, e logo o achareis. No leito da cruz estava Christo cheio de chagas e de dôres, e agonisando com a morte: e assim como á cabeceira daquelle leito tinha um titulo que dizia: *Hic est Jesus;* [1] assim se poderam escrever as mesmas lettras em cada um desses leitos. E' verdade que entre elles vereis alguns tão estropeados e despedaçados da guerra, que mais parecem partes de homens, que homens; mas assim como na hostia partida e feita pedaços está Christo inteiro: *Non confractus, non divisus, integer accipitur;* assim está o mesmo Senhor tão inteira e perfeitamente naquelles, como nos demais. Em summa, parece que neste segundo Sacramento tão real e verdadeiramente está Christo em todos e cada um dos pobres, como no Sacramento do altar está em todas e cada uma das hostias consagradas. Porque assim como o mesmo Senhor se consagrou naquelle soberano mysterio da fé por virtude das suas palavras, quando disse: *Hoc est corpus meum;* assim (por seu modo) se consagrou neste mysterio da caridade por virtude das palavras tambem suas, quando disse: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis.*

VII

Temos visto a Christo Deus e Senhor nosso (como suppuz no principio) duas vezes, e por dois modos sacramentado, uma vez em pão, e outra no pobre. Agora resta saber a que fim, que é o ponto principal, e o fecho de todo este discurso. A que fim tendo-se Christo sacramentado uma vez em pão, se quiz sacramentar outra vez no pobre? Digo que se sacramentou em pão, para nos sustentar a nós, e que se sacramentou no pobre, para que nós o sustentassemos a elle. No Capitulo vinte e nove dos Proverbios escreveu Salomão um, no qual os Interpretes divididos em sete ou

[1] *Math.*, XXVII, 37.

oito sentidos lhe chamam com razão enigma, e diz assim: *Pauper, et creditor obviaverunt sibi; utriusque illuminator est Dominus:* [1] O pobre e o acredor se encontraram, e Deus os allumiou a ambos. Se os allumiou parece que caminhavam ás escuras, e por isso deviam de se encontrar, que os pobres sempre fogem dos acredores. Como o acredor tinha por devedor ao pobre, não tinha de quem cobrar a divida; e como o pobre, sobre pobre estava individado, não tinha com que sustentar a vida. Estes eram os dois grandes apertos daquelle encontro, dos quaes para que achassem boa sahida, foi necessario que Deus os allumiasse, como allumiou; porque ao acredor deu modo com que cobrar, e ao pobre com que viver: *Utriusque illuminator est Dominus.* Mas quem é este acredor, e quem este pobre? O acredor é Christo no Sacramento do altar, onde está debaixo de especies de pão para nos sustentar a nós, e onde nós o comemos. Mas esta divida nem nós lh'a podemos pagar, nem elle a póde cobrar de nós no mesmo sacramento; porque para lhe pagar com egualdade, haviamos de sustentar ao mesmo Senhor, como elle nos sustenta: e Christo naquelle sacramento está em representação de morto, e como morto póde ser comido, mas não póde comer. Que meio logo ou que remedio para o acredor ter com que se pagar, e o pobre com que viver? O meio foi tal que só a luz divina o podia descobrir e conciliar. Assim como o acredor se sacramentou em pão, sacramente-se tambem no pobre: e como estiver sacramentado no pobre, logo nós, que somos os devedores, lhe poderemos pagar, porque lhe daremos de comer, e o sustentaremos a elle, assim como elle nos dá de comer, e nos sustenta a nós: elle a nós como sacramentado em pão, e nós a elle como sacramentado no pobre.

Este é o verdadeiro sentido do enigma de Salomão, o qual se póde confirmar com outro enigma mais celebre, que é o de Samsão. Depois que Samsão matou o leão que lhe sahiu ao caminho, e depois achou que na bocca lhe tinham fabricado as abelhas um favo de mel, desta historia que era occulta, formou um enigma, cuja lettra dizia: *De comedente exivit cibus:* [2] Do que come

---

1 *Prov.*, XXIX, 13.
2 *Juizes*, XIV, 14.

sahiu o comer. Santo Agostinho, Santo Ambrosio, S. Paulino, e outros Santos, entendem por este leão não só a Christo Leão de Judá, mas nomeadamente a Christo sacramentado, do qual quando comeu sahiu o comer, porque na Cêa instituiu o Santissimo Sacramento. Eu, porém, reparo que ainda que a lettra diz muito bem com o sentido do enigma, não diz bem com a figura. O leão não comeu nem foi comedente; faminto sim, porque sahiu ao caminho buscando de comer. E ainda que na bôcca se lhe achou o favo, nem o comeu nem o devia comer, porque estava morto. Pois se o leão não foi comedente, senão faminto, parece que devia de dizer a lettra, que do faminto sahiu o comer, e não do comedente. Como se ha de entender logo do Sacramento, assim a figura como a lettra? Eu o direi. Christo sacramentado não uma senão duas vezes em uma e outra é propriamente como o leão de Samsão: sacramentado no pobre, é como o leão faminto: sacramentado no pão (a que a Igreja chama *pane suavissimo de cœlo præstito)* é como o leão que não comeu, mas deu a comer o favo. Deste comer pois que se acha em um sacramento, e desta fome que se acha no outro, se verifica propriissimamente a figura e mais a lettra do enigma. Porque? Porque todo aquelle que come a Christo sacramentado no pão, é obrigado a sustentar e matar a fome ao mesmo Christo sacramentado no pobre: logo esta foi a significação da figura do leão em ambos os estados: e este é o sentido da lettra de Samsão em ambos os sacramentos: e aqui só se verifica que do que come sae o comer: *De comedente exivit cibus.*

Disse que todo o que come a Christo em um sacramento, tem obrigação de o sustentar, e lhe dar de comer no outro: e não é menos que verdade evangelica da mesma bocca divina, de que sahiram as fórmas de ambos estes sacramentos. Sendo já noite, bateu á porta de um amigo outro amigo (diz Christo), pedindo que lhe emprestasse tres pães, porque áquella hora chegára a sua casa um hospede, e não tinha com que o agasalhar: *Amice, commoda mihi tres panes, quoniam amicus meus venit de via ad me, et non habeo quod ponam ante illum.* [1] O que pondera, e nos manda aqui

[1] *Luc.*, XI, 5 e 6.

ponderar S. Bernardo, é pedir este homem ao amigo aquelles pães não dados, senão emprestados: *Notandum, quod non ait, da mihi, sed commoda mihi:* e o maior reparo ou pezo desta ponderação, é ser Christo auctor da parabola. Se fôra historia acontecida, e não parabola, disseramos que aquelle homem, ou era muito desconfiado, ou pouco cortez, pois sendo o que pedia coisa de tão pouco valor, aggravava e affrontava o amigo em lh'a pedir por emprestimo. Mas como o auctor da parabola, e desta petição e modo de pedir foi Christo; que mysterio, e que razão teria o Senhor, para introduzir aquelle pão como emprestado, e não como dado? A razão e mysterio foi, porque no mesmo pão, posto que usual e da terra, representava a parabola o pão que desceu do céu, o Santissimo Sacramento. Assim o entendem graves Auctores, e todas as circumstancias do caso o provam. A hora da noite em que se negociou aquelle pão, é a propria em que a primeira vez foi convertido o pão em corpo de Christo: *In qua nocte tradebatur;* [1] o pedil-o um amigo a outro amigo, e para outro amigo, tudo está significando o mesmo sacramento, que além de ser sacramento de amôr, sempre suppõe graça e amizade entre Christo que o dá, e o homem ou homens que o recebem: nem o numero de tres é alheio do mysterio; porque as partes de que se compõe, são o corpo, sangue, e alma do mesmo Christo, assistido tambem das tres Pessoas divinas, que pela união inseparavel, se o não compoem, o acompanham. E como naquelle pão se representava o Sacramento do altar, por isso o introduziu Christo, não como dado, senão como emprestado: *Commoda mihi:* porque o que se dá, é sem outra obrigação: porém o que se empresta, é com obrigação de se pagar: e quando Christo no Sacramento do altar se nos dá e nos sustenta em quanto sacramentado em pão, é com condição e obrigação de que lhe havemos de pagar esse mesmo pão, sustentando-o tambem a elle em quanto sacramentado no pobre. Ainda tem este emprestimo maior propriedade e energia. Onde a nossa Vulgata lê: *commoda mihi*, o Original grego, em que escreveu o Evangelista, tem *da mihi mutuo*. E que differença ha

[1] *1.ª Epist. ad Cor.*, XI, 23.

entre o emprestimo que se chama commodato, e o emprestimo que chama mutuo? A differença é, que no commodato hei de pagar restituindo aquillo mesmo que me emprestaram: pedi-vos emprestada a vossa espada, hei-vos de restituir a mesma espada: porém no mutuo, não sou obrigado a pagar com o mesmo, senão com outro tanto: pedi-vos emprestado um moio de trigo, não vos hei de pagar com o mesmo trigo, senão com outro. E este é o modo com que pagamos a Christo, em quanto sacramentado no pobre, um pão com outro pão. Não o mesmo pão, senão outro; porque o pão que nos dá Christo é o pão do céu e da vida eterna; e o que nós pagamos ao pobre, é o pão da terra e da vida temporal: mas em um e outro, tanto por tanto, porque tão necessario é este para a vida, como aquelle para a outra.

Emfim, fechemos este discurso, já não em parabola ou similhança, senão realmente, e em sua propria Pessoa o mesmo Christo. Revestida a Pessoa de Christo em trajo de pobre ou transformado nelle, diz assim no Cap. 3.º do Apocalypse: *Ecce ego sto ad ostium, et pulso: si quis audierit vocem meam, et aperuerit mihi ianuam, intrabo ad illum, et cænabo cum illo, et ipse mecum.* [1] Eu, como pobre, diz Christo, estou batendo e chamando á porta: se o dono da casa me abrir, entrarei, e comerei com elle, e elle commigo. Estas ultimas palavras, *e elle commigo*, parece que encontram o que dizem as primeiras. Que o pobre que bate á porta, e pede esmola, diga que se o dono lhe abrir, e o receber, e puzer á sua meza, comerá com elle, *et cænabo cum illo*, isso é o que o pobre deseja e pretende, e o que fará; porque comer com o dono da casa, é comer da sua meza, e o que elle lhe der. Porém que acrescente o pobre, e prometta que tambem o dono da casa comerá com elle, isto é, com o mesmo pobre, *et ipse mecum*, parece que não é fallar coherente. Porque se comer o pobre com o dono da casa, é comer o que lhe der o dono da casa; tambem comer o dono da casa com o pobre, é comer o que lhe der o pobre: e isto não diz com quem pede uma esmola pelas portas: *Ego sto ad ostium, et pulso.* A solução e a coherencia desta que o não parece, toda está naquelle *ego*. Aquelle

[1] *Apoc.*, III, 20.

ego de Christo sem disfarce Senhor, e com disfarce pobre: como pobre come á meza alheia, como Senhor dá de comer á sua: e porque dá de comer á sua como Senhor, por isso se não despreza de comer á alheia como pobre. E para que ninguem duvide destas duas mezas, e deste reciproco comer, sendo o que o pede, e o que o dá o mesmo Christo; elle naquella brevissima conclusão declarou por sua palavra, e debaixo da sua firma, tudo quanto dissemos atégora; porque em quanto sacramentado em pão, nós comemos á sua meza, e com elle: e em quanto sacramentado no pobre, elle come á nossa meza, e comnosco: *Cœnabo cum illo, et ipse mecum.*

VIII

Este é o fim, como dizia, porque Christo Senhor nosso, depois do Divinissimo Sacramento do altar, se sacramentou tambem no humanissimo dos pobres. E se os que teem por devoção ou officio exercitar com elles as obras de misericordia, quizerem saber em qual destes dois sacramentos se dará o mesmo Senhor por mais bem servido, confiadamente digo, que onde o servimos como pobre.

Primeiramente é sentença universal do mesmo Christo: *Beatius est magis dare, quam accipere:* [1] que melhor é dar, que receber: logo a obra de misericordia com que soccorremos e sustentamos o pobre, muito mais agradavel deve ser ao mesmo Senhor; porque no Sacramento recebemos o seu pão: ao pobre damos o nosso. E se alguem replicar, que neste dar o nosso, e receber o seu, não só ha grande, senão infinita differença, porque o que recebemos é Deus, e o que damos é a esmola: respondo, que ainda na consideração desta differença fica muito mais melhorado o que dá do que o que recebe: porque o que recebe no Sacramento a Deus, comtudo fica homem: e o que dá a esmola ao pobre, fazendo-lhe esse beneficio, faz-se Deus. Não é atrevimento ou temeridade minha, mas conclusão expressa do grande theologo entre os Doutores da Igreja S. Gregorio Nazianzeno: *Esto calamitoso Deus.* Se virdes o

[1] *Act.*, xx, 35.

pobre em necessidade, sêde para elle Deus, soccorrendo-o: *Nihil adeo divinum habet homo, quam benefacere;* porque nenhuma coisa tem o homem tão divina, e tão propria de Deus, como o bem fazer. E se esse bem o fizermos ao pobre com reflexão de que nelle está Deus, ainda parece que disse mais Nazianzeno. Notae. Antes de se consagrar no pobre, recebendo em si a esmola que se lhe faz a elle, dizia David a Deus: *Deus meus es tu, quoniam bonorum meorum non eges:* [1] Vós, Senhor, sois meu Deus, porque não tendes necessidade dos meus bens. Porém depois que Deus se fez pobre no pobre, já tem necessidade dos nossos bens, para que remediemos com elles a sua pobreza. E que diria David neste caso, que é o nosso? Diria por ventura, porque tendes necessidade dos meus bens, não sois meu Deus? Isso não. Pois que diria? Assim como disse antigamente, porque não tendes necessidade de meus bens: *Deus meus es tu:* vós sois Deus meu; assim diria agora, porque vós tendes necessidade dos meus bens, e eu vos soccorro com elles, eu sou Deus vosso: *Esto calamitoso Deus.* Santo Agostinho, egual na Igreja Latina a Nazianzeno na Grega, não disse menos, quando disse que só a misericordia humilha a Deus, e sublima ao homem: *Sola misericordia Deum humilians nos sublimat.* Humilha a Deus, porque no pobre o sujeita a receber do homem; e sublima ao homem, porque na esmola o levanta a dar a Deus. Logo tambem nesta consideração é melhor o dar, como damos na esmola, do que o receber, como recebemos no Sacramento: *Melius est magis dare quam accipere.*

Em proprios termos temos Texto expresso do mesmo Christo. *Misericordiam volo, et non sacrificium:* [2] Antes quero a misericordia, que o sacrificio. Foi o caso que caminhando os discipulos de Christo por entre umas searas, era tanta a sua pobreza e a sua fome que debulhavam algumas espigas de trigo, para se manterem daquelle pão antes de chegar a o ser. Succedeu isto em sabbado, pelo que os Escribas e Phariseus calumniaram aos Discipulos, como violadores do dia santo. Sahiu o divino Mestre á defeza da sua escola, e argu-

---

[1] *Psalm.* XV, 2.
[2] *Oseas,* VI, 6.

mentou assim contra os calumniadores: *Quid est misericordiam volo, et non sacrificium?* Se a observancia do dia santo se quebra, quando o homem falta áquella obra do culto divino, por fazer outra de misericordia, acudindo á necessidade propria, ou alheia, como diz Deus pelo propheta Oseas, antes quero a misericordia que o sacrificio? A este Texto ajuntou o Senhor o exemplo do Summo Sacerdote Abiathar, quando deu a David os Pães da Proposição, que eram consagrados a Deus: com que aquelles doutores, melhores interpretes dos seus interesses, que da Lei divina, taparam a bocca, e não tiveram que replicar. Comtudo entre os nossos não faltará a agudeza de algum theologo que replique e argua desta maneira: O sacrificio é acto de religião: a virtude da religião, como ensina Santo Thomaz, é mais nobre que a misericordia, porque a religião respeita ao culto de Deus, e a misericordia ao remedio do homem: logo na aceitação de Deus, em cuja mente se estimam todas as coisas pelo que verdadeiramente são, não póde ter melhor logar a misericordia que o sacrificio. Forte argumento por certo: mas toda a sua força consiste em se não reparar como não repara naquelle *volo: Misericordiam volo, et non sacrificium.* Não diz Christo que a misericordia é melhor que o sacrificio; mas diz que antepõe a misericordia ao sacrificio, porque elle assim o quer, *volo.* De sorte que ama Deus tanto a misericordia, e ama tanto aos pobres que com as obras de misericordia, se remedeiam, que sendo mais nobre, e de maior dignidade o sacrificio que a misericordia, quer elle (e só porque quer, *volo*) que a misericordia prefira, e se anteponha ao sacrificio. Isto é o que diz o Texto, e esta a praxe da Igreja que os Escribas e Phariseus traziam tão errada. Se o que assiste ao enfermo, o houver de deixar para ir dizer ou ouvir Missa no dia santo, ensina a theologia catholica, que antes se ha de deixar a Missa, que é o sacrificio, do que a assistencia do enfermo, que é a misericordia: *Misericordiam volo, et non sacrificium.*

Bem creio que vos não descontentou a resposta do argumento, nem a explicação do texto. Mas como o dia é da misericordia, não quero eu, que, ainda quanto á nobreza e dignidade, seja ella inferior ao sacrificio. A perfeita misericordia sempre vae acompanhada, ou imperada da caridade do proximo, que se não distin-

gue da de Deus; e como a caridade é mais nobre que a religião, e que todas as outras virtudes: *Maior autem horum est charitas;* [1] informada assim a misericordia, tambem é mais nobre, e de maior dignidade que a religião. Isto respeitando ao pobre só como pobre. Porém se a misericordia na pessoa do pobre reconhecer, como deve reconhecer, a de Christo (que é o ponto do nosso discurso), então o acto da mesma misericordia é tambem acto de religião; porque respeita directamente a Deus; e a esmola feita ao pobre é tambem não só sacrificio, mas sacrificio preferido aos sacrificios. Assim o entendeu altamente, e manda entender Santo Agostinho, declarando o mesmo Texto: *Cum scriptum est misericordiam volo magis quam sacrificium, nihil aliud quam sacrificium sacrificio prælatum oportet intelligi.*

Emfim, para que dêmos fim a esta preferencia, digo que agradam mais a Christo os obsequios que se lhe fazem no pobre, que no mesmo sacramento do altar; porque no sacramento está impassivel; no pobre não só está passivel mas padece. Que quer dizer, *Esurivi, sitivi, nudus eram*, senão padecer Christo tudo o que padece o pobre? E deste padecer se tirará a verdadeira intelligencia de uma questão que aqui excitam todos os interpretes. Naquelle relatorio do dia do Juizo, fez Christo menção da comida e bebida dos que têm fome e sêde, do vestido dos nùs, da poisada dos peregrinos, da visita dos enfermos e encarcerados; mas não fallou nem uma só palavra na sepultura dos mortos. Pois se as obras de misericordia são sete, e a setima é sepultar os mortos; porque allega Christo as outras seis, e esta não? Muitas soluções se teem dado atégora a esta duvida; mas nenhuma que satisfaça inteiramente. A verdadeira e cabal é, porque depois que Christo se sacramentou no pobre, quiz contrapor o sacramento em que padece, ao sacramento em que está impassivel; e como nas sete obras de misericordia só os mortos não padecem, excluiu os mortos. Julgae agora se serão mais agradaveis e aceitos ao mesmo Christo, os obsequios que se lhe fazem onde tem necessidade e padece, ou onde está impassivel. Por isso os Santos despiam os altares para vestir os pobres, e fundiam os calices em

[1] *1.ª Epist. ad Cor.*, XIII, 13.

moeda, para remir os captivos. Lêde particularmente a Santo Ambrosio: mas vamos á Escriptura.

Uma das mandas do testamento de David a El-rei Salomão, seu successor, é, que os filhos de Berzallai comessem sempre á sua meza, pelo bem que elles e seu pae o tinham servido quando fugiu de Absalão: *Sed et filiis Berzellai reddes gratiam, eruntque comedentes in mensa tua: occurrerunt enim mihi quando fugiebam à facie Absalom.* [1] Foi o caso que depois de David ser rei, experimentou que tambem as corôas estão sujeitas aos vaivens da fortuna, cahindo das azas da prospera nas miserias da adversa, e tanto com maior abatimento quanto de mais alto. Tal se viu David, quando fugiu de seu filho Absalão, reduzido a tal aperto e necessidade, que elle e os poucos que o seguiam pereceriam á fome, se este Berzellai, que era um vassallo rico, os não sustentasse a todos, como refere a Historia Sagrada: *Et ipse præbuit alimenta regi, cum moraretur in castris: fuit quippe vir dives nimis.* [2] Este serviço, pois, foi o que David mandou a Salomão que agradecesse, pondo á sua meza os filhos de Berzellai. E sendo certo que de nenhum outro serviço, ou beneficio fez memoria no seu testamento, tambem é certo que antes daquella rebellião, e depois della, assim na paz como na guerra, tinham outros vassallos feito a David muito grandiosos serviços. Pois porque se não lembra delles o mesmo rei, nem os manda agradecer e pagar, senão estes de Berzellai unicamente? Porque aquelles foram feitos a David quando estava enthronisado e adorado no reino, e não padecia necessidade alguma; porém o serviço e sustento que recebeu de Berzallai, foi quando estava desamparado dos seus, pobre e necessitado. Aquelles foram obsequios a David rei, estes foram alimentos a David pobre. E esta é a razão e a differença porque são mais acceitos e agradaveis a Christo os obsequios que se lhe fazem no pobre onde está necessitado e padece, do que todos os outros, com que é servido no throno e magestade do sacramento do altar, onde está impassivel e adorado.

Por ultima conclusão, deixadas as razões, vamos ao

---

1 *3.º Livr. dos Reis*, II, 7.
2 *2.º Livr. dos Reis*, XIX, 32.

facto. Assim como Christo no dia do Juizo ha de allegar e publicar as obras de misericordia, e o que é servido, sustentado e soccorrido no pobre; assim, e muito mais ostentosa e magnificamente poderá sahir naquelle theatro universal de todo o genero humano com as obras da fé, piedade, liberalidade e emulação christã com que é servido, assistido e venerado no Santissimo Sacramento. Que comparação tem o que se gasta no sustento, cura e remedio dos pobres, com o que se despende e emprega no culto divino e divinissimo do, por antonomasia, Santissimo? Considerae a magnificencia dos templos de todo o mundo: a riqueza dos altares, dos sacrarios, dos calices, das custodias, dos ornamentos. Quasi todo o oiro, prata, e pedraria do mar e da terra, alli vae, não levar o seu valor, mas buscar a sua estimação e preço. As rendas immensas de todos os ministros ecclesiasticos supremos, grandes, menores, todas se ordenam a servir, assistir, e louvar a todas as horas a Magestade encoberta daquelle Senhor. Mais é o que arde e se queima de dia e de noite diante dos seus altares, do que quanto se emprega e logra no sustento e remedio dos pobres. E comtudo, isto é o que Christo ha de allegar e publicar no dia do Juizo, e tudo aquillo o que ha de callar e passar em silencio. Mais ainda. Parece que para desempenho de sua palavra nenhuma coisa mais convinha á auctoridade e magestade de Christo, que a demonstração e publica evidencia do que tinha promettido, e tanto se lhe tinha duvidado nos maravilhosos effeitos do mesmo sacramento. Os dois maiores effeitos que Christo tinha promettido daquelle sagrado pão, é, que quem o comesse, viveria eternamente, e que em virtude do mesmo pão resuscitaria no ultimo dia: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum: et ego resuscitabo eum in novissimo die.* [1] Que acção pois mais propria daquelle dia, de maior gloria para Christo, de maior triumpho para os catholicos, e de maior confusão para os hereges, que dizer á vista de todo o mundo, prometti-vos que em virtude do pão que vos dei, vos havia de resuscitar neste dia; ahi estaes resuscitados todos: prometti-vos que todos os que comesseis

[1] *Joan.*, VI, 59 e 55.

o mesmo pão, vivereis eternamente; alli estão as portas do céu abertas, vinde a gosar commigo a vida eterna: *Venite benedicti.* Comtudo, a publica e mais agradecida estimação, que Christo fará no dia do Juizo dos obsequios que recebeu dos homens, não ha de ser a das grandes riquezas, com que o servem no Sacramento, senão das esmolas, posto que muito pequenas, com que o soccorrem no pobre; porque no pobre padece, e no sacramento está isento de padecer: no sacramento são tributos que sobejam a sua magestade, no pobre são alimentos que ha mister a sua necessidade. E se aos que o comem, e aos que lhe dão de comer promette egualmente Christo a vida eterna, dando-se essa mesma vida eterna na sentença do dia do Juizo por paga, mais devida é a paga á despeza dos que lhe puzeram a meza, do que á honra dos que elle poz á sua; mais devida ao gasto dos que lhe deram de comer, que ao gosto dos que o comeram: *Quia dedistis mihi manducare.*

IX

Provado assim o mysterio escondido do nosso assumpto, e revelado aos olhos do mundo o que a maior parte delle não via; restava agora coroar com a ultima clausula de todo o discurso aquella bemaventurada congregação, que Deus particularmente fez digna de tão gloriosa felicidade: *Beati misericordes.* Mas que lhe posso eu dizer? Louvarei a caridade, confirmarei a fé, assegurarei a esperança dos que neste real emporio das obras de misericordia com todo o genero de necessitados publicos e occultos, tão santa e universalmente as exercitam? Seria emprehender de novo outra materia não menor que a passada. Deixando pois os louvores da caridade á lista e noticia geral das mesmas obras, que logo se ha de ler deste logar (pois, como diz S. Gregorio Papa, não a rhetorica de palavras, senão a eloquencia de obras é a verdadeira prova da caridade), só da fé e da esperança direi o que se segue, e convence do que fica dito.

Quanto á fé: sendo de fé todas as palavras de Christo, e tendo dito o mesmo Christo com termos que não admittem duvida, nem interpretação contraria, que elle

está no pobre, e o que se faz ao pobre, se faz a elle: *Quod uni ex his minimis fecistis, mihi fecistis;* que christão haverá (agora fallo com todos) que christão haverá, que a seu Creador e a seu Redemptor vendo-o necessitado, e pedindo-lhe uma esmola, que é mais, o não soccorra? Caso foi sobre toda a admiração estupendo, que no dia em que Christo entrou em Jérusalem acclamado com palmas e vivas de todo o povo por verdadeiro Messias: *Hosanna Filio David, benedictus qui venit in nomine Domini, Rex Israel;* [1] no mesmo dia não houvesse em toda aquella grande metropole, quem o recolhesse e agasalhasse em sua casa, e lhe fosse necessario ao que sustenta até os bichinhos da terra, ir buscar o sustento a Bethania. Pois, cidade cega, impia, ingrata, e infame, assim cerras as portas, a quem assim recebes? Assim tratas, a quem assim adoras? Mas não é muito que toda esta dureza de corações experimentasse Christo naquelle mesmo povo, que d'ahi a cinco dias teve vozes para bradar: *Crucifige eum*, e mãos para o pregar em uma cruz. Vêde se terá razão o mesmo Christo, para lhe dizer a todos no dia do Juizo: *Esurivi, et non dedistis mihi manducare.* E haverá christão em Lisboa, que vendo e reconhecendo a Christo no pobre faminto, não tire o bocado da bocca para o sustentar? Que vendo-o despido, se não dispa para o vestir? Que vendo-o encarcerado, ou captivo, se não venda para o resgatar? Que vendo-o peregrino, e sem abrigo, o não receba não só em sua casa, mas o não metta dentro no coração, e o sirva de joelhos? O que assim o faz, é christão: o que assim o não fizer, nem tem christandade, nem fé.

Mas passando á esperança: assegurem-se os que fizerem obras de misericordia, e soccorrerem aos pobres, segundo a sua possibilidade, que todos naquelle ultimo dia estarão á mão direita de Christo, e que para elles estão guardadas aquellas ditosissimas palavras: *Venite benedicti, et possidete regnum: esurivi enim, et dedistis mihi manducare.* E em que se funda a certeza desta esperança? Tanto nestas mesmas palavras, como nas contrarias: e nas contrarias ainda com maior evidencia. Notae muito a prova. Aos da mão esquerda

---

[1] *Math.*, XXI, 9.

dirá o mesmo Christo: *Ite maledicti in ignem æternum: esurivi enim, et non dedistis mihi manducare, etc.* Ide, malditos, ao fogo eterno, porque me não déstes de comer no pobre, porque me não vestistes no pobre, porque me não remediastes em todas as outras necessidades no pobre: logo se vós acudistes e remediastes nas mesmas necessidades ao pobre, e nelle a Christo, evidente e infallivelmente se segue, que não póde cahir sobre vós tal sentença porque faltaria Christo á sua verdade, e não seriam verdadeiras as culpas pelas quaes vos condemnasse. Tanto assim, que, se por impossivel o supremo Juiz vos quizesse comprehender na mesma sentença, tereis legitimos embargos com que aggravar della. Vão os embargos. Provará que em tal dia deu de comer a taes pobres: provará que em tal dia, estando despidos, os vestiu: provará que em tal dia, estando enfermos, os visitou: provará que em tal dia, estando encarcerados, ou captivos, os poz em liberdade, e os mesmos pobres, que tambem estarão presentes, o não poderão negar: logo impossivel é, não digo que a misericordia de Christo, senão que sua mesma justiça lhes não receba os embargos.

E porque sem embargo delles se não possa por outra via confirmar a sentença, fundando-se nos peccados que commetteu cada um (dos quaes porém se não faz menção no relatorio della) provarão tambem *ex-superabundanti*, que os peccados commettidos não teem direito, nem logar na causa dos que remediaram os pobres: e allegarão não outros textos, senão os da mesma Lei de Deus. Em Tobias allegarão o Texto: *Quoniam eleemosyna ab omni peccato, et à morte liberat, et non patietur animam ire in tenebras:* [1] Que a esmola livra de todo o peccado, ainda que fosse mortal, e não consente que a alma vá ao inferno. Em Jesus Sirac allegarão o Texto: *Ignem ardentem extinguit aqua, et eleemosyna resistit peccatis:* [2] Que assim como a agua apaga o fogo, assim a esmola extingue os peccados. Em Daniel allegarão o Texto: *Peccata tua eleemosynis redime, et iniquitates tuas misericordiis pauperum:* [3] Que a es-

[1] *Tob.*, IV, 11.
[2] *Eccl.*, III, 33.
[3] *Dan.*, IV, 24.

mola resgata dos peccados, e a misericordia com os pobres das maldades commettidas. Em David allegarão o Texto: *Beatus qui intelligit super egenum, et pauperem, in die mala liberabit eum Dominus:* [1] Que o que tem cuidado de acudir e remediar ao pobre e necessitado, no dia do Juizo o livrará Deus. E finalmente, sobre todos, pedirão ao mesmo supremo Juiz Christo, que juntamente é juiz e advogado nosso, se allegue a si mesmo o seu Texto universalissimo, em que não poz limitação alguma: *Quod superest date eleemosynam, et omnia munda sunt vobis:* [2] Por remate de contas, dae esmola, e ficareis purificados de todas vossas culpas. E que poderá, ou que poderia responder Christo no caso negado que a sua sentença de condemnação se houvesse de estender aos que remediaram aos pobres, pelos peccados que commetteram? Não ha duvida que no tal caso, aceitando os embargos, responderia o que em nome e pessoa do mesmo soberano Juiz escreve Santo Agostinho: *Difficile est, ut si examinem vos, et appendam vos, et scruter diligentissime facta vestra, non inveniam unde vos damnem:* [3] Difficultosa coisa é, que se eu diligentemente examinasse vossas consciencias, e vossas obras, não achasse bastantes causas para vos condemnar: *Sed ite in regnum, esurivi enim, et dedistis mihi manducare: non ergo itis in regnum, non quia non peccastis, sed quia peccata vestra eleemosynis redemistis:* Mas ide ao reino do céu, porque tive fome e me déstes de comer: e entendei que se vos salvastes, não foi porque não peccastes, senão porque com as vossas esmolas remistes os vossos peccados. Isto é não o que dirá, se não o que diria no dia do Juizo, quando por parte de nossos peccados se embargasse a sentença do reino do céu aos favorecedores dos pobres.

Acabemos pois por onde começamos: *Beati pauperes:* Bemaventurados os pobres: *Beati misericordes:* Bemaventurados os misericordiosos: e bemdita, e para sempre louvada a providencia e bondade divina e humana daquelle soberano Senhor, que sacramentando-se em

1 *Psalm.* XL, 2.
2 *Luc.*, XI, 41.
3 Aug. Ser. 33 de divers.

pão para nos sustentar a nós, se quiz tambem sacramentar nos pobres, para que nós o sustentassemos a elle; e por meio da pobreza de uns, e misericordia de outros, sem embargo de sermos peccadores, nos franqueasse nesta vida as portas de sua graça, para que achemos abertas na vida eterna as da gloria: *Quam mihi, et vobis præstare dignetur Dominus Deus Omnipotens, etc.*

SERMÃO

AO

ENTERRO DOS OSSOS

DOS ENFORCADOS *

Prégado na Igreja da Misericordia da Bahia, no Anno de 1637. em que ardia aquelle Estado em guerra *

Misericordia, et veritas obviaverunt sibi, justitia, et pax osculatæ sunt. [1]

I

Esta dobrada união de virtudes que David prometteu ao mundo, quando nelle se vissem tambem unidas a natureza divina com a humana, são as duas partes, de que religiosamente se compõe todo este apparato funebre, que entre horror e piedade, temos presente. Despojos da justiça, tropheus da misericordia. Vêde com que differentes procissões, e com que diversos acompanhamentos, estes mesmos homens vivos foram levados pela justiça, ao logar infame do supplicio, e mortos são trazidos pela misericordia, com tanta honra ao da ecclesiastica sepultura. Alli pagaram o que mereciam os delictos, aqui recebem o que se deve á humanidade. Diz pois David, que naquelles tempos ditosos, sahindo a se encontrar a misericordia e a justiça, a justiça se abraçou com a paz, e a misericordia com a

---

* E' um dos Sermões, commenta Honorati, mais engenhosos e eloquentes com que Vieira na sua mocidade estreiou a carreira da prégação.

[1] *Psalm.* LXXXIV.

verdade: *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi, justitia, et pax osculata sunt.* [1]

Abraçaram-se a justiça e a paz e foi a justiça a primeira que concorreu para este abraço: *Justitia et pax.* Porque a justiça não é a que depende da paz (como alguns tomam por escusa) senão a paz da justiça. Faça a justiça aquella justa guerra, de que estes ossos são os despojos, e delles nascerá a suspirada paz, cuja falta padecemos ha tantos annos. No nascimento de Christo annunciaram os Anjos paz aos homens: *Et in terra pax hominibus.* [2] E donde lhe havia de vir essa paz aos homens e á terra? Não precisamente do rei pacifico, que nascia, senão da justiça, que em seus dias havia de nascer: *Orietur in diebus ejus justitia, et abundantia pacis.* [3] Nascerá em seus dias a justiça (diz o Propheta) e então haverá grande colheita de paz; porque a paz são os fructos da justiça. Toda a republica em todo o tempo ha mister paz, e a nossa no tempo presente dobrada paz: paz interior contra os inimigos de dentro: paz exterior contra os de fóra; e uma e outra teremos, se a justiça a cultivar como deve. Vêdes aquelles ossos desenterrados? Pois aquella é a semente de que nasce a paz. A justiça semea-os no ar, e a paz colhe-se na terra. Absalão, quer dizer: *Pax patris.* [4] Paz de seu pae; mas não foi paz de seu pae estando vivo, senão depois de morto enforcado: vivo fez-lhe cruel guerra, enforcado deu-lhe a paz de todo o reino. Se houvera justiça que enforcara Absalões, eu vos prometto que dentro e fóra não houvera tantas guerras. O maior exemplo de justiça, que viu o mundo, foi o do diluvio: e que se seguiu depois delle? A paz, que trouxe a pomba a Noé no ramo da oliveira. As aguas do diluvio não arrancaram, nem seccaram a oliveira, antes a regaram. Debaixo dellas se conservou inteira e verde, [5] porque debaixo dos grandes e exemplares castigos, cresce e reverdece a paz.

Para mim o primeiro signal della, não foi o da

---

1 *Psalm.* LXXXIV, 11.
2 *Luc.*, II, 14.
3 *Psalm.* LXXI, 7.
4 *2.º Livr. dos Reis,* XIX, 1.
5 *Gen.*, VIII, 11.

pomba, senão o do corvo. Sahido o corvo da arca poz-se a comer e cevar nos corpos afogados do diluvio; e quando se dá carne de justiçados aos corvos, segura está a paz do mundo: se o corvo trouxera á arca uma daquellas caveiras, tanto e mais se pudéra assegurar della Noé, que da oliveira da pomba. Nunca Jérusalem gosou maior paz que no tempo d'El-rei Salomão; mas essa não estava só no Olivete, senão no Calvario. Assim o prophetizou ao mesmo Salomão seu pae, fallando da felicidade do seu reinado: *Suscipiant montes pacem populo, et colles justitiam.* [1] Os montes trarão a paz ao povo, e os oiteiros a justiça. E porque os oiteiros a justiça e os montes a paz? Porque em Jérusalem havia um monte mais alto, coberto de oliveiras, que era o Olivete, e outro oiteiro ou monte mais baixo, coberto de caveiras, que era o Calvario, onde se justiçavam os delinquentes. E quando os oiteiros, como o Calvario, com as suas caveiras, mostram a justiça; os montes, como o Olivete, com as suas oliveiras, annunciam a paz: *Suscipiant montes pacem, et colles justitiam.* [2] Oh como veriamos esses montes coroados de paz, se se vissem estes oiteiros semeados de justiça! Mas nós esquecidos desta regra (que tambem é militar) todos nos occupamos em fortificar e presidiar oiteiros e montes. Que importa que estejam presidiadas as fortalezas, se estão desguarnecidas as forças? Aquellas são as que nos hão defender da Justiça Divina, que só vem do céu quando falta na terra. O imperador Maximiliano, quando via uma forca, tirava-lhe o chapeu, porque estas (dizia) são as que me sustentam em paz o meu imperio. Por isso diz David como propheta, e tambem o pudéra dizer como rei, que a justiça e a paz se abraçaram: *Justitia, et pax osculatæ sunt.*

Tenho declarado uma das partes do thema, que sendo tão propria do tempo, tambem não foi alheia do logar e do acto presente, pois é de misericordia que suppõe justiça; para discorrer mais largamente sobre a segunda e principal, é-nos necessaria maior graça. *Ave Maria.*

---

[1] *Psalm.* LXXI, 3.
[2] *Ibid.*

II

Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.

Um dos mais prodigiosos casos com que o céu assombrou a terra e as nossas terras, foi o memoravel terramoto da ilha Terceira, não muitos annos antes deste. Arruinou, subverteu e arrazou totalmente a villa, chamada da Praia; mas foi muito mais notavel, pelo que deixou em pé, que pelo que derrubou. Unicamente ficaram inteiras e sem lezão estas tres partes, ou peças daquelle povo: a cadèa publica, a casa da misericordia, e o pulpito da Igreja maior. Oh Providencia Divina, sempre vigilante, ainda nos casos que parecem e podem ser da natureza! Aquellas tres excepções tão notaveis, não foram sem grande mysterio: e todos os que as viram, o notaram e reconheceram logo. No carcere o reconheceram a justiça, no hospital a misericordia, e no pulpito a verdade. Como se nos prégara Deus aos portuguezes e mais aos das cidades e praças maritimas (como esta é e aquella era) que por falta de justiça, de misericordia e de verdade, se vêem tão destruidas e assoladas as nossas Conquistas; e que só se póde defender, conservar e manter em pé sobre tres columnas: com verdade, e com misericordia, e com justiça: da justiça, basta o que fica dito; da misericordia e verdade, diremos agora.

Misericordia, et veritas obviaverunt sibi. Conteem estas palavras, senhores, um documento notavel, e muito digno de o notarem e advertirem todos os que nesta illustrissima communidade com nome e com as obras professam misericordia. Prophetisa e canta David, como maravilha e excellencia propria da Lei da graça, que nos tempos della (que são estes nossos) a misericordia e a verdade se concordariam, se abraçariam, e se uniriam entre si. Isto quer dizer: *Obvia verunt sibi.* E é notavel dizer. As virtudes não são como os vicios. Os vicios, ainda que se ajuntem no mesmo sugeito, e para o mesmo fim, sempre vão atados ao revez como as rapozas de Samsão, sempre des-

encontrados e inimigos. Não assim as virtudes. As virtudes conservam tal irmandade e harmonia entre si, que sempre estão unidas e concordes: e entre todas as virtudes, a nenhuma é mais intrinseca esta união, que á verdade, porque a virtude que não é juntamente verdade, não é virtude. Como diz logo David, e como celebra por maravilha, propria da Lei de Christo, que a misericordia se ajuntaria com a verdade, e a verdade com a misericordia: *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.* Uma coisa diz David, outra suppõe, e ambas certas. Diz que a misericordia e a verdade se haviam de encontrar e unir, porque assim o manda Christo; e suppõe que a misericordia e a verdade, podiam andar desencontradas e desunidas, porque assim acontece muitas vezes. Nem tudo o que parece misericordia é misericordia e verdade. Ha misericordias, que são misericordias e mentiras. Parecem misericordias, e são respeitos: parecem misericordias, e são interesses: parecem misericordias e são outros affectos tão contrarios desta virtude como de todas.

Quem ouvisse dizer a Judas: *Ut quid perditio hæc? Potuit enim istud venundari multo, et dari pauperibus.* [1] Para que é desperdiçar assim este unguento tão precioso? Melhor fôra vendel-o por muito dinheiro, e matar com elle a fome a muitos pobres. Quem ouvisse isto a um Apostolo, havia de dizer que era vontade de fazer bem, que era espirito de caridade, que era impulso e affecto de misericordia. Mas o Evangelista S. João, que lhe conhecia o animo, vêde que differentemente nol-o pintou e despintou: *Dixit autem hoc, non quia de egenis pertinebat ad eum, sed quia fur erat, et loculos habens.* Não dizia isto Judas, porque tratasse dos pobres, senão porque tratava de si. As palavras pareciam de um Apostolo, mas os intentos eram de um ladrão: era cubiça em habito de piedade, era ladroice com rebuço de misericordia: *Quia fur erat, et loculos habens.* Eu não quero applicar, faça-o cada um comsigo, se achar por onde. Vamos a outro exemplo de gente mais honrada, e de materia mais perigosa.

Sahiu Abrahão peregrino de sua patria, fez assento em Egypto com toda sua familia, e não se tinham pas-

[1] *Math.*, XXVI, 9.

sado muitos dias, depois que chegára, quando já era um dos mais ricos e poderosos do logar: tinha muitos campos, muitos gados, muitos escravos, liberalidades tudo do rei e moradores daquella terra. Quando isto li a primeira vez, comecei a murmurar de nossos tempos, e a dizer commigo: esta sim que é caridade, esta sim que é misericordia? Remediar com tanta presteza um homem peregrino, soccorrer com tanta abundancia uma familia desterrada, não se faz assim entre vós com os retirados de Pernambuco. Li por diante, e tudo o que ouvistes, nada era menos, que aquillo que apparecia. Parecia piedade, eram respeitos: parecia misericordia, e eram interesses. Digamol-o mais claro. Parecia caridade e era amôr. Todas estas enchentes de bens, corriam á casa de Abrahão, não por amôr de Abrahão senão por amôr de Sara, e não porque era peregrina Sara, senão porque a formosura de Sara era peregrina: *Scio, quod pulchra sis mulier: Abram benè usi sunt propter illam.* [1]

De sorte (como dizia) que nem tudo o que parece misericordia, é misericordia e verdade, senão muitas vezes misericordia e mentira. Em Judas o zelo dos pobres parecia misericordia, e era cubiça: em Pharaö o agazalho dos peregrinos parecia misericordia, e era lascivia: e se estes defeitos se acham em misericordias coroadas, ou com a corôa sacerdotal, como era a de Judas, ou com a corôa real como a de Pharaö, menos maravilha seria que se possam achar nas misericordias de outros sugeitos, onde os da menor condição, e os da maior, todos são inferiores. Com ser, porém assim, que em muitas acções e obras de misericordia, a misericordia e a verdade andam desencontradas (de que póde ser que nesta mesma casa e dentro destas santas paredes, assim nas eleições dos officios, como no exercicio delles haja menos antigos e mais palpaveis exemplos) deixados elles á consideração e consciencia do tribunal a quem toca, e vindo ao acto presente, como proprio deste dia, digo, senhores, que entre todas as obras de misericordia, que, ou publica ou privadamente professa o vosso instituto, esta é singularmente aquella em que a misericordia e a verdade se

[1] *Gen.*, XII, 11 e 16.

acham juntas. Nas outras obras de misericordia póde ir a misericordia por um caminho e a verdade por outro; nesta não é assim. Por mais desencontradas e mais longe que andassem uma da outra, aqui se encontram, aqui se abraçam, aqui se unem: *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

E para que se conheça a Irmandade da Misericordia, quanto digo nisto que digo, oiçamos ao mesmo David, não já fallando da misericordia humana, mas da divina. O maior prégador da misericordia entre todos os Prophetas foi David. E todas as vezes em que elle (como eu agora) se achava em algum grande auditorio, o que prégava da misericordia de Deus é, que sempre andou junta com a verdade: *Non abscondi misericordiam tuam, et veritatem tuam à concilio multo.* Como rei, que tanto devia á misericordia divina, e como propheta que tão bem a conhecia, sempre a trazia na bocca, mas sempre junta com a verdade. Se fallava com Deus, misericordia e verdade: *Misericordia, et veritas præcedent faciem tuam.* [1] *Domine in cœlo misericordia tua, et veritas tua usque ad nubes.* [2] Se fallava de Deus, misericordia e verdade: *Misericordiam, et veritatem diligit Deus:* [3] *Universæ viæ Domini misericordia, et veritas.* [4] Se nos exhortava a louvar a Deus, misericordia e verdade: *Laudate Dominum omnes gentes, quoniam confirmata est super nos misericordia ejus, et veritas Domini manet in æternum.* [5] *Non nobis Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam; super misericordia tua, et veritate tua.* Mas porque insistia tanto David nos louvores de Deus, em ajuntar sempre a verdade com misericordia? Porque é tão grande prerogativa, tão alta e tão divina a união da misericordia com verdade, que entre todos seus attributos, de nenhum se preza nem gloría mais Deus que desta união. O mesmo Deus o revelou assim a David, e o mesmo David a nós: *Super misericordia tua, et veritate tua, quoniam magnificasti super omne nomen sanctum*

1 *Psalm.* LXXXVIII, 15.
2 *Ibid.*, XXXV, 6.
3 *Ibid.*, LXXXIII, 12.
4 *Ibid.*, XXIV, 10.
5 *Ibid.*, CXVI, 1 e 2.

tuum. [1] Quiz Deus magnificar e engrandecer o seu nome, quiz tomar para si um nome, que fosse sobre todo o nome, e o nome que elegeu entre todos seus attributos, foi misericordia e verdade. A seu Filho deu Deus um nome sobre todo o nome: *Et dedit illi nomen super omne nomen:* [2] e para si tomou tambem um nome sobre todo o nome: *Magnificasti super omne nomen sanctum tuum.* E assim como o nome de Christo sobre todo o nome é Jesus: *Ut in nomine Jesu omne genu flectatur:* Assim o nome de Deus sobre todo o nome, é misericordia e verdade: *In misericordia tua, et veritate tua.* Não misericordia e justiça, não misericordia e sabedoria, não misericordia e omnipotencia, não misericordia e immensidade, senão misericordia e verdade: e se a união da verdade com a misericordia, é tão sobreexcellente e tão sobredivina na misericordia de Deus, vêde que será, e qual será na misericordia humana! Pois isto é, senhores, o que eu digo desta acção da misericordia que temos presente: *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

III

E se me perguntaes o fundamento desta tão gloriosa e quasi divina singularidade? Respondo, que por duas razões, ambas tambem presentes; uma geral, outra particular. A primeira e geral, porque é obra de misericordia, feita a homens mortos: A segunda e particular; porque é feita a mortos justiçados e tirados da forca.

Começando pela primeira: então se une a misericordia com a verdade, quando a obra de misericordia é tão verdadeira e pura, que não tem mistura de outro affecto, que a vicie, nem liga de outro motivo ou respeito, que a falsifique: E taes são as obras de misericordia, que se exercitam com os mortos. Quando Judas condemnou a uncção da Magdalena, acudiu o Divino Mestre a emendar a censura do mau discipulo, dizendo e ensinando a toda a sua escola que aquella obra fôra bôa: *Opus enim bonum operata est in me.* [3]

---

1 *Ibid.*, CXXXVII, 2.
2 *Phil*, II, 9.
3 *Math.*, XXVI, 10.

Em dizer o Senhor absolutamente, que a obra fôra bôa, qualificou e deferiu, que era livre de todo e qualquer defeito, que a podesse viciar, porque *bonum ex integra causa, malum ex quocumque defectu.* Agora pergunto: E porque foi absolutamente bôa e pura aquella obra, e não só livre dos defeitos que lhe oppunha a calumnia de Judas, senão de todo o defeito? Eu cuidava que nas mesmas palavras de Christo estava a verdadeira razão: não só disse o Senhor: *Opus bonum operata est;* mas acrescentou: *In me:* em mim. E como aquella obra fôra feita em Christo, a Christo e por Christo, parece que não havia mister outra coisa, nem outra prova, para ser qualificada por boa e puramente bôa: *Opus bonum.* Assim o cuidava eu, e creio que o cuidaram todos; mas não foi esta a razão, com que o Senhor provou a bondade e pureza da obra, senão outra muito mais secreta, que ninguem podia imaginar, verdadeiramente admiravel e profundissima: *Mittens hæc unguentum hoc in corpus meum ad sepeliendum me fecit.* Os unguentos preciosos e aromaticos naquelle tempo uzavam-se para ungir os mortos, e tambem os vivos. Os vivos por delicia, os mortos para a sepultura. Responde pois Christo a Judas: Vês este unguento que derramou a Magdalena sobre mim, e de que tu tanto te escandalizas? Pois has de saber que ella não me ungia por delicia como vivo, senão para a sepultura como morto. Quando meu corpo estiver morto no sepulchro, ha-me de querer ungir a Magdalena, e não ha de poder: e porque a sua devoção merece que eu não deixe de receber este ultimo officio de piedade, por isso com moção, e instincto divino me veiu ungir anticipadamente, para prevenir em meu corpo esta cerimonia de defunto: *Prævenit ungere corpus meum.* [1] De sorte (notae agora) que para Christo haver por provado que aquella obra era absolutamente bôa, e livre de todo o respeito e defeito humano, não bastou referir que era feita a elle, como todos estavam vendo; mas foi-lhe necessario revelar o mysterio, que só o mesmo Senhor e a Magdalena entendiam, e declarar que o não ungiu como vivo, senão como morto: *Opus bonum operata est, ad sepeliendum me fecit.*

[1] *Marc.*, XIV, 8.

Tanto vae nas obras de misericordia serem feitas a mortos, ou a vivos, ainda que o vivo seja o mesmo Christo. Se fôra obsequio feito a Christo vivo, podéra arguir a especulação, e suspeitar a malicia, ou murmurar e calumniar algum defeito apparente, que, quando menos, o puzesse em duvida; mas como era obra de misericordia, exercitada com um corpo morto, e para lhe dar sepultura, irrefragavelmente ficou demonstrando que era verdadeira e pura misericordia, ou, fallando nos termos, que era misericordia e verdade: *Misericordia et veritas.*

O fundamento solido e claro desta philosophia, é porque os motivos que podem viciar a pureza, e falsificar a verdade das obras da misericordia, são outros respeitos humanos, e na dos mortos não ha respeitos. Ponhamos o exemplo nos mais respeitados, e os mais respeitosos do mundo, que são os reis, e os que andam mais chegados a elles. Morreu El-rei Herodes, aquelle que logo em seu nascimento quiz tirar a vida a Christo, e obrigou-o a fugir ao Egypto; e tanto que morreu, appareceu o Anjo a S. José, e disse-lhe que seguramente podia tornar para as terras de Israël: *Defuncti sunt enim qui quærebant animam pueri.* [1] Porque já eram mortos os que perseguiam o Menino. Este *porque* do anjo, parece que foi mais largo do que havia de ser. O evangelista diz que só morrêra Herodes: *Defuncto Herode.* Pois se o que morreu foi só Herodes, perseguidor de Christo, como diz o Anjo, que morreram todos os que o perseguiam? Porque com a morte dos reis, morrem todos os respeitos que os acompanham na vida. Herodes perseguia a Christo por respeito da corôa, os demais perseguiam-no por respeito de Herodes; e como morreu Herodes, tambem morreram com elle todos esses respeitos.

E diz o Anjo angelicamente, não que morreram os respeitas, senão que morreram os respeitosos, ou respectivos, isto é, os familiares de Herodes, para que se desenganem todos os mortaes, de quão pouco se devem fiar os mortos dos vivos. Em algumas nações da India, quando morrem reis, matam-se juntamente com elles os seus criados e validos. Cá não se matam, mas tam-

[1] *Math.*, II, 20.

bem morrem. Morrem para elles, e vivem (como sempre viveram) só para si. E se isto succede aos reis, que será d'alli abaixo? Desenganemo-nos, pois, que para os mortos não ha vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode: defuncti sunt enim.* Atae as palavras do Evangelista com as do Anjo, e notae muito aquelle *enim.* Morrem os vivos com os mortos, sem outro achaque, nem porquê, senão porque elles morreram. Não morreria muito tresuariado, e fóra de si, quem nomeasse por seu testamenteiro um morto? Pois assim o fazem os que na morte encommendam os descargos de sua alma aos vivos. Até os que na vida morriam por vós, na morte morrem comvosco. Vêde-o nos filhos para com os paes, e irmãos para com os irmãos, e, o que é mais que tudo, nos amigos para com os amigos. O par maior de amigos que lemos na Escriptura (que os outros são fabulosos) foram Jonathas e David. Morreu Jonathas, ficou David vivo, e tudo o que fez por elle, foi tirar a fazenda a seu filho, e compôr um soneto ou uma canção á sua morte: *Doleo super te, frater mi Jonatha, decore nimis, et amabilis super amorem mulierum. Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligebam.* [1] Reparae no *diligebam:* amava. Elle mesmo confessa e diz, não que ama, senão que amava, porque com a morte de Jonathas, morreu tambem o amôr de David. Fiae-vos lá de amigos, e mais dos mais discretos! O que podeis esperar, quando muito, da sua memoria, ou do seu entendimento, é uma folha de papel com quatorze versos: melhor fôra uma bulla de defuntos.

Mas tornando a Herodes, e á declaração dos respeitos, porque na sua morte morreram com elle todos os seus; é de saber que este Herodes, por sobrenome Ascaloníta, foi o homem que por todas as artes e manhas soube melhor ganhar, sujeitar, e unir a si os animos dos homens. Como era intruso na corôa, e reinou quarenta e dois annos, sempre com receio de que o privassem do reino, a uns grangeava com favores e mercês, como rei, a outros sujeitava com rigores e castigos, como tyranno. E por este modo dominava de tal sorte a todos, que não havia no seu reino mais que

[1] *2.º Livr. dos Reis,* I, 26.

uma só vontade, que era a sua. Bem se viu na entrada dos Magos em Jérusalem, com voz de outro rei: *Turbatus est Herodes.* [1] Turbou-se Herodes: *Et omnis Hierosolyma cum illo.* E todos por elle, e com elle. E assim como todos viviam com elle, quando vivo, assim todos morreram com elle, quando morto. Em quanto vivo, uns viviam com elle pelo beneficio, outros pelo medo: tanto que morreu, morreram tambem todos com elle, porque nenhuns tinham já que temer, nem outros que esperar. Esta é a maior miseria dos mortos, serem gente que não póde fazer bem nem mal. E porque com elles morrem, e se acabam todos os respeitos e dependencias, porque se governam os affectos humanos, por isso, assim como nelles aquella é maior miseria, assim para com elles, esta é a maior misericordia. Misericordia sem respeito, misericordia sem dependencia, misericordia sem motivo algum, que não seja pura misericordia, e por isso, emfim, misericordia e verdade. *Misericordia et veritas.*

Não sou muito amigo de auctoridades, porque raramente se podem ajustar com quem disser o que não está dito. Oiçamos porém a de Santo Ambrosio, que melhor e mais altamente que todos tocou este ponto. Naquelle seu famoso livro, que intitulou de *Officiis*, fallando da sepultura dos mortos, diz que entre todos os beneficios que póde fazer a piedade humana, este é o mais excellente: *Nihil hoc officio præstantius.* Outros diziam que maior beneficio, e maior obra de misericordia, é sustentar os pobres, e remir os captivos, porque a uns dá-se vida, e a outros liberdade. Comtudo, este grande Doutor da Igreja, e mestre de Santo Agostinho, diz que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o beneficio, é o mais excellente de todos, e dá a razão: *Nihil hoc officio præstantius, ei conferre, qui tibi jam non potest reddere.* E' (diz) o mais excellente de todos, porque é o beneficio feito a quem o não póde pagar: eu accrescentára, nem dever. E' fazer bem a quem vos não póde fazer bem: eu accrescentára, nem mal. E' obra de que se não espera agradecimento: eu accrescentára, nem queixa. E' finalmente compadecer-me eu, e remediar a quem não padece a miseria,

[1] *Math.*, II, 3.

nem sente o beneficio, que isto é ser morto. O bem que se faz aos vivos (como bem sabem os que o fazem, e não ignoram os que o recebem) póde-o negociar o interesse, póde-o sollicitar a dependencia, póde-o violentar o respeito: e nada disto se póde esperar de uns ossos sêcos, nem temer de umas cinzas frias: logo a sepultura dos mortos é o maior officio de piedade, como diz Ambrosio: logo a sepultura dos mortos é misericordia e verdade, como nós dizemos, porque é misericordia pura e limpa de toda a outra attenção, e nua como a verdade, de todo o respeito. Mas concluamos com a Escriptura, que é só a que diz tudo.

Considera David o estado dos mortos, e admirado de que tambem delles tenha providencia Deus, exclama, ou pergunta assim: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* [1] E' possivel, Senhor, que com os mortos, que já não teem ser, ha de ser tão cuidadosa a Vossa Providencia, que faça por elles maravilhas? Não se poderá exaggerar mais, nem encarecer melhor, quão grande coisa é fazer bem aos mortos, e lembrar delles; pois um propheta que sabia e conhecia de Deus mais que todos, chega a chamar a esta obra milagre da Divina Bondade, e não só o venera com tanta admiração, mas quasi parece que o duvida: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* Ora saibamos em que topava esta admiração, e difficuldade de David, e que maior ou menor razão achava nos mortos que nos vivos, para ser mais maravilhosa nelles a Providencia e Bondade Divina. O mesmo David se declarou respondendo a uma pergunta com outra pergunta, e amplificando um *nunquid* com outro *nunquid: Nunquid narrabit aliquis in sepulchro misericordiam tuam, et veritatem tuam in perditione?* [2] E' possivel que se hão de contar exemplos da vossa misericordia na sepultura, e da vossa verdade na perdição? Se David fizera de encommenda este verso, não viera mais de molde ao que dizemos. Primeiramente chama á misericordia verdade, e á sepultura perdição: e logo põe a misericordia na sepultura: *Misericordiam in sepulchro:* e a verdade na perdição: *Et veritatem in perditione.* Porque em ser a sepultura perdição, con-

1 *Psalm.* LXXXVII, 11.
2 *Ibid.*, 12.

siste o ser a misericordia verdade. Ora vêde: Lá disse com alta philosophia Seneca, que a verdade do bem fazer, não consiste em dar o beneficio e perdel-o senão em o perder e dal-o: *Beneficium est non dare, et perdere, sed perdere, et dare.* Dar o beneficio e perdel-o, é caso que succede muitas vezes, ou por imprudencia de quem o dá, ou por impossibilidade, ou por avareza, ou por ingratidão de quem o recebe, e neste caso a boa obra não é beneficio, é ignorancia ou desgraça. Pois quando é verdadeiro beneficio a obra boa? Quando quem a faz, sabe que a perde, e comtudo a faz. E taes são os beneficios que se fazem aos mortos. Como os mortos não sentem, nem conhecem o beneficio que se lhes faz, e ainda que o conheceram, não o podem agradecer nem pagar, tudo o que se faz aos mortos, é como se se perdêra, e por isso a sepultura se chama perdição: *In sepulchro, in perditione.* E comtudo, que sendo a sepultura perdição, haja comtudo misericordia tão alheia, e tão limpa de todo o interesse, que não só dê sepultura aos mortos, mas sepultura tão nobre e tão honrada, como a que temos presente, com tão longo, e tão illustre acompanhamento, com tanta pompa de luzes, com tanta magestade de insignias, com tanto apparato e riqueza de tumulos, com tanto concerto e harmonia de cerimonias sagradas, de ministros, de suffragios, e de offícios ecclesiasticos; estas são as maravilhas da misericordia, da que David parece que duvidava, e se admira: *Nunquid mortuis facies mirabilia?* E esta é aquella pura misericordia, que por não ter mistura alguma de outro affecto ou respeito, se chama em Deus e nos homens misericordia e verdade: *Misericordiam tuam in sepulchro, et veritatem tuam in perditione. Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

IV

Está dada a primeira e geral razão, mas não basta, porque tem sua replica. Passemos á segunda, e particular, que a não tem, nem póde ter. Basta absolutamente ser a obra de misericordia feita a mortos, por ser misericordia e verdade, se verdadeiramente se faz aos mortos, como a mortos. Mas alguma vez, e muitas,

não basta, porque muitas vezes são servidos e honrados os mortos, não por si, mas por respeito dos vivos. E isto não é misericordia e verdade, senão hypocrisia e mentira sem misericordia. Não vêdes nas mortaes e funeraes, principalmente dos grandes, os concursos e assistencias de todos os estados, que se fazem áquelles perfumados cadaveres, de cujas almas por ventura se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis que cuidamos que o fazeis por piedade dos mortos. Todos sabemos, tão bem como vós, que são puras cerimonias e lisonjas, com que incensaes os vivos.

Ia Christo chegando ás portas de Naïn, quando vinha sahindo a enterrar com grande pompa, e acompanhamento de toda a cidade, um moço, filho unico de uma mãe viuva, a qual tambem com muitas lagrimas seguia a tumba. Descreve o Evangelista S. Lucas este encontro por occasião de um famoso milagre que o Senhor alli obrou, e diz desta maneira: *Ecce defunctus efferebatur, filius unicus matris suæ: et hæc vidua erat: et multitudo copiosa plebis cum illa.* [1] Sahia a enterrar um moço, filho unico de sua mãe, a qual era viuva, e ia grande multidão do povo com ella. Não sei se reparaes nos termos. Não diz o Evangelista que os que acompanhavam o defunto iam com elle, senão com ella: *Cum illa.* Parece que havia de dizer que o acompanhamento ia com o filho, e não com a mãe, porque o filho era o defunto, e a mãe viva; mas por isso mesmo disse que iam com ella, e não com elle: *Cum illa;* porque ordinariamente o que parece que se faz aos defuntos, faz-se aos vivos. Se fôra a defunta a mãe, o acompanhamento havia de ir com o filho, mas porque o defunto era o filho, o acompanhamento ia com a mãe. Por mais que sejam funeraes os obsequios, aos vivos é que se fazem, e não aos mortos. Ouvis aquelles responsos de corpo presente tão concertados e tão sentidos? Pois não se rezam aos defuntos, cantam-se aos vivos. Por isso os de Naïn no enterramento do filho da viuva, iam com ella, e não com elle. O filho era o defunto, e a mãe a acompanhada. Os da tumba levavam o morto, os do acompanhamento levava-os a viva. Elle ia para a sepultura, e elles não iam com quem ia, iam com quem ficava.

[1] *Luc.*, VII, 12.

Se isto é o que passa nas cidades pequenas, como a de Naïn, que será nas grandes côrtes, onde é tamanha a lisonja dos vivos, como o esquecimento dos mortos? Ponhamos-nos na de Memphis. Morreu Jacob, pae de José, no Egypto, e depois morreu tambem José na mesma côrte. Mas é digno de admiração e de pasmo, o modo com que se portaram os Egypcios em uma e outra morte. Na de Jacob duraram os prantos e as exequias setenta dias: *Flevit cum populus septuaginta dies.* [1] E porque logo se trasladou o seu corpo para a terra de Canaan, como tinha mandado, acompanharam-no até lá todos os principes, e grandes do paço de Pharaö, e todos os magistrados, e senhores do Egypto, com grandes tropas de cavallaria, e apparatos de carroças: *Ierunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, cunctique maiores natu Ægypti: habuitque in comitatu currus, et equites.* [2] Assim foram caminhando até fóra das raias do Egypto, e depois que passaram o Jordão, e chegaram ao logar do sepulchro, renovaram outra vez as exequias por espaço de sete dias, com tantas lagrimas e extraordinarios prantos, que admirados os Cananeus, puzeram por nome áquelle sitio: *Planctus Ægypti:* o Pranto do Egypto. *Ubi celebrantes exequias planctu magno, atque vehementi, impleverunt septem dies: Quod cum vidissent habitatores terræ Canaan, vocatum est nomen loci illius: Planctus Ægypti.* [3] Tão sentida, e tão magestosamente como isto celebraram os Egypcios as exequias de Jacob, pae de José. E quaes vos parece agora que seriam as do mesmo José, quando depois morreu no mesmo Egypto? De industria referi todas as palavras com que a Escriptura descreve as do pae, para que a mesma Escriptura nos diga tambem as do filho. Ouvi com assombro o que diz: *Mortuus est Joseph expletis centum, et decem vitæ suæ annis, et conditus aromatibus, repositus est in loculo in Ægypto.* [4] Morreu José de edade de cento e dez annos, e ungido como era costume dos Hebreus, o metteram em um logar do tamanho do seu corpo no Egypto. E não

---

1 *Gen.*, L, 3.
2 *Ibid.*, 7 e 9.
3 *Ibid.*, 10 e 11.
4 *Ibid.*, 26.

diz mais a Historia Sagrada, sendo estas as ultimas palavras de toda a que escreveu Moysés. E que é das exequias? Que é das lagrimas e prantos? Que é da solemnidade do enterro? Que é dos apparatos funebres? Que é dos mausoléus e pyramides egypciacas? Que é do concurso da côrte? Que é do acompanhamento e assistencia dos tribunaes, dos ministros e senhores grandes da casa de Pharaó, de que José era o maior, o mais valido, o mais respeitado e adorado, e sobre tudo o mais benemerito? Nada disto diz Moysés, sendo sem duvida que o havia de dizer se o houvera, assim como com tanta especialidade e miudeza descreveu as honras e exequias de Jacob. Pois se a Jacob só por ser pae de José, sem outro merecimento ou serviço com que tivesse obrigado aos Egypcios, lhe fazem na morte tão magnificas exequias, e tão exquisitas honras, e, o que é mais, acompanhadas de tantas lagrimas e prantos, como falta tudo isto na morte de José, na morte, outra vez, daquelle mesmo José, a quem os mesmos egypcios deram nome de redemptor do mundo, porque ao rei tinha remido e conservado o reino, e aos vassallos primeiro tinha dado a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade? Aqui vereis quanto vae de mortos a mortos, quando concorre ou falta o respeito dos vivos. Quando morreu Jacob era vivo José, e porque era vivo o filho, e tal filho, fizeram tantas honras ao pae. Pelo contrario, quando morreu José, não deixou vivo depois de si a quem os egypcios respeitassem, ou de quem dependessem; e como não havia vivos para os obsequios, não houve exequias para o defunto. Só se podiam desculpar os egypcios com José, dizendo que lhe faltaram com as lagrimas na morte, porque já lh'as tinham dado em vida. E assim foi. Nas exequias de Jacob, o chorado não era o pae, era o filho, porque não choravam os egypcios pelo morto, choravam para o vivo. Sahiam as lagrimas dos seus olhos, para que as vissem os de José; e não as exprimia a dôr, ou a saudade, senão a dependencia e lisonja; como lagrimas de figuras pintadas, que assim como se riem sem alegria, tambem choram sem tristeza.

De todo este discurso, tão provado com a Escriptura, e tão confirmado com a experiencia, se conclue sem controversia nem replica, que este acto de miseri-

cordia que temos presente, é acto puramente de misericordia e de verdade, porque é misericordia exercitada com mortos em quem não cabe dependencia nem lisonja de vivos. Que vivo ha que queira ser pae ou filho de um enforcado? E' tão feio, tão infame, e tão abominavel o supplicio da forca, que de todos estes respeitos priva e despoja aos miseraveis que nella acabam. O que hoje é a forca, era antigamente a cruz (como foi até o tempo do imperador Constantino) e fallando della S. Paulo, diz: *Maledictus omnis, qui pendet in ligno.* [1] Todo o homem que acaba a vida pendurado de um páu, é maldito. Allude o Apostolo ao Capitulo vinte e um do Deuteronomio, onde a Lei divina pronuncia a mesma maldição com palavras ainda de maior horror: *Maledictus à Deo est, qui pendet à ligno.* [2] O homem que morre em um pau, não só é maldito senão maldito de Deus. Sentença verdadeiramente horrenda, e que só se póde entender por encarecimento da infamia, e abominação de tal genero de morte. Eram condemnados a este supplicio, não todos os delictos, senão os mais graves e atrozes, como o latrocinio, o homicidio, a rebellião, a blasphemia: e não diz a lei que são malditos de Deus os ladrões, os homicidas, os sediciosos, os blasphemos, senão os que morrem pendurados de um pau: *Maledictus à Deo est, qui pendet à ligno.* Como se fôra mais abominavel a pena que a culpa, e mais mofinos e malditos os justiçados, pela infamia do supplicio, que pela atrocidade dos crimes. E como esta infamia e maldição corre pelas vêas, e se diffunde e estende aos parentes, qual haverá que a queira herdar, ou ter parte nella? Esta é a razão porque os vivos destes mortos não podem ser adulados, nem lisongeados nelles; envergonhados e affrontados, sim. Antes a maior honra e graça que se póde usar com os taes, é dissimular-lhes o sangue, e encubrir-lhes o parentesco. Por isso consideram alguns, que estando Christo na cruz, nem á Mãe chamou Mãe, nem ao primo primo, naquellas duas verbas do seu testamento, calando os nomes do parentesco, por lhes não publicar a affronta.

Mas quem mais altamente ponderou a verdade desta razão foi o propheta Isaias. Aquelle Texto: *Generatio-*

[1] *Galat.*, III, 13.
[2] *Deut.*, XXI, 23.

nem ejus, quis enarrabit: [1] a que se tem dado tantos sentidos litteraes, se bem se atar (como deve) com a relação do que fica atraz, e vae adiante, quer dizer: quem tomará na bocca sua gerçação, ou quem se prezará e jactará da ser da geração de Christo? E porque? *Quia abscissus est de terra viventium.* [2] Porque foi tirado da terra dos viventes, porque foi morto violentamente. Pois porque foi morto violentamente se haviam affrontar de sua geração? Morto violentamente foi El-rei Josias, morto violentamente Abner, mortos violentamente os famosos Macchabeus, Judas, e Eleazaro, e nem por isso se desprezava ninguem de ser de sua geração, antes se honravam muito. Como diz logo Isaias, que se haviam de affrontar os homens de ser da geração de Christo, por ser morto violentamente? Não diz isto Isaias pela morte, nem pela violencia, senão pelo genero e ignominia della, como já tinha declarado nas palavras antecedentes, isto é, porque havia de morrer violentamente em uma cruz, que era o mesmo que em uma forca: e parente e da geração de um enforcado, ninguem ha que o queira ser. As palavras em que o declarou o Propheta, são aquellas: *Vidimus eum, et non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus.* [3] Como aguda e eruditamente notou aquelle grande Expositor, a quem Hespanha tem dado modernamente o titulo de Beda, o veneravel Padre Gaspar Sanches. Assim como cá aos nossos enforcados lhes cobrem o rosto, quando os hão de lançar da forca, assim antigamente cobriam o rosto aos crucificados, não quando os pregavam na cruz, senão quando os condemnavam a ella. Quando El-rei Assuero mandou crucificar o seu valido Aman, diz o Texto que logo lhe cobriram o rosto: *Necdum verbum de ore regis exierat, et statim operuerunt faciem ejus.* [4] E quando Caiphaz e os do seu conselho condemnaram a Christo, logo tambem lhe cobriram o rosto: *Condemnaverunt eum esse reum mortis, et cœperunt quidam conspuere eum, et velare faciem ejus.* [5] E isto é o que declarou Isaias, pro-

1 *Isai.*, LV, 8.
2 *Ibid.*
3 *Isai.*, LIII, 2 e 3.
4 *Esth.*, VII, 8.
5 *Marc.*, XIV, 64 e 65.

phetisando o genero da morte de Christo, quando disse que o viram com o rosto coberto, e escondido: *Vidimus eum, et non erat aspectus, quasi absconditus vultus ejus.* E porque tinha já dito que o genero da morte havia de ser tão ignominioso e affrontoso, como era o da forca daquelle tempo, por isso acrescentou que ninguem havia de querer ser da sua geração, e não por outra causa, senão pela morte com que havia de ser tirado deste mundo: *Generationem ejus, quis enarrabit, quia abscissus est de terra viventium.*

Assim o disse Isaias, e assim o mostrou a experiencia nos que eram do sangue e geração do mesmo Christo, como notou S. Paulo: *Prædicamus Christum crucifixum, judæis quidem scandalum, gentibus autem stultitiam.* [1] Eu prégo a Christo crucificado, assim aos judeus como aos gentios, mas como lhes digo que foi crucificado, os judeus escandalizam-se, os gentios zombam. Deixemos aos gentios, vamos aos judeus. Christo era da Tribu de Judá: *De tribu Juda.* Era filho de David e de Abrahão: *Filii David, Filii Abraham.* [2] E estes mesmos paes e avós, são aquelles de quem tanto se prezavam os judeus: *Nos semen Abrahæ sumus.* Sobre tudo Christo era Filho de Deus, como elle provou aos mesmos judeus com as palavras do Psalmo: *Dixit Dominus Domino meo, sede à dextris meis.* A que elles não tiveram que responder. Pois se por todos os lados lhes estava tão bem aos judeus serem parentes de Christo, porque o não querem, porque se affrontam delle? Em que reparam os seus brios, em que tropeça a sua honra, que isto quer dizer *scandalum*? Todo o escandalo em que tropeçavam era a cruz, todo o reparo e toda a repugnancia era haver sido Christo crucificado: *Christum crucifixum, judæis scandalum.* [3] De sorte que posta de uma parte a honra da Divindade, e da outra a affronta da cruz, affrontavam-se do parentesco de Deus, só por não ser parentes de um crucificado. E como os vivos fogem e abominam tanto o ser parentes dos que tão affrontosamente morreram, por isso a obra de misericordia que se exercita com

---

1 *I.ª Epist. ad Cor.*, I, 23.
2 *Joan.*, VIII, 33 e 39.
3 *Psalm.* X, 9.

estes mortos, é livre de toda a consideração e respeito dos vivos, e como tal sem controversia, misericordia e verdade: *Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

O mesmo David, que nos deu o fundamento de tudo o que temos dito, nos dará tambem a ultima clausula e prova, pois não póde haver melhor interprete do Texto, que o mesmo auctor delle. Morreu El-rei Saül na fatal batalha dos Montes de Gelboë, e morreram juntamente tres filhos seus: o principe, e dois infantes. Ao outro dia vieram os Philisteus a recolher os despojos, e reconhecendo entre os mortos os corpos dos quatro principes, insolentes com a victoria os enforcaram barbaramente, e os deixaram pendurados das ameias nos muros da cidade de Bethsan. Assim não valem purpuras nem corôas contra os castigos que veem sentenceados pelo céu: e não ha desgraça nem miseria tão indigna a que não estejam sujeitos os que nasceram homens, por mais que os tenha levantado a fortuna sobre toda a egualdade da natureza. Desta maneira estiveram expostos aos olhos do mundo aquellas quatro grandes figuras desta grande tragedia, até que movidos á piedade os moradores de Jabés Galaad, ajudados do silencio da noite, os desceram daquelle infame logar, e lhes deram sepultura. O que agora faz ao nosso ponto, é, que agradecendo David aos de Jabés esta obra de misericordia o fez com estas palavras: *Benedicti vos à Domino, quia fecistis misericordiam hanc cum Domino vestro Saul, et sepelistis eum. Et nunc retribuet vobis quidem Dominus misericordiam, et veritatem.* [1] Muito vos louvo e agradeço (diz David) a obra de misericordia que usastes com Saül, vosso antigo senhor, com lhe dardes sepultura; e tambem vos prometto que Deus vos pagará esta misericordia e verdade. No primeiro logar, chamou a esta obra misericordia, e no segundo, chamou-lhe misericordia e verdade. E porque? Porque enterrar os defuntos é absolutamente obra de misericordia, mas enterrar defuntos enforcados como estes eram, e sem outro respeito nem dependencia de vivos (porque tambem estes tinham acabado com Saül) não só é misericordia de qualquer modo, mas misericordia e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, et veritatem.* El-rei Saül, ainda que dei-

---

1 2.º *Livr. dos Reis*, II, 5 e 6.

xou alguns filhos, assim elle como elles estavam já desherdados por Deus, e ungido para a corôa David, como era publico em todo Israël; e que não havendo vivos a quem respeitar nem adular, tivessem aquelles mortos e enforcados, quem, tirados do logar infame, lhes desse honrada sepultura, não só foi acto de misericordia, mas de misericordia e verdade, e de misericordia e verdade canonisada pelo mesmo espirito, e pelo mesmo Auctor do nosso Texto: *Retribuet vobis Dominus misericordiam, et veritatem: Misericordia, et veritas obviaverunt sibi.*

E para que acabemos um acto de misericordia tão interessada com o maior interesse que póde esperar a misericordia, saiba toda esta santa Communidade, que neste mesmo desinteresse seu, consiste o maior interesse. Não o terão com os homens, porque estes mortos não teem vivos, mas tel-o-hão com aquelle Senhor que sempre vive, e nenhumas obras mais estima e premeia, que as que os vivos exercitam com os mortos. Deus sempre premeia misericordia com misericordia, que é uma das maiores excellencias desta virtude: *Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur.* [1] Mas assim como esta obra tem de mais ser misericordia e verdade, assim premeia tambem Deus com misericordia e verdade: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, et veritatem.*

Muitas obras de misericordia premeia Deus muitas vezes com misericordia que não é misericordia e verdade. A misericordia que os esmoleres exercitam com os pobres, muitas vezes a premeia Deus com accrescentar a fazenda, que com elles se reparte: *Fœneratur Domino qui miseretur pauperis.* [2] A misericordia que os filhos exercitam com os paes, promette-lhe Deus em premio a larga vida: *Ut sis longævus super terram.* [3] A misericordia que os capitães exercitam com os inimigos, tambem lh'a remunera Deus com victorias e despojos: *Si reddidi retribuentibus mihi mala, decidam meritò ab inimicis meis inanis.* [4] Mas todas estas mise-

1 *Math.*, v, 7.
2 *Prov.*, xix, 17.
3 *Exod.*, xx, 12.
4 *Psalm.* vii, 5.

ricordias, com que Deus muitas vezes paga a misericordia, não são misericordia e verdade, porque a fazenda, a vida, as victorias, e todas as felicidades do mundo, são tão falsas e vãs como o mesmo mundo, com o qual todos acabam. Qual é logo a misericordia e verdade, com que Deus paga nesta vida? A misericordia e verdade, de que falla David, quando diz: *Et nunc retribuet vobis Dominus misericordiam, et veritatem*, é só a graça de Deus. Por isso Christo se chama cheio de graça e de verdade: *Plenum gratiæ, et veritatis.* [1] Porque nesta vida só a graça de Deus é verdade, e tudo o que não é graça de Deus, é vaidade e mentira: Mentira e vaidade as riquezas, mentira e vaidade as honras, mentira e vaidade as que tão falsamente se chamam delicias, emfim, tudo o que este mundo preza, ama e busca, mentira e vaidade. *Ut quid diligitis vanitatem, et quæritis mendacium?* [2] Oh se bem acabassemos hoje de entender esta verdade, que grande misericord a de Deus seria! E como nesta vida só a graça de Deus é verdade, esta é tambem a verdade e misericordia com que Deus paga nesta vida a misericordia, que juntamente é verdade; isso quer dizer: *Et nunc*, agora e nesta vida *retribuet vobis Dominus misericordiam, et veritatem.*

Mas porque Deus nos não fez só para vivermos neste mundo, que acaba, senão tambem no outro, que ha de durar para sempre, sabei por ultima conclusão, que assim como Deus paga a misericordia e verdade nesta vida, com a verdade desta vida, assim a ha-de pagar tambem na outra vida, com a verdade da outra. E qual é a verdade da outra vida? E' a gloria que responde á graça. Neste mundo, que é a terra da mentira, a unica verdade é a graça, no outro mundo, que é a terra da verdade, toda verdade é a gloria. E assim como Deus nesta vida paga a misericordia e verdade com a graça, que é a verdade desta vida, assim na outra vida a ha de pagar egualmente com a gloria, que é a verdade da outra. Assim o tem promettido o mesmo Deus, e não por outra bocca, senão pela do mesmo David, que nos ensinou e exhortou a ajuntar a misericordia e verdade:

---

[1] *Joan.*, I, 14.
[2] *Psalm.* IV, 3.

Misericordiam, et veritatem diligit Deus, gratiam, et gloriam dabit Dominus. Porque Deus ama a misericordia e verdade; a todos os que ajuntarem a verdade com a misericordia, dará Deus nesta vida a graça, e na outra a gloria.

SERMÃO

DA

PUBLICAÇÃO DO JUBILEU

Na Dominga terceira post Epiphaniam. Prégado em S. Luiz do Maranhão, no Anno de 1654

Extendens Jesus manum suam tetigit eum, dicens: volo, mundare: et confestim mundata est lepra ejus. [1]

I

Publicar e declarar a todos o que nos diz e concede a Santidade de Innocencio X, nosso Senhor, na bulla que vêdes com os sellos apostolicos pendentes, pendente tambem ella do meio daquelle altar, assim como é o motivo do presente concurso, assim ha de ser o assumpto de todo o sermão. Esta é sem novidade a obrigação deste dia, mas o desempenho da mesma obrigação não será sem grande novidade. Nos outros sermões o expositor e interprete do Texto evangelico é o prégador, neste porém (com encontro tão notavel, que não parece caso, senão providencia) o expositor daquelle texto, que tambem é sagrado, não ha de ser o prégador, senão o mesmo Evangelho que hoje nos propõe a Igreja. Será isto (se bem se considera o que havemos de ouvir) declarar um Evangelho com outro Evangelho. Que quer dizer Evangelho? Quer dizer boa nova: *Quàm pulchri pedes evangelizantium pacem*,

---

[1] *Math.*, VIII.

evangelizantium bona! [1] E porque poz a Sabedoria Divina encarnada, porque pôz Christo Legislador e Redemptor nosso este nome de boa nova á sua Lei? Será a causa, porque só a lei de Christo e da graça nos annuncia, e promette, e dá o céu, o que antes della não podiam nem a lei da natureza, nem a lei escripta? Esta é a primeira e principal razão. Mas a segunda e não menos principal é, porque sendo esta boa nova tão boa, só ella é boa nova para todos: *Prædicate Evangelium omni creaturæ.* [2] As boas novas deste mundo, por mais felizes e alegres que sejam, sempre trazem comsigo alguma mistura de pezar e tristeza. São como as boas novas das batalhas e victorias, as quaes posto que universalmente se festejam com repiques e applausos publicos, a muitas casas particulares cobrem de lutos e se recebem com lagrimas. Esta é a differença com que o Anjo no nascimento de Christo deu a boa nova aos Pastores: *Evangelizo vobis gaudium magnum, quod erit omni populo.* [3] Nova alegre, e alegria grande, mas não só para vós, senão para todos: *Omni populo.* Tal é a boa nova que naquellas lettras de Roma havemos de ouvir hoje, porque o sobrescripto dellas diz que veem para todos: *Omnibus Christi fidelibus.* Nenhuma coisa se deseja neste novo mundo em que vivemos, que as novas que se esperam do outro de anno em anno. Mas chegam cá tão varias e incertas, quantas são as cartas que as referem. Não ha novas dadas por homens, que sejam Evangelho. Estas porém que havemos de ouvir, como dizia, não são um só Evangelho, senão dois Evangelhos: um enviado de Jérusalem por carta de Christo, e outro de Roma por carta do Vigario do mesmo Christo. *Evangelium est Dei epistola,* dizia o grande Antonio, como refere Santo Athanasio. Um e outro Evangelho, e uma e outra carta temos naquelle altar. E para que o alvoroço de ouvir estas boas novas não páre só em alvoroço, mas passe dos ouvidos ao coração, e nos animemos a conseguir os grandes bens, e graças, que nellas se nos promettem e offerecem, peçamos ao Divino Espirito nos assista com a sua. *Ave Maria.*

---

[1] *Rom.*, x, 15.
[2] *Marc.*, xvi, 15.
[3] *Luc.*, ii, 10.

II

Extendens Jesus manum suam tetigit eum, dicens: Volo, mundare: et confestim mundata est lepra ejus.

Conta o Evangelista S. Matheus (cujo é o Evangelho que hoje nos propõe a Igreja) que appareceu diante de Christo Redemptor nosso um leproso, o qual prostrado de joelhos lhe disse: Senhor, se vós quizerdes, eu sei que me podeis sarar e alimpar desta enfermidade tão asquerosa. Estendeu o Senhor a mão, dizendo: Quero, sê limpo: e no mesmo ponto ficou limpo e são da lepra. O que agora has de fazer (continúa o Senhor) é que guardando segredo a este milagre, vás logo mostrar-te ao sacerdote, e lhe dês a sua offerta conforme a lei. Esta é a breve historia do Evangelho, o qual na consideração de suas circumstancias, como prometti, será a declaração e commento do presente jubileu do Summo Pontifice, e do que nós devemos fazer para ganhar os grandes thesouros das graças que nelle se contém. Vamos ponderando o Texto parte por parte.

Suppondo primeiramente que este leproso é cada um de nós, e somos todos em quanto peccadores, e suppondo que a lepra, mal contagioso, é o contagio do peccado, que desde Adão se derivou a todos seus descendentes; em dizer o leproso: *Si vis, potes me mundare:* [1] que o Senhor o podia sarar e alimpar, conforme a phrase de David: *A peccatis meis munda me* [2] fez um acto de fé catholica em que confessou á pessoa de Christo, e nella á de seus successores, os Summos Pontifices, o poder de conceder indulgencias e perdoar peccados, que os hereges tão cega, como ignorantemente lhes negam. Funda-se este soberano poder naquellas palavras de Christo a S. Pedro: *Quidquid solveris super terram, erit solutum et in cœlis:* [3] Tudo

---

[1] *Math.*, VIII, 2.
[2] *Psalm.* L, 4.
[3] *Math.*, XVI, 19.

o que desatares na terra, será desatado no céu. Os peccados são umas cadêas ou cordas, com que estamos atados, como diz o Propheta: *Funes peccatorum circumplexi sunt me.* [1] E destas ataduras só nos podem desatar, não os reis, nem os imperadores, senão unicamente os sacerdotes. Quando Christo houve de entrar triumphando em Jérusalem naquelles dois animaes humildes, que foram o carro triumphante da sua modestia e mansidão, disse aos Apostolos, que os acharíam atados, e que elles os desatassem: *Solvite et adducite mihi:* [2] porque só os Apostolos e seus successores, que são os sacerdotes, podem desatar os que assim estão atados, diz Santo Ambrosio. No mesmo sentido, quando Lazaro sahiu da sepultura amortalhado e atado de pés e mãos, mandou Christo que o desatassem: *Solvite, et sinite abire:* [3] porque só aquelles a quem o mesmo Senhor dá esta jurisdição e este poder, podem desatar os que estão envoltos, e atados nas mortalhas de seus peccados. E quando deu Christo aos sacerdotes este poder? Quando disse a S. Pedro o que já allegamos. Santo Agostinho: *Quod est solvite, et sinite abire, nisi quæ solveritis in terra, erunt soluta et in cœlo?* [4]

E sendo esta verdade tão clara, e assentada no Evangelho, não só é materia grande, senão ridicula, que os mesmos hereges que dizem creem o mesmo Evangelho, neguem aos successores de S. Pedro e Vigarios de Christo este poder. Para que vejaes quão dignos não são de lagrimas, mas de riso nesta cegueira os hereges, ouvi uma historia verdadeiramente ridícula. No anno de 1517 mandou o Papa Leão X promulgar Jubileu, e larguissimas indulgencias a todos os que concorressem com certa esmola para a guerra contra os turcos e fabrica do templo Vaticano de S. Pedro. E querendo Luthero ser o prégador que publicasse este jubileu e indulgencias, o arcebispo de Moguncia, a quem o Papa commettera a superintendencia deste negocio, encommendou a publicação a outro prégador, por habito e por outras causas seu emulo. Queixoso e

---

1 *Psalm.* CXVIII, 61.
2 *Math.*, XXI, 2.
3 *Joan.*, XI, 44.
4 *Aug. in Joan.*, CLXI.

como affrontado Luthero, d'aqui tomou occasião para prégar contra as indulgencias, chegando por palavra, por escripto e por conclusões publicas, a negar e defender que o Pontifice não tinha poder, nem na Igreja o havia para conceder taes indulgencias. De sorte, maldito apostata, que porque o Ascebispo te negou publicar o Jubileu, tu negas ao Summo Pontifice o poder concedel-o? Dize-me, se tu fôras o prégador, não havias de fazer grandes panegyricos das indulgencias, e empregar toda a tua eloquencia em as persuadir? Claro está: logo as mesmas indulgencias, que, se tu as prégaras, eram verdadeiras, porque as não prégastes, são falsas? Tão ridiculos são os fundamentos com que os hereges deixam uma fé e tomam ou fazem outra. E estas foram as palhas com que se accendeu o fogo daquelle incendio fatal, que abrazou Allemanha, Suecia, Inglaterra, Hollanda, e com o fumo tisnou tantas nações e provincias: para que demos graças a Deus os portuguezes de nem esta, nem outra heresia chegar á nossa. Escolheu-nos Deus para levar a sua fé ao mundo que descobrimos. Levamol-a a Africa, estendemol-a pela Asia, trouxemol-a a esta America, e em nenhuma gente barbara ou politica a transplantamos, que não seja da mesma côr que a nossa, obedecendo e adorando o nome do successor de S. Pedro, e confessando a verdade de seus poderes. Nós tambem teremos a nossa lepra, e as nossas lepras, mas o ponto de *Si vis, potes*, está tão impresso, e constante na nossa fé, que o defenderemos com a vida, e só por esta mesma fé, quando não houvera outras causas, era merecedora a nossa nação de que os Summos Pontifices lhe concedessem as mesmas indulgencias e graças, dizendo: *Sicut credidisti, fiat tibi.* [1]

III

A's duas palavras do leproso: *Si vis, potes*, respondeu Christo com outras duas: *Volo, mundare:* [2] e no mesmo instante fugiu dellas, e desappareceu a lepra:

---

1 *Math.*, VIII, 13.
2 *Ibid.*, 3.

Et confestim mundata est lepra ejus. [1] Comparae-me agora o instante deste *confestim* com os vagares de tempo, e difficuldades das observações com que segundo a Lei do Levitico se procedia a julgar e purificar um leproso. [2] Eram muitos e mui exactos os exames, muitas as reclusões de sete dias encerrado o enfermo, e separado da outra gente, muitas as vistas e revistas do miseravel corpo desd'o remoinho da cabeça até ás solas dos pés. Queimavam-lhe as roupas, queimavam-lhe as alfaias, picavam-lhe as paredes da casa, e tambem as purificava o fogo. No ultimo acto da purificação eram tantas e tão miudas as cerimonias, que até lidas cançam. O miseravel, que já não era, mas tinha sido leproso, ou havia de provar que o não era, havia de trazer dois pardaes, uma vara de cedro, uma pequena de lã tinta de vermelho, e não uma senão duas vezes tinta, e a herva chamada hyssopo. Atada esta herva e esta lã á vara ou estaca de cedro, prendia-se nella um dos pardaes, e levado ao campo, alli o degolavam sobre agua viva, isto é, da que corre das fontes ou rios, e não morta como a dos lagos. Tomado pois o sangue do pardal morto em um vaso de barro, com elle, e com a agua sobre que fôra degolado, borrifavam ao pardal vivo, e o lançavam a voar. Com o mesmo sangue aguado, ou agua ensanguentada, faziam sete asperges sobre o que se purificava da lepra: o qual depois de lavar os vestidos, e o corpo em agua tambem viva, estava recolhido sete dias sem poder communicar com outra pessoa. Acabada esta reclusão, offerecia tres cordeiros, um dos quaes se sacrificava, e com o sangue lhe ungiam ou tingiam os dedos polegares da mão e do pé direito, e a ponta da orelha tambem direita. Sobre esta unção faltava ainda outra de oleo, com que o sacerdote depois de fazer sete asperges ao Tabernaculo, tornava a ungir os dedos dos pés e mãos, e a orelha do que ainda não acabava de estar purificado; e tudo o que sobejava do oleo lhe lançava sobre a cabeça, que era a ultima ceremonia da purificação.

Por tudo isto havia de passar um homem, ainda que

---

[1] *Math.*, VIII, 3.
[2] Levit. cap. 12 e 13.

fosse rei, como Ozias, [1] e uma mulher, ainda que fosse irmã de Moysés e Arão, como Maria, para se purificar da lepra, como se não fosse mais facil e mais barato deixar-se estar leproso. S. João Chrysostomo pondera muito a differença dos nossos sacerdotes aos da Lei antiga; [2] porque aquelles só podiam conhecer e julgar a lepra, mas não a podiam curar; e os nossos sim, sendo mais feia, mais asquerosa, e mais perigosa a lepra que elles curam. Mas eu não pondero esta differença, senão a similhança que tem com Christo no caso em que estamos. Christo Senhor nosso curou aquella lepra com duas palavras: os nossos sacerdotes curam a lepra do peccado com outras duas: as de Christo foram: *Volo, mundare:* as do confessor, em que precisamente consiste a cura do peccado, são: *Te absolvo.* E se alguem me perguntar quaes destas duas palavras são mais milagrosas, se as de Christo, ou as do confessor? Não ha duvida que as do confessor; porque as palavras de Christo curaram a lepra do corpo, as do confessor curam a lepra da alma; e tanto mais feia é a lepra da alma que a do corpo, quanto maior sem comparação é a fealdade do peccado que a da lepra. Reparo na fealdade, porque é a que mais se vê, e a que mais se aborrece. Oh se Deus nos descobrira e mostrára neste auditorio a fealdade de um peccado, ainda dos menos feios! Sabeis vós, e vós (falo particularmente com o genero feminino) sabeis porque não tendes ao peccado o horror e aborrecimento que o menor delles merece? E' porque não conheceis a sua fealdade. Represental-a como verdadeiramente é, não é possivel, mas para que vejaes ao menos quanto maior é que a da lepra:

Considerae-me uma cara (que não mereça nome de rosto, nem ainda de monstro) desformissimamente macilenta, secca e escaveirada: a côr verde-negra e funesta: as queixadas sumidas: a testa enrugada: os olhos sem pestanas nem sobrancelhas, e em logar das meninas, com duas grossas belidas: calva, ramelosa, desnarigada: a bocca torta, os beiços azues, os dentes enfrestados, amarellos e podres: a garganta carcomida

[1] *2.º Paralip.*, XXVI, 19.
[2] Chrysost. lib. 3 de Sacerd.

de alporcas: em logar de barba um lobinho que lhe chega até aos peitos, e no meio delle um cancro fervendo em bichos, manando podridão e materia, não só asqueroso e medonho á vista, mas horrendo, pestilente, e insupportavel ao cheiro. Cuidaes que tenho dito alguma coisa? Do que verdadeiramente é, nem sombras: mas isto basta para se conhecer que nenhum rosto ha coberto de lepra, cuja fealdade não seja muito menos feia que a do peccado.

Agora pergunto: Se uma mulher de poucos annos, ou de muitos, se visse ao espelho com similhante figura, que faria? Que sentiria? Que inventaria? Digam-o as boticas, e os seus venenos, e as penitencias insoffriveis a que se condemnam estas martyres da vaidade, para emendar ou encobrir qualquer defeito. Mas se no meio deste desgosto, desta desesperação, e deste aborrecimento de si mesmas, se se lhes dissesse que havia neste mundo um homem, ainda que fosse nigromante, que podia curar aquella fealdade, e muito mais se a esta promessa se accrescentasse que não só a podia curar, senão convertel-a em tanta formosura e graça, como a de Rachel; que thesoiros haveria que não dessem de boa vontade, que tormentos a que se não offerecessem, que impossiveis que não intentassem? Pois este homem não fingido, nem phantastico, senão verdadeiro: este homem que se não ha de ir buscar ao cabo do mundo, nem comprar-se com a menor despeza: este homem, que não só ha de curar aquella fealdade, mas convertel-a na maior formosura, é o confessor. O confessor é o que póde fazer e faz tudo isto, e não com medicamentos asperos, ou instrumentos de ferro, senão com duas palavras sómente. Assim o diz o Real Propheta com outras duas: *Confessio, et pulchritudo.* [1] Quereis-vos livrar da fealdade do peccado, quereis vêr restituida e augmentada na vossa alma a formosura da graça? Ponde-vos aos pés do confessor, como o leproso aos pés de Christo: manifestae a vossa lepra como elle a sua: e no mesmo momento se obrará em vós esta milagrosa mudança. As mais formosas creaturas que Deus creou, foram os Anjos, e bastou um só peccado para ficarem tão feios, como são os demonios.

[1] *Psalm.* xcv. 6.

Mas se esses mesmos demonios se confessaram, tornariam a ser tão anjos e tão formosos como d'antes eram. Elles não querem, porque não podem, e os que podem não querem, porque nem conhecem a fealdade do peccado, nem a virtude da confissão: *Confessio, et pulchritudo.*

IV

E porque não cuideis que tenho dito muito, tornemos ao nosso Texto. Diz o Evangelista, que não só pronunciou Christo aquellas duas palavras tão milagrosas, mas que estendeu a mão até o leproso: *Extendens manum suam tetigit eum.* Esta acção não fazia Christo Senhor nosso em outros muitos milagres, bastando só a sua divina palavra, ou que os enfermos lhe tocassem as vestiduras sagradas, para que ficassem subitamente sãos: *Quia virtus de illo exibat, et sanabat omnes.* [1] Que razão houve logo, ou que mysterio nesta cura do leproso, para Christo estender o braço até elle? A razão e o mysterio foi, como já notámos com S. João Chrysostomo, porque neste milagre foram significados os poderes que o mesmo Senhor por si ou por seu Vigario, o Summo Pontifice, communica aos sacerdotes da Lei da graça. Todos os poderes do sacerdote são recebidos e communicados pela mão de Christo; mas esta mão quando os communica, ou é encolhendo o braço, ou estendendo-o: os poderes do braço encolhido são os ordinarios e limitados; os do braço estendido são os extraordinarios, e sem limite: e taes são os que o sacerdote recebe e exercita em virtude do jubileu.

Nos outros dias chegaes aos pés do confessor, absolve-vos dos vossos peccados quanto á culpa, mas não de toda a pena merecida por elles: porém hoje por virtude deste jubileu plenissimo, está Christo com o braço tão estendido, nos poderes que concede ao confessor, que não só vos absolve de todas as culpas, senão juntamente de todas as penas temporaes e eternas, e fica o confessado tão innocente e tão puro como se naquella

[1] *Luc.*, VI, 19.

hora, não digo nascêra, mas sahira da agua do baptismo. Nos outros dias podeis-vos confessar, se sois leigo, ao confessor approvado pelo vosso Bispo ou seu vigario; e se sois Religioso, ao confessor approvado pelo vosso Prelado, e não a outro; porém hoje por virtude do jubileu, o secular, o ecclesiastico, o Religioso, póde eleger o confessor que quizer, e com quem mais se consolar, ou de dentro ou de fóra da Religião, com tanto que na mesma parte, ou em outra fosse approvado. Nos outros dias póde o confessor absolver dos peccados ordinarios, e que não tenham reservação; mas dos peccados reservados não póde, porque não tem jurisdição para isso; porém hoje por virtude do jubileu, não só vos póde absolver de todos os peccados, por graves e enormes que sejam, mas tambem de todos os reservados, ou sejam reservados ao Bispo, ou reservados ao Papa, e ainda de todos os casos da Bulla da Cêa. Nos outros dias póde o confessor absolver dos pec cados, mas não das censuras; porém hoje por virtude do jubileu póde tambem absolver de todas as excommunhões, suspensões, e interdictos, e só onde houver parte, satisfeita primeiro ella, ou com promessa segura de se satisfazer. Nos outros dias póde o confessor absolver dos peccados contra os votos, mas não de todos; porque dos votos essenciaes da Religião não póde, como tambem não póde da obrigação dos mesmos votos, que sempre ficam em seu vigor; porém hoje por virtude do mesmo jubileu não só póde absolver de todos os peccados contra os votos, mas póde commutar os mesmos votos em outras obras pias, excepto sómente o voto da castidade e religião, o que se entende, se não forem penaes (isto é, impostos pelo mesmo penitente em pena de alguma promessa, se a quebrarem) porque na tal circumstancia tambem os poderá commutar. Tão larga, tão aberta, tão estendida está hoje a mão de Christo: *Extendens manum suam.*

Oh jubileu da lei da graça! Oh mão estendida de Deus! Que differente vos vejo hoje, e que menos estimada por mal entendida dos christãos esta mesma differença! Ouvi como Deus estendia a sua mão antigamente. O demonio para opprimir e destruir a Job, pediu a Deus que estendesse um pouco a sua mão so-

bre elle: *Extende paululum manum tuam.* [1] O mesmo Deus para castigar e assolar o Egypto, diz que estenderia a sua mão: *Extendens manum meam, et percutiam Ægyptum.* [2] O propheta Isaias para declarar a ira e vingança de Deus contra os idolatras, sem se mover a perdoar, nem usar de misericordia com elles, repete uma e muitas vezes, que ainda a mão de Deus estava estendida: *Adhuc manus ejus extenta: adhuc manus ejus extenta.* [3] Estes eram os temerosos effeitos, e esta a mão estendida de Deus antigamente. Porém depois que elle estendeu as mãos na cruz, e nellas se abriram aquellas fontes de sangue, já da sua mão estendida não sahem, nem podem manar rigores e castigos contra nossos peccados, senão perdões, indulgencias, graças, misericordias, como as do presente jubileu. Antigamente tambem de cincoenta em cincoenta annos concedia Deus um jubileu; mas que jubileu? Quitavam-se nelle as dividas de uns homens a outros; mas as que deviam a Deus não se quitavam. Os escravos restituiam-se á sua natural liberdade; mas do captiveiro do peccado não se libertavam as almas. As herdades tornavam a seus primeiros possuidores, mas da herdade, ou herança do céu, não se fazia memoria, nem se lhe sabia o nome. Não assim o nosso jubileu. Por elle as dividas que devemos a Deus, que se não pagam senão com pena eterna, nos são perdoadas todas; por elle do captiveiro do peccado, muito maior mal que essa mesma eternidade de penas, ficamos absolutos e livres; por elle com tanto direito á corôa e reino do céu, que se nós mesmos o não quizermos perder, sem duvida e incerteza alguma o iremos gosar, e seremos bemaventurados eternamente.

V

Mas porque os privilegios deste jubileu, ainda comparados com a mesma Lei da graça em outros tempos, têm uma differença muito notavel, que reservou para

---

[1] *Job.*, I, 11.
[2] *Exod.*, III, 20.
[3] *Isai.*, V, 25. IX, 12, 17 e 21. XX, 4.

os nossos a misericordia e piedade divina; continuemos a ponderação do nosso Texto.. em que não ha palavra vasia ou redundante, senão cheias todas de mysterio sobre mysterio.

Purificado o leproso, a primeira coisa que lhe encarregou o Senhor, foi o segredo, mandando-lhe que a ninguem dissesse o que entre ambos tinha passado: *Et ait illi Jesus: Vide, nemini dixeris.* [1] E este total segredo de quanto passa entre o confessor, que representa a pessoa de Christo, e entre o confessado, que representa a do leproso, é uma graça e differença notavel, advertida de poucos, e ignorada de quasi todos, a qual grandemente nos facilita hoje a salvação, e é digna e dignissima de que todos a advirtam e saibam. O juizo que por virtude do jubileu se faz no tribunal da confissão, é tão universal, como o do dia do Juizo: e não menos da parte do juiz quanto aos poderes, que da parte do réu quanto ás culpas, porque assim como no Juizo do ultimo dia se hão de julgar todas as culpas, as de pensamento, as de palavra e as de obra, assim no tribunal da confissão se julgam todas. Mas nesta mesma egualdade ou similhança se deve considerar uma grande vantagem de conveniencia e graça. Lá uns hão de sahir absolutos, outros condemnados; cá todos sahem absolutos: lá todas as culpas e os castigos hão de ser publicos: cá as culpas, e sem castigo, todas são secretas. E neste segredo inviolavel consiste dentro da mesma Igreja e Lei da graça a maior graça, e privilegio do tempo presente comparado com o antigo, e da maior facilidade da salvação.

Ouvi, e notae com grande attenção. No tempo da primitiva Igreja (costume que durou nella até o seculo undecimo, isto é, por espaço de mil e cem annos) castigavam-se os peccados dos christãos com penitencias publicas. E que penitencias, e por quanto tempo? E' coisa que faz tremer. Por um peccado contra o sexto mandamento se prescrevem nos Canones de S. Basilio quinze annos de penitencia. Estes annos se dividiam em tres partes, com differentes nomes dos mesmos penitentes. Nos primeiros cinco se chamavam *prostrados;* nos segundos *ouvintes;* nos terceiros e ultimos

[1] *Math.*, VIII, 4.

assistentes, todos vestidos de luto, desgrenhados, e sem nenhum ornato, ou composição das mesmas roupas, em significação da verdadeira dôr. Os *prostrados*, no tempo dos Officios Divinos, lançados por terra e chorando, estavam fóra das portas da Igreja: os *ouvintes* mais chegados a ellas, mas tambem fóra, e tanto que se entrava ao Offertorio, eram lançados uns e outros, e despedidos daquelle logar sagrado, como indignos: os *assistentes*, em fim, eram admittidos á igreja, e a ouvir toda a Missa, mas de nenhum modo á Communhão, a qual só se permittia aos mesmos penitenciados na hora da morte, com condição porém, que, se escapavam, tornavam outra vez a cumprir o que lhes faltava da penitencia. Em quanto ella durava, nem podiam ser soldados, nem casar, nem assistir a convites, nem usar de banhos, jejuando, trazendo cilicio, não dormindo em cama, e castigando-se a si mesmos com estas e outras asperezas que lhes eram signaladas. Sobre tudo o que mais admira e faz ao nosso caso, é que estas penitencias publicas não só se davam pelos peccados publicos, senão tambem muitas, e as mais vezes, pelos occultos e secretos. *Nec vero semper publicæ fiebant pœnitentiæ ob publicè nota delicta, sed plerumque etiam propter occulta.* São palavras colhidas e resumidas fielmente dos sagrados Concilios, Santos Padres, e ritos antigos da Igreja. [1] E isto faziam não só os homens, senão as mulheres, como Fabiola, senhora principalissima entre as romanas, cuja penitencia publica na basilica Lateranense, sendo viuva, descreve com elegancia e louvores no seu epitaphio S. Jeronymo. E se depois a mesma Igreja moderou aquelle estylo, foi porque se tinha esfriado o primitivo fervor e espirito dos christãos, condescendendo como mãe piedosa com a nossa fraqueza.

Considerae agora que repugnancia e difficuldade seria a dos homens, e muito mais das mulheres, se os seus peccados occultos se houvessem de fazer publicos, e castigar-se com publicas e tão rigorosas penitencias! Pelo contrario, que facilidade, que favor, que indulgencia, e graça maior que toda a estimação, é que por vir-

[1] Ita Joannes Gabass. in notitia Conciliorum ad Canon. Nicænos 11, 12, e 14.

tude do jubileu se perdoem todas essas e quaesquer outras penitencias, e que os peccados publicos ou secretos, por reservados que sejam, e pertencentes a outro fôro ou tribunal, se absolvam debaixo de um sigillo tão inviolavel, qual é o da confissão! Ponderemos as palavras do nosso Texto em que estamos, que nenhumas ha em toda a Sagrada Escriptura, com que melhor se possa declarar e definir a força, a obrigação e a natureza maravilhosa deste secretissimo e sacratissimo segredo. Que disse Christo ao leproso? Que a ninguem dissesse o que tinha passado entre os dois: *Vide, nemini dixeris.* Pois isto mesmo é o que passa entre o confessor e o confessado, quando o que se confessa lhe diz os seus peccados. Porque dizel-os ao confessor debaixo daquelle sigillo é não os dizer a ninguem: *Nemini dixeris.*

Fallando Christo Senhor nosso no dia do Juizo, diz que ninguem sabe quando ha de ser aquelle dia, e aquella hora, nem os anjos do céu, nem elle Christo em quanto homem, senão o Padre sómente: *De die autem illo vel hora nemo scit, neque Angeli in cœlo, neque Filius, nisi Pater.* [1] E' certo porém em sentença de todos os Santos e Theologos, que Christo não só em quanto Deus, senão em quanto homem, sabe quando ha de ser o dia e hora do Juizo universal, porque a elle pertence como juiz de vivos e mortos. Pois se elle o sabe, como diz que ninguem o sabe senão o Padre: *Nemo scit, nisi Pater?* Porque este segredo sabe-o Christo por revelação do mesmo Padre, mas com obrigação de o não poder dizer a outrem: e o que se sabe com obrigação de se não poder dizer, ainda que seja Christo, ou quem está em logar de Christo o que o sabe, ninguem o sabe: *Nemo scit. Negat tamen Christus id se scire, ut homo est, quia non ita sciebat, ut revelare hominibus posset.* [2] Responde com os mesmos Santos Padres e Theologos o doutissimo A'lapide. Agora pergunto: aquelle peccado secreto e secretissimo, de que vós tinheis noticia antes de o dizerdes ao confessor, sabia-o alguem? Ninguem, senão Deus sómente. Pois o mes-

---

[1] *Marc.*, XIII, 32.

[2] Cornel. ex D. Hieron. Chrys. August. Beda. Origen. Theophilact. Suar in cap. 25, *Math.*, vers. 26.

mo é depois que confessastes e dissestes o mesmo peccado; porque como vós o dissestes a quem o não póde dizer, ninguem o sabe, senão só Deus: *Nemo scit, nisi Pater.* E assim como o que sabe quem o não póde revelar, ninguem o sabe: *Nemo scit;* assim o que se diz a quem o não póde dizer, a ninguem se diz: *Nemini dixeris.*

E porque ninguem cuide, ou receie, que póde haver algum sacerdote tão máu homem, e de tão damnada consciencia, que revele aquelle segredo por algum caso, ouvi um bem notavel. A ultima vez que Christo Senhor nosso subiu a Jérusalem, revelou em segredo aos Discipulos que ia a morrer, e os tormentos que havia de padecer na cruz e antes della: *Assumpsit duodecim discípulos secreto, et ait illis: ecce ascendimus Jerosolyman, et Filius hominis tradetur Principibus Sacerdotum, etc.* [1] O primeiro reparo que aqui occorre, é o que á flôr da terra topa naquelle palavra *secretò*, e que o Senhor fiasse de tantos homens um segredo de tanta importancia: mas como elles eram os primeiros ministros do sacramento da Confissão, e os que haviam de ser o exemplo de seus successores, nesta mesma confiança mostrou o divino Mestre quão fundados os tinha já a providencia da sua eleição na firmeza e constancia do segredo. Que diremos porém á palavra *duodecim?* De fiar Christo o segredo a todos os doze Discipulos, segue-se que tambem o fiou a Judas. Pois a Judas, um tão máu homem, tão infiel, tão traidor, que o havia de entregar e vender, fia o mesmo segredo que aos demais discipulos, tão fieis e tão santos? Sim. Porque esta graça de guardar o segredo que alli se figurava na Confissão, anda junta á santidade e virtude do Sacramento, e não á bondade ou maldade do homem que o exercita. Vêde-o no mesmo Judas.

Tanto que elle soube que o Senhor, relaxado pelo Principe dos Sacerdotes a Pilatos, ia condemnado, no mesmo ponto se arrependeu da venda, e foi entregar o dinheiro aos mesmos de quem o recebera. Assim o nota o Evangelista: *Tunc Judas videns quòd damnatus esset, pœnitentia ductus retulit triginta argenteos Principibus Sacerdotum.* [2] Agora entra o gran-

---

[1] *Math.*, XX, 17. *Marc.*, X, 33.
[2] *Ibid.*, XXVII, 3.

de mysterio. Judas pela experiencia de tres annos sabia muito bem a certeza infallivel com que Christo dizia antes o que havia de succeder depois. E o Senhor quando revelou aos doze discipulos o que havia de padecer em Jérusalem, expressamente disse pelas mesmas palavras, que havia de ser condemnado á morte: *Et damnabunt eum morte.* [1] Pois se Judas se arrependeu agora da venda com esta segunda noticia de Christo ser condemnado: *Videns quod damnatus esset;* porque se não arrependeu com a primeira, sendo totalmente a mesma: *Et damnabunt eum?* Porque esta noticia foi publica, a primeira foi revelada a todos em segredo: *secreto;* e deste segredo que Christo fia e encarrega a seus ministros, nem um homem tão máu, e tão infiel e traidor, como Judas, se atreve a usar, ainda em caso de tanta importancia, que lhe custe a propria vida, e haja de rebentar pelo meio, como Judas rebentou. Christo revelou e disse o segredo a todos; Mas Judas não se valeu delle, como se o Senhor o não tivera revelado, nem o dissera: *Nemini dixeris.*

VI

Segue-se no mesmo Texto a breve palavra dita por Christo ao leproso: *Valde*, vae. Sobre ella declararemos os poucos passos a que nos obriga o jubileu para o ganhar, e tambem os muitos de que nos desobriga e livra. O tempo desta graça para maior commodidade dos que a hão de receber, se reparte em duas semanas, de tal maneira, que dentro da que cada um escolher, ha de cumprir inteiramente as obras de piedade e devoção que Sua Santidade ordena. A primeira é que se visitem ao menos uma vez as cinco Igrejas signaladas, ou cinco vezes a mesma, onde houver só uma, como nos logares pequenos. E para que ninguem fique excluido de lucrar para a sua alma tão grandes thesoiros: os que tiverem legitimo impedimento para não ir á Igreja, os podem conseguir desde o mesmo logar onde estiverem impedidos, como os prezos no

[1] *Marc.*, x, 33.

carcere, os enfermos na cama, os homisiados no seu refiro, e em sua mesma casa as pessoas que sem a devida decencia não podem sahir della.

Este é o primeiro modo com que aquelle Breve nos abrevia os passos. Mas o segundo e mais admiravel é que sem sahir desta vossa cidade, ganhaes tôdas as indulgencias e graças que estão concedidas a todos os que pessoalmente visitam os maiores santuarios da christandade. Quantas vezes ouvistes fallar nas indulgencias de Santiago de Galliza, nas das Estações de Roma, nas de Jérusalem, e do Santo Sepulchro? Considerae as leguas, os caminhos, os gastos, os trabalhos, e os perigos de mar e terra que padecem os que fazem estas compridissimas peregrinações: e tudo o que elles vão grangear e adquirir tão longe para suas almas, adquiris e grangeaes vós egualmente para a vossa, por virtude deste santo jubileu, sem sahir nem dar um passo fóra da vossa terra. Confesso que parece isto enigma ou milagre: enigma pelo que diz, milagre pelo que significa. Porque se sem sahir da vossa terra haveis de adquirir os thesouros de graças que estão repartidos por todas as do mundo: ou a presença do homem se ha de alargar immensamente, ou a grandeza do mundo se ha de estreitar outro tanto: a presença do homem estendendo-se a todos os logares da redondeza da terra, e a mesma redondeza da terra reduzindo-se ao logar de um só homem. Assim se segue. E porque nem o enigma pareça escuro, nem o milagre ou maravilha impossivel á dignidade e poder do Summo Pontifice que concede o jubileu, vamos á Escriptura.

Descreve a Sabedoria Divina o ornato pontifical do Summo Sacerdote da Lei Velha, e diz que na tunica talar, isto é, que o revestia dos hombros até os pés, estava toda a redondeza da terra: *In veste enim poderis, quam habebat, totus erat orbis terrarum.* [1] De sorte que naquella tunica pontifical, ou fosse tecida, ou bordada, ou pintada, estava representado todo o mundo, e abreviado ou recopilado nella como em um mappa. E porque, ou para que era este mappa universal o ornato ou vestidura exterior do Summo Sacerdote? Para que todos vissem (diz Philo hebreu)

---

1 *Sapient.*, XVIII, 24.

quando olhassem para elle, e elle entendesse de si, que não só lhe pertencia o dominio espiritual de Jérusalem, senão tambem e egualmente o de todo o mundo e suas partes, por mais distantes e remotas que fossem: que assim como o vestido o cercava, assim elle era o centro da redondeza da terra, e a redondeza da terra a sua circumferencia: que assim como o vestido está junto ao corpo, e o corpo junto ao vestido, assim para elle não havia distancia em todo o mundo, como se estivera presente em toda a parte: e assim como o vestido não tem movimento proprio, e em tudo se move ao compasso de quem o veste, assim elle, como alma do mesmo mundo, havia de ser o unico e immediato movel de suas acções, e a vida dos espiritos vitaes que lhe influisse.

Este é, mais declarado e amplificado, o sentido do que diz em menos palavras Philo, o qual porém manifestamente se enganou na applicação, porque applica o mappa universal á vestidura do Summo Sacerdote da Lei Velha, sendo que só pertence ao da Nova. Ao da Lei Velha, não: porque só era Summo Sacerdote de uma nação, e de um povo, qual era o hebreu, e de nenhum modo de todo o mundo. Ao da Lei nova, sim: porque o summo sacerdote de todo o mundo é só o Summo Pontifice da Igreja, que por isso se chama catholica, isto é universal. E porque aquelle Pontifice era a figura do enigma em que se representa o nosso, por isso se lhe pintou na vestidura o mappa do mundo. E não só pelas razões que bem considerou Philo, mas muito particularmente porque um dos admiraveis poderes do Pontifice, não de Jérusalem, mas de Roma, é abreviar o mundo e suas distancias, e reduzil-as, por remotissimas que sejam, a tão pequeno espaço como de um mappa, e esse mappa não maior que a grandeza ou estatura natural de um homem, por cujas medidas se corta o vestido, que isto quer dizer: *In veste poderis totus erat orbis terrarum.* E supposta esta primeira maravilha não menos acreditada que com a fé da palavra divina, já fica corrente a que parecia difficultosa, de poder um homem sem sahir da sua terra colher os fructos de todas as outras.

Só se póde duvidar que sendo os poderes deste mappa, ou o mappa destes poderes ornato proprio das vestiduras pontificaes, os possa communicar o Sacerdote

Summo que está em Roma, aos sacerdotes inferiores, que estão divididos por todo o mundo. Do Summo Sacerdote da Lei velha, é certo que só o que lhe succedia na dignidade, se podia paramentar com as mesmas vestiduras. E assim quando Eleazaro, primogenito de Arão (que foi o primeiro Summo Sacerdote) lhe houve de succeder, mandou Deus que Moysés despisse dellas ao pae, e vestisse com ellas ao filho: *Cumque nudaveris patrem veste sua, indues ea Eleazarum filium ejus.* [1] Mas tambem aqui faltou a similhança da figura, para que se visse a differença do Summo Pontifice da Lei da graça, o qual sem se despir da mesma vestidura, e mappa do mundo, veste della e delle a todos os sacerdotes inferiores a quem se digna communicar a mesma graça. E isto quando, e porque modo? O quando, é em similhantes dias ao de hoje; e o modo, por meio dos privilegios e poderes daquelle jubileu. Qualquer sacerdote com aquelle jubileu na mão está revestido do mappa pontifical do mundo, tendo-o todo tão junto a si para abreviar as distancias delle, como tem o mesmo vestido. Publica-se um jubileu na Europa, vem a esta America, passa a Africa, chega a Asia, e no mesmo ponto o sacerdote da India, da China, do Japão, e de qualquer outra região ainda mais remota, assim como se estivesse vestido de um mappa do mundo, podia tocar com o dedo qualquer parte daquelle mundo pintado, assim póde pôr aos que gozam do jubileu em qualquer parte do mundo verdadeiro para ganhar as graças que ao mesmo logar são concedidas. Quereis as graças do Santo Sepulchro? Aqui está Jérusalem. Quereis as de Santiago? Aqui está Compostella. Quereis as de S. Pedro? Aqui está o Vaticano. Quereis as de Santa Maria Magdalena? Aqui está Marselha. Quereis as de S. Marcos? Aqui está Veneza. Quereis as de Santo Antonio? Aqui está Padua. Quereis as do Loreto ou Guadalupe? Aqui está Guadalupe, aqui o Loreto: finalmente, se quereis as de Roma no Anno Santo, que são as maiores de todas, aqui está Roma no Anno Santo, e não só no de cincoenta, que já passou, senão no de setenta e cinco, que está por vir. Ide, pois a qualquer parte do mundo: *vade;* mas ide sem sahir

[1] *Num.*, xx, 26.

da vossa patria: ide sem dar um passo fóra da vossa casa, ide sem caminhar, ide sem vos abalar nem mover, ide, em fim, sem ir, que é o modo mais facil e descançado: *Vade.*

VII

Ostende te sacerdoti: [1] continua o Texto, e ao mesmo passo que atégora, as obrigações do jubileu que elle commenta. Mandou Christo ao leproso que se mostrasse e presentasse ao sacerdote; e na mesma fórma manda Sua Santidade que o façam os que houverem de ganhar o jubileu, e não uma só, senão duas vezes, e por dois modos. A primeira vez que se presentem ao sacerdote no tribunal do Sacramento da Penitencia, que é a Confissão: a segunda na meza do Santissimo Sacramento do altar, que é a Communhão. E porque a perfeição e pureza da Communhão depende da perfeição e inteireza da Confissão, deixadas as condições e circumstancias necessarias que todos sabem, só farei uma advertencia de grande importancia, e por falta ou ignorancia da qual se não consegue nos Jubileus a indulgencia plenaria, tão plenaria e perfeitamente como elle promette, e de sua parte é capaz.

Para intelligencia do que hei de resolver, havemos de suppôr com todos os Theologos, que para se conseguir a indulgencia, é necessario que concorram juntamente tres coisas. Da parte do Summo Pontifice, que a causa porque concede a indulgencia seja justa: e da parte do que a ha de ganhar e conseguir, que não só cumpra inteiramente todas aquellas coisas ou obras que o mesmo Pontifice prescreve e ordena, senão tambem que esteja em graça. De sorte que faltando qualquer destas tres circumstancias, de nenhum modo se consegue, nem póde conseguir a indulgencia. E pelo contrario se todas tres concorrem, infallivelmente se consegue. Funda-se esta certeza infallivel, como já disse, naquellas palavras de Christo a S. Pedro, e seus successores: *Quidquid solveris super terram, erit so-*

[1] *Math.*, VIII, 4.

lutum et in cœlis. Mas porque o supremo Legislador acrescentou nomeadamente esta limitação, *super terram*, sobre a terra, d'aqui inferem muitos Doutores, que a indulgencia plenaria, que o mesmo Pontifice concede *per modum suffragii* ás almas do Purgatorio, as quaes já não estão sobre a terra, senão debaixo da terra, não tem esta infallivel certeza: (posto que a contraria opinião tambem é provavel, e por ventura mais provavel e mais conforme á benignidade divina) porém as indulgencias que se concedem aos vivos até a hora da morte, como estão sobre a terra, e por isso isentos daquella limitação ou clausula exclusiva, de nenhum modo póde succeder que deixem de conseguir a indulgencia, senão que todos certa e infallivelmente, e sem duvida alguma, ganham a indulgencia plenaria.

Mas contra a verdade desta supposição se oppõe um fortissimo argumento, cuja solução tem dado muito trabalho a famosissimos Theologos, e é este. Consta das Historias Ecclesiasticas, e Chronicas das Religiões, que muitos Religiosos foram ao Purgatorio e padeceram aquellas penas por muito tempo: logo a indulgencia plenaria não tem tão certo e infallivel effeito como se suppõe. Provo por todas as tres circumstancias referidas. Primeira, porque o Summo Pontifice concede indulgencia plenaria a todos os Religiosos que perseverarem na sua Religião até a morte, e não póde haver causa mais justa, nem mais justificada, que aquella mesma perseverança e sujeição, não de um dia, ou muitos dias, nem de um anno, ou de muitos annos, senão de toda a vida. Segunda, porque a obra pia e santa que o Pontifice requer, não é acto algum particular de oração, ou mortificação, senão a mesma perseverança do habito, e estado Religioso, em que suppomos que acabou a vida este que foi penar ao Purgatorio. Terceira e ultima, porque tambem se suppõe que o tal Religioso acabou em graça, porque se morrêra em peccado mortal, não iria ao purgatorio, senão ao inferno: logo não basta que a causa seja justa, nem que se cumpra o que o Pontifice requer, nem que esteja em graça o sugeito que ha de alcançar a indulgencia, para que o effeito della se cumpra e seja infallivel.

A força deste argumento obrigou a muitos Doutores a philosopharem nas indulgencias dos vivos, como nas dos defuntos, dizendo que o cumprimento dellas tam-

bem depende da acceitação divina, o que se não compadece com o sentido absoluto das palavras: *Quidquid solveris super terram.* Outros por defender, como devem, esta parte, disseram com notavel audacia, que todas aquellas historias, em quanto affirmam o contrario, são apocryphas: sentença que parece tira do mundo não só a fé humana, mas a auctoridade de gravissimos escriptores. Eu entre uns e outros não tenho voto, e por isso me trouxe atormentado este mesmo argumento mais de vinte annos, até que sem revelação do outro mundo, nem especulação nova deste, a mesma e simples definição da indulgencia plenaria me deu facil e naturalmente a solução que tenho por verdadeira. Como se define a indulgencia plenaria? Deixadas outras clausulas ou particulas, que não importam ao nosso caso: *Indulgentia plenaria est relaxatio totius pœnæ temporalis debitæ pro peccatis jam dimissis.* E' a indulgencia plenaria uma relaxação ou perdão universal de toda a pena temporal devida pelos peccados, já perdoados quanto á culpa; e diz a definição perdoados quanto á culpa, que isso é, *jam dimissis*, porque antes de se perdoar a culpa, não se póde perdoar ou não se perdôa a pena. Ao intento agora. E como os Religiosos e os outros christãos de qualquer estado podem morrer e morrem com muitos peccados veniaes, não perdoados quanto á culpa, ou porque os não confessaram, ou porque havendo-os confessado não se estendeu a elles a contrição ou attrição dos demais: daqui se segue que podem ganhar e ganham infallivelmente a indulgencia plenaria e comtudo vão pagar no purgatorio a pena dos peccados veniaes não absolutos, nem perdoados quanto á culpa, dos quaes lá se purificam com maior rigor de tormentos, e maior dilação do tempo, do que nós imaginamos, como consta de muitas revelações.

Esta é a advertencia que chamei importantissima, e de muitos não advertida, a qual se deve observar com grande attenção e cuidado, assim nas confissões ordinarias, como (e muito mais particularmente) nos jubileus da vida, e da hora da morte: para que as indulgencias plenarias se consigam tão plenariamente da nossa parte, quanto da sua são plenissimas. Feito pois diligente exame, hão-se confessar não só todos os peccados mortaes lembrados e esquecidos, mas tambem

todos os veniaes na mesma fórma, e o acto de contrição, ou quando menos de attrição, com que verdadeiramente nos doemos de ter offendido a Deus, e com que detestamos os mesmos peccados com proposito firme da emenda, ha de ser tão universal e geral, e feito com tal tenção e advertencia, que não só se estenda, abrace e comprehenda todos os peccados mortaes, senão tambem todos os veniaes. E desta maneira ficando a alma ou na vida ou na morte purificada totalmente de toda a culpa, ficará tambem plenaria e plenissimamente livre de toda a pena.

Finalmente, quanto á inteireza da confissão não tenho mais que dizer, que o que dizem com toda a clareza as palavras do Texto. *Ostende te sacerdoti:* Mostra-te a ti, e manifesta-te ao sacerdote. Aquelle *te*, a ti, é emphatico, porque alguns (e mais algumas) parece que mais vão confessar os peccados alheios que os proprios. E os seus os confessam com taes escusas e rodeios, e tão disfarçados e enfeitados (como se não foram manifestar-se ao confessor, senão esconder-se delle) de tal modo e com tal artificio, que o mesmo peccado que o confessor sabia antes da confissão, por ser publico, depois da confissão o ignora. Lembremo-nos que somos filhos de Christo e da Igreja, e não de Adão e Eva. Adão e Eva peccaram, e em logar de confessar o seu peccado esconderam-se, por onde disse Job: *Si abscondi quasi homo peccatum meum.* [1] E que mais? Ainda depois de arguidos por Deus não observaram o *ostende te*, ou o *te* do *ostende*. Eva lançou a culpa á serpente, Adão lançou a culpa a Eva; e por isso quando os dois haviam de ficar absolutos, todos tres foram condemnados.

VIII

Et offer munus, quod præcepit Moyses. [2] Somos chegados á ultima clausula do Texto, e tambem á ultima do jubileu. Ao leproso mandou o Senhor, que ainda sendo milagrosa a saude que recebera, concorresse

[1] *Job.*, XXXI, 33.
[2] *Math.*, VIII, 4.

com a sua offerta, conforme a Lei. E do mesmo modo manda Sua Santidade, que sendo tão facil, e verdadeiramente tão milagrosa, a indulgencia de culpas e penas que por virtude do jubileu se nos concede, concorramos tambem com a nossa offerta. [1] Esta offerta consiste em tres coisas: oração, esmola, jejum. A oração é aquella que havemos de fazer quando visitarmos as Igrejas, devota e pela tenção do mesmo Summo Pontifice. A esmola ha de ser quando menos uma, conforme a caridade e possibilidade de cada um. O jejum o ordinario, mas de tres dias dentro na semana em que se ganhar o jubileu. Todas estas tres coisas fez tambem o leproso. Orou, quando prostrados os joelhos diante de Christo confessou o seu poder, e lhe representou a sua miseria: deu a esmola, quando levou a sua offerta segundo a Lei: e tambem então jejuou, porque a esmola que faz o pobre, é tirando-a da bocca.

E porque manda e ordena o Summo Pontifice mais estas tres obras pias, que outras? Porque a estas tres obras de oração, esmola e jejum se reduzem todas as obras penaes e satisfatorias, e é muito justo e conforme á razão, que quando tão liberalmente se nos perdoam as culpas e penas de nossos peccados da parte de Deus, concorramos nós tambem da nossa parte com algum modo e reconhecimento de satisfação, posto que tão facil e leve. Estas mesmas tres obras nomeadamente, e o valor dellas para com Deus, encareceu muito o anjo Raphael, louvando-as em Tobias, e attribuindo a ellas as grandes e milagrosas mercês, que por meio do mesmo Anjo, assim o pae como o filho tinham recebido: *Bona est oratio cum jejunio, et eleemosyna magis quàm thesauros auri recondere.* [2] Melhor é a oração acompanhada da esmola e do jejum, que enthesoirar oiro. Assim o dizem os Anjos, posto que são poucos os homens como Tobias que assim o entendam. E a razão é, porque o oiro enthesoirado fica com os ossos na terra, e a oração acompanhada da esmola e do jejum leva as almas ao céu. E porque diz o Anjo não que a esmola seja acompanhada da oração e do jejum, ou que o jejum seja acompanhado da oração e da es-

[1] *Levit.*, XIV, 13.
[2] *Tob.*, XII, 8.

mola, senão que a oração seja acompanhada da esmola e do jejum? Porque oração *est elevatio mentis in Deum*, é um vôo com que o homem se levanta e sobe a Deus; e como o homem de terra é tão pesado, para que a sua oração se levante e suba a Deus, é necessario que seja ajudada destas duas azas, de uma parte a aza da esmola, e da outra a aza do jejum: *Oratio cum eleemosyna et jejunio:* e com razão se chamam azas a esmola e o jejum, porque ambas alliviam: o jejum o pezo do corpo, a esmola o da bolsa.

E para que se veja com quanta proporção e propriedade reduz o Summo Pontifice áquellas tres obras esta leve satisfação de todos os peccados que nos perdoa, a proporção e propriedade é tão admiravel e divina, como o mesmo oraculo que a dispõe e ordena. Ora vêde. Todos os peccados que commettem ou podem commetter os homens, ou são immediatamente contra Deus, ou immediatamente contra o proximo, ou immediatamente contra nós mesmos. Contra Deus, como a infidelidade, a blasphemia, o juramento, não guardar as festas: contra o proximo, como o odio, a inveja, a detracção, o homicidio, o furto: contra nós mesmos, como o ocio, a gula, a sensualidade, e todas as outras intemperanças. E para que neste perdão e indulgencia universal de todas as culpas satisfaçamos tambem universalmente, e com a mesma proporção de algum modo por todas: na oração satisfazemos pelos peccados que são immediatamente contra Deus: na esmola, pelos que são immediatamente contra o proximo: no jejum, pelos que são immediatamente contra nós mesmos. Mais, e por outro modo. Todas estas tres especies em que se dividem os peccados, se reduzem tambem a um genero summo, em que todo o peccado em commum se define: *Aversio à Deo, et conversio ad creaturam.* E tambem aquellas tres obras penaes se reduzem a um sacrificio commum, no qual desfazemos toda aquella conversão ás creaturas, e satisfazemos por toda a aversão de Deus, convertendo e sacrificando ao mesmo Deus tudo o que somos e temos. O que somos, é a alma e o corpo; o que temos, é o que possuimos, pouco ou muito. Na oração, que é elevação da alma a Deus, sacrificamos a alma: no jejum, que é mortificação do corpo, sacrificamos o corpo: e na esmola, que é parte do que possuimos, sacrificamos o que temos. E como

por este modo nos sacrificamos a nós e o nosso, com a proporção que é possivel, satisfazemos por toda a aversão e conversão do peccado. Entre agora, ou saia S. Paulo confirmando e fechando tudo o que temos dito, não com outra proporção ou divisão de obras, senão a mesma. *Sobrè, et piè, et justè vivamus in hoc saeculo:* [1] Vivamos neste mundo, diz o Apostolo, sobriamente, piamente e justamente: piamente para com Deus: *piè:* justamente para com o proximo: *justè:* e sobriamente para comnosco: *sobriè* E desta maneira, assim como o leproso por meio da palavra de Christo ficou puro e limpo, assim nós o ficaremos por meio do santo jubileu: *Volo, mundare.*

IX

Aqui acabou o Evangelho de publicar e explicar o jubileu. E se eu agora quizesse exhortar a que o tomassemos todos e ganhassemos estes grandes thesoiros para nossas almas e nos aproveitassemos desta occasião, que é certo para muitos será a ultima, parece-me que seria descredito e affronta não pequena de um auditorio tão christão. O leproso disse a Christo: *Si vis, potes:* Se quereis, podeis. O mesmo nos diz Christo a cada um de nós: se quereis a minha graça e as minhas graças, alli as tendes assignadas por mim: e se algum de vós as não quizer agora que póde, póde ser que não possa quando as queira.

Oh quantas almas ha neste mundo, que quizeram poder o que nós podemos! Se este jubileu se levára ao purgatorio, que festas, que alegrias se fariam naquelle carcere, e como todas aquellas labaredas se converteriam em luminarias e fogos artificiaes de prazer! Se fosse possivel descer o mesmo jubileu ao inferno, que effeito causaria esta indulgencia naquelles condemnados, e nos mesmos demonios, ainda que fosse por um só momento! Demonio era aquelle que respondeu ao Santo fr. Jordão, que de boa vontade padeceria as penas não só suas, senão de todo o inferno, só por vêr a

[1] *Tit.*, II, 12.

Deus em quanto se abre e fecha uma mão. Refiro com alguma esperança este exemplo, porque elle foi o que me fez Religioso. Se é grande felicidade a dos que morrem depois do Baptismo, porque vão direitos a vêr a Deus, não é menor a dos que ganham o jubileu, como devem, pois se tornam a repor no mesmo estado de innocentes. Mas vamos ao mesmo céu. Se no céu se publicasse este jubileu, que fariam os bemaventurados? Não ha duvida que todos em luzidissimos exercitos voariam á terra, não para ganhar as graças, ou se pôr em graça, mas para grangear a qualquer preço de obras penaes muito maiores, maiores augmentos da mesma graça e da mesma gloria que gozam.

Sabeis o que considero que fazem no céu todos os Santos em tal dia como este? Parece-me que por uma parte se estão rindo, e por outra indignando contra nós, da nossa tibieza e pouca fé, pois tão frouxamente nos applicamos a querer de graça o que elles nos grangearam a preço de tantos trabalhos, de tantas penitencias, de tantos tormentos, de tantos martyrios. As indulgencias tiram-se dos thesoiros da Igreja, e estes thesoiros, além do preço infinito do sangue de Christo, constam de tudo o que sobejou aos merecimentos de todos os Santos. Do que sobejou a Abrahão e aos outros Patriarchas: do que sobejou ao Baptista, e aos outros Anachoretas: do que sobejou a S. Pedro, e aos outros Apostolos: do que sobejou a Santo Estevão, e aos outros Martyres: do que sobejou a S. José, e aos outros Confessores: do que sobejou com todas as Virgens sem conta, nem pezo, nem medida á Virgem das Virgens. *Alii laboraverunt, nos in labores eorum introivimus.* Elles nos ajuntaram estes thesoiros com tanto trabalho, e nós somos, ou seremos taes, que os não queiramos de graça! Deus por quem é nol-a dê, para que vamos considerar bem neste ponto, de que depende não menos que a gloria.

SERMÃO

DA

BULLA DA SANTA CRUZADA *

Prégado na Cathedral de Lisboa, no Anno de 1647

Unus militum lancea latus ejus aperuit, et continuo exivit sanguis, et aqua. [1]

I

Como do lado do primeiro Adão dormindo foi formada Eva, assim do lado do segundo Adão morto se formou a Igreja. Daquelle lado ferido sahiram e manaram os Sacramentos, e daquelle lado aberto se derramaram os thesouros das graças, com que o mundo depois de remido se enriquece. Mas, se bem todas as graças da Igreja se representam admiravelmente na historia deste mysterio, reparando eu com attenção em todas as circumstancias delle, ainda acho com maior propriedade as da Bulla da Santa Cruzada, que hoje se concedem e publicam solemnemente ao reino e reinos de Portugal.

Sahiram estas graças do lado de Christo, não antes, nem depois, senão quando estava pregado na cruz; porque da cruz trouxeram o merecimento, e da cruz tomou a mesma Bulla o nome, que por isso se chama da Cru-

---

* Este Sermão como o antecedente encerra toda a doutrina catholica sobre indulgencias e Jubileu, admiravelmente desenvolvida, com grande copia d'argumentos deduzidos da Escriptura, da Tradição e da mesma razão humana.

[1] *Joan.* XIX.

zada. Sahiram em figura de sangue e agua: *Exivit sanguis, et aqua:* de agua, para apagar o que estava escripto; e de sangue, para se escrever de novo o que naquelle sagrado papel se lê. Diz S. Paulo, que Christo morrendo apagou a escriptura de nossos peccados, e que assim apagada a pregou na sua cruz: *Delens, quod contra nos erat, chirographum, et ipsum tulit de medio, affigens illud cruci.* [1] Mas se Christo então apagou uma escriptura, e a fixou na cruz para o remedio, hoje escreve outra escriptura, e fixa nella a mesma cruz para o effeito. Isto é o que significa aquella cruz, e isto o que contém aquella escriptura, tudo graça e tudo graças.

Vejo porém que me estão perguntando todos, e com razão: se estes thesouros e graças manaram do lado de Christo aberto, como os abriu não outrem, senão um soldado: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit?* Esta é a maior circumstancia da historia, e a mais viva energia do mysterio. O principio e primeira instituição da Bulla da Cruzada foi em tempo do Concilio Lateranense, quando se concederam estas graças e indulgencias a todos os que tomando a insignia da cruz se alistassem por soldados para a conquista da Terra Santa. E como ellas foram concedidas não a outros, senão aos soldados daquella sagrada empreza, por isso com a mesma propriedade não outrem, senão um soldado, foi o que abriu o lado de Christo: *Unus militum.* Mas não parou aqui o mysterio, como tambem não pararam aqui as graças. O motivo que teve primeiro o Papa Gregorio XIII, e depois seus successores, e hoje o Santissimo Padre Innocencio X, nosso Senhor, para conceder as mesmas indulgencias da Cruzada aos reinos de Portugal, foi, como se contém na mesma Bulla, o subsidio dos nossos soldados da Africa, que, armados sempre, e em vela naquellas fronteiras, defendem as portas de Hespanha e da christandade contra a invasão dos moiros. E como os soldados da Africa propriamente são soldados de lança, e os cavalleiros que lá servem, servem ou com uma ou com muitas lanças; para cumprimento e realce do mysterio em toda a sua propriedade, o soldado que abriu o lado de Christo e fran-

[1] *Col.*, II, 14.

queou os thesouros das mesmas graças, não foi só, nem devia ser, de qualquer modo soldado, senão soldado de lança e com lança: *Lancea latus ejus aperuit.*

Temos declarado o thema, e proposta a materia em commum. Para descer aos particulares della publicando as graças da Santa Bulla, e descobrindo um por um os inestimaveis thesouros que nellas se encerram, o mesmo thema nos dará o discurso. Em todo elle não seguirei outra ordem, nem outra divisão, que a das mesmas palavras. *Ave Maria.*

II

Unus militum lancea latus ejus aperuit.

A primeira excellencia que acho na Bulla da Santa Cruzada, é ser um o que abre estes thesouros do lado de Christo: *Unus.* Se estas graças e indulgencias dependeram de muitos, para mim quasi deixaram de ser graças. Esta é a grande differença que ha entre as graças e mercês dos reis da terra, e as do Rei do céu. As graças dos reis da terra, sendo por merecimentos nossos, dependem de muitos ministros: as do Rei do céu, sendo por merecimentos seus, dependem de um só: *Unus.*

Antes de David entrar em desafio com o Gigante, perguntou, que premio se havia de dar a quem tirasse do mundo aquelle opprobrio de Israël? [1] E foi-lhe respondido, que o rei lhe havia de dar sua propria filha em casamento. [2] Sahiu David a campo, matou o Philisteu; mas quando aos applausos da famosa victoria parece que se haviam de seguir logo as bodas, nada menos lhe passava pelo pensamento a Saül. Puxava David pela palavra real: requeria o premio não arbitrario, senão certo de um tão singular e notorio serviço; e a resposta por muito tempo (como se costuma) eram dilações e palavras frivolas. Finalmente, mandou-lhe

[1] *1.º Livr. dos Reis.* XVII, 23.
[2] *Ibid.*, 25.

responder o rei, que se queria com effeito a satisfação que se lhe promettèra, matasse mais um cento de Philisteus. [1] Servi lá, arriscae-vos lá e fiae-vos de promessas e mercès de homens. De maneira, que para David merecer a mercê, bastou-lhe pelejar e vencer um philisteu; e para fazer a mercê effectiva, foi-lhe necessario pelejar e vencer um cento de Philisteus. Isto é o que vos acontece em todas as promessas e despachos dos reis da terra. Muito mais custa o requerimento que o merecimento. Para o merecimento basta batalhar com um inimigo; para o requerimento é necessario batalhar com um cento de ministros, que as mais vezes não são amigos. Para render o Philisteu de David bastou uma pedra; para render estes philisteus tão estirados, tão sombrios, tão armados, não basta uma pedreira, nem muitas pedreiras: e se alguns se rendem com pedras, não são as do rio. Mas quando não foram tão duros e tão difficultosos, bastava serem tantos.

Esta é pois a primeira graça que Deus nos faz na bulla da Santa Cruzada. Tantas enchentes de mercès, tantos thesouros de misericordias e favores, e todos despachados por um só ministro, um confessor. Para a mercès dos reis da terra, que não importam nada, tantas papeladas e tantos ministros: para as graças do rei do céu, que importam tudo, uma só folha de papel, e um só ministro; uma bulla, e um sacerdote: *Unus*.

Mas porque, para tirar toda a difficuldade e repugnancia, não basta só ser o ministro um, se fôr certo e determinado; concede-vos mais a bulla, que esse *um* seja á vossa eleição, aquelle que vós escolherdes. Esta é a maior circumstancia de graça que se encerra nesta graça. Quando Christo sarou aquelle leproso do Evangelho, mandou-lhe (segundo o Texto de S. Marcos) que se fosse presentar ao Principe dos Sacerdotes: *Vade, ostende te Principi Sacerdotum*. [2] Contra este mandato está, que a lei universal do Levitico (como consta do Capitulo treze) só obrigava aos leprosos, que se manifestassem a qualquer sacerdote, aos quaes pertencia julgar da lepra. [3] Pois se qualquer sacerdote ordina-

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVIII, 25.
[2] *Marc.*, I, 44.
[3] *Lev.*, XIII, 1.

rio podia conhecer da lepra, porque manda Christo a este leproso, que nomeadamente se presente ao Principe dos Sacerdotes? Respondem os Expositores, que antigamente assim era; mas que esta lei geral se tinha restringido depois, e estava reservado o caso da lepra ao conhecimento e juizo do Principe dos Sacerdotes sómente. [1] E por isso Christo mandou o leproso não a outro sacerdote, senão ao Principe: *Principi sacerdotum.* O mesmo passa hoje nos casos e peccados reservados, de que não podem absolver os sacerdotes ordinarios, e só pertence a absolvição ao Prelado de toda a diocese, e talvez ao Principe supremo de toda a Igreja. E posto que similhantes reservações sejam muito justas e necessarias para refreiar a temeridade, não ha duvida que tambem são occasionadas para precipitar a fraqueza. Que haja um homem de descobrir a sua lepra e manifestar a sua miseria, de que só Deus é sabedor, não só a outro homem como elle, senão determinadamente a tal homem? Grave e difficultosa pensão! E muito mais quando pela distancia dos logares se accrescenta o trabalho e a despeza; e pela grandeza e dignidade da pessoa se faz maior a repugnancia, o pejo e o horror. E' verdade que os meios da salvação se hão de procurar e acceitar de qualquer mão, ainda que seja a mais aborrecida e repugnante: *Salutem ex inimicis nostris, et de manu omnium, qui oderunt nos.* [2] Mas ainda mal porque é tal a fraqueza e pusillanimidade humana, que estão ardendo muitos no inferno não por não confessar seus peccados, senão pelos não confessar a tal homem; sem reparar que no dia do Juizo hão de ser manifestos todos a todos os homens.

A este inconveniente porém acode hoje a Misericordia Divina, e a benignidade do Summo Pastor por meio da Santa Cruzada, concedendo a todos os que a tomarem, faculdade de eleger cada um o confessor approvado de que mais se contentar e satisfizer. Por isso o ministro que abriu o lado se não nomeia no Texto, e só se diz que era: *Unus militum:* Um, indeterminadamente. E posto que da Historia Ecclesiastica conste que foi Longino (ou, como o vulgo lhe chama, Longuinhos)

---

[1] Cornel. ibi.
[2] *Luc.*, I, 71.

nesse mesmo homem concorriam duas circumstancias dignas de grande reparo para o nosso caso. Era Longino estrangeiro e cego. Estrangeiro; porque sendo romano servia nos presidios de Jérusalem: cego; porque, como affirma S. Gregorio Nazianzeno, de ambos os olhos não via. [1] E porque quiz Christo que lhe abrisse o lado e fosse o dispensador destas graças um estrangeiro e cego? Para tirar toda a occasião e escusa ao pejo e repugnancia humana. Tendes pejo de manifestar a vossa miseria, tendes repugnancia de descobrir o vosso peccado? O remedio está na vossa eleição: buscae um estrangeiro que vos não conheça; buscae um cego que vos não veja: *Unus militum.* Passemos á segunda palavra.

III

Militum. Sobre esta palavra *soldados*, a primeira coisa que occorre é o soldo. E se este se paga pontualmente e se despende todo com os nossos soldados e cavalleiros da Africa tão benemeritos da Fé e da Igreja, esse é o fim para que os Summos Pontifices concederam o subsidio da Bulla. Da pureza das primeiras mãos em que se recebe, nunca houve, nem póde haver duvida. Mas como passa por tantas outras, e ha tanto mar e sumidoiros, em meio, não sei se poderá ser justificada a queixa commum?... E' certo que nos escriptores da Africa (sem serem Tertullianos, nem Agostinhos) se leem de tempos passados graves lamentações deste descaminho. O dinheiro santo da Bulla, que cá se recolhe em vintens, dizem que torna de lá em meticaes, e que a muita fome que de cá se leva, é a causa da que lá se padece. Mas isto toca a quem toca. O que a mim me pertence é desfazer este escrupulo, e assegurar a todos os que tomam a Bulla, que ainda que o dinheiro da esmola se desencaminhe, e os soldados da Africa o não comam, sempre as graças concedidas se ganham com infallivel certeza.

No dia do Juizo dirá Christo: *Venite, benedicti pa-*

[1] Naz. in Trag.

I-is mei: esurivi enim, et dedistis mihi manducare: [1] Vinde, benditos de meu Padre, porque tive fome e me déstes de comer. Notae muito aquelle *porque*. Não diz: porque comi o que me déstes; senão: Porque me déstes de comer. Aqui está o ser da obra. O merecimento da esmola não consiste em que a comam aquelles para quem a daes; senão em que vós a deis para que elles a comam. E isto é o que se verifica na esmola da Bulla, em qualquer acontecimento. Póde acontecer que a não comam, nem se sustentem com ella os soldados para que está applicada. E póde tambem acontecer, que em parte não haja taes soldados; porque ha praças phantasticas. Mas ainda que a praça e o soldado seja phantastico, a esmola que se dá para seu sustento sempre é verdadeira, e o merecimento certo. Grande exemplo na Historia Sagrada.

Vieram a casa de Abrahão tres anjos em figura de peregrinos, e diz o Texto, que Abrahão os hospedou e lhes poz a meza e os tratou com grande agazalho e regalo. [2] Agora pergunto: Aquelles Anjos comeram verdadeiramente o que lhes deu Abrahão? Claro está que não; porque os Anjos não comem, e aquelles corpos com que appareceram, eram corpos phantasticos. Comtudo, diz o mesmo Texto, que Deus pagou esta obra a Abrahão muito de contado, e lhe fez grandes mercês por ella, como foi a do filho Isaac, e outras. [3] Pois por uma obra que se fez a homens phantasticos, a homens que não havia taes homens no mundo; e pelo comer que se lhes deu, o qual elles não comeram, nem podiam comer, faz Deus tantas graças e tantas mercês a Abrahão? Sim. Porque ainda que os homens eram phantasticos, a esmola era verdadeira: e ainda que elles não comeram o que lhes deu Abrahão, Abrahão deu-o para que elles comessem. A esmola da Bulla que daes para os soldados de Africa, póde acontecer que elles a não comam, ou porque alguns os não ha, ou porque fica cá o dinheiro, ou porque se lá vae, elles (como dizeis) ficam anjos: mas como Deus só respeita o merecimento da esmola, e o fim della; ainda que os ho-

---

1 *Math.*, XXV, 34 e 35.
2 *Gen.*, IV, 2.
3 *Ibid.*, XV, 18.

mens o divirtam e desencaminhem, a paga que naquella Escriptura se vos promette sempre está segura.

Tenho notado a este proposito um lanço da providencia e governo de Christo, que sempre me admirou muito, e deve admirar a todos. Christo e seus Discipulos como não possuiam nada deste mundo, viviam das esmolas com que a devoção dos fieis soccorria o Sagrado Collegio. Para receber estas esmolas e as despender e distribuir, houve o Senhor de eleger um delles: e quem se não admirará e pasmará de que este eleito fosse Judas? [1] Senhor, dae-me licença. Vós não conheceis muito bem a Judas? Sim, conheço. Não sabeis que é ladrão, e que ha de furtar? Sim, sei. Estas esmolas que lhe entregaes e fiaes delle, não são para sustento dos outros Discipulos que vos servem, e que hão de defender com a vida vossa Fé, e vossa Igreja? Sim, são. Sobre tudo a esmola não é aquella obra de caridade tão estimada de vós, a que tendes promettido tantos premios, tantas mercês, tantas graças, e a mesma bemaventurança? Sim, é. Pois nas mãos de Judas metteis tudo isto, para que elle se aproveite e os outros padeçam? Para que elle coma e os outros morram á fome? Não foi esse o fim de Christo, que Deus não favorece ladrões, ainda que os permitta: mas permittiu neste caso com alta providencia, que as esmolas dadas para sustento dos que o serviam, corressem por mãos de quem as havia de roubar; para que constasse então e agora a toda sua Igreja, que ainda que as esmolas se roubem e se desencaminhem, e não se appliquem ao fim para que se dão, o preço e merecimento dellas, e o premio que se promette a quem as dá, sempre está seguro. Neste contracto ha duas pagas: uma, a paga dos soldados para quem daes a esmola, que corre por mão dos homens: e outra, a paga da mesma esmola que daes, que corre pela mão de Deus. A que corre por mão dos homens, póde faltar aos soldados: a que corre por mão de Deus, nunca vos póde faltar a vós. Os soldados não serão pagos, vós sempre sois pago.

Satisfeito este escrupulo vulgar, respondamos a outro de mais bem fundada objecção a que nos chama o Texto.

---

[1] *Joan.*, XII, 6.

IV

Lanced. Assim como a lança do soldado do Calvario foi a que abriu o lado de Christo, assim dissemos que as lanças dos nossos soldados de Africa são as que abriram e abrem os thesouros da Igreja, que se nos concedem na Bulla. Mas esta applicação, ou modo de dizer, parece que se encontra com a propriedade e verdade do que crêmos neste mesmo ponto. E' verdade catholica de nossa Santa Fé Romana, que quem abre e só póde abrir os thesouros espirituaes da Igreja, são as chaves de S. Pedro: logo mal o attribuimos ás lanças dos nossos soldados. Direi. Para abrir estes sagrados thesouros, necessariamente concorrem duas coisas: da parte de quem os concede (que é o Papa) o poder: e da parte de quem os recebe (que somos nós) a justa causa. Mas de tal sorte dependem desta justa causa as mesmas graças concedidas, que sem ella seriam totalmente invalidas, e de nenhum effeito. A razão disto é, como está decidido em muitos Canones, porque o Pontifice não é senhor dos bens espirituaes da Igreja, senão dispenseiro; e como tal só os póde despender racionavelmente, e com causa justa. D'outra maneira seria a monarchia espiritual de Christo tão mal governada, como são as temporaes de muitos principes. Por isso vêmos tantos thesouros mais esperdiçados que repartidos, e tantas graças e mercês immodiacas, concedidas sem nenhuma causa, e muitas vezes com a contraria. Digam-no as prodigalidades d'El-rei Assuero, com o seu máu valido Aman. [1] E no mesmo tempo o fiel Mardocheu, benemerito de tantos serviços feitos á corôa e á pessoa do mesmo rei, pregado manhã e tarde aos postes de palacio, subindo e descendo aquellas cançadas escadas, sem haver quem puzesse nelle os olhos, salvo o mesmo Aman, para o destruir. Não assim os thesoureiros da monarchia de Christo, de que tem as chaves o seu Vigario. Elle só os póde despender, sim; mas só com justa causa. E como a justa causa das

---

[1] *Esth.*, III, 1.

graças que se nos concedem na Bulla, e a defeza dos logares e fortalezas da Africa, as quaes os nossos soldados sustentam contra a invasão e forças de toda a Barbaria; por isso a abertura das mesmas graças se attribue justamente ás suas lanças. Vêde se fallo conforme a doutrina e leis do Senhor e Auctor da nossa Igreja?

Quando Christo concedia perdão de peccados, ou dava saude milagrosa aos enfermos, tudo attribuia commummente á fe dos que a recebiam. A' Magdalena: *Fides tua te salvam fecit:* [1] A' Cananéa: *O mulier, magna est fides tua.* [2] Ao Centurião: *Sicut credidisti, fiat tibi.* [3] ao pae do surdo e mudo: *Omnia possibilia sunt credenti.* [4] E assim a outros muitos. Mas porque razão? Essas obras sobrenaturaes, Senhor, e essas mercês extraordinarias, ou da graça, ou da saude, não são todas effeitos da vossa omnipotencia? São. Pois porque as não attribuis á mesma Omnipotencia que as obra, senão a fe dos que as recebem? Porque segundo a regra geral da Providencia de Christo, queria o Senhor que assentassem estas mercês e graças que fazia, sobre o merecimento da fé dos que as logravam. E como para as mesmas graças concorram duas causas; uma efficiente, que era a Omnipotencia; e outra meritoria, que era a fé, attribue-se o effeito á meritoria, e não á efficiente; porque a efficiente naquella suppos'ção dependia da meritoria. O mesmo passa no nosso caso. O poder de abrir os thesouros da Igreja está nas Chaves de S. Pedro; mas como ellas os não podem abrir validamente, senão com justa causa, e toda a justa causa das graças que se nos concedem na Bulla, é a conservação das praças catholicas, que os nossos soldados e cavalleiros da Africa defendem ás lançadas, por isso, sem offensa do poder das Chaves (que reconhecemos), não attribuimos os effeitos dellas tanto ás mesmas Chaves, quanto ás lanças: *Lancea latus ejus aperuit.*

Mas vejo que voltaes contra mim a mesma lança, e

---

1 *Luc.*, VII, 50.
2 *Math.*, XV, 28.
3 *Ibid.*, VIII, 13.
4 *Marc.*, IX, 22.

me arguis com a minha mesma razão. Se a causa das indulgencias que se concedem na Bulla, é a defeza dos logares da Africa, e daquellas muralhas da christandade com que impedimos os passos aos infieis, e pomos freio ao orgulho e furia de seus exercitos; será justa e justissima causa para os soldados e cavalleiros, que, com as armas ás costas, vigiando de noite, e pelejando de dia, defendem ás lançadas, e com o sangue e as vidas, as mesmas muralhas. Mas para nós, que estamos em Portugal muito seguros e descançados, sem vigiar nem acudir a rebate, nem vêr moiro, nem empunhar lança; que só com a contribuição de uma esmola tão tenue, tenhamos justa causa de se nos concederem as mesmas graças! Parece que não póde ser. Prova-se com a experiencia das nossas fronteiras. Para os soldados que nellas militam e as defendem, todos pagamos a decima: mas quando vem ao requerimento das mercês, só os soldados e capitães as pedem e as recebem: os demais, ainda que os sustentem com os seus tributos, nem recebem, nem pedem, nem esperam mercê por isso. Não é assim? Assim é: e assim havia de ser, se Deus fôra como os homens, e o Rei do céu como os da terra. Nas leis da terra dão-se os premios a o que milita e serve; mas não a quem o sustenta: nas leis do céu, aquelle que milita e serve, e mais aquelle que o sustenta, todos teem o mesmo premio. Lei expressa do Evangelho promulgada por Christo: *Qui recipit prophetam in nomine prophetæ, mercedem prophetæ, accipiet: qui recipit justum in nomine justi, mercedem justi accipiet:* [1] Eu (diz Christo) mando meus prégadores, que são os meus soldados, a conquistar o mundo, e pelejar contra os infieis: mas porque eu lhes não dou sustento, nem soldo com que o comprar, saibam todos que a mercê que lhes tenho taxado a elles por me servirem, a mesma hei de fazer aos que os sustentarem: *Mercedem Prophetæ, mercedem Justi accipiet.* Póde haver Texto mais claro, e promessa mais infallivel? Pois isto é o que se nos promette naquella Escriptura, fundada na mesma lei da munificencia divina. Os soldados e cavalleiros da Africa passam o mar, mudam o clima, e deixam a patria; vós ficaes

[1] *Math.*, x, 41.

nella: elles vigiam nas atalayas; vós dormis: elles defendem as trancheiras, sahem ao campo, andam ás lanças com os barbaros, e muitas vezes perdem a vida; vós logrães a bella paz. Mas basta que as vossas esmolas (posto que tão limitadas) concorram ao seu sustento, para que nas mercês e nas graças eguale Deus o vosso ocio ao seu trabalho. Para com os reis só elles merecem e ganham as commendas: para com Deus tanto ganha a vossa esmola, como a sua lança: *Lanceâ.*

V

Latus ejus. Se esta segunda palavra não limitára ou ampliára a primeira, grande opposição se nos offerecia nella contra tudo o que temos dito, e nos resta por dizer. Christo na cruz estava com titulo e representação de Rei; mas não de Rei universal, que era de todo o mundo, senão de Rei particular de uma nação: *Rex Judæorum:* e não ha graças mais difficultosas e duras de conseguir, que as que dependem dos lados dos reis: *Latus ejus.* Olhemos bem para esta figura exterior, e veremos nella uma imagem natural do que os vassallos teem nos reis, e do que padecem com os lados. Primeiramente no estado em que Christo se achava na cruz, tudo o que pertencia ao Rei estava feito; só o que corria por conta do lado estava por fazer. O que houve de fazer o Rei, era pedir perdão pelos inimigos; e já estava pedido: era dar o paraiso ao ladrão penitente; e já estava dado: era entregar o discipulo á Mãe, e a Mãe ao discipulo; e já estavam entregues: era beber, ou gostar o fel; e já estava gostado: era principalmente remir o mundo; e já estava remido. Em fim, tudo o que tocava ao Rei estava feito: *Consummatum est.*[1] Ao lado pertencia dar os Sacramentos; e só isso estava por fazer. O Rei estava patente a todos com quatro portas abertas, duas para os inferiores nos pés, e duas para os mais altos nas mãos: e os lados no mesmo tempo estavam fechados por uma e por outra parte, sem haver por onde entrar, nem penetrar a elles. O

[1] *Joan*, XIX, 30.

corpo todo estava ferido e lastimado, e só os lados sãos, e sem lesão alguma. Nem chegaram lá os golpes dos açoites, como ás costas: nem os carregou o pezo da cruz, como aos hombros: nem os rasgava ou suspendia a dureza dos cravos, como aos pés e mãos: nem os molestava o estirado e desconjunctado dos membros, como aos nervos e ossos: nem os attenuava o vasio e exhausto do sangue, como ás veias: nem os amargava o fel, como á bocca, e, o que é mais que tudo, nem os picavam os espinhos, como á cabeça, tendo tanto da corôa. Finalmente, o que excede toda a razão e toda a admiração, é que estava junto e recolhido nos lados tudo o que faltava ao Rei. De duas coisas padeceu Christo extrema falta no Calvario: falta de sangue, e falta de agua. Faltou-lhe o sangue, porque o tinha derramado alli, e em tantas outras partes: faltou-lhe a agua, porque da mesma falta de sangue se seguiu aquella extraordinaria sêde, que o obrigou a dizer: *Sitio*. E' porém muito de notar, que quando se abriu o lado, do mesmo lado sahiu sangue e agua: *Exivit sanguis, et aqua*. Pois se o Rei padecia tanta falta de sangue, e tanta falta de agua; como agora lhe sáe do lado sangue e mais agua? Porque tudo o que falta aos reis está junto e recolhido nos lados. Oh se houvesse, não digo uma lança, ou lançada, senão uma chave mestra que abrisse estes lados; como é certo que achariam nelles junto os reis, ou tudo, ou grande parte do que lhes falta, e que fazendo dois actos de justiça em um mesmo acto, poderiam soccorrer, remediar, e ainda enriquecer a muitos com o que não basta a poucos.

Estes são os lados dos reis, mas não assim o lado de Christo. Passemos do exterior da allegoria ao interior da realidade: *Latus ejus*. Toda a differença de lado a a lados está na limitação do *Ejus*, Delle, de Christo. Os lados dos reis da terra dilatam, porque não querem fazer: o lado de Christo dilatou para poder fazer mais do que estava feito. Os lados dos reis, estando todo o corpo chagado, só elles se vêem sãos: o lado de Christo esteve são, para ser elle o mais chagado; antes a maior chaga de todas. Os lados dos reis fecham-se, porque se não querem communicar: o lado de Christo esperou fechado, para se communicar com maior abundancia, e para ficar sempre aberto. Finalmente, os lados dos reis ajuntam em si, e para si, tudo o que falta aos

reis: o lado de Christo ajuntou em si, mas para nós, tudo o que sobejou a Christo. Notae muito.

O sangue de Christo foi o preço de nossa Redempção; e como este preço era infinito, porque uma só gotta bastava para remir mil mundos, tão infinito foi o que sobejou depois de remido, como era infinito o que se despendeu para o remir. E que se fez deste preço que sobejou? Assim como do que se despendeu se pagou o resgate, assim do que sobejou se fez um deposito. E este deposito de preço e valor infinito, são os thesouros da Igreja, que mysteriosamente estavam encerrados no lado de Christo. D'aqui se entenderá a razão porque tendo o Senhor derramado tanto sangue até á morte, ainda reservou no lado mais sangue para o derramar depois de morto. E porque, se no ponto da morte de Christo ficou o mundo remido? Porque o sangue derramado até á morte significava o preço necessario á Redempção, que se despendeu; e o sangue que se derramou depois da morte, significava o preço superabundante que sobejou. Do que se despendeu na Paixão, como de resgate, se remiu o mundo: do que sobejou no lado, como de proposito, se formou e enriqueceu a Igreja: *Dormiente Adam fit Heva de latere: mortuo Christo perforatur latus, ut super effluant sacramenta, unde formetur Ecclesia:* [1] Assim como do lado de Adão (diz Santo Agostinho) se formou Eva, assim do lado de Christo sahiram os Sacramentos, para que delles, como de materia superabundante, se formasse a Igreja. Isso quer dizer a palavra: *Super effluant*, que significa sahir como coisa superabundante, superflua, e que sobeja. Fallou Agostinho como tão grande lume da theologia; porque estes são os proprios termos de que usam os Theologos quando fallam do thesouro da Igreja, que se compõe principalmente da satisfação infinita do sangue de Christo, que superabundou e sobejou do preço da Redempção: *Thesaurus satisfactionum Christi super effluentium*, diz com todos os Doutores orthodoxos o cardeal Bellarmino. [2] E este é o thesouro donde a Igreja tira as graças e indulgencias que concede e applica aos fieis, para que

---

1 Aug. in sentent. sentent. 328.

2 Bellarmin. de Indulg. Livr. 1, Cap. 2.

satisfaçam á Justiça Divina, pelas culpas ou penas de que lhe são devedores.

E se alguem desejar na similhança de Santo Agostinho (que tambem é de S. Paulo) a perfeita proporção da figura com o figurado; [1] e me perguntar como se verifica ou póde verificar do lado de Adão ser formada Eva, não da parte ou materia necessaria, senão da superabundante e superflua; eu o direi satisfazendo a esta e a outra grande duvida. Diz o Texto sagrado, que tirou Deus uma costa do lado de Adão, e que desta costa formou a Eva: mas duvidam, e com muito fundamento, os Theologos, que costa de Adão foi esta; porque se era uma das costas, de que naturalmente se compõe o corpo humano, segue-se que o corpo de Adão ficou defeituoso e imperfeito, o que se não deve admittir, sendo Adão o primeiro homem, e o modelo original de todos os homens que delle haviam de nascer. E se o corpo de Adão ficou perfeito, antes perfeitissimo (como era bem que fosse) que costa foi esta sua de que Eva se formou? Responde S. Thomaz, que o corpo de Adão quando ao principio foi creado, tinha uma costa de mais em um dos lados; e que deste lado, e desta costa que nelle sobejava foi formada Eva. [2] Pois assim como no lado de Adão creou Deus uma parte superabundante e superflua, de que tirou a materia necessaria á formação de Eva, assim no lado de Christo depositou outra parte tambem superabundante e superflua, necessaria á formação e reformação da Igreja, que foi o que sobejou do preço infinito da Redempção. E estes são os thesouros das graças que hoje se nos concedem, tirados do deposito infinito e inexhausto do lado de Christo aberto: *Latus ejus aperuit.*

VI

Aperuit. Abriu-se o lado de Christo: mas porque se podia abrir mais ou menos; para que saibamos a largueza com que se abriu, e quão immensos são os the-

---

[1] *Ephes*, v, 32.
[2] D. Thom. p. 1, q. 92, art. 3.

souros que delle se nos communicam, vejamol-os patentes e declarados, não por outro interprete, senão pela mesma Bulla. Diz S. João no principio do seu Apocalypse, [1] que viu diante do throno de Deus um pergaminho escripto por dentro e por fóra, envolto e cerrado com sete sellos. Isto é o que elle chama livro, porque assim eram, e se chamavam os livros daquelle tempo. Desejava, como propheta, saber o que continha aquella escriptura tão cerrada; e diz que chorava muito, por se não achar quem a abrisse. Mas logo se chegou a elle um velho dos vinte e quatro Anciãos que assistem ao throno de Deus, o qual o consolou, dizendo que o Leão da tribu de Judá tinha poder para a abrir. Então viu S. João um Cordeiro que estava em pé, como morto, o qual desfechando os sete sellos, abriu e estendeu o pergaminho, e fez patente o que nelle estava escripto. Grande mysterio verdadeiramente, e grande e excellente representação ou figura da Bulla da Santa Cruzada! Primeiramente isto significam os sellos, que são os que dão auctoridade á Bulla, e dos mesmos sellos pendentes é que ella tomou o nome, porque bulla quer dizer sello. Estava o pergaminho escripto por dentro e por fóra, porque as graças que contém a bulla, não só pertencem aos bens interiores e espirituaes, senão tambem aos temporaes e exteriores. E não só aos vivos, que estamos neste mundo, senão tambem aos defuntos, que estão fóra delle. Não se achava quem abrisse o que alli estava fechado, e publicasse o que estava escripto, porque este poder é só de Christo e do seu Vigario; e por isso o velho que consolou a S. João, como tem para si Lyrano, foi S. Pedro. Disse-lhe que o abriria o Leão da tribu de Judá, que é Christo, o qual logo appareceu em figura de cordeiro, em pé, e como morto: *Agnum stantem, tanquam occisum:* [2] tudo com o mesmo mysterio. Em figura de cordeiro, porque esta obra sendo de seu poder, é muito mais de sua benignidade e misericordia. Em pé e como morto, porque Christo morreu na cruz, não jazendo senão em pé; e da cruz accresceu á Bulla o nome de Cruzada. E finalmente não morto, senão como morto, porque correr

[1] *Apoc.*, v, 1.
[2] *Ibid.*, v, 6.

sangue do lado de Christo (o que só acontece aos vivos) foi acção de faculdade vital e vivificante, como gravemente notou Santo Hyppolito. *Ut ne ipsum corpus mortuum aliis simile appareat, nobis autem ea, quæ sunt vitæ causa, possuit profundere.* [1] Correu sangue do lado de Christo morto, como se estivera vivo (diz este antiquissimo Padre) para que entendessemos que o mesmo lado, ainda morto, tinha potencia de vivificar, e que delle manavam todas as graças que nos haviam de dar vida.

Vamos agora mettendo a mão neste sagrado lado aberto (não como Thomé incredulo mas fiel), e abrindo os sete sellos um por um, como o mesmo Cordeiro crucificado os abriu; vejamos os divinos thesouros de graças, que naquella larga escriptura se nos promettem, e communicam. Em uma alma, ou consciencia embaraçada, podem geralmente concorrer sete impedimentos, para não conseguir promptamente os meios de sua salvação. Peccados reservados, excommunhões, interdictos, votos, enfermidades, dividas temporaes aos homens, e espirituaes a Deus. E todos estes impedimentos (com poucas excepções, em que me não posso deter e se conteem na mesma Bulla) se nos tiram e facilitam por ella. Acha-se carregada a vossa alma não só com peccados, mas com peccados de difficultosa absolução, quaes são os reservados? Tomae a Bulla da Santa Cruzada: abri o primeiro sello: *Aperuit:* e ella dá poder ao confessor que elegerdes, para vos absolver, de todos, por graves e enormes que sejam, e não só reservados aos Prelados ordinarios, mas á mesma Sé Apostolica. Estaes ligado com a gravissima censura da excommunhão; tendes horror (como deveis ter) de vós mesmo, vendo-vos privado da communicação dos fieis? Abri o segundo sello: *Aperuit:* e por graça e faculdade da mesma bulla, sereis absolto da excommunhão, ou seja *A iure*, ou *Ab homine*, e restituido ao antigo estado. Fecharam-se-vos as portas da Igreja, por estar interdicta a parochia, a cidade ou reino, onde viveis? No meio desta tristeza e desconsolação publica, abri o terceiro sello: *Aperuit:* e pelo privilegio que debaixo delle se vos concede, não só podereis assistir pri-

[1] S. Hypol. Epist. ad Regin.

vadamente aos divinos officios e receber os Sacramentos, mas se durante o interdicto morrerdes, gozareis de ecclesiastica sepultura. Fizestes votos com que vos obrigastes a Deus e aos Santos, mais do que o tempo, as occupações e a pouca devoção vos dão logar? Abri o quarto sello: *Aperuit:* e o confessor por virtude da Bulla vol-os commutará de modo que facilmente os possaes cumprir. Sois enfermo, ou achacado, fazem-vos damno á saude os comeres quadragesimaes? Abri o quinto sello: *Aperuit:* e de conselho do medico e confessor, não só na Quaresma, mas em todos os outros dias prohibidos podereis comer licitamente o que julgardes conveniente á vossa fraqueza. Adquiristes e possuis bens alheios; não sabeis a quem os haveis de restituir, porque ou foram adquiridos vagamente, ou não apparece o dono: não podeis restituir inteiramente por pobreza, ou não quereis por avareza (como é mais certo)? Abri o sexto sello: *Aperuit:* e a tudo vos dará a bulla tão facil remedio que com pouca despeza satisfaçaes muita divida. Finalmente, deveis a Deus as penas de vossos peccados, que sois obrigado a pagar, ou nesta, ou na outra vida, como as estão pagando os do purgatorio, dos quaes egualmente vos compadeceis, ou pelas obrigações do sangue, ou pelas de christão? Abri o setimo sello: *Aperuit:* e achar-vos-heis rico de tantas abundancias de graças e indulgencias, que plenaria e plenissimamente possaes satisfazer por vós, e por todos os defuntos a quem se estender a vossa caridade.

Oh misericordias do lado de Christo! Os thesouros da Madre Igreja, que delle se enriqueceu! Elle tão infinito em lh'os entregar, e ella tão liberal em nol-os repartir! Agora entendereis a clausula desta visão do Apocalypse. Diz S. João, que quando o Cordeiro abriu os sete sellos daquella mysteriosa escriptura, prostrados diante do seu throno lhe deram infinitas graças todos os que estavam no céu, e na terra e debaixo da terra, e no mar e debaixo do mar: *Et omnem creaturam, quæ in cœlo est, et super terram et sub terra, et quæ sunt in mari et quæ in eo, omnes audivi dicentes sedenti in throno, et Agno: benedictio, et honor, et gloria.* E quem são estes que davam tantas graças a Deus e ao Cordeiro que abriu os sete sellos, não só no céu, senão na terra e no mar; e não só na terra e no mar,

senão tambem debaixo da terra, e debaixo do mar? São todos aquelles que por diversos modos gozam os beneficios da Bulla. Os do céu são os bemaventurados; os da terra e do mar são os vivos: os de debaixo da terra e debaixo do mar são os defuntos. E todos davam graças a Deus e a Christo morto pela abertura dos sete sellos da Santa Cruzada; porque bemaventurados, vivos e defuntos, todos por diverso modo lhe devem o maior beneficio. Os bemaventurados, porque por meio da Bulla subiram direitos á gloria. Os vivos, porque por meio da Bulla se restituem á graça. Os defuntos e do purgatorio, porque por meio da Bulla se livram das penas. Vêde até onde alcançam, e se são grandes e universaes para todos os graças daquelle lado e daquella escriptura aberta: *Aperuit?*

VII

Et continuò. Mas porque em materia de mercês e graças não basta só estarem impetradas e concedidas, nem basta terdes em vosso poder as portarias, os alvarás, e as provisões, para que, entre o dado e o effectivo; entre a escriptura e a posse; entre o papel e o que elle diz, não se atravessem muitos embaraços e muito tempo de esperas, e ainda de desesperações; com muita razão me perguntareis: estas graças e indulgencias tão grandes que se nos concedem na Bulla, quando se alcançam? Já pagámos a esmola; já se escreveu o nosso nome na Bulla; já a temos em nosso poder; mas o effeito ou o effectivo, quando ha de ser? A palavra que se segue o diz: *Et continuò:* logo sem dilação, logo sem tardança, logo verdadeiramente logo. E digo, verdadeiramente, porque não cuide ou receie alguem, que o logo da Santa Cruzada é como os logos dos vossos tribunaes.

Não ha palavra mais equivoca, nem adverbio de mais duvidosa significação, que o logo em materia de despachos. Apenas ha remissão, que não desça com um logo, e quasi não ha consulta que não suba com dois logos, e alguma com tres. Mas estes logos quão longos são, quanto tardam, e quanto duram! Ha logo de dois annos, e de quatro, e de dez, e de toda a vida,

Estaes despachado para a India, sobem os vossos papeis com tres logos; dispara a capitania peça de leva, cortam-se as amarras, embarcae-vos e que vos succede? Estivestes parado muitos dias nas calmas de Guiné: déstes volta ao Cabo de Boa Esperança; invernastes em Moçambique; passastes duas vezes a Linha; chegaes finalmente a Gôa ao cabo de anno e meio; e os logos ainda não chegaram. Se lá morrestes, chegarão para o dia do Juizo; e se tornastes d'ahi a oito ou dez annos, ainda os logos estão lá em cima, ou não ha memoria d'onde estejam. E isto é o que significavam aquelles logos. Muitas vezes me puz a considerar, que quer dizer logo, logo? Porque se o primeiro logo significa logo, o segundo que significação tem? Parece que um logo sobre outro logo, é como um não sobre outro não. Um não sobre outro não, quer dizer, sim: e um logo sobre outro logo, muitas vezes quer dizer nunca, e quasi sempre, tarde. Isto porém se entende quando os logos são para remunerar e premiar benemeritos, que quando são para os destruir e aniquilar, um logo, e dois, e tres todos vòam. Vêde-o na tragedia do grande Precursor de Christo. Fez El-rei Herodes aquelle solemne convite ao dia dos seus annos: sahiu a dançar a filha de Herodias: disse-lhe o rei que pedisse, ainda que fosse ametade do seu reino. E que pediu? A cabeça do Baptista com tres logos: *Cùmque introisset statim cum festinatione ad regem, petivit dicens: Volo, ut protinus des mihi in disco caput Joannis Baptistæ.* [1] Contae os logos, e vêde se foram tres: *Statim*, logo: *Cum festinatione*, logo: *Protinus*, logo: e foram os logos tão promptos e tão logos, que logo entre os pratos da meza appareceu em um delles a cabeça do maior dos nascidos. Estes são os logos da justiça, ou tyrannia do mundo. Quatro significações, todas formidaveis! Para o bem um nunca, para o mal tres logos: *Statim: Cum festinatione: Protinus.*

Só o logo da Santa Cruzada sendo para bem, e para tão grandes bens, verdadeiramente e com infallivel certeza é logo: *Et continuò.* Para um logo não ser logo, podem-no impedir e retardar, ou as distancias do

[1] *Marc.*, VI, 25.

tempo, ou as dos logares. Mas nem as distancias do tempo, (ainda que sejam de muitos annos) nem as distancias dos logares, (ainda que sejam de muitos centos de leguas) podem impedir ou suspender o logo da Santa Cruzada, para que não seja logo. Vamos á mesma Bulla, e ide commigo. O jubileu do Anno Santo antigamente era de cem em cem annos: depois foi de cincoenta em cincoenta: hoje é de vinte cinco em vinte cinco. Mas esta mesma distancia de tempo tão comprido se estreita e abrevia de tal modo por graça e privilegio da Bulla, que, sem esperar vinte cinco annos, nem dez, nem dois, nem um, neste mesmo dia podeis ganhar o jubileu do Anno Santo: e neste mesmo anno duas vezes. Nas distancias dos logares ainda é mais maravilhoso este logo: *Et continuò*. Quereis ganhar as indulgencias de Sant'Iago; haveis de peregrinar cem leguas a Compostella. Quereis fazer as estações de Roma e correr as sete Igrejas dentro e fóra dos muros: haveis de peregrinar quinhentas leguas a Italia. Quereis visitar o Santo Sepulchro, o Calvario, o Monte Olivete, a Casa Santa, haveis de peregrinar mil leguas a Jérusalem. Não são grandes distancias de logares estas? Grandes por certo, e ainda maiores, se lhes ajuntarmos que haveis de passar por terras habitadas de infieis, e por mares infestados de infinitos corsarios onde é mais certa a escravidão e o remo, que os perdões e indulgencias que ides buscar. Mas para todos estes perigos, eu vos darei um passaporte muito seguro, e para todos estes caminhos um atalho muito breve. Tomae a Bulla da Santa Cruzada, e sem sahir de Lisboa fostes a Compostella, fostes a Roma, fostes a Jérusalem porque as graças que lá havieis de ir buscar, aqui se vos concedem, não diversas, nem menores, senão as mesmas. Quereil-as alcançar logo? Visitae cinco Igrejas. Quereis mais logo? Visitae na mesma Igreja cinco altares. Quereis mais logo? Visitae o mesmo altar cinco vezes; e sem vos bulir de um logar, fostes a Galliza, fostes a Italia, fostes a Palestina, e vos achaes rico de todos os thesouros de graças, que tão longe se vão buscar com tanto trabalho.

Mas oiço que me diz algum pobre: padre, não são indulgencias o que eu só quero: maior mal e maior pena é a minha. Fui tão desgraçado, que incorri uma excommunhão da Bulla da Ceia. E quem me ha de le-

var aos pés do Padre Santo, e mais em tempo de tantas guerras? Tambem commetti um peccado muito grave, reservado ao meu bispo, e agora não ha bispos. Além de que eu sou de uma aldêa de entre Douro e Minho; e depois que faltou o santo Fr. Bartholomeu dos Martyres, já os Prelados não conhecem o meu logar. Assim que me vejo com o remedio quando menos muito dilatado: a morte póde vir mais cedo, não sei que ha de ser de mim? Que? Eu vos dou o remedio logo. Tomae a Bulla da Santa Cruzada, elegei um confessor, e logo tendes o bispo na vossa Igreja e o Papa na vossa terra; porque o confessor com uma Bulla na mão é Bispo e é Papa. Póde haver maior felicidade e maior brevidade que esta, para os peccados, para as censuras, para as indulgencias? De maneira que sem a Bulla da Cruzada haveis de ir buscar o Bispo e o Papa; e com a Bulla, o Bispo e o Papa vêm-vos buscar a vós. Sem a Bulla havieis de ir tão longe, a Compostella, a Roma, a Jérusalem: com a Bulla tendes Compostella, tendes Roma, tendes Jérusalem dentro em Lisboa. Vêde quanto vae deste sagrado tribunal aos outros. Nos outros tribunaes tratam-se os negocios em Lisboa, como se estiveram em Roma, ou em Jérusalem; neste tratam-se e conseguem-se os de Roma e de Jérusalem como se estiveram em Lisboa. Em Lisboa digo, mas não como em Lisboa; porque o despacho e as graças não estão na mão dos ministros, senão na vossa.

E se vos parece coisa difficultosa que naquella folha de papel, como se fôra um mappa do mundo se ajuntem logares tão distantes e terras tão remotas, como são Roma, Jérusalem e Lisboa; e que para se conseguirem tantos thesouros de graças, se contente Deus e o seu Vigario, com que vos punhaes de joelhos n'uma Igreja; respondei-me a uma pergunta: Quem é mais liberal, Deus em dar, ou o demonio em prometter? Não ha duvida que Deus em dar. Lembrae-vos agora do que fez o demonio e do que prometteu, e do que pediu a Christo na tentação do monte. O que fez foi trazer alli o mundo: o que prometteu, foi a gloria de todos os reinos: o que pediu foi sómente que se puzesse Christo de joelhos diante delle. Pois se o demonio trouxe todos os reinos do mundo a um monte; porque não trará Deus, por modo mais facil, Jérusalem, Roma e as outras cidades santas á vossa? E se o demonio

prometteu todas as glorias daquelles reinos; porque não prometterá Deus todas as graças daquelles logares? E se o demonio se contenta, e não quer mais, nem põe outra condição, senão que se lhe ajoelhem; porque se não contentará Deus com vos vêr de joelhos diante de si, contricto, arrependido e orando? Finalmente, se o demonio fez tudo isto (como diz o Evangelista) em um momento: *In momento;* [1] porque o não fará Deus em um logo que seja logo: *Et continuò?* Mas já é tempo de concluirmos. Vão juntas as duas ultimas palavras.

VIII

Exivit sanguis, et aqua. S. Jeronymo, que por testemunho da Igreja, na interpretação das Sagradas Escripturas, é o maximo de todos os Doutores, declarando o mysterio porque do lado de Christo morto sahiu sangue e agua, disse com singular propriedade, que foi para significar no sangue o martyrio, e na agua o Baptismo: *Latus Christi percutitur lanceâ, et baptismi atque martyrii pariter sacramenta funduntur.* [2] E porque razão mais o martyrio e o Baptismo, que algum dos outros Sacramentos? A razão deste pensamento não a deu S. Jeronymo; mas posto que seja altissima, não é difficultosa de entender. Entre todos os Sacramentos, só o Baptismo e o martyrio (que tambem é Baptismo) de tal modo purificam a alma, e a absolvem de toda a culpa e pena, que no mesmo ponto ao martyr por meio do sangue proprio, e ao baptizado por meio da agua baptismal, se lhes abrem as portas do céu, e se lhes franqueia a vista de Deus. Esse foi o mysterio com que ao soldado que abriu o lado (tanto que delle sahiu o sangue e agua) logo sendo cego, se lhe abriram os olhos, e viu ao mesmo Christo, que não podia vêr. E como o fim da Encarnação do Verbo foi destruir o peccado, reparar o estado da innocencia, e abrir e restituir ao homem o paraizo perdido; por isso o ultimo

---

[1] *Luc.*, IV, 5.
[2] D. Hier. Ep. 83

acto da vida e morte de Christo, e a ultima clausula com que obrou a obra da Redempção, foi tirar do sacrario de seu proprio peito aquellas duas chaves doiradas do céu, e dar-nos as duas prendas mais seguras de sua graça e gloria, que são, no sangue a do martyrio, e na agua a do Baptismo: *Baptismi, atque martyrii pariter sacramenta funduntur.*

Quando os filhos de Israël passaram do Egypto á Terra de Promissão, passaram pelo Mar Vermelho, e pelo Rio Jordão; mas por um e outro a pé enxuto. E que Egypto, que Terra de Promissão, que filhos de Israël, que Mar Vermelho, que Rio Jordão foi esté? O Egypto é o mundo, a Terra de Promissão é a gloria, os filhos de Israël são os fieis, o Mar Vermelho é o martyrio, o Rio Jordão é o Baptismo: e passaram por um e outro milagrosamente a pé enxuto; porque só pelo Mar Vermelho do martyrio, e só pelo Rio Jordão do Baptismo, se póde passar á gloria a pé enxuto (isto é) sem tocar as penas do Purgatorio. Mas com isto ser assim, debaixo das mesmas significações de martyrio e Baptismo, acho eu que ainda nos deu mais o lado de Christo, e foi mais liberal comnosco nas graças da Santa Cruzada. Comparado o martyrio com o Baptismo, não tem conhecida vantagem: ambos se excedem um ao outro, e ambos são excedidos. O Baptismo (como é Sacramento do principio da vida) deixa-nos capazes de merecer; mas tambem capazes de peccar. O martyrio (como se consumma com a morte, e acaba a vida) deixa-nos incapazes de peccar, mas tambem incapazes de merecer. E nesta vantagem reciproca, com que o martyrio e o Baptismo se excedem, e são excedidos, só poderá resolver qual é maior graça, quem primeiro averiguar se é melhor o merecimento com perigo, ou a segurança sem merecimento? Tão eguaes ou problematicas são as prerogativas do Baptismo, e do martyrio, comparados entre si. Mas comparados com as graças da Santa Cruzada, não ha duvida que a indulgencia e indulgencias plenarias, que tão facilmente, e por tantos modos se nos concedem nella, ainda teem circumstancias de vantagem, com que não só egualam, mas excedem ao mesmo Baptismo, e ao mesmo martyrio. Egualam o Baptismo e o martyrio; porque se o Baptismo e o martyrio purificam e livram a alma de toda a culpa e pena, o mesmo faz a indul-

gencia plenaria verdadeiramente ganhada. E excedem o mesmo Baptismo, e o mesmo martyrio, porque a indulgencia plenaria, é como o martyrio, mas como martyrio sem tormento: e é como o Baptismo, mas como Baptismo com repetição. Ora vêde.

O martyrio (como lhe chama a Igreja) é um compendio ou atalho brevissimo do caminho da gloria; porque o martyr sem dar mais que um passo, com um pé na terra, e outro no céu, entra da morte á bemaventurança. Por aquella morte se lhe não pede conta da vida; por aquella pena se lhe perdoam todas as penas que devia por seus peccados. E posto que tivesse sido o maior peccador, no mesmo ponto fica santo. Grande felicidade por certo, e muito para desejar! Mas os martyres que assim passaram ao céu, por onde passaram? Uns por cruzes, outros por grelhas, outros por rodas de navalhas, outros pelas unhas e dentes das feras, e todos por tantos e tão atrozes tormentos, que muitos por medo e horror de tão crueis mortes, se escondiam e fugiam do martyrio; e outros, estando já nelle, por não lhes bastar a fortaleza e constancia para o soffrer, desmaiavam e retrocediam. Vêde agora quanto mais facil é ir direito ao céu por uma indulgencia da Bulla da Cruzada, que de cruz não tem mais que o nome! O martyr sobe direito ao céu, mas por tantos tormentos e tão arriscados: vós com a indulgencia plenaria tambem subis direito ao céu, mas sem tormento, nem risco. Por isso o sangue, que significava o martyrio, não sahiu do lado de Christo vivo com dôr, senão do lado morto e insensivel; porque as graças que manaram daquella fonte divina, se bem logram os privilegios de martyrio, são martyrio sem tormento.

E se é grande prerogativa a da indulgencia plenaria, por ser como o martyrio, mas sem tormento; não é menor, nem menos privilegiada, por ser como o Baptismo, mas com repetição. A graça do sacramento do Baptismo é tão maravilhosa por grande, como por facil. Que maior maravilha, e que maior facilidade, que um homem carregado de peccados e obrigado por elles a penas eternas, purificar-se de toda a culpa, e livrar-se de toda a pena só com se lavar, ou o lavarem com uma pouca de agua? Mas esta mesma graça tão grande, e esta mesma maravilha e facilidade (se é licito fallar as-

sim) tem um notavel defeito. E qual é? Não se poder o Baptismo reiterar, nem repetir. O homem uma vez baptisado não se póde baptisar outra vez. Essa foi a razão (como lêmos em Santo Agostinho) porque muitos dos antigos cathecumenos, conhecendo esta limitação, e que não se podiam baptisar mais que uma só vez, ou dilatavam o Baptismo para a morte, ou, quando menos, para a velhice, reservando e como poupando a efficacia daquelle remedio para o tempo da maior necessidade. Era abuso, e por isso se prohibiu justissimamente. Mas se o Baptismo se podéra repetir, e um homem se pudesse rebaptisar todas as vezes que quizesse, não ha duvida que seria graça sobre graça, e um excesso de favor muito mais para estimar. Pois isto mesmo que Deus não concedeu a todos pelo sacramento do Baptismo, nos concede hoje a nós pela Bulla da Santa Cruzada; porque sendo a indulgencia plenaria, como baptismo em purificar de culpa e pena, é juntamente como baptismo com repetição, porque se póde repetir e reiterar muitas vezes. O Baptismo é fonte que se abre uma só vez e se torna a cerrar para sempre: mas a indulgencia da Bulla é fonte que se abre hoje e todos os annos, e não se torna a cerrar, antes fica continuamente aberta. Por isso o lado de que sahiu a agua (que significava o Baptismo) de tal maneira se abriu, estando Christo morto, que não se tornou a cerrar, nem depois de resuscitado. Aberto uma vez, e sempre aberto: *Lanceâ latus ejus aperuit, et continuò exivit sanguis, et aqua.*

IX

Tenho acabado o meu discurso. E sei, senhores, que vos tenho cançado, mas não sei se vos tenho persuadido? Se estaes resolutos todos a vos aproveitar de tão inestimaveis thesouros, isto é o que Christo deseja: e esta a correspondencia que espera de vossa devoção o amôr e liberalidade, com que para vos encher de graças, abriu e tem aberto o lado. Mas se houver algum christão indigno de tal nome, que por fraqueza de fé, ou falta de piedade, não agradeça ao mesmo Senhor as mercês que tão de graça lhe offerece, ao menos com

as acceitar e estimar como merecem, saiba que esta será a segunda lançada com que lhe penetrará mais dentro o peito aberto e lhe ferirá o coração. A lançada do Calvario não diz o Texto que feriu, senão que abriu o lado: esta segunda lançada é a que só o póde ferir, estando tão aberto, e penetrar tanto dentro, que lhe chegue ao coração. *Vulnerasti cor meum soror mea sponsa, vulnerasti cor meum in uno oculorum tuorum.* [1] São queixas de Christo á sua Igreja, que se compõe de máus e bons, de devotos e indevotos, e de fieis e infieis. Diz pois o amoroso Senhor que sua Esposa lhe feriu o coração com um dos olhos: *In uno oculorum.* E porque não com ambos? Porque os dois olhos da Igreja são a fé e o entendimento: e só com um delles (se se dividem) ferem os homens neste caso o coração de Christo. Os hereges ferem o coração de Christo com o olho da fé: *In uno oculorum;* porque negam a verdade das indulgencias, e o poder do Pontifice para as conceder. Assim as negou Luthero, por signal que raivoso de se dar a outro prégador o sermão da Cruzada, que elle pretendia prégar. E este foi o primeiro erro com que depois se precipitou a tantos. Os catholicos (que somos nós) ferem tambem o coração de Christo; mas com o olho do entendimento: *In uno oculorum;* porque crendo o poder do Pontifice, e a verdade das indulgencias, teem alguns tão pouco juizo, que por negligencia e pouco cuidado da alma, e por desprezo dos bens do céu deixam de se aproveitar de tamanhos thesouros. Oh que ferida esta para o coração de Christo, tão cruel da nossa parte, e tão sensivel da sua!

E' possivel que ha de haver no mundo homem com fé, que podendo-se purificar de todos seus peccados, e pagar a Deus as penas de que lhe é devedor, e uma e outra coisa tão facilmente, o não faça? Mas a mesma facilidade é a causa. E' tal a condição vil da nossa natureza, que só estimamos o difficultoso, e desprezamos o facil. A primeira vez que se concederam as indulgencias do Anno Santo, foi tal o concurso de todo o mundo a Roma, que não cabendo a multidão das gentes na cidade, inundava os campos. Se esta mesma Bulla

[1] *Cant.*, IV, 9.

se concedêra uma só vez em cem annos, e no cabo do mundo, lá a haviamos de ir tomar. Pois porque Deus nos facilita tanto este bem, e nos vem buscar com elle a nossa casa, o havemos nós de estimar menos? O que o havia de fazer mais precioso, lhe ha de tirar o preço? Taes como isto somos os homens. Quando Eliseu mandou a Naaman Syro, que se lavasse no Jordão para sarar da lepra, quiz-se elle voltar logo para a sua terra, desprezando o remedio pela facilidade, e não crendo que podia ter tanta virtude, o que tão pouco custava. Mas que lhe disseram a este principe os seus criados, e com que o persuadiram a que fizesse o que Eliseu lhe ordenava? *Pater, et si rem grandem dixisset tibi Propheta, certè facere debueras, quantò magis, quia nunc dixit tibi lavare, et mundaberis:* [1] Senhor, se o Propheta vos mandasse fazer uma coisa muito difficultosa, é certo que a havieis de fazer para sarar da lepra; pois se vos pede uma coisa tão facil como lavar-vos no Jordão, porque o não fareis? Isto diziam a Naaman os prudentes criados, e o mesmo digo eu aos que não quizerem curar suas consciencias, e acudir a suas almas para esta e para a outra vida, com um remedio tão facil. Se para nos purificar de tantas lepras tão feias, tão asquerosas e tão mortaes (como são os peccados de todo genero), e para nos livrar das penas devidas por elles, ou eternas no inferno, ou de muitos annos no purgatorio, deviamos aceitar qualquer partido, e offerecer-nos muito de grado a qualquer satisfação, por dura e difficultosa que fosse; uma tão facil como esta, em que tudo se nos concede, e perdôa de graça, porque a desprezaremos? Se ha alguem que saiba responder a este porquê, deixe embora de tomar a Bulla. Mas porque estou certo, que nenhum entendimento que tenha fé lhe póde achar resposta, quero-vos deixar com a mesma pergunta nos ouvidos, esperando que por elles nos abra os corações aquelle mesmo Senhor que para nos encher de tantas graças se deixou abrir o peito: *Unus militum lanceâ latus ejus aperuit.*

---

[1] *4.º Livr. dos Reis*, v, 13.

AS CINCO PEDRAS

DA

FUNDA DE DAVID

EM CINCO DISCURSOS MORAES

Prégados á Serenissima Rainha de Suecia, Christina Alexandra, em lingua italiana na Corte de Roma e traduzidos na portugueza por ordem e approvação do auctor

---

NOTICIA PREVIA

Feita pelo auctor, quando traduziu esta obra na lingua castelhana, no Anno de 1676

Roma, que em todos os tempos é Cidade Santa, no tempo santo da Quaresma se excede a si mesma. Não só os dias, senão tambem as noites se santificam com continuos exercicios de piedade e devoção. A este fim, para divertimento espiritual da Côrte, se instituiram os vulgarmente chamados Oratorios, nos quaes por modo de dialogo se representam em excellente musica as historias mais celebres da Escriptura; como o sacrificio de Abrahão, as cadeias de José, a tragedia de Aman, e outras de similhante doutrina; e no meio desta suavidade, com que maravilhosamente se dispõem os corações para sazonar o util com o dôce, se ouve um breve sermão. Taes são, leitor catholico, os que se te offerecem nesta estampa, prégados nas terças-feiras da Quaresma á serenissima rainha da Suecia, na Igreja de S. Salvador in Lauro, obra de seu grande protector o eminentissimo Cardeal Azolini. Assistiam a sua magestade no côro muitos dos senhores Cardeaes, e na

Igreja o mais illustre e escolhido daquelle primeiro theatro do mundo. O prégador só teve que admirar a paciencia e humanidade grande, com que fallando em lingua estrangeira, e mal limada, foram perdoados os seus erros, e ouvidos seus discursos, mais largos do que o permitte o costume. Eu só te digo por unico louvor delles, que mereceram a attenção do mais heroico e sublime juizo da nossa edade, do thesouro universal de todas as sciencias divinas e humanas, e daquelle espirito soberano, mais que real, em que a menor de suas façanhas é, haver posto aos pés de Christo, e seu Vigario, a corôa de uma tão dilatada e poderosa monarchia, com a maior gloria da Igreja, e triumpho da verdade catholica, que viram os seculos passados, e celebrarão os futuros.

EXORDIO

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente: et percussit Philistæum, et infixus est lapis in fronte ejus. [1]

Admiravel foi David na harpa, e admiravel na funda: com a harpa afugentava demonios, com a funda derrubava gigantes. David quer dizer: *Manu fortis:* e as suas mãos sempre foram de David, sempre fortes, sempre guerreiras, sempre vencedoras; porém não sempre com o mesmo impulso. Umas vezes pelejava David com toda a mão, e outras só com partes della (isto é, só com os dedos): *Qui doces manus meas ad prœlium, et digitos meos ad bellum.* [2] Com os dedos tocava a harpa, e fugia o demonio; com a mão disparava a funda, e cahia o Gigante.

Taes são hoje as duas acções, ou verdadeiramente as duas scenas deste grande theatro, harpa e funda; côro e pulpito; musica e sermão. A musica como harpa de David, não é só para recrear ou divertir os sen-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 40.
[2] *Psalm.* XVII, 55.

tidos, senão para lançar do corpo e alma de Saül o espirito mau, que como pae de discordia, ainda por antipathia natural é inimigo de toda a consonancia. O sermão como funda de David, não é para fazer tiro ao ar, ou espantar com o estalo; é para ferir, para derrubar, para prostrar aos pés de Christo seus contrarios, e tanto mais quanto maiores. Dividindo pois estes dois instrumentos, e dando a cada um o que lhe toca, aos cantores deixo a harpa, e para mim tomarei a funda. A funda de David, e as cinco pedras serão o argumento successivo destas cinco exhortações: *Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente.*

Quarenta dias (como se fôra uma Quaresma inteira) esteve o soberbissimo Gigante em campo, provocando a desafio os exercitos de Israël, e affrontando a Deus em seu povo: temiam e tremiam todos, quando chegou o pastorzinho David: e que fez? Desce a um ribeiro que lhe ficava vizinho, escolhe cinco pedras, ou cinco seixos, os mais bem torneados e lizos, mette quatro no surrão, e um na funda, planta-se animoso na estacada, e fazendo com duas voltas tiro á cabeça do Gigante, de maneira respondeu o successo ao valor, que lhe cravou a pedra entre as fontes: *Et infixus est lapis in fronte ejus.* Oh se Deus quizesse que as minhas palavras tivessem tanta sorte, e tanta efficacia, que fizessem uma tal ferida! O gigante é o mundo, a cabeça do mundo é Roma: e contra esta grande cabeça se hão de apontar os tiros das minhas pedras.

As pedras de David foram tiradas e escolhidas por elle: *Elegit:* eu não quero nem devo querer que a eleição seja minha, porque sou pouco pratico do paiz, e não sei bastantemente quaes poderão fazer brecha. Por isso seguirei um interprete eminentissimo, e assás bem informado da cabeça do Gigante, o Cardeal Hugo. *Quinque lapides* (diz elle) *sunt: cognitio sui, dolor amissi, pudor commissi, timor supplicii, spes æterni gaudii.* E estes mesmos serão os cinco pontos do meu argumento. Primeiro, o conhecimento de si mesmo, *cognitio sui:* segundo, a dôr do bem perdido, *dolor amissi:* terceiro, o pejo do mal commettido, *pudor commissi:* o quarto, o temor do castigo futuro, *timor supplicii:* quinto e ultimo, a esperança do gosto eterno, *spes futuri gaudii.* Cada uma destas cinco considerações, verdadeiramente christãs e proprias deste tempo

santo, bastaria para lançar por terra o maior gigante, como bastou uma só pedra de David; mas porque o braço não é o seu, nem sabemos qual das cinco pedras foi a atirada e a que ganhou a victoria, será necessario repetir o golpe e tentar e provar todas cinco.

Mais ainda: e levantae agora um pouco o pensamento. Nota signaladamente o Texto, que as pedras que David tirou do rio, eram limpas em summo grau: *Limpidissimos lapides.* E porque uma tão particular advertencia não póde ser acaso e sem mysterio, não é bem que esta primorosa circumstancia falte ás nossas: será pois o meu principal cuidado, apurar os argumentos propostos de tal maneira, que tire de cada um delles o mais puro, o mais fino, e o mais heroico. Finalmente, os discursos que hei de seguir, serão em tudo e por tudo, aquillo, nem mais, nem menos, que dizem por si mesmas as palavras do thema: no numero cinco: *Quinque:* no solido pedras *lapides:* no fino e apurado purissimas: *limpidissimos.*

Dos meus ouvintes só uma coisa desejo. David cravou a pedra na testa do Gigante; porque trazendo todo o corpo armado e coberto de ferro, só a testa trazia desarmada e nua. Assim vos peço, me deis as vossas, nuas de paixão, nuas de affecto, e ainda de curiosidade nuas. Comecemos.

DISCURSO PRIMEIRO *

Elegit quinque lapides limpidissimos de torrente.

A primeira pedra da funda de David atirada (ó Roma) á cabeça do Gigante, diz o nosso purpurado Interprete, que é o conhecimento de si mesmo. *Cognitio sui.* Grande pedra, e com razão a primeira; porque neste mundo racional do homem, o primeiro mobil de todas as nossas acções é o conhecimento de nós mesmos. As obras são filhas dos pensamentos; no pensamento se concebem, do pensamento nascem, com o pensamento se criam, se augmentam e se aperfeiçoam: e como os filhos recebem dos paes a natureza, o sangue e o appellido; assim se recebe do pensamento todo o bem grande e louvavel, que resplandece nas obras. D'aqui é, que querendo louvar David as obras maravilhosas de Deus, fez o panegyrico aos seus pensamentos: *Multa fecist' tu Domine Deus meus mirabilia tua, et cogitationibus tuis non est qui similis sit sibi.* [1] Sendo pois os pensamentos e conceitos na mente do homem tantos e tão diversos, justamente se póde duvidar de qual, ou quaes delles sejam filhas as obras. Todos commummente cuidam, que as obras são filhas do pensamento ou idéas, com que se concebem e conhecem as

---

* Foram estes cinco admiraveis Sermões prégados em italiano e mais tarde vertidos nas linguas hespanhola e portugueza. Vieira parece exceder-se n'elles a si proprio; são estas cinco Pedras, cinco limpidissimas joias engastadas na sua aurea corôa de principe dos oradores. Mergulhando-se no oceano profundo das Escripturas d'elle arranca Vieira perolas e margaridas inextimaveis, como do grande Basilio disse Santo Ephrem: *Demergens ipsum in profundum Scripturarum et præclaram inde margaritam exhauriens.*

1 *Psalm.* XXXIX, 6.

mesmas obras: eu digo que são filhas do pensamento e da idéa, com que cada um se concebe, e conhece a si mesmo.

A primeira coisa e a maior que jámais se obrou, não no mundo, senão antes do mundo, foi a geração eterna do Verbo: e como foi, não feita, mas produzida, uma obra tão grande, tão immensa, tão portentosa e incomprehensivel? Não de outra maneira que do conhecimento de si mesmo. Conheceu Deus o seu sêr, a sua grandeza, a sua infinidade, a sua omnipotencia; e o parto que sahiu deste immenso conceito de si mesmo, foi outro elle, outro mesmo; foi e é o Verbo tão grande, tão immenso, tão infinito, tão omnipotente tão Deus como o mesmo Pae. A imagem mais perfeita, a proporção mais ajustada, e medida mais egual da obra, é o conhecimento de si mesmo em quem a faz. Quando Apelles pintava Alexandre, tinha na mente a Alexandre: quando Alexandre conquistava o mundo, tinha na mente a si mesmo. Na idéa de Apelles cabia Alexandre em um quadro: na idéa de si mesmo não cabia Alexandre no mundo; por isso o conquistou todo.

Quando David se poz em campo contra o Goliath, Saül desconfiava da victoria, e David não: e porque? Porque Saül media a David com o Gigante, e David media-se a si comsigo mesmo: vêde o que respondeu a El-rei: *Leonem, et ursum interfeci ego: erit igitur et philisthæus hic quasi unus ex eis.* [1] Olha, moço (dizia Saül a David, apontando para o Gigante) olha que aquelle é mais que homem, e tu menino; aquelle armado, e tu sem armas; aquelle exercitado em batalhas, e tu sem exercicio de guerra; olha e vê o que fazes, e o que emprehendes. Já o tenho visto e considerado, responde David; porque eu não faço comparação de mim ao Gigante, senão de mim a mim: *Leonem et ursum interfeci ego.* Se Goliath é gigante, eu sou David; e quem tem desqueixado ursos e leões, tambem matará philisteus. O' força do conhecimento de si mesmo! Considerae de uma parte todo o exercito de Israël, da outra só David, e o Gigante em meio. Alli teme o rei, temem os capitães, temem os soldados; aqui não teme David, antes zomba do inimigo, e não por outro mo-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII, 36.

tivo, senão porque elles, e elle se conheciam a si mesmos: elles attonitos e tremendo, porque se conheciam a si e á sua fraqueza; elle animoso e risonho, porque se conhecia a si e ao seu valor. No pensamento daquelles triumphava o Gigante; no pensamento deste triumphava David; e por isso triumphou com as mãos, porque já havia triumphado com os pensamentos: das obras grandes ou pequenas; das acções generosas ou vis, cada um traz na propria cabeça a verdadeira medida. Vêde-o em quatro cabeças unidas e differentes.

Aquelles animaes do carro de Ezechiel, cada um tinha quatro cabeças em um só corpo: cabeça de homem, cabeça de aguia, cabeça de leão, cabeça de boi: e que farão ou que fariam no mesmo corpo quatro cabeças com quatro phantasias tão diversas? Eu sou homem, eu sou aguia, eu sou leão, eu sou boi: e que posso eu fazer, ou que se póde esperar que eu faça? Que? Que cada qual daquellas cabeças, ainda que no mesmo corpo, produzam effeitos differentes; e que todas sáiam e se distingam com acções propriamente suas, e proporcionadas á phantasia de cada uma. Assim foi: a aguia sahiu com azas: *Pennæ eorum extensæ desuper*;[1] o homem sahiu com mãos: *Manus hominis sub pennis*: o boi sahiu com pés largos e fendidos: *Planta pedis eorum, quasi planta pedis vituli*: o leão sahiu com um coração prompto e animoso, que não se via de fóra, mas movia-se por dentro: *Ubi erat impetus spiritus, illuc gradiebantur*. Assim foi, assim é, e assim será sempre. O coração, os pés, as mãos, as azas, tudo vem da cabeça, que é o molde da propria phantasia. Se esta fôr de homem, as acções serão racionaes; se de aguia, altivas; se de leão, generosas; se de boi, vis.

II

Sendo pois o conhecimento de si mesmo, e o conceito que cada um faz de si uma força tão poderosa sobre as proprias acções; e sendo tambem o homem um composto pouco menos que chimerico, formado de

---

[1] *Ezech.*, I, 7.

duas partes tão distantes como lodo e divindade, ou quando menos um sopro della; eu não sei na verdade como possa declarar ou definir ao homem o util conhecimento de si mesmo. Se lhe digo que se conheça pela parte inferior e terrena, temo que um conceito tão baixo produza acções vis como em Adão; se pela parte superior e tão alta, temo que a mesma alteza de seu conhecimento degenere em inchação e soberba, como em Lucifer. Aquelle cahiu porque não conheceu a sua nobreza: *Homo, cum in honore esset, non intellexit.* [1] Este cahiu, porque a conheceu: *Perdidisti sapientiam tuam in decore tuo.* [2] E entre um e outro perigo, não sei qual dos dois precipicios seja o maior.

Dir-me-hão que posso e ainda devo seguir, como mais seguro, o exemplo dos que foram diante, e que considerando bem as suas pizadas, acharei que todas (como as que mostrou Daniel ao rei idolatra) [3] nos deixaram estampadas em pó e cinza, Abrahão: *Loquar ad Dominum meum, cum sim pulvis, et cinis.* [4] O Ecclesiastico: *Quid superbis terra, et cinis?* [5] Job, tão ensinado em uma e outra fortuna: *Comparatus sum luto, et assimilatus sum favillæ, et cineri:* [6] e, o que é mais, a mesma Igreja no primeiro dia deste tempo santo, com palavras da bocca de Deus: *Pulvis es, et in pulverem reverteris.* [7]

Confesso, senhores, que este é o caminho real, batido e plano, por onde guiaram ao conhecimento de si mesmo, os que melhor o conheceram, e se conheceram, cujas pégadas eu beijo e venero quanto merecem. Não posso porém deixar de dizer hoje que este modo de conhecimento proprio, posto que tão louvavel e pio, não se accommoda quanto eu quizera, nem com o meu juizo, nem com o meu auditorio, e muito menos com o meu argumento: com o meu juizo não, porque eu faço um conceito mui alto do homem; e este conhecimento é

---

1 *Psalm.* XLVIII.
2 *Ezech.*, XXIV.
3 *Dan.*, XXIV, 19.
4 *Gen.*, XVIII, 27.
5 *Eccl*, X, 9.
6 *Job.*, XXX, 19.
7 *Gen.*, III, 19.

mui baixo: com o meu auditorio tambem não; porque o meu auditorio é o mais nobre, o mais generoso, e o mais heroico; e este conhecimento é todo vil; nem finalmente com o meu argumento, porque o meu argumento, conforme ao Texto, é obrigado a ser mui limpo: *Limpidissimos lapides;* e este conhecimento não se póde sacudir do pó, nem lavar-se do lodo. Qual será logo no homem o limpo conhecimento de si mesmo? Digo que é conhecer e persuadir-se cada um, que elle é a sua alma. O pó, o lodo, o corpo, não é meu; eu sou a minha alma: este é o verdadeiro, o limpo e o heroico conhecimento de si mesmo; o heroico por que se conhece o homem pela parte mais sublime; o limpo, porque se separa totalmente de tudo o que é terra; o verdadeiro, porque ainda que o homem verdadeiramente é composto de corpo e alma, quem se conhece pela parte do corpo, ignora-se, e só quem se conhece pela parte da alma se conhece. Não sei se saberei declarar-me. Assim como um espelho se compõe de aço e crystal, assim o homem se compõe de corpo e alma: e que succederia a quem se visse, ou por um ou por outro lado? Quem olha para o espelho pela parte do aço, vê o aço, mas não se vê a si: quem olha pela parte do crystal, vê ao crystal, e no crystal vê-se a si mesmo. Assim neste espelho da natureza humana, quem o olha pela parte terrea e opaca, que é o corpo, vê o corpo, mas não vê o homem: quem o olha pela parte celeste e luminosa, que é a alma, vê a alma, e na alma vê e conhece o que elle é, e o que o distingue e enuobrece sobre todas as creaturas da terra.

Agora se entenderá uma difficil consequencia daquelle logar dos Cantares, tão escuro, como sabido. *Si ignoras te, egredere:* [1] Homem, se te ignoras, se te não conheces, sáe fóra. Eu bem sei que a causa de muitas ignorancias é o não sahir; o homem tanto sabe, quanto sáe, e aquelles que não sahiram, não sei como podem saber, senão fôr por sciencia infusa, a qual ainda não basta. Das tres Pessoas Divinas, só aquella que sahiu, foi a Sabedoria: *Exivi à Patre:* [2] e sahindo com tres sciencias, a divina, a beata, e a infusa, ainda

---

1. *Cant.*, I, 7.
2. *Joan.*, XVII, 28.

adquiriu e aprendeu a experimental, que é a quarta: *Didicit ex iis, quæ passus est.* [1] Não é logo muito, que ao homem que se ignora, se lhe mande que sáia: *Si ignoras te, egredere.* Mas d'onde ha de sahir? Do corpo, diz Santo Ambrosio: *De corporalibus vinculis, de carnalibus integumentis.* Em quanto o homem não sáe do corpo, ignora-se, e só quando sáe delle se conhece. Os Santos dizem, que para que o homem se conheça, ha de entrar em si mesmo; e este sahir de si, é entrar em si; porque é sahir do exterior do homem, que é o corpo, e entrar e penetrar o interior delle, que é a alma. Ha de servir o corpo ao proprio conhecimento, como o aço no espelho serve á vista: o aço serve á vista; porque rebate e lança de si as especies de quem se vê ao espelho; de maneira, que o mesmo que impede o conhecimento directo, serve ao conhecimento reflexo. Assim é no homem o conhecimento de si mesmo: se pára no corpo, ignora-se; se reflecte sobre a alma, conhece-se; sáia logo do corpo, e sacuda-se do pó, se quer conhecer-se: *Si ignoras te, egredere.*

E se alguem me perguntar a razão desta philosophia, por que o homem visto pela parte do corpo se ignora, e visto ou considerado pela parte da alma se conhece; a razão clara e facil (posto que pareça injuriosa) é, porque quem vê o corpo, vê um animal; quem vê a alma, vê ao homem. Não é distincção, ou palavras minhas, antes as palavras e sentido, e a distincção, tudo é da Escriptura divina. Estava Daniel na lago dos leões, e quando depois escreveu a sua historia, diz que todos os dias se davam alli a dois leões dois corpos: *Dabantur eis duo corpora quotidie.* [2] Passemos agora de Babylonia a Canaam. [3] Tratanto alli El-rei Barú da repartição de certos despojos, disse a Abrahão que lhe désse só as almas, e que o mais lhe ficasse: *Da mihi animas, cætera tolle tibi.* Já temos no Texto sagrado almas, e corpos: mas que corpos, e que almas eram estas? O mesmo Texto o diz. Os corpos eram os animaes, que cada dia se davam por pasto aos leões; as almas eram os homens, que Abrahão vencedor tinha

---

[1] *Ad Hebr.*, v, 9.
[2] *Dan.*, xiv, 31.
[3] *Gen.*, xiv, 21.

libertado do captiveiro dos inimigos, e não só no sentimento commum do juizo humano, senão na propriedade da Historia Sagrada, os animaes chamam-se corpos, e os homens almas, porque o caracter que distingue o animal do homem, e o homem do animal, é, que o animal é corpo, e o homem alma. Verdade é, que o homem e o animal, cada um por seu modo, é composto de alma e corpo: mas como a alma do animal é corporea, e a alma do homem espiritual; o animal ainda que tenha alma, é corpo: *Dabantur eis duo corpora;* e o homem ainda que tenha corpo, é alma: *Da mihi animas.*

E porque não pareça que me fundo só em palavras, vamos ao facto; e seja a experiencia em uma das maiores almas, e em um dos maiores homens que houve, nem haverá, S. Paulo. *Scio hominem in Christo, sive in corpore, sive extra corpus nescio, Deus scit; scio hujusmodi hominem, quoniam raptus est in paradisum.* [1] Eu sei um homem (diz S. Paulo fallando de si mesmo), o qual foi arrebatado e levado ao céu: mas se este homem foi levado ao céu em corpo, ou sem corpo, isso não o sei eu, sabe-o Deus. Até aqui o Apostolo: e creio, que ninguem haverá deixado de reparar muito no que diz, e no modo com que o diz. Duas coisas diz S. Paulo, uma que affirma, outra que duvida; uma que sabe, outra que não sabe. Diz que sabe, que aquelle homem foi levado ao céu: e diz que não sabe se foi levado em corpo, ou fóra do corpo: *Sive in corpore, sive extra corpus nescio.* Pois se duvida e não sabe se o corpo foi, ou não foi levado ao céu; como diz e affirma, que sabe que foi levado ao céu o homem: *Scio hujusmodi hominem, quoniam raptus est in paradisum?* Não sabe que fosse levado o corpo, e sabe que foi levado o homem? Sim; porque sabia Paulo certissimamente, e sem duvida nenhuma, que a sua alma fóra levada ao céu, ainda que ignorava se fóra unida, ou apartada do corpo; e uma vez que sabia que foi levada a alma, sabia que foi levado o homem; porque o homem é a alma: se a alma foi levada *in corpore*, era homem com corpo; se foi levada *extra corpus*, era homem sem corpo; mas ou com corpo ou sem corpo, sempre homem, e o mesmo homem: *Scio hujusmodi hominem.*

[1] *1.ª Epist. ad Cor.*, XII, 2.

Se perguntarmos a Job que coisa é o corpo, responderá, que é um vestido do homem: *Pelle et carnibus vestisti me*, [1] e como o vestido, e não vestido, é o mesmo homem; assim Paulo, ou em corpo, ou sem corpo, era o mesmo Paulo. Quando Elias foi arrebatado ao céu, ao principio levava a sua capa aos hombros, depois ficou sem capa; porque a lançou a Eliseu: do mesmo modo S. Paulo no seu rapto, se foi *in corpore*, era Elias com capa; se foi *extra corpus*, era Elias sem capa: mas como Elias, ou com capa, ou sem capa, era o mesmo Elias; assim Paulo, ou com corpo, ou sem corpo, era o mesmo Paulo e o mesmo homem: *Scio hujusmodi hominem, sive in corpore, sive extra corpus, quoniam raptus est in paradisum.*

III

Provado assim o meu argumento, e tão bem recebida, como vejo, a prova, ainda me parece oiço arguir algum escrupuloso douto, que esta doutrina de ser o homem alma, quando menos, sabe a seita e erro de Platão, e que a sua mesma prova, se a interpretação é verdadeira, faz tambem platonico a S. Paulo: porém eu estou costumado a temer tão pouco similhantes instancias, que para que esta mereça a resposta, quero primeiro dar-lhe novas forças, e essas tiradas do mesmo S. Paulo. Os platonicos diziam que o corpo não é outra coisa que um vestido tecido de carne e ossos, um vaso de barro, uma casa portatil, e um servo, ou escravo do homem, não obediente, mas rebelde: e tudo isto diz tambem S. Paulo: diz que é vestido: *Nolumus expoliari, sed supervestiri;* [2] diz que é vaso de barro: *Habemus thesaurum in vasis fictilibus;* [3] diz que é casa portatil: *In hoc tabernaculo ingemiscimus;* [4] diz finalmente que é escravo: *Castigo corpus meum, et in ser-*

---

[1] *Job.*, x, 11.
[2] *2.ª Epist. ad Cor.*, v, 4.
[3] *Cor.*, IV, 7.
[4] *2.ª Epist. ad Cor.*, v, 4.

virtutem redigo. [1] E para que se veja quanto o Apostolo distingue o corpo do homem e de si mesmo, exclama: *Infelix ego homo, quis me liberabit de corpore mortis hujus?* [2] Ai de mim, homem infelice! Quem me livrará deste corpo mortal: *Me de corpore?* Diz, a mim do corpo; logo Paulo não é corpo, senão uma coisa o corpo, e outra Paulo, como o carcere e o que está preso nelle? Pois se Paulo e Platão dizem o mesmo, como é verdadeira e divina a theologia de Paulo, e falsa e heretica a philosophia de Platão?

Aqui vereis como as mesmas proposições catholicas e divinas podem parecer erros, se se interpretarem contra a mente de quem as diz, ou por ignorancia, ou por malicia: crêr e entender que o corpo não é parte do homem, é erro de Platão; estimar o corpo e tratar o corpo, como se não fôra parte do homem, é theologia de S. Paulo, e sabedoria do terceiro céu. Isto é o que elle disse e o que fez sempre: tratava S. Paulo o seu corpo, como se não fôra parte sua, senão um escravo rebelde, e como tal o castigava, e domava a açoites: *Castigo corpus meum, et in servitutem redigo;* estimava o seu corpo, não como parte sua, senão como um carcere penoso, escuro, e hediondo, mais terrivel que a mesma morte, e como tal suspirava por se desapegar, e livrar-se delle. *Quis me liberabit de corpore mortis hujus?* Trazia o seu corpo ás costas, não como parte propria, que não péza, mas como uma carga insupportavel, e uma casa portatil pezadissima; e como tal não morava nella, mas gemia debaixo della: *In hoc tabernaculo ingemiscimus.* Andava cercado e coberto do seu corpo, como de vestido, que não é parte, nem carne propria, senão lã e fabrica alheia: e assim as affrontas e feridas que recebia nelle, levava-as tão levemente, como se só lhe tocaram na roupa; reprehendendo aos que não querem despir-se do mesmo corpo e das suas paixões e appetites: *Nolumus expoliari, sed supervestiri.* Finalmente, estimava só a alma como thesouro proprio, e unico; e do corpo, como se não fôra seu, fazia tão pouco caso, como de um vaso de barro vil e fragil: *Habemus thesaurum in vasis fictilibus.* Esta é a doutrina de S. Paulo, esta a minha.

---

[1] *1.ª Epist. ad Cor.*, IX, 2.
[2] *Ad Rom.*, VII, 14.

Nem me diga a grammatica critica de algum theologo, que todo este discurso se resolve em uma sinedoche do Apostolo, como se chamasse alma ao homem, tomando a parte pelo todo. Este jogo de palavras não é de materia tão grave e tão seria. Quando S. Paulo (e eu com elle) chama homem á alma, não falla da parte do homem, senão de todo o homem; mas não do homem physico e natural, senão do homem moral, a quem elle queria instruir e formar; [1] bem assim como em outro logar distingue no mesmo homem dois homens: a constituição do homem moral é mui diversa da composição do homem natural: o homem natural compõe-se de alma e corpo: o homem moral constitue-se, ou consiste só na alma. De maneira, que para formar o homem natural, se ha de unir a alma ao corpo; e para formar ou reformar o homem moral, ha se de separar a alma do corpo. Isto é o que digo e o que quizera persuadir; e não me creaes a mim, senão a Deus por bocca de Jeremias: ouvi um grande Texto.

Falla Jeremias da differença da alma e corpo, como notou em muitos logares S. Chrysostomo; e instruindo o Propheta ao bom prégador, lhe diz assim em nome e pessoa de Deus: *Si separaveris pretiosum à vili, quasi ós meum eris.* [2] Tu que tens officio de ensinar homens, se separares o precioso do vil, isto é, a alma do corpo, será a tua bocca como a minha. Todos estaes vendo a difficuldade desta sentença. Que fez a bocca de Deus com o corpo e alma do homem? Jazia no campo Damasceno aquella estatua de barro, que depois se chamou corpo de Adão. Chegou Deus a ella, assoprou-a, e com a respiração de sua bocca lhe infundiu e uniu a alma, e por meio desta união da alma ao corpo, foi feito e formado o homem: *Inspiravit in faciem ejus spiraculum vitæ, et factus est homo in animam viventem.* [3]

Pois se a bocca de Deus fez e deu sêr ao homem, unindo o precioso ao vil, isto é, a alma ao corpo; como diz o mesmo Deus, que será como a sua bocca, não o que unir, senão o que separar a alma do corpo, e o

---

[1] 2.ª *Epist. ad Cor.*, IV, 16.
[2] Chrysost. Hom. III in Gen. orat. 5 contra Judæos.
[3] *Gen.*, III, 4.

precioso do vil: *Si separaveris pretiosum à vili, quasi os meum eris?* A razão e differença é, porque fallava aqui Deus da formação, não do homem natural, senão do homem moral: aquella é composta, esta é simples; aquella consiste na união do precioso com o vil, e do corpo com a alma; esta na separação; aquella é alma e corpo, esta é só alma; e desta differença de ser a ser, e de homem a homem, nasce a similhança da bocca de Deus com a bocca do prégador; como instrumento da graça fórma ao homem separando a alma do corpo; por isso lhe diz Deus, que será como a sua bocca, se dividir o que elle uniu, e separar o precioso do vil: *Si separaveris pretiosum à vili, quasi os meum eris.*

IV

Senhores meus, separemos o precioso do vil: separemos como S. Paulo ao homem do vestido, ao senhor do escravo, ao morador da casa, ao preso do carcere, ao thesouro do barro, em fim ao corpo da alma: entendamos todos, e diga-se cada um a si mesmo: Eu sou a minha alma: este é o nobre, o limpo, o heroico e verdadeiro conhecimento de si mesmo. Se com verdade me dizem que sou pó, porque o meu corpo foi pó em Adão, e ha de ser pó na sepultura, ainda que de presente o não seja: porque não direi eu com egual e maior verdade, que sou alma, porque o fui, porque o hei de ser, e porque o sou? Separemos logo o precioso do vil: e vivamos como almas separadas. As nossas almas todos sabem que teem dois estados, um nesta vida de alma unida ao corpo, outro depois da morte, que é e se chama de alma separada. Este segundo estado é muito mais perfeito; porque, livre a alma dos embaraços e dependencias do corpo, obra com outras especies, com outra luz, com outra liberdade, com outra nobreza; em fim, como desatada e descarregada daquelle pezo e daquella vil companhia, que sempre a faz tirar ao baixo; se a morte ha de fazer por força esta separação, porque a não faremos nós por vontade? Porque não fará a razão desde logo, o que a morte ha de fazer depois? Oh que vida! Oh que obras seriam as nossas tão outras do que são! Porque nos parece que faziam

os Santos obras tão maravilhosas, senão porque viviam como almas separadas, unidas ao corpo, mas independentes do corpo: *In carne, non secundum carnem?* [1] Por isso eram nelles tão heroicas, tão fidalgas, e tão limpas as acções, que em nós são tão cheias, ou totalmente de lodo, ou quando menos de pó.

Eu não pertendo negar ao pó a piedade e o util de seu conhecimento, só quero que nos estimemos pela parte mais nobre, para que tambem o sejam as nossas obras, pois são filhas (como dissemos) da estimação e conceito que cada um faz de si mesmo. Todas as vezes que Deus quiz que os homens fizessem coisas grandes, mudou-lhes os conceitos; o conceito baixo e humilde que tinham de si, em conceitos altos e generosos. Quiz Deus que Gedeão triumphasse dos exercitos innumeraveis dos Madianitas; e que fez? Quando elle tinha tão baixo conceito de si, que estava prevenindo a fugida, mandou-lhe dizer Deus por um Anjo que era o mais valente de todos os homens: *Dominus tecum virorum fortissime.* [2] Estime-se fortissimo, o que se tem por fraco, e fará façanhas tão incriveis como as de Gedeão. Quiz Deus que Jeremias mudasse e tirasse corôas; fizesse e desfizesse reinos; derrubasse e plantasse monarchias: e que fez tambem? Quando elle tinha tão desegual opinião de si, que se estimava por um menino, e como tal se escusava, reprehendeu-lhe o mesmo Deus o encolhimento e covardia daquelle conceito e disse-lhe: *Noli dicere, puer sum: quoniam ad omnia, quæ mittam te, ibis.* [3] Não póde fazer, nem emprehender obras grandes, quem se conhece, e se estima pequeno: se isto parece humildade, é bastarda; se aquillo parece soberba, é santa. *Humilis ad merita, superbus ad vitia*, disse Eusebio Emisseno fallando de S. Maximo: não é soberba estimar-se para não fazer baixezas, descuidar-se do pó para se lembrar de si, e conhecer-se alma, para obrar como anjo.

Uma só coisa acho de bem na consideração e conhecimento do pó; ser motivo e incentivo para o perdão, como o foi para a fraqueza. Porque perdoou Deus ao

---

[1] *Ad Rom.*, VIII, 4.
[2] *Jud.*, VI, 12.
[3] *Jer.*, I, 7.

homem e não ao anjo? Pela fragilidade e miseria do nosso barro: *Quoniam ipse cognovit figmentum nostrum, recordatus est quoniam pulvis sumus:* [1] Conheceu Deus, diz o Propheta, a materia fragil do nosso corpo, e lembrou-se que somos pó. Notae muito aquelle *ipse cognovit, et recordatus est.* O conhecimento e memoria do pó é bom da parte de Deus para o perdão de nossas fraquezas: mas da nossa parte é melhor o esquecimento do pó, e o conhecimento da alma, para incentivo do valor e das obras heroicas e generosas. Do corpo foi principio e é fim o pó: da alma foi principio e é fim Deus: e como as obras nascem de seus principios e caminham a seus fins, só obrará heroicamente, quem trouxer diante dos olhos do seu conhecimento, não o vil principio e fim de seu corpo, senão o principio e fim altissimo de sua alma. As maiores e mais heroicas obras, que jámais se obraram no mundo, foram as de Christo; e entre todas as obras de Christo, as maiores e mais heroicas foram as do fim de sua vida; poz-se em campo Christo naquella ultima batalha, só, e desarmado, contra o mundo, contra a morte, contra o peccado, contra o inferno: e só, e despido venceu em um dia, e triumphou gloriosamente de tudo: mas com que conhecimento de si mesmo vos parece que entrou aquelle fortissimo capitão em um tão estranho e difficultoso conflicto? Disse-o e notou-o com particular advertencia S. João: *Sciens quia à Deo exivit, et ad Deum vadit:* [2] Sabendo (diz) que o seu principio e o seu fim era Deus. Notae. Em Christo, como verdadeiro filho de Adão, não só concorria este principio e fim nobilissimo, que é Deus pela parte da alma, senão tambem o outro principio e fim da extrema baixeza, que é o pó pela parte do corpo: e naquelle termo preciso, em que ia a morrer, parece que devia levar mais diante dos olhos o principio, e fim do pó, como em seu nome havia dito David: *Et in pulverem mortis deduxisti me.* [3] Pois porque não entrou Christo na batalha com este pensamento, e com este conhecimento, senão com o contrario? Porque as acções ultimas de sua vida con-

---

1 *Psalm.* CII, 14.
2 *Joan.*, XIII, 3.
3 *Psalm.* XXI, 16.

vinha que fossem, e haviam de ser as mais gloriosas e as mais heroicas; e para obrar gloriosa e heroicamente em quanto homem, esqueceu-se totalmente o seu generoso espirito do principio e fim do mesmo corpo, em que padecia; e só cuidava e tinha sempre firme na mente o principio e fim da sua alma, donde veiu e para onde ia: *Sciens quia à Deo exivit, et ad Deum vadit.*

Este *sciens*, ó Roma, este *sciens*, e este alto conhecimento de nós mesmos, ó senhores, é aquelle que eu vos prégo hoje; não o principio e fim do corpo, que é terra, senão o principio e fim da alma, que é Deus: o corpo sahiu da terra e vae para a terra: *Terra es, et in terram ibis:* [1] a alma sahiu de Deus, e vae para Deus: *A Deo exivit, et ad Deum vadit.* E este é o conhecimento que devemos trazer sempre no pensamento, e revolver altamente na memoria. Vêde quanto vae de principio a principio, de fim a fim, e de conhecimento a conhecimento. Entre bem este *sciens*, e penetre a cabeça do nosso gigante; e ainda que elle, como a estatua ou colosso de Nabuco, tenha os pés de barro, eu vos prometto, que uma vez entrado de um tão alto conceito de si mesmo, este será bastante para mudal-o e transformal-o todo de pés á cabeça. O colosso, ou a estatua de Nabuco teve duas transformações, não notadas, mas notaveis; uma com que se transformou toda em pó, outra com que se transformou toda em oiro. Transformou-se toda em pó, quando a pedra cahida do monte lhe tocou os pés de barro, e a desfez: transformou-se toda em oiro, quando depois de desfeita a mandou Nabuco fabricar de novo, não dos mesmos metaes varios de que era composta, senão toda de oiro: *Fecit statuam auream.* [2] E qual foi a causa desta segunda transformação, tanto mais nobre e tanto mais rica? Não foi outra, que um novo conhecimento que teve Nabuco, e um alto conceito que fez de si mesmo. Interpretou Daniel a Nabuco os membros e metaes da estatua, e disse-lhe que elle era a cabeça de oiro: *Tu es ergo caput aureum.* [3] E logo que Nabuco teve este tão novo e alto

---

1 *Gen.*, III juxta 7.
2 *Dan.*, III
3 *Dan.*, II, 38.

conhecimento de si mesmo; logo que conheceu que elle era a cabeça de oiro, no mesmo ponto toda a estatua foi de oiro: *Fecit statuam auream.* O barro dos pés transformou-a toda em pó, o oiro da cabeça transformou-a toda em oiro.

Espiritos romanos e generosos: se quereis estatuas no Capitolio, ou deste, ou do outro mundo, sabei que na propria cabeça tendes a mina dos metaes: se vos conhecerdes como corpo, toda a estatua será de pó; se vos conhecerdes como alma, toda a estatua será de oiro; conhecei-vos altamente, e isto basta.

V

Tenho acabado o meu discurso, e só vejo me poderão dizer contra elle, que puz o conhecimento de si mesmo em uma coisa que se não conhece: é verdade que nós nesta vida não conhecemos a nossa alma, como é em si mesma, ou *quidditativè*, como fallam as escólas: mas porque a alma se não conhece a si, por isso mesmo se póde conhecer melhor: não quiz Deus que o homem tivesse proprias especies de sua alma, porque pertencia á dignidade de uma creatura tão nobre e tão apparentada com Deus, que assim como Deus nesta vida se conhece por fé, assim se conhece por fé tambem a alma. Não digo que a alma se não conhece naturalmente nesta vida, mas quando se conhece naturalmente, é tambem como Deus pelos effeitos: conhecer a Deus e a alma em seu proprio sêr e substancia, é felicidade reservada para a outra vida: e a razão é, porque como a alma é uma imagem perfeitissima de Deus, só á vista do original se póde conhecer perfeitamente a copia. Oh grande perfeição da alma, que não se haja de vêr em outro espelho que no da face de Deus!

Andae agora a estimar o corpo, a servir o corpo, a admirar o corpo, a idolatrar o corpo! Mas se o corpo se estima, se serve, se admira, se idolatra; porque devendo o homem ser alma, as almas hão degenerado a ser corpo. Não era todo corpo a alma daquelle que fallando com a sua lhe dizia: *Anima mea habes multa bona posita in annos multos, requiesce, comede, bibe*

et epulare: [1] Alma, tens muitos bens, e para muitos annos, descança, come, bebe, regala-te? A alma que havia de comer e beber, vêde se estava transformada em corpo; mas não tardou muito Deus em vingar a nobreza da alma de uma injuria tão brutal: *Stulte, hac nocte repetunt animam tuam à te.* [2] Na mesma noite lhe tirou Deus a alma vil e degenerada, para que só ficasse o corpo de quem todo era corpo.

Visitando uma noite Alexandre os seus arraiaes, achou uma sentinella dormindo, e matou-a; e perguntado pela causa, respondeu: *Qualem invèni, talem reliqui:* Qual a achei, tal a deixei. Assim faz Deus quando acha homens que não são mais que corpo; para os deixar quaes os acha, tira-lhes a alma e a vida subitamente: *Hac nocte.* Oh quanto se póde temer, que seja esta a causa de tantas mortes repentinas, quantas se veem nestes dias, e não se choram quanto devem! E porque não se defenda alguem com dizer que aquelle exemplo foi singular; lembrae-vos do Diluvio, e da causa delle. Affogou Deus o mundo, tirando a vida a todo o genero humano de um golpe: e qual cuidaes que foi a razão? O mesmo Deus que deu a sentença, declarou a culpa: *Non permanebit spiritus meus in homine, quia caro est:* [3] Porque não havia na corrupção daquelle tempo homem que tivesse alma, todos, e tudo era corpo: *Quia caro est:* mais diz ainda, e peor sôa *caro*, que corpo: queira Deus que não seja o nosso seculo hoje, como foi então o de Noé: tem chegado o mundo a tão infeliz estado nesta materia, que se a palavra de Deus e o arco do céu nos não segurara, se podia temer outro diluvio. Mas Deus póde fazer diluvios com todos os elementos: no ar ha pestes, no fogo incendios, na terra terramotos, que já começam a sorver cidades inteiras, não fallando nos diluvios de sangue com que o inimigo commum e visinho, e as veias dos mesmos mortos nos ameaçam. [4]

Almas, almas, vivei como almas: se conheceis que

---

[1] *Luc.*, XII, 29.
[2] *Ibid.*, 20.
[3] *Gen.*, VI, 3.
[4] Allude ao braço de S. Nicolau Tolentino, que naquelles dias vertia muito sangue.

a alma é racional, governe a razão, e não o appetite: se conheceis que é immortal, desprezae tudo aquillo que morre e acaba: se conheceis que é celeste, pizae e mettei debaixo dos pés tudo o que é terra. Finalmente, se conheceis que é divina, amae, servi, louvae, e aspirae só a Deus: este é o verdadeiro conhecimento de si mesmo, e esta a primeira pedra do nosso David; mas se ella não bastar, ainda lhe ficam no surrão outras quatro.

DISCURSO SEGUNDO

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente. [1]

I

A mão de David não perde tiro, e se a minha o perde na pedra que hoje tira, sem duvida se perderá um grande bem, porque é do bem perdido. Disse com alto sentimento Tertulliano, que nesta vida não só se padecem os males, senão tambem os bens; e que assim como ha males que excedem a paciencia, assim ha bens intoleraveis: *Quorundam bonorum, sicut et malorum intolerabilis patientia est.* E que bens, pergunto eu, são aquelles que se padecem? Que bens ha nesta vida intoleraveis, senão os bens perdidos? Os bens que já foram, e se acabaram, e que não nos deixaram de si outra prenda, que a memoria e dôr. Esta é a segunda pedra da funda de David, pedra em tudo proporcionada á cabeça vã do Gigante; quero dizer, a ti, ó Roma, tão perdida, hoje mais que nunca, pelos bens que se perdem. Os bens deste mundo, isto é, os falsos bens, adquirem-se com trabalhos, perdem-se com dôr; porém a dôr é castigo, e não remedio: os bens do céu, isto é, os verdadeiros bens, tambem se podem perder; porém se te lastíma e doe tel-os perdido, a mesma dôr da perda é remedio della. A ferida causa dôr, e a dôr sára a ferida: tal é a virtude da pedra de hoje, se eu acerto a empregar bem o tiro, e tal tambem a materia nobilissima, que para o discurso ou meditação desta noite nos tem assignado o nosso grande Inter-

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII.

prete: *Dolor amissi:* A dôr do bem perdido. Vós, os que tendes perdido algum bem, e aquelles principalmente que teem perdido o summo bem, se quereis saber o motivo e remedio de vossa dôr, e doer-vos heroica e ditosamente, dae-me attenção.

II

Toda a materia presente se resolve em tres palavras: dôr, perda, e bem; porém a complicação destes mesmos termos é tal, que havendo de tratar da dôr do bem perdido, o primeiro perdido sou eu; porque quando quero combinar a dôr com a perda, a perda com o bem, e o bem com a dôr, me acho cercado por todas as partes, e preso sem sahida, dentro de um circulo por uma parte inevitavel, e por outra incrivel. Todos creem que a dôr é a medida da perda, e a perda a medida do bem; sendo porém certo, como é, que o bem possuido se estima menos, e o mesmo bem perdido se estima mais, d'aqui se segue que a perda cresce, e faz maior o bem; e que o bem perdido feito maior, faz tambem maior a dôr. De maneira, que caminhando do bem para a perda, e da perda para a dôr, o bem, a perda e a dôr são menores; porém, tornando da perda para o bem, e do bem perdido para a dôr, a dôr, a perda e o bem são maiores; e tudo isto, sendo o bem o mesmo, e não diverso. Já vêdes a força da difficuldade, que não póde ser mais clara á experiencia, nem mais escura á razão. Porém para sahir deste labyrintho tão intricado, a mesma escuridade da razão nos dará a luz, e a mesma difficuldade da experiencia o fio: oh se eu acertára a descobrir a verdadeira causa, pela qual o bem perdido, sendo um e o mesmo, ou verdadeiramente é maior, ou sem erro se julga tal! Vamos á Escriptura.

Naquella famosa parabola, que refere S. Lucas no Cap. 15, diz Christo que um bom pastor tinha cem ovelhas, e que tendo perdido uma, deixou as noventa e nove no deserto, e foi buscar a ovelha perdida: *Relictis nonaginta novem in deserto, vadit ad eam, quæ*

perierat. [1] Notavel resolução de pastor! exclamam neste caso dois grandes pastores, Chrysostomo e Agostinho. Não vê, nem repara este pastor no muito que deixa, e no pouco que busca: deixa noventa e nove ovelhas expostas á fome dos lobos, á cubiça dos ladrões, ao perigo de derramar-se, e perder-se todo o rebanho: e isto por buscar e achar em duvida uma só? Sim. Não vêdes que esta ovelha, ainda que fosse uma só, era perdida: *Vadit ad eam, quæ perierat*? Logo não é muito que arrisque todas por ella, e que estime tanto esta só, como o rebanho: *Grex una charior non erat*, diz Tertulliano. [2] Se antes de perder-se esta ovelha, perguntaramos ao pastor, quanto a estimava, responderia, que como qualquer das outras; porém depois de perdida, antepoz o preço e cuidado della ao perigo, e ao mesmo preço de todas. Antes de perder-se, estimava aquella uma, como uma; depois de perdida estimou aquella só como todas: tão certo, e tão natural é no homem dar maior valor ás coisas na perda, que na posse; e estimal-as mais incomparavelmente depois de perdidas, que antes de perder-se.

Esta é a experiencia clara, confirmada com o exemplo de Christo; porém a razão que a faz escura, ainda não apparece. Qual é logo, ou qual póde ser a razão, porque a ovelhinha perdida, e qualquer outro bem perdido, se estima tanto mais depois que se perde, que quando se possuia? Dizem commummente, que a razão desta maior estimação é a dôr, porque o bem possuido é objecto do gosto, e o bem perdido é objecto da dôr; e a dôr move o sentido mais efficazmente que o gosto. A philosophia é verdadeira, porém a resposta falsa. E' verdade que a paixão da dôr move mais forte, e mais efficazmente o sentido, que o affecto do gosto; mas que a razão ou motivo da maior estimação do bem depois de perdido seja a dôr, é falso, e o provo com evidencia do mesmo Texto. Applicando Christo a parabola, conclue assim: *Sic erit gaudium in cœlo super uno peccatore pœnitentiam agente, quam supra nonaginta novem justis.* Como aquelle pastor, diz, estimou mais a ovelhinha perdida, e se alegrou mais de a ter

---

1 *Luc*, xv. 4.
2 Tertul. lib. de Pœnit. cap. 8.

achado, que das outras noventa, que se não perderam; assim é maior o gosto, a alegria e festa que se faz no céu por um peccador perdido e penitente, que por noventa e nove justos. Logo a maior estimação do bem perdido não provém da dôr; porque aquelle maior gosto, e aquella maior estimação foi no céu: *Gaudium erit in cœlo;* e no céu não ha dôr. Qual será pois a verdadeira razão desta differença tão notavel? Eu a direi.

A maior estimação do bem perdido não provém da dôr da perda, nem da mesma perda do bem; mas por occasião da perda provém o maior e verdadeiro conhecimento do mesmo bem, o qual antes de perdido não se conhecia. Entre o conhecimento do bem, e o conhecimento do mal ha uma grande differença: o mal conhece-se quando se tem, e o bem quando se teve; o mal, quando se padece, o bem, quando se perde. Duas coisas prometteu o demonio a Adão: uma a divindade, outra a sciencia do bem e do mal: *Eritis sicut dii scientes bonum et malum.* [1] Oh enganador, oh falso, oh embusteiro, oh mentiroso, oh traidor, clamam aqui todos contra o demonio. Eu lhe quero fazer justiça, a qual nem ao mesmo demonio se deve negar: digo que em uma coisa mentiu o demonio, em outra não: mentiu em dizer que seriam como deuses: *Eritis sicut dii:* promessa e supposição não só falsa, mas heretica e blasphema, e a primeira origem da idolatria, negando a Deus o caracter da unidade, introduzindo na divindade multidão; porém em dizer que comendo da maçã conheceriam o bem e o mal, não mentiu o demonio, antes predisse com verdade o que havia de ser: e porque, ou como? Porque comendo os primeiros paes do pomo vedado, haviam de perder todos os bens que possuiam, e haviam de incorrer em todos os males que padeceram: e o bem não se conhece senão quando se perde, nem o mal, senão quando se padece: emquanto Adão estava no Paraiso, não conhecia bem, nem o bem, nem o mal: o bem não, porque possuia todos os bens; o mal tambem não, porque não padecia mal algum; mas depois que foi lançado do Paraiso, no mesmo ponto teve inteira sciencia do bem e do mal: do mal, porque o padecia; do bem, porque o tinha perdido.

---

[1] *Gen.*, III, 5.

Assim foi em Adão, e assim é em todos os seus filhos: quão facilmente estraga o são a saude, e quão prodigamente dissipa o vão as riquezas! Porém esperae um pouco: succederá á saude a enfermidade, e vós conhecereis o bem que tendes na saude; succederá á riqueza a pobreza e necessidade, e vós conhecereis o bem que não soubestes estimar na riqueza; por isso ordenou a Providencia que fosse varia e mudavel a que vós chamaes fortuna. Ella é inconstante, porque vós sois ingratos: troca Deus os bens em males, para que vós conheçaes uns e outros: os bens que vos deu na privação; e na experiencia os males de que vos livrou. O Filho Prodigo em quanto esteve em casa de seu pae, não conhecia nem estimava os grandes bens que possuia e lograva nella; porém depois de dissipados e perdidos os mesmos bens, então os conheceu, dizendo: *Quanti mercenarii in domo patris mei abundant panibus, ego autem hic fame pereo!* [1] Na abundancia não conhecia nem a felicidade, nem a miseria; na fome conheceu a miseria presente, e a felicidade passada. Até Job, aquelle grande homem feito por Deus de proposito, ou para triumpho, ou para desprezo de uma e outra fortuna, na experiencia da adversa conheceu a differença da prospera: d'aqui é que voltando os olhos atraz dizia: *Quis mihi hoc tribuat, ut sim juxta menses pristinos, quibus Deus custodiebat me, quando splendebat lucerna ejus super caput meum?* [2] Lêde todo aquelle capitulo, que é o vinte e nove, e vereis quanto mais via agora Job nos seus passados bens, do que havia visto e conhecido antes de os perder: as palavras em que mais reparo, são aquellas do verso quarto: *Quando secretò Deus erat in tabernaculo meo.* Faz comparação e differença Job entre o tempo presente das suas miserias, e o passado das suas felicidades, e diz que naquelle tempo ditoso estava Deus em sua casa, porém occulta e secretamente: *Quando secretò Deus erat in tabernaculo meo.* Chama estar Deus em sua casa, e assistencias de Deus nella, aos bens que naquelle tempo gosava; porque de Deus, e da sua presença veem todos os bens: mas porque diz que esses

---

[1] *Luc.*, XV, 17.
[2] *Job.*, XXIX, 2.

bens, e essas assistencias de Deus então eram secretas? Antes parece que então eram publicas; porque elle, e todos viam os seus bens, e as suas felicidades: e pelo contrario, agora eram secretas; porque os bens o tinham deixado, e Deus se tinha escondido: porque diz logo que aquelles bens e assistencias de Deus então eram secretas, e agora não? Porque então as lograva, e agora já as tinha perdido. A posse dos bens é um véu que os occulta para que se não conheçam; a perda dos mesmos bens corre o véu, e então se descobre e vê claramente nelles aquillo que se não estimava, nem conhecia.

Esta é a maior desgraça dos bens, contraria em tudo á natureza dos males: os bens vêem-se de longe, os males de perto: os males quando veem, os bens quando fogem; os males pelo direito, os bens pela avesso; os males pelo rosto, os bens pelas espaldas: quando voltam as costas os bens, então se conhecem. Pediu Moysés a Deus que lhe mostrasse a sua gloria; e o Senhor lhe respondeu que lhe mostraria todos os bens: *Omne bonum ostendam tibi.* [1] Mas como lh'os mostrou? E' coisa verdadeiramente admiravel, e que nem Moysés, nem algum outro a pudéra cuidar ou imaginar. Chegando o dia em que Deus havia de cumprir a sua palavra, ou a sua promessa, e Moysés havia de vêr todos os bens, signalou-lhe Deus o modo da vista, e disse-lhe assim: *Cum transibit gloria mea, ponam te in foramine petræ, et protegam dextera mea, donec transeam, tollamque manum meam, et posteriora mea videbis.* Eu te porei (diz Deus) de traz de uma pedra, e tu estarás vendo por um resquicio: quando passar a minha gloria, taparei eu o resquicio com a minha mão, e depois de passar, levantarei a mão, e tu verás as minhas costas. Admiravel caso outra vez! De maneira, que mostra Deus a Moysés todo o bem: *Ostendam tibi omne bonum;* e que este bem o não póde vêr Moysés, senão depois de passado: *Protegam dextera mea, donec transeam?* Nem o póde vêr pelo rosto, senão pelas costas: *Posteriora mea videbis?* Sim, porque esta é a condição de todo o bem; nesta vida não se póde ser, nem conhecer, senão depois de passado, e pelas costas: *Transeam,*

[1] *Exod.*, XXXIII, 19 e 23.

posteriora mea videbis. Quando os bens voltam as costas, quando fogem, quando se vão, quando nos deixam, quando finalmente passaram e se perderam, então se conhecem. Este é todo o mysterio da dôr do bem perdido: da perda nasce o conhecimento, do conhecimento a estimação, da estimação a dôr: *Dolor amissi.*

III

Sendo pois o motivo certo e proprio do bem perdido, a privação do mesmo bem já verdadeiramente conhecido, e como conhecido estimado; de todo este discurso se conclue claramente, contra o que ao principio se arguia, que a medida da dôr do mesmo bem é sempre a mesma: porque em quanto o bem se possue não póde causar dôr, e quando se perde e é materia de dôr, já se conhece com toda a sua amabilidade e formosura: o maior bem do bem, e a sua maior fortuna, é chegar a perder-se: para quem o possue é perda, para o mesmo bem é usura: porque perdido se conhece, e se lhe dá o logar que merece: em quanto possuido tinha pequeno e humilde logar no coração, porque não era conhecido: depois de perdido, porque já se conhece, dá-lhe o coração muito maior e melhor logar, isto é, egual ao seu merecimento, dignidade e grandeza. Não é mui diverso o logar e alojamento que se dá a um principe incognito, ou conhecido? Pois assim fraia o coração ao bem: e d'aqui se segue, que é muito maior o logar que occupa a dôr no coração, que aquelle que occupa o gosto. Em quanto possuido o bem, como a incognito, dava-lhe o coração dentro em si um humilde logar, pequeno e desegual ao seu merecimento, e este é o que occupava o gosto depois de perdido; como já se conhece a sua grandeza, compõe-lhe o mesmo coração outro alojamento e outro logar muito maior e mais largo, proporcionado a ella; e este é o que occupa a dôr.

Porém tomadas assim e tão ao justo as verdadeiras medidas da dôr do bem perdido, não imagine por isso alguem, que fica tambem já conhecida a fineza e a limpeza da mesma dôr, que é o ponto principal do nosso argumento. Toda a dôr de um grande bem perdido é grande: porém não basta ser grande, para ser fina:

a fineza não é quantidade, nem é o mesmo doer-se muito, que doer-se finamente. Qual será logo na perda do bem a dôr fina e heroica e em grau superlativo limpa: *Limpidissimos lapides?*

Para satisfazer á curiosidade utilissima deste ponto, supponho primeiro, que nas perdas do bem ha mais e menos; ha bens mais perdidos, e bens menos perdidos. O bem perdido menos perdido é aquelle que depois de perdido se póde recuperar: o bem mais perdido, e totalmente perdido, é aquelle que perdido uma vez, não póde recuperar-se. Perde um homem a Deus, e perde o tempo: qual é maior perda? Em razão de bem é Deus, em razão de perdido é o tempo; porque Deus perdido póde recuperar-se; o tempo perdido não se póde recuperar. Mais: ha bens perdidos, que com a mesma dôr de tel-os perdido se recuperam; e ha bens perdidos, que com nenhuma dôr se podem recuperar depois de perdidos. Morreu a um pae seu filho, doe-se, mas nem por isso resuscita o filho; perdeu a fazenda, doe-se, mas nem por isso torna a fazenda para casa: pelo contrario perde um homem a graça de Deus, doe-se, e no mesmo ponto recupera a graça; morre o merecimento pelo peccado, doe-se; e no mesmo ponto resuscita e torna a reviver o merecimento. Supposta, pois, esta distincção e differença de bens mais perdidos e menos perdidos, e de perdas recuperaveis, e que se não podem recuperar; vindo ao ponto: digo, que aquella dôr que chora a perda de um bem totalmente perdido, e que com nenhuma dôr se póde recuperar, esta é a fina, a heroica e limpa dôr do bem perdido: se quem o tem perdido o póde recuperar, ainda que a dôr seja grande não é fina; se não póde recuperar-se, e comtudo chora a sua perda e se doe inconsolavelmente quem o tem perdido, aqui está a fineza da dôr.

Duas vezes se celebra no Evangelho [1] o pranto da Magdalena, tão formosa pelas suas lagrimas, como pelo seu amôr: a primeira, quando chorava seus peccados aos pés de Christo; a segunda, quando chorou a morte do mesmo Christo sobre a sua sepultura: em um e outro pranto foram copiosissimas as suas lagrimas, em um e outro nascidas de dôr e dôr excessiva; porém que

[1] *Luc.*, VII, 38; *Joan.*, XX, 15.

dôr, e que pranto vos parece que foi o mais heroico e mais fino? Dir-me-heis que o primeiro, porque este foi louvado pela bocca de Christo, não só como effeito da penitencia, mas como filho legitimo do amôr, que é a raiz de toda a fineza, e esse mesmo amôr qualificado e canonisado por muito: *Quoniam dilexit multum*. Comtudo eu não duvido affirmar que o segundo pranto e a segunda dôr foi muito mais heroica e muito mais fina. E porque? Porque a primeira dôr chorava um bem perdido, que se podia recuperar com a mesma dôr, e com as mesmas lagrimas; porém a segunda chorava outro bem perdido, que com nenhuma dôr, ainda que excessiva, com nenhumas lagrimas, ainda que mais copiosas, se podia recuperar. E' reflexão de Origenes naquella homilia da Magdalena, entre todas as obras do seu grande engenho a mais excellente: *Fleverat prius et lacrymis suis pedes ejus rigaverat pro morte animæ suæ: veniebat manè ad monumentum lacrymis rigare pro morte Magistri sui*. Com o primeiro pranto, diz Origenes, chorava Maria a morte da sua alma; com o segundo chorava a morte do seu Mestre: a morte da alma póde resuscitar-se com a dôr e com as lagrimas; a morte do corpo com nenhuma dôr, e com nenhumas lagrimas se póde resuscitar: logo este segundo pranto, e esta segunda dôr foi mais heroica e mais fina, porque chorava Maria, e se doía de um bem perdido, que a sua dôr e as suas lagrimas não podia remediar. Doer-se do bem perdido, que se recupera com a dôr, é remedio; doer-se do bem perdido, que com nenhuma dôr se pôde remediar, é dôr.

Deixae-me dividir esta verdade, para que a vejam os olhos em duas imagens, uma da dôr grosseira e vulgar em lagrimas de David; outra da dôr heroica e fina no pranto de Rachel. [1] Enfermou mortalmente em tenra edade o primeiro filho que David teve de Bersabé, e não se póde dizer facilmente o excesso da sua dôr: vestido de sacco, coberto de cinza, prostrado por terra, com rogativas, com lagrimas, com jejuns, e com todas as outras machinas de penitencia, humildade, e gemidos, com que elle sabia se rende o céu, batia o afflicto rei ás portas da Misericordia Divina pela saude

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XII, 21 e 23.

já desconfiada do filho; morreu emfim o menino, e diz o Texto sagrado, que nenhum dos criados de palacio se atrevia a dar a El-rei a triste nova. Se El-rei, diziam entre si, quando o infante estava ainda vivo, faltou pouco que não morresse de pena; se não fallava, nem comia, nem dormia, nem admittia consolação ou tregua a sua dôr, que será sabendo que é morto? Entendeu ultimamente David pelos olhos e silencio dos seus, aquillo que verdadeiramente era e logo que soube de certo ser morto o filho, que vos parece que faria? Caso notavel! Levanta-se do chão, enxuga os olhos, lança fóra o cilicio; veste a purpura, senta-se á meza, começa a comer e a fallar com tanto desafogo como se nada tivera succedido. Maravilhados os cortezãos de uma tão repentina mudança, disseram assim a El-rei: *Quis est sermo, quem fecisti? Propter infantem, cùm ad huc viveret, jejunabas: mortuo autem puero surrexisti, et comedis?* Senhor, quando ainda vivia o infante, fazia vossa magestade tantos extremos de dôr e sentimento: e agora que morreu, vêmos a vossa magestade tão alliviado, sem nenhum signal de tristeza ou desgosto? Que implicancia, ou que mysterio é este? Vós, respondeu David, fazeis-me uma pergunta, e eu quero fazer-vos outra. *Numquid potero revocare eum?* Por ventura posso eu resuscitar a meu filho? Pois por isso se acabou a minha dôr: emquanto vivia, e eu esperava poder-lhe alcançar a vida com as minhas lagrimas, fazia todos aquelles excessos, que vistes: porém depois que morreu, e não tem remedio, porque me hei de anciar, e affligir? Oh razão indigna de um pae, e muito mais indigna de um coração como o de David! Porque me hei de affligir, se já não tem remedio? Antes porque não tem remedio, vos deveis affligir mais. Para as perdas que teem remedio, se fez a diligencia; para as que não teem remedio, se fez a dôr. Quem chora o bem perdido, que se póde remediar com a dôr, ama o seu allivio; quem chora o bem perdido, que com nenhuma dôr se póde remediar, ama a sua dôr, e esta é a dôr verdadeira e fina.

Ah Rachel, que só vós soubestes doer-vos com fineza verdadeiramente heroica! Morreram ás mãos de Herodes os filhos de Rachel, isto é, os innocentes de Belem, aonde ella tinha a sua sepultura. Introduz o propheta Jeremias a triste mãe lamentando a sua mor-

te com prantos e clamores, a que respondiam com lastimosos echos os montes: *Vox in Rama audita est, ploratus, et ululatus multus, Rachel plorans filios suos.* [1] E que circumstancias ponderou neste ponto de Rachel aquelle grande mestre de dôres e prantos? Ouvi o que accrescenta: *Et noluit consolari, quia non sunt.* [2] Chorava, diz, incessantemente, e ainda que via que a causa de sua dôr era sem remedio, como o não tem a morte, nem por isso admittiu jámais consolação, nem quiz consolar-se: *Et noluit consolari, quia non sunt.* Quem soubera ponderar dignamente a força deste *quia!* Comparae-me este *quia* de Rachel, com aquelle *nunquid* de David. *Numquid potero revocare eum?* Pezae bem a differença, e quanto vae de pranto a pranto, de dôr a dôr, e de porquê a porquê. Por que se consola David? Por que não tem remedio a morte de seu filho. Por que se não quer consolar Rachel? Porque não tem remedio a morte de seus filhos. De maneira que pela mesma razão David se consola, e Rachel não quer admittir consolação? Pela mesma razão David enxuga as lagrimas, e Rachel se condemna a perpetuo pranto? Sim, pela mesma razão: porque aquella dôr era grosseira e vulgar; esta era fina e heroica: a dôr que não é fina, morre com quem morre; a dôr que professa fineza, com quem morre se faz immortal. David na mesma sepultura sepultou seu filho e a sua dôr, antes quando sepultou o filho já a dôr estava sepultada. Pelo contrario Rachel quando sepultou aquelles ossos tenros das suas entranhas, na mesma sepultura entrou juntamente todo o seu contentamento, toda a sua alegria, toda a sua consolação, antes a esperança toda, e ainda o pensamento de consolar-se jámais: *Et noluit consolari, quia non sunt.* Oh palavras dignas de se gravarem em uma pyramide de bronze sobre o marmore daquella sepultura, para que fossem lidas de todos os seculos, como epitaphio eterno á immortalidade da dôr!

Assim se doe, quem vulgar, ou finalmente se doe; e estas são as duas imagens, uma morta, e outra sempre viva, da vulgar e da heroica dôr na perda do bem.

---

1 *Math.*, II, 18.
2 *Jerem.*, XXXI, 15.

A dôr vulgar chora como David em quanto espera o remedio; a heroica chora como Rachel, porque o não espera: a vulgar com a impossibilidade do remedio se consola; a heroica com a mesma impossibilidade se afina mais: *Amor non suscipit de impossibilitate solatium, nec de difficultate remedium*, disse Chrysologo. [1] E se quereis saber por que a dôr do bem perdido na impossibilidade do remedio se afina mais, e totalmente se apura, a razão desta subtilissima philosophia é, porque na impossibilidade do remedio se purifica e alimpa a dôr da liga e mistura de toda a paixão ou affecto que não é dôr: a dôr do bem perdido, que suppõe o remedio possivel, vae misturada com a esperança, e com o desejo do mesmo bem, e por isso não é dôr pura; porém a dôr que conhece o remedio impossivel como o impossivel se não póde esperar nem desejar, a mesma impossibilidade leva a esperança e o desejo, e tirado o desejo e a esperança, fica só a dôr pura e limpa: quem se doe do bem perdido, que se póde recuperar, perdeu o bem, mas nem perdeu o desejo, nem a esperança do bem; porém quem se doe do bem perdido, que se não póde recuperar, não só perdeu o bem, mas juntamente com o bem perdeu tambem o desejo e a esperança; e quem, perdido o bem, e perdido o desejo, e a esperança do bem, e perde a sua dôr, este só se doe pura e heroicamente; aquillo é amar-se, isto é amar: aquillo é remediar, isto é doer-se.

IV

Havemos philosophado assás, e por ventura demasiado; mas tudo é necessario ao fim e proveito do nosso discurso. O maior e o melhor bem perdido, senhores, é Deus, e a graça de Deus, que se perde pelo peccado; mas como Deus perdido, e a graça de Deus perdida se recupera pela dôr, parece que sobre a perda deste bem, sendo o maior e summo, não cabe, nem tem logar a dôr limpa e fina. A dôr limpa e fina do

[1] *Chrysol.*, Serm. 147.

bem perdido, é doer-se de um tal bem, que se não possa remediar com a dôr; este póde remediar-se, e se remedeia com a mesma dôr; logo não póde ter logar nesta perda a dôr fina e limpa. Digo que sim póde e com maior fineza. Ora vêde. No peccado ha uma coisa que se póde remediar, outra que não tem remedio: e que duas coisas são estas? Uma é o peccado, outra o haver peccado: o peccado póde remedial-o o peccador com a dôr; o haver peccado não o póde remediar com nenhuma dôr, nem ainda o justo: porque o peccado póde-o perdoar a misericordia; o haver peccado não o póde desfazer a Omnipotencia. D'aqui vem que depois de remediado e perdoado o peccado, e depois de recuperada pela dôr a graça perdida, se comtudo o peccador se doe não já do peccado, senão de haver peccado, esta dôr é a fina, a heroica, a pura e limpa dôr do summo bem perdido; tudo deixo já provado no meu discurso, o que resta é eleval-o a materia mais alta. Fallo agora comvosco, ó almas ditosas que depois de terdes offendido, e perdido a Deus, vos tendes reconciliado com elle, e depois de perdida a sua graça, por mercê e misericordia sua a tendes recuperado; doei-vos e chorae agora aquillo que se não póde remediar com a mesma dôr, que é o haver peccado, e melhorae com mais nobre e mais sublime impossivel os exemplos da Magdalena e Rachel; e se não é digna de tão alta imitação aquella dôr de David, pouco ha de mim tão mal reputada; imitae outra do mesmo heroe que para este ponto só reservou as finezas da sua dôr. Peccou David, e durou na cegueira de seu peccado quasi um anno inteiro. Convertido finalmente por um sermão do propheta Natham, disse: *Peccavi*; e o Propheta em nome de Deus lhe respondeu: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum.* [1] Eis-aqui David peccador, eis-aqui David arrependido, eis-aqui David perdoado; e que fez depois de tudo isto David? Não se esquecendo jámais daquelle mesmo peccado, chorava-o todas as noites, e propunha choral-o sempre com rios de lagrimas: *Lacrymis meis stratum meum rigabo.* [2] Os dias como rei dava-os aos negocios publicos;

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XI, 13.
[2] *Psalm.* VI, 7.

as noites como peccador ao pranto occulto de seus peccados. Mas como assim, meu David? que outros peccadores chorem, e não cessem jámais de chorar, é muito justo, porque sabem que peccaram, e não sabem se lhes são ou não perdoados seus peccados; porém vós que tivestes um oraculo divino e infallivel de vosso perdão; vós que sabeis de certo e sois obrigado a crêr de fé que Deus vos tem restituido á sua graça, porque choraes tanto? Porque não chorava David o peccado, mas o haver peccado: o peccado não, porque já estava remediado com a dôr, com o perdão, e com a graça; o haver peccado sim, porque nem com a dôr, nem com o perdão, nem com a graça, nem de alguma outra maneira podia remediar-se. Não chorava a chaga, mas a cicatriz; não a mancha que se tirou, mas a que se não póde tirar; não aquillo que com o peccado perdoado passa, mas aquillo que fica sempre: este *sempre* chorava elle nas suas lamentações alternadamente a dois córos, (musica digna de imitar-se hoje, e de que nella se trocassem outras), o primeiro côro fazia-o o seu peccado: *Peccatum meum contra me est semper;* [1] o segundo côro fazia-o a sua dôr: *Et dolor meus in conspectu meo semper.* [2] No peccador justificado uma coisa acaba, que é o peccado, outra não acaba jámais, e dura sempre, que é o haver peccado; e como David não chorava o peccado, que já não era, senão o haver peccado, que durava sempre: *Peccatum meum contra me est semper;* por isso a este *sempre* do peccado respondia o outro *sempre* da dôr: *Et dolor meus in conspectu meo semper.*

A dôr é o echo do peccado: *Peccata nostra responderunt nobis:* disse Isaias. Se o peccador é impenitente, faz a dôr o echo no inferno, se é contricto e arrependido, faz o echo no coração: tal era o coração de David e tal foi sempre depois do seu peccado; por isso á voz do peccado respondia sempre o echo da dôr; e a um *sempre*, outro *sempre* o peccado na memoria entoava: *Peccatum meum contra me est semper:* e a dôr no coração respondia: *Et dolor meus in conspectu meo semper.* E se chorava e devia chorar sempre, quem

---

1 *Psalm.* L, 5.
2 *Ibid.*, XXXVII, 18.

havia peccado uma só vez, que será daquelles que não choram (póde ser), nem se doem de coração uma só vez, tendo peccado e peccando sempre?

Porém se chorava o ter peccado, e o ter peccado é mal que não tem remedio, como pedia David a Deus o remedio deste mal? Assim parece se devem entender aquellas palavras do mesmo Texto: *Amplius lava me ab iniquitate mea, et à peccato meo munda me.* A razão que allega, o confirma: *Quoniam iniquitatem meam ego cognosco, et peccatum meum contra me est semper.* Aquillo que persevera sempre do peccado, como havemos dito, não é o peccado já perdoado, como estava perdoado o de David, senão o haver peccado; logo parece que para o haver peccado pede David o remedio; e por isso não diz: Lavae-me, Senhor, senão, lavae-me mais: *Amplius lava me;* suppondo duas purificações, uma maior que outra: sendo pois a primeira purificação aquella que lava o peccado, e com que o peccado de David estava já lavado, parece que a segunda é aquella com que se lava o haver peccado; mas se isto é impossivel, que diremos a esta grande duvida? Inferimos d'aqui, que o que é impossivel á natureza, é possivel á dôr, e que alcança mais a mesma dôr da misericordia, do que lhe póde dar a Omnipotencia? E' certo que muitas coisas que o entendimento humano julga impossiveis á Omnipotencia, as fez e mostrou possiveis a misericordia. Digo que a Misericordia Divna por meio da nossa dôr não só póde desfazer o peccado, senão tambem o haver peccado: não era decente que fosse mais fina a dôr do homem em doer-se de haver peccado, que a Misericordia Divina em dar poder á mesma dôr, para fazer que o peccado feito, não seja feito. Ouvi o grande Padre S. Gregorio Arelatense, o qual no livro da Penitencia diz assim: *Laboremus totis viribus curare maculas, lavare culpas, subvenire præteritis, consulere futuris:* [1] e que mais? *Et facere infecta d' factis.* Procurae, diz, com toda a força da dôr, curar as culpas, lavar as manchas, prevenir o futuro, remediar o passado, e fazer que os peccados feitos não sejam feitos: *Et facere infecta d' factis:* tal é a omnipotencia da dôr, diz este grande Padre; e porque elle o não prova, eu o provo.

---

[1] Gregor. Arelat. lib. de Pœnit.

No Capitulo setimo (notae bem a ordem dos Capitulos, e do que se diz nelles), no Capitulo setimo diz Job: *Peccavi, quid faciam tibi ó custos hominum?* [1] Eu, Senhor, pequei; e que posso fazer já, se o haver peccado não tem remedio? Passae agora ao capitulo dezesete, e lereis, que diz alli o mesmo Job: *Non peccavi, et in amaritudinibus moratur oculus meus.* [2] Eu não pequei, e meus olhos noite e dia não fazem outra coisa senão chorar: todos estaes vendo a implicancia manifesta: *Peccavi, non peccavi.* Se antes havia dito, *peccavi*, pequei; como agora diz, *non peccavi*, não pequei? Se antes confessou haver peccado, como agora affirma não haver peccado? Porque assim o tinha feito, ou desfeito; assim o podia fazer ou desfazer a penitencia mais que milagrosa de sua dôr: *Et in amaritudinibus moratur oculus meus:* a fragilidade fez o peccado, a dôr o desfez, e tão desfeito, que não só lhe tirou o ser, senão o haver sido: *peccavi*, eis-aqui o peccado feito: *non peccavi*, eis-aqui o peccado desfeito: *peccavi*, eis-aqui o peccado que foi: *non peccavi*, eis-aqui o peccado, que não tinha sido: *Et in amaritudinibus moratur oculus meus*, eis-aqui a dôr, que depois de feito o peccado, fez que não fosse feito: *Et facere infecta de factis.*

Mas que tenho dito eu? Se a dôr heroica e fina desfaz ainda o haver peccado, dir-me-heis, e com razão, que a mesma dôr desfaz tambem a sua mesma fineza, e todo o meu discurso: porque se a dôr fina é aquella que chora e se doe da perda que não tem remedio, e o haver peccado póde em fim remediar-se com a mesma dôr: logo a dôr que chega a remediar o haver peccado, desfaz a sua mesma fineza, e não é dôr heroica, nem fina? Respondo que não só é fina, senão muito mais fina, se com tudo isto se dóe; porque troca com uma fineza grande outra maior, qual é doer-se depois de ter alcançado o remedio. Doer-se para remediar a dôr, não é fineza; doer-se quando a dôr não tem remedio, sim: porém se a dôr que não tinha remedio, por modo que parecia impossivel, em fim se remediou, doer-se ainda assim depois de remediada, é a maior fineza de

---

[1] *Job.*, VII, 20.
[2] *Ibid.*, XVII, 2.

todas as finezas. E porque? Por tudo o que havemos dito. Por que não é doer-se por esperança, nem doer-se por impossibilidade, nem doer-se por falta de remedio, senão doer-se por doer-se. O mesmo Job, e no mesmo Texto: *Non peccavi, et in amaritudinibus moratur oculus meus.* Ainda que depois de haver peccado, não pequei, isto é, desfiz o haver peccado; comtudo persevera a minha dôr na amargura dos meus olhos. Ponderae muito aquelle *moratur*. Se Job tinha remediado e desfeito o haver peccado: *Non peccavi;* porque continua e prosegue a sua dôr, e chora tão amargamente, como antes chorava: *Et in amaritudinibus moratur oculus meus?* Porque o motivo de seu pranto e da sua dôr, não era o remedio do mal já desfeito, senão o mesmo mal que teve necessidade de se desfazer: a primeira dôr e fina cahiu sobre o peccado feito, que desfez; a segunda cahiu sobre o peccado já desfeito, e por isso foi mais fina: o mal remediado é motivo de alegria, e tanto mais, quanto o remedio parecia mais impossivel: e que vencido o impossivel, e conseguido o remedio depois de deixar de ser, e de haver sido o mal, seja ainda motivo á dôr, isto é o mais que fino de fineza; até aqui chegou a dôr do maior exemplar das dôres: e eu não sei, nem posso passar mais adiante.

V

Senhores meus: ou mais, ou menos fina dôr, ha para todos; já que por nossa desgraça temos feito os peccados, ao menos saibamos desfazel-os: aqui se deve empregar toda a dôr e reduzir a esta só tantas outras dôres, tão vãs como as suas causas: entre tanta multidão de abusos, quantos padece hoje o nosso desgraçado seculo, o maior e mais lamentavel é o abuso da dôr. As perdas dos bens eternos, que só são dignas de dôr, e para cujo remedio foi feita a dôr, nem se estimam, nem se choram, nem doem; as lagrimas, as queixas, as lamentações sem fim, todas as leva a dôr das perdas temporaes, que nem merecem dôr, nem se remedeiam com ella. Ouvi o maior prégador da Grecia e da Igreja, Chrysostomo: *Luge peccata, et ipsa doleas, propter hoc enim facta est tristitia, non ut in morte, aut*

in re tali doleamus. [1] Chora, diz, ó christão teus peccados, e doe-te só daquillo para cujo remedio foi feita a dôr. Grande, verdadeira e fortissima razão! Nem a natureza, nem Deus fizeram neste mundo coisa alguma ociosa, inutil, e sem fim; e qual é o fim para que Deus fez a dôr, que parece tão contraria, e tão inimiga da mesma natureza? Pelos effeitos se vê: nenhum mal se remedeia com a dôr, senão o peccado; nenhum bem se restaura pela dôr, senão a graça; logo só para remedio deste mal e só para restauração deste bem foi feita a dôr. Oh dôr! remedio unico do summo mal! Oh dôr! preço unico do summo bem! E que maior dôr, que vêr os abusos em que te desperdiçam os homens sem utilidade, nem proveito! Este se doe da sua pobreza, e nem por isso deixa de ser pobre; aquelle se doe da sua enfermidade, e nem por isso se vê são: outro, e tantos outros, se doem da má correspondencia dos poderosos, e nem por isso os fazem mais justos, ou menos ingratos. Doe-se o amor e o odio, doe-se o desejo e o temor, doe-se a esperança e a desesperação, doe-se a miseria e a fome; e o fastio, e a abundancia tambem se doem; doe-se a soberba, doe-se a cubiça, doe-se sobre todas, a inveja; e não pelos males proprios, senão pelos bens alheios; porque o outro cresce, porque sobe, porque póde, porque manda, e ainda porque vive e porque tarda em lhe vir a morte, genero de dôr, que não alcançou a imaginar o pensamento de Chrysostomo, prégando não em Roma, mas em Constantinopla: *Ut non in morte, aut in re tali doleamus.* Estas são as dôres do mundo, e não sei se tambem as da cabeça do mundo, menos miseravel por aquillo de que se doe, que por aquillo de que não se doe. Que miseria mais miseravel, que vêr tantas almas que teem perdido a graça de Deus, doer-se, e doer-se de outra coisa que não são os seus peccados? Senhores meus: desengano: livrar-se, ou escapar-se da dôr, nesta vida, é impossivel; não ha fortuna tão alta, ou estado tão feliz, nem a purpura, nem a corôa, nem a tiara, que, dentro ou fóra, não pague tributo á dôr: que melhor conselho logo, que reduzir todas as dôres a uma

[1] Chrysost. homil. 5. ad popul.

só dôr e tantas dôres inuteis e vãs, e de maior tormento, a uma só dôr, que nesta e na outra vida me livra de todas? Levae este ultimo documento, e sejam epilogo de todo o meu discurso estas duas palavras: Conhecer que a dôr é o unico remedio do bem perdido; e que o maior bem perdido é a dôr que se perde.

DISCURSO TERCEIRO

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente. [1]

Aonde se recebe o golpe, alli se abre a ferida, e pela mesma porta que abriu a ferida, sáe e se derrama o sangue. Não é assim o tiro prodigioso que faz hoje a terceira pedra de David. O golpe recebe-se na testa; a ferida abre-se no coração, e o sangue sáe ás faces: *Pudor commissi:* A vergonha do peccado commettido. Esta é a materia assignada para esta noite, digna de se prégar com menos luzes, e uma das mais importantes ao nosso miseravel seculo. Os peccados em outro tempo eram commettidos e envergonhavam-se de ser vistos; hoje é côrte e parte de fidalguia o ser mau publicamente. Sáem os vicios á praça, e até se mettem pelos logares sagrados, com a cara tão descoberta, como se na rua foram gala, e no templo sacrificio. Oh tempos, oh costumes! Contra este monstro baptisado irão atiradas hoje com toda a força que eu puder, as minhas razões e as suas affrontas; se umas não bastarem para que sáia convencido, bastarão as outras, para que fique envergonhado: assim o espera da equidade dos vossos juizos, mais a justiça da causa, que o meu discurso; ouvi-a.

I

E' certo que a vergonha é effeito natural do peccado. O primeiro peccado do mundo foi de Adão, e o pri-

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVIII.

meiro effeito daquelle peccado foi a vergonha: *Abscondit se:* comtudo eu não posso deixar de duvidar, se a vergonha é effeito só da natureza, ou da natureza juntamente, e da Providencia; favorece a este meu pensamento um exemplo não vulgar do mesmo Paraiso. Quando Deus condemnou a serpente, disse assim: *Super pectus tuum gradieris, et terram comedes omnibus diebus vitæ tuæ:* [1] Andarás arrastando sobre o teu peito, e te sustentarás de terra todos os dias de tua vida. Maravilhosa e difficultosa sentença! A serpente antes de enganar a Eva não andava arrastando pela terra, que isso quer dizer serpente, e não se sustentava como depois da mesma terra? Sim. Como logo lhe dá Deus por castigo, aquillo mesmo que já tinha por natureza? Difficuldade é esta que tem dado grande trabalho aos maiores Expositores do sagrado Texto; porém eu não quero outra exposição, nem outros doutores mais que a experiencia e sentimento dos mesmos que me ouvem. Dizei-me, cortezãos de Roma: E não seria grande castigo a muitos uma sentença que dissesse: o que sois, sereis? Oh quantas esperanças, quantas pretenções, e quantas cabeças com o collo mui levantado degollaria uma tal sentença! A Judas se disse por castigo: Faze o que fazes: á serpente se dá por castigo, sè o que és. O maior beneficio que Deus fez aos Apostolos, foi confirmal-os em graça; e o maior castigo que deu aos demonios, foi confirmal-os na natureza. Todos os dons da natureza que tinha Lucifer como anjo, quiz Deus que tivesse como demonio, e a que fim? Para que padecesse a sua mesma natureza, para que os seus dons naturaes fossem os seus verdugos, e para que o excesso da sua perfeição fosse maior materia ao seu tormento: nos homens succede o mesmo. A quantos homens grandes converteram em instrumento de castigo os dotes mais excellentes da natureza, os quaes, como cabellos de Absalão, serviram de laços doirados á sua desgraça? De sorte, que com aquillo mesmo que Deus tem dado como Creador, póde castigar como Juiz; e o mesmo que é effeito commum da natureza, póde ser particular da Providencia. Assim se houve a Providencia com a serpente e com o homem:

---

[1] *Gen.*, III, 14.

á serpente deu a justiça a natureza por castigo; ao homem deu a misericordia a natureza por remedio: a vergonha é effeito natural do peccado; e é remedio como natural do peccado a mesma vergonha. Não será necessario ir buscar a prova mais longe, porque no mesmo Paraizo a temos.

Quando Deus impoz aos primeiros paes o preceito do pomo vedado, accrescentou á lei a pena, estabelecendo, que no mesmo dia que comessem morreriam: *In quacumque die comederis, morte morieris.* [1] Comeu Eva, comeu Adão, e não morreram; veiu Deus em pessoa a syndicar a culpa, e executar a sentença, e ambos ficaram vivos; pois se a pena da lei não só era que morreriam, senão que morreriam no mesmo dia: *In quacumque die;* porque não morreram? Porque tinha feito antecipadamente a vergonha, o que havia de fazer a morte; ora vêde. Os primeiros paes antes de peccar não se envergonhavam: *Erat uterque nudus, et non erubescebant:* [2] logo que peccaram, conheceram a indecencia da sua desnudez, e a culpa da sua desobediencia; envergonhados de si, e de Deus, cobriram-se de folhas, e esconderam-se; e como o peccado estava já castigado com a vergonha, não quiz Deus castigal-o com a morte. Alta e engenhosamente Tertulliano! *Maluit sanguinem suffundere, quam effundere.* [3] A morte violenta, e a vergonha, ambas tiram e derramam o sangue, cada uma ao seu modo: a morte tira o sangue das veias, e lança-o á terra; isso é *effundere:* a vergonha tira o sangue do coração, e fal-o sahir á cara; isso é *suffundere.* É satisfaz-se Deus mais desta suffusão de sangue, que daquella effusão: *Maluit sanguinem suffundere, quam effundere.*

E se alguem me perguntar, porque antepõe Deus um castigo ao outro, e porque se agrada e satisfaz mais do sangue com que a vergonha tinge as faces, que do sangue que a morte tira das veias? A razão não póde ser outra, senão porque o sangue da vergonha é muito mais nobre, e muito mais fidalgo: aquelle é sangue do corpo, este é espirito do sangue; aquelle é sangue animal,

---

1 *Gen.*, II, 17.
2 *Ibid.*, II, 25.
3 Tert. Apol. 4.

este é sangue racional; aquelle é execução da pena, este é confissão da culpa; aquelle derrama-o a violencia, este distilla-o o affecto; aquelle é vingança da justiça, este é victima da consciencia; com aquelle castiga Deus ao peccador, com este o peccador se castiga a si mesmo. E' verdade que a vergonha é paixão natural; mas como a agua elemental elevada tem virtude de tirar da alma o peccado, assim a vergonha, ainda que natural, elevada, póde ter, e tem a mesma virtude: uniram-se, ou competiram-se neste ponto a graça e a natureza: a graça instituiu dois baptismos, um de agua, que é o Sacramento, outro de sangue, que é o martyrio: e a natureza do mesmo modo instituiu outros dois baptismos, um de agua, que são as lagrimas, outro de sangue, que é a vergonha; e se queremos comparar este martyrio com o outro, aquelle será mais seguro, este mais nobre. E porque? Porque a morte oppõe-se á vida, e a vergonha á honra, mais preciosa, e mais amavel que a mesma vida. O soldado antes quer morrer, que fugir, porque teme mais a vergonha, que a morte: a morte menos, porque lhe tira a vida; a vergonha mais, porque lhe tira a honra; não é maravilha logo que estime Deus mais a suffusão do sangue, que a effusão: *Maluit suffundere sanguinem, quam effundere.*

II

Esta é a efficacia maravilhosa da vergonha sobre o peccado commettido: *Pudor commissi.* O peccado é pae da vergonha e a vergonha filha e morte do mesmo pae: mas qual será na mesma vergonha, e sobre o mesmo peccado, o ponto mais fino, mais heroico, e, como falla o nosso Texto, o mais limpo: *Limpidissimos lapides?* Eu o direi: A vergonha, que toda é uma paixão, ou affecto respectivo, se divide, ou se reduz a tres respeitos: envergonhar-se dos homens, envergonhar-se de Deus, envergonhar-se de si mesmo. A vergonha a respeito dos homens attende á fama, a respeito de Deus á culpa, a respeito de si mesmo á dignidade propria. Isto supposto, digo que a vergonha mais heroica do christão, em quanto christão, é envergonhar-se de Deus; e a vergonha mais heroica do homem, em

quanto homem, é envergonhar-se de si mesmo. A terceira parte da divisão, que é envergonhar-se dos homens, tem necessidade de maior distincção; em seu logar veremos se póde ser heroica ou não, e em que consiste.

Começando por esta primeira parte, parece que a vergonha do peccado commettido a respeito de Deus não é, nem póde ser heroica; porque o heroico é aquillo que pelo difficil e arduo se levanta sobre o obrar commum da natureza: e como a vergonha é filha natural do peccado, e todo o peccado offensa de Deus, envergonhar-se do mesmo Deus offendido, parece que é coisa natural, e ainda necessaria, e de nenhuma maneira ardua nem heroica. Torno a dizer que sim, e a razão é, porque a vergonha natural nasce da vista reciproca, e se fórma entre olhos e olhos: entre os olhos do que vê, e os olhos do que é visto. Nós não vêmos a Deus, e ainda que Deus nos veja, comtudo não vêmos que nos vê; e que um homem não vendo a Deus, nem vendo que é visto de Deus, ainda assim se envergonhe de Deus, como se a vista de uma e outra parte fosse reciproca, este é o acto mais heroico da vergonha christã.

Negou Pedro a primeira vez, e não se envergonhou do seu peccado; nega a segunda, e não se envergonha; nega finalmente a terceira, e no mesmo ponto foi tal sua vergonha que cobrindo o rosto com o manto (como diz o Texto original de S. Marcos), corrido, e correndo foi sepultar-se debaixo da terra em uma cova, e debaixo do mar no seu pranto. Notavel mudança de affectos, sem mudança, nem differença na causa! Se Pedro não se tinha envergonhado de negar a seu Mestre uma e outra vez; porque agora se envergonha com uma demonstração tão subita e tão estranha? Por ventura por ser já a terceira negação? Não: antes ao contrario: porque o primeiro peccado vence a vergonha, o segundo a dissimula, e ao terceiro já se perde de todo. Qual foi logo a occasião de envergonhar-se agora Pedro, e não antes? O mesmo Texto o diz: *Conversus Dominus respexit Petrum.* [1] Passava naquelle tempo Christo, para ser presentado diante do Pontifice da Synagoga, e voltando os olhos para o Pontifice eleito da

[1] *Luc.*, XXII, 61.

sua Igreja, olhou para Pedro, e viu Pedro que seu Mestre olhava para elle; e ao mesmo ponto que os olhos de Christo, e os olhos de Pedro se encontravam, se seguiu a vergonha: *Exivit foras*, diz S. Lourenço Justiniano, *non valens mentis suæ ferre pudorem.* [1] A mente de Pedro foi a causa efficiente da vergonha, a materia precedente as negações, os instrumentos, os olhos de um e outro, e a ultima disposição, a vista reciproca: em quanto Pedro não viu, nem foi visto de Christo, a quem havia negado uma, duas e tres vezes, não se envergonhou; e que me envergonhe eu de offender a Deus, que não vejo, nem posso vêr que me vê, esta é a vergonha mais heroica a que póde chegar um homem fiel; e senão vejamos o que fazem, ou o que faziam os infieis.

Os primeiros deuses da gentilidade, isto é, os primeiros idolos do mundo, foram o sol e a lua: porém andando o tempo, diz S. Cyrillo Jerosolymitano que esta superstição se dividiu em duas seitas, uma que deixando a veneração da lua adorava sómente o sol; outra que deixando o sol, adorava só a lua: e qual vos parece que póde ser o motivo desta divisão, supposto que aquelles homens faziam os deuses á sua vontade, e cada um por sua eleição, e ao seu modo? O mesmo Santo o diz, e foi uma politica notavel: *Alii quidem solem ponebant, ut occidente sole, noctis tempore sine Deo essent, alii verò lunam, ut inde Deum non haberent.* [2] Estes homens queriam ter deus, e queriam juntamente peccar: e como lhes parecia coisa purissima, vêr, e ser vistos do seu deus, e offendel-o no mesmo tempo, que fizeram? Dividiram os tempos e os deuses, e aquelles que adoravam o sol, peccavam de noite, e os outros que adoravam a lua, peccavam de dia: de maneira que em quanto ao seu parecer, viam e eram vistos do seu deus, não se atreviam a offendel-o; porém depois que se punha, e ausentava o sol ou a lua, e já não viam nem eram vistos daquelle que estimavam e adoravam por deus, então, deposta totalmente a vergonha, peccavam livremente, ou de noite contra o sol, ou de dia contra a lua. Contra a cegueira destes ho-

---

[1] Laurent. Justin. de Christ. Agon., VI, 8.
[2] Cyril. Jerosol. Cathec., 3.

meus argumentava o Propheta quando disse: *Sicut tenebræ ejus, ita et lumen ejus:* [1] que o verdadeiro Deus tanto se vê de dia como de noite; porém ainda que nós o creamos assim, não o vêmos assim: tão invisivel é aos nossos olhos Deus, e a vista de Deus, como o sol de noite, e a lua de dia. Privada, pois, e destituida a fé destes dois instrumentos naturaes da vergonha, assim como é facil e ordinario não se envergonharem os homens de offender a um Deus que não vêm, e ainda que são vistos delle, não vêem que são vistos; assim é acto mais heroico da mesma fé, que debaixo de uma e outra escuridade dos olhos humanos, comtudo se envergonhe o homem de offender a Deus, ou tel-o offendido; aquillo é não peccar como gentio, isto é ter peccado como christão.

Christão era, ou em realidade, ou em parabola, aquelle perdido mancebo, vulgarmente chamado o Filho Prodigo, o qual envergonhado em fim do seu peccado, disse: *Pater, peccavi in cœlum, et coram te, jam non sum dignus vocari filius tuus.* [2] Grande dizer; mas difficultoso! Que se envergonhe o Prodigo, de que sendo o seu nascimento tão illustre, tivesse chegado pelos caminhos da sensualidade a tão indigno e vil estado, *Ut pasceret porcos*, razão tem, e mais que razão de envergonhar-se; porém que o mesmo prodigo assim envergonhado do seu peccado diga que peccou em presença de seu pae, *Coram te*, não o entendo. Se elle estava tão longe de seu pae, como diz o Texto: *Profectus est in regionem longinquam?* Se estava em um logar, e em uma região tão remota, que nem elle podia vêr a seu pae, nem seu pae o podia vêr, como diz que tinha peccado em sua presença? Isto foi o mais fino, e o mais heroico da vergonha do prodigo, não vêr, nem ser visto de seu pae, e comtudo envergonhar-se de tel-o offendido, como se o vira e fôra visto delle. Quem é o pae, quem é o prodigo, e qual é a região remota? O pae é Deus, o prodigo é o peccado, a região remota é este mundo, em que não podemos vêr a Deus, nem tambem vêmos que elle nos vê: e que sendo invisivel Deus, e a vista de Deus tam-

[1] *Psalm.* CXXXVIII, 12.
[2] *Luc.*, XII, 18.

bem invisivel, o peccador se envergonhe de offendel-o, como se a vista de uma e outra parte fôra reciproca, este é o ponto mais fino e mais heroico a que póde chegar a vergonha christã: mas passemos de christão ao homem, isto é, de envergonhar-se de Deus, a envergonhar-se de si mesmo.

III

Nesta consideração ponha-se de parte a fé, e o mundo todo, e fique o homem só: pergunto: Neste estado, e nesta solidão poderá um homem envergonhar-se de si mesmo? Se fôr homem de espirito heroico, sim. Se não houvesse outro homem no mundo, nem por impossivel houvesse Deus, ainda o homem heroico se envergonharia de si mesmo. Mais claro. Se os atheus fossem homens, um atheu em um deserto se envergonharia de fazer um peccado. Este é o heroico envergonhar-se de si mesmo. E porque havemos posto de parte a fé, não quero para primeira prova deste ponto auctoridade de fé, nem sentença de homem que tivesse fé; ouvi um gentio.

Escrevendo de Roma ao seu Lucilio o vosso e nosso Seneca, e ensinando-lhe a distinguir e conhecer em si mesmo o grau heroico da virtude, dá-lhe esta regra: *Cum tantum profeceris, ut sit etiam tibi tui reverentia, cum te effeceris eum, coram quo peccare non audeas.* [1] Não se podia dizer nem mais nem melhor: Lucilio meu, se queres conhecer o teu aproveitamento na virtude, mede-a pela vergonha do vicio; porém não fóra, senão dentro de ti mesmo. Envergonhar-se dos homens, e perder reputação com elles, é vergonha vulgar, e que não argue virtude, senão ambição; envergonhar-se de si, e perder reputação comsigo mesmo, esta é a vergonha heroica: assim que, então terás chegado ao summo grau da generosidade humana: *Cum tantum profeceris, ut sit etiam tibi tui reverentia*, quando chegares a estado que te respeites, e te reverenceies a ti mesmo: *Cum te effeceris eum, coram quo peccare non audeas.* E quando te fizeres, e fôres

[1] Sen. Epist. 25.

tal que não te atrevas a peccar diante de ti: *Coram quo.* Notae muito aquelle *coram.* David fallando com Deus, dizia: *Malum coram te feci:* o prodigo fallando com seu pae, dizia: *Peccavi coram te.* [1] E este gentio verdadeiramente heroico, não respeitando a Deus, porque o não conhecia, nem aos homens, porque não fazia caso delles, quando houve de ensinar a um homem a heroica vergonha do peccado, diz: *Coram quo peccare non audeas.* Oh grande façanha da dignidade e generosidade humana! A vergonha a respeito dos homens é filha da fama e da honra: a vergonha a respeito de Deus é filha da culpa e do temor: a vergonha a respeito de si mesmo (como Minerva do cerebro de Jupiter) é filha unica da razão.

Eu não sei se por ventura Seneca naquelle tempo em que se communicava por cartas com S. Paulo, aprendeu este documento da escóla de Christo; porém sei que o mesmo Christo o praticou entre seus Discipulos, com uma differença notavel. Fez o Divino Mestre na sua escóla duas eleições, ou duas classes, uma dos doze Apostolos, outra dos setenta e dois Discipulos, e enviou-os todos a prégar: mas como? Aos Discipulos de dois em dois: *Misit illos binos.* [2] Aos Apostolos um a um; um á Asia, um á America, um á Ethiopia, um á India, e assim os demais. E porque os Apostolos sós, e os Discipulos não sós, senão acompanhados? Porque os Apostolos no tempo em que foram enviados, eram já homens de heroica e consummada virtude; os Discipulos em seu tempo não. Quem tem chegado a grau heroico e consummado de perfeição, leva em si, e comsigo mesmo, o respeito, a reverencia, e o seguro das suas acções; quem não tem chegado áquelle grau, não leva este seguro em si, e comsigo, senão nos olhos, e no testemunho do companheiro: é como o cego, que para não cahir se ajuda dos olhos alheios: aquelle faz obras dignas de si, porque se vê; este, porque é visto; aquelle, porque se respeita e reverenceia a si mesmo; este, porque teme e se envergonha do outro.

Tempo houve, em que eu cuidava que Gedeão era

[1] *Luc.*, xv. 18.
[2] *Luc.*, x.

um grande heroe, depois mudei em parte este conceito por um caso digno de particular reflexão. Naquella noite tão celebrada, na qual com tão pouco numero de homens, e desarmados, desfez Gedeão os exercitos innumeraveis dos Madianitas, antes de se dar a batalha lhe fallou Deus, e lhe disse estas palavras: Gedeão, é tempo de que tu em pessoa vás a reconhecer os arraiaes do inimigo, e tão de perto, que possas ouvir e entender o que praticam entre si os soldados: mas se tens medo, leva comtigo o teu criado Phara: *Sin autem ire formidas, descendat tecum Phara puer tuus.* E que importava levar Gedeão em sua companhia um criado para defendel-o? Não contra tanta multidão, antes para o segredo e silencio naquelle furto militar, e para não fazer rumor, nem ser sentido, era mais do caso que Gedeão fosse só: porque logo lhe diz Deus, que leve comsigo aquelle criado? Porque a acção era difficultosa e de grande risco, e que requeria um grande valor; e se Gedeão, como ia de noite, fosse tambem só, não tendo de que envergonhar-se, por ventura tornaria atraz, e não chegaria ao posto: leve pois comsigo uma testemunha que o possa ser, ou do seu valor, ou da sua fraqueza, para que não falte, nem á obrigação do seu officio, nem ao decoro de sua pessoa: e que fez Gedeão? Reconheceu o perigo, confessou o temor, levou o criado, e portou-se como devia. Quantas vezes, senhores, aquella fraqueza que se esconde do publico, e ainda se occulta á familia (se é que se póde occultar nada a tantos Argus domesticos): quantas vezes, digo, se fia o segredo de um criado? Se vos não envergonhaes de vós mesmos, envergonhae-vos ao menos como Gedeão, de que saiba o criado a vossa fraqueza. Quem fia de um criado a sua honra, ou perde a honra, ou se faz escravo do criado. Se Gedeão fiára o seu temor de Phara, e elle o não callasse, que se diria ao outro dia nos corrilhos dos soldados? E se guardasse o segredo, quão sujeito lhe ficaria Gedeão sempre, porque callasse sempre? Grande prudencia foi logo vencer aquelle temor com este temor: aquelle perigo com este perigo; e temer antes os olhos do criado, que não commetter a fraqueza, que haver de temer a sua lingua depois de commettida.

Porém ainda que a acção de Gedeão foi prudente

e honrada, nem por isso, como dizia, teve nada de heroica: e porque? Porque envergonhar-se heroicamente de commetter uma fraqueza, ha de ser por reverencia de si mesmo, e não por temor ou respeito de outro; quem se envergonha do criado mais que de si, estima-se menos que ao criado. Então seria heroico o brio de Gedeão, quando não quizesse acceitar a companhia de Phara, nem de outro algum, e elle só e de noite fosse; só e de noite chegasse ao posto; só e de noite reconhecesse, examinasse tudo, e se temesse naturalmente, como confessou que temia; só e de noite vencesse o seu temor e o seu perigo, não por não perder a reputação com outro, senão por envergonhar-se de si. *Homo etiam in solitudine, ac tenebris de suis malefactis erubescit, conscientia ipsum accusante*, diz Theodoreto. [1] Como a solidão não aparta ao homem de si, nem as trevas o encobrem, ou escondem a si mesmo; solitario, e ás escuras se envergonha de si quem é homem. O maior theatro da natureza racional não é o mundo, é a propria consciencia: não ha de fazer Gedeão o que não deve, porque vae acompanhado de Phara, senão porque é Gedeão. Levar-me a mim commigo, ha de ser o mais seguro fiador das minhas obrigações, e não por outro respeito, senão porque são minhas. Valente, generoso, desprezador dos perigos, honrado sem fim, não porque sou visto, senão porque sou eu, basta que eu me veja.

Nisto consiste o fino e o heroico da vergonha de si mesmo; porque formando-se a vergonha, como temos mostrado, entre os olhos do que vê, e os olhos do que é visto, que bastem os olhos proprios, sem concurso nem encontro dos alheios, para formar em mim, e de mim a mesma vergonha, não ha duvida que é fineza do pundonor humano verdadeiramente heroica. E se me perguntar algum philosopho, como póde fazer-se tudo isto dentro dos mesmos olhos, e de si para comsigo, digo, que multiplicando-se o homem, e dividindo-se de si mesmo. Narciso dizem que se namorou de si, porque sendo um só, julgou que era dois: e assim multiplicado e dividido de si mesmo, elle era o que via e o que era visto. Do mesmo modo quem dividido de si se vê formoso, namora-se de si: quem di-

[1] Theod. M. C. 17 Epist. ad Roman.

vidido de si se vê feio, envergonha-se de si. Não é fabula ou imaginação, senão Escriptura sagrada: *Statuam te contra faciem tuam.* [1] Para que te envergonhes de ti mesmo, diz Deus, eu te porei a ti defronte de ti: *Te contra faciem tuam.* Tu de uma parte, e tu de outra; tu dentro, e tu fóra de ti; tu vendo, e tu sendo visto; tu o juiz, e tu o reu das tuas acções; e porque ellas são indignas de ti, tu te envergonharás de ti mesmo. Quiz Nathão que David se envergonhasse do seu peccado, e que fez? Dividiu a David de si mesmo e poz a David diante de David; contou-lhe o caso do poderoso, que havia roubado ao pobre a unica ovelhinha: accendeu-se o rei em zelo de justiça contra o auctor de tão enorme delicto: disse-lhe então o Propheta: *Tu es iste vir:* Vós sois este homem mau. E no mesmo instante David, confuso e envergonhado de si, reconheceu o seu peccado: *Peccavi Domino.* De maneira, que o mesmo David, que primeiro não via, nem se envergonhava da deformidade e publicidade do seu peccado, dividido de si, e posto diante de si, se viu e se envergonhou de si mesmo; por isso dizia elle: *Verecundia mea contra me est:* não dentro, senão fóra: não em mim, senão defronte de mim, está a causa da minha confusão e vergonha; porque como estou dividido em mim, de cá me vejo e de lá sou visto; e da parte donde sou visto, que é defronte de mim, d'alli vem e reflecte sobre mim a vergonha: *Verecundia mea contra me est.*

IV

Declarada já a vergonha heroica do peccado a respeito de si mesmo, para complemento da materia, e da divisão que temos proposto, resta saber, se a respeito dos homens póde haver tambem vergonha heroica. Respondo com distincção: em Roma não; nas outras cidades, e nas outras côrtes do mundo, sim: e porque razão? Porque em uma cidade toda santa, como é Roma, aonde os exemplos de todo o genero de virtudes são tantos, tão excellentes, e tão publicos, naturalmente se envergonha o vicio de apparecer; porém

[1] *Psalm.* XLIX, 21.

em outras cidades e côrtes do seculo corrupto, aonde o costume dos vicios se fez lei: e os mesmos vicios canonisados pela multidão (e tambem por aquelles que não são multidão), já não causam escandalo aos homens, antes lhes servem de regra e de exemplo, se ainda assim em taes logares e em tal gente um homem se envergonhasse de seus vicios, esta vergonha seria heroica.

No dia de Juizo será tal a vergonha e confusão dos condemnados, que pedirão por partido o inferno. Oseas em nome de todos: *Dicent montibus, Cadite super nos, et collibus, Operite nos;* [1] e Job em nome de cada um: *Quis mihi hoc tribuat, ut in inferno protegas me, et abscondas me, donec pertranseat furor tuus?* E por que causa vos parece que será tão intoleravel a vergonha e confusão dos condemnados naquelle dia? Não só porque se verão a si mesmos, e os seus peccados, que sempre se veem; mas porque se verão a si, vendo juntamente e tendo diante dos seus olhos os justos e os santos: o mau em presença do bom, ainda que seja um condemnado, se envergonha: e assim será no valle de Josaphat; porém no inferno, aonde todos são maus, nenhum se envergonha dos outros. Porque ha de envergonhar-se um demonio, aonde todos são demonios, e um condemnado aonde todos são condemnados? O mesmo passa nas cidades, nas republicas, nas côrtes de costumes e vida corrupta, que são os infernos cá de cima: onde a ambição e a sêde insaciavel de crescer e subir, é instituto e profissão publica, quem se envergonhará de ser ambicioso? Aonde a cubiça, a avareza, e o adquirir sobre adquirir, seja licito ou illicito, se tem por fortuna, e se inveja, quem se envergonhará de ser avaro? Aonde a maior arte é o engano, a dissimulação prudencia, a mentira e a lisonja merecimento, quem se envergonhará de mentir? Por isso em uma cidade, e em um povo cheio de taes vicios, se comtudo houver alguem que se envergonhe de ser cumplice nelles, esse homem, não só será homem de vergonha, mas de vergonha heroica. Eu o busquei em toda a Escriptura, e não achei outro, senão Isaias.

[1] *Oseas*, x, 8.

Væ mihi, quia tacui, quia vir pollutus ego sum, et in medio populi polluta labia habentis ego habito. [1] Ai de mim, diz Isaias, que tenho a lingua impura, e vivo no meio de um povo, que tambem a tem impura. Notavel reflexão! Naquelle tempo, como neste, o vicio mais commum da côrte ecclesiastica do povo de Deus, era a adulação e lisonja: não só não se condemnavam os costumes corruptissimos dos grandes; mas como se fossem virtudes eram louvados; compunham-se poemas á soberba, panegyricos á cubiça, hymnos á ambição; e ainda que Isaias em tudo o mais era homem mui recto, tinha-se deixado levar um pouco da corrente, e em particular (como nota S. Jeronymo) havia dissimulado com El-rei Osias, não o reprehendendo como devêra, por querer confundir a jurisdição temporal com a ecclesiastica, e a tiara com a corôa. [2] Esta era a causa, porque se envergonhava Isaias de si mesmo, e se lamentava dizendo: *Væ mihi, quia tacui, quia vir pollutus labiis ego sum:* Ai de mim, que calei, e profanei a minha lingua, e sou homem de bocca impura. Mas porque accrescenta o Propheta, que este mesmo vicio de ter a bocca impura, era commum a todo o povo de Jérusalem, aonde elle habitava: *Et in medio populi polluta labia habentis ego habito?* Por ventura para escusar o seu peccado com a multidão, e com a corrupção do mesmo vicio, universal então em toda a côrte? Esta é nas côrtes a escusa ordinaria, e o véu corado com que se cobrem muitos vicios, ainda daquelles que teem o officio e obrigação de Isaias. Se perguntarmos ao cortezão, e ainda ao ministro, por que calla o que deve dizer; porque falla contra o que entende; porque louva o que reprova; porque agradece o que o offende; porque veste com indecencia; porque passa sem modestia; porque gasta o que não tem; porque sustenta o que não póde; porque paga o que não deve, e o que deve não paga: responde que faz e vive como os demais, e que na côrte não se póde viver de outra maneira. Diremos, pois, que Isaias se escusava do mesmo modo, como se dissera: Confesso que *vir pollutus labiis ego sum*, confesso que não fallei com a liber-

[1] *Isai.*, VI, 5.
[2] Hier. hic apud Cornel.

dade, com a verdade, com a pureza que devia: mas como podia eu dizer outra coisa, *Si in medio populi polluta labia habentis ego habito?* E se este é o estylo e linguagem de Jérusalem; e se no povo onde vivo, todos fallam ou callam desta sorte, não é culpa minha, é vicio do tempo e da côrte: por certo assim o podia dizer Isaias, e este seria o seu pensamento, se não fôra Isaias: porém elle dizia: *Væ mihi: væ mihi*: não se escusava com a multidão, antes por isso se accusava mais; não allegava a corrupção da côrte por pretexto á escusa, mas por maior motivo á vergonha; porque todos fazem assim, por isso não devia eu ser como todos; porque eu vivo no meio de um povo de bocca corrupta, por isso a minha devia ser incorrupta e incorruptivel; não devia eu viver em Jérusalem como jerosolymitano, senão entre os jerosolymitanos como Isaias; mas porque eu em Jérusalem, e no meio dos jerosolymitanos me portei, não como excepção de todos, mas como um delles, por isso me envergonho e me lamento: *Væ mihi, quia vir pollutus labiis ego sum, et in medio populi polluta labia habentis ego habito.* O' varão verdadeiramente heroico! Viver no meio de um povo de bocca corrupta, e envergonhar-se de ter o mesmo vicio, isto é o heroico da vergonha.

Assim se envergonhava dos homens do seu tempo, e do seu povo, aquelle grande homem Isaias, verdadeiramente heroe da sua e de todas as edades; e a razão de ser heroico este raro modo de envergonhar-se, é, porque a vergonha se conserva na differença dos costumes e se perde na semelhança; e quando ella não se perde, antes se conserva e permanece no seu maior perigo, então se afina e levanta de ponto, e sóbe ao grau de heroica. Aquelles dois senadores de Babylonia, vulgarmente chamados velhos de Susanna, diz o Texto sagrado, que ambos andavam feridos da mesma dôr: porém que se envergonhavam de declarar-se entre si, porque nenhum sabia a enfermidade do outro: *Erant ambo vulnerati amore ejus, nec indicaverunt vicissim dolorem suum, erubescebant enim indicare sibi concupiscentiam suam.* De maneira, que em quanto cada um delles julgava que o outro era qual devia ser, esta differença estimada conservava entre os dois a vergonha: e como vieram finalmente a perdel-a? O mesmo Texto o diz referindo o caso, ou o enredo, mais para

fingido em outros annos, que para imaginado naquelles. Saíam ambos os velhos do senado, que era em casa de Susanna, viram que ella á mesma hora tinha entrado no jardim, despede-se um do outro, com intenção cada qual de tornar logo só, para lograr a opportunidade da occasião: e que lhes succedeu? Que como se tinham encontrado com os pensamentos, assim se encontraram com as pessoas; acharam-se juntos sem o cuidar no mesmo posto, e logo tirada a mascara se declararam, e como eram cumplices no desejo, se uniram a sel-o no delicto: pois se um e o outro eram tão maus antes, como agora; porque antes se envergonham e agora não? Porque antes se julgavam differentes e agora se conheceram similhantes; antes, ainda que um e o outro era mau, um ao outro se tinha por bom; porém depois que pela correspondencia daquelle accidente se conheceram enfermos da mesma loucura, a vergonha que se conservava na opinião de cada um, se perdeu no conhecimento de ambos: como a vergonha vulgar não é outra coisa que o temôr de perder o credito, ou a confusão de o ter perdido; e o vicioso não perde o credito com o vicioso pela similhança, com o virtuoso sim pela differença; esta differença é a que sustenta a vergonha, e aquella similhança a que a destroe: assim lhes aconteceu aos dois ministros de Babylonia, ao principio tão recatados e vergonhosos, porque se imaginavam differentes; e no fim tão sem vergonha, porque se conheceram similhantes. Logo se tanto póde a similhança do mesmo vicio de um homem a outro homem; que será dum homem a uma cidade inteira, e mais a uma côrte? Perdido pois o descredito do vicio, antes acreditado o mesmo vicio pelo exemplo commum de todos os homens; que ainda assim se envergonhe um homem de ser vicioso com os demais; e que o mesmo vicio, que tem perdida a vergonha, cause vergonha; esta é a victoria mais illustre da formosura da virtude contra a fealdade do vicio, e a vergonha mais heroica de homem a homens.

Vós, pois, que por graça de Deus viveis nesta santa cidade, aonde o vicio deslumbrado de todas as partes com tantos rsplandores de virtude, é força que naturalmente se envergonhe, se esconda, e fuja como as trevas da luz, contentae-vos com a vergonha heroica a

respeito de Deus e de si mesmo. A vergonha a respeito dos homens, que tambem póde ser heroica, fique toda para os estrangeiros; a estes rogo eu e protesto que quando voltarem para as suas patrias, se por desgraça acharem nellas o que se vê em tantas, isto é, a pureza dos costumes corrupta, e os vicios, pelo mesmo costume, ou sem má reputação, ou, o que é peor, com credito e auctoridade, se lembrem que nem por isso devem compôr ou descompôr as suas vidas ao espelho, e ao exemplo dos mais; mas antes envergonhar-se por isso mesmo de ser similhantes a elles: se achardes que a vossa patria é como Hus, vivei como Job; se como Chaldea, vivei como Abrahão; se como Egypto, vivei como José; e se finalmente, passando pelo mundo, o vireis todo tão corrupto, como em tempo do diluvio: *Quando omnis caro corruperat viam suam;* vivei com a singularidade constante e inexpugnavel de Noé: *Vir justus atque perfectus in generationibus suis.* [1]

V

E para acabar com algum documento universal, e que sirva a todos, levae todos para casa este conselho breve, não meu, senão de nossa mãe a Santa Igreja: *Pudor sit ut diluculum crepusculum mens nesciat.* Duas vezes no dia se mostra corado o céu, uma de manhã á aurora, outra ao crepusculo da tarde: e porque o mostrar-se corado é phrase e metaphora propria de envergonhar-se, por isso usa aqui a Igreja com maior propriedade e elegancia, ainda na sua lingua, isto é, na latina, que na nossa: diz pois a Igreja, que a côr que a vergonha do peccado puzer na cara, ha de ser como a da aurora, não como a do crepusculo: *Pudor sit ut diluculum, crepusculum mens nesciat.* Não sei se entendeis todos o mysterio. Tão bello, tão ardente, tão fino, tão filho do sol é o purpureo do crepusculo, como o da aurora; porque logo ha de ser o corado da vergonha, como o da aurora, e não como o do crepusculo? Porque o purpureo ou vergonhoso da aurora, vae das trevas á luz; o do crepusculo vae da

---

1 *Gen.*, VI, 9.

luz ás trevas. Tal ha de ser a vergonha christã, que seja do mal para o bem, e não do bem para o mal. Em tempo de Santo Agostinho havia moços tão perdidos, e elle era um delles, que não só tinham vergonha da virtude, porém corriam-se e envergonhavam-se de não ser tão maus como os mais perversos, e de que houvesse outros peores. Oh prouvera ao céu que só naquelle tempo, e na Africa, fosse visto o horror destes crepusculos! A Roma e aos Romanos escrevia S. Paulo, quando disse: *Promptum est et vobis, qui Romæ estis, evangelisare, non enim erubesco Evangelium:* Tambem estou, diz, apparelhado a ir prégar-vos a vós que estaes em Roma; porque não me envergonho do Evangelho. O mesmo Evangelho que hoje é a gloria da Roma christã, então era vergonha na Roma gentia; veja porém a mesma Roma, se se acharão ainda hoje nella alguns vestigios, ou côres daquella vergonha, e se póde dizer com o seu Apostolo: *Non erubesco Evangelium.* Que ensina o Evangelho? O Evangelho ensina pobreza; e quem ha que se não envergonhe de ser pobre? O Evangelho ensina perdão de aggravos, e esquecimento de injurias; e quem ha que se não envergonhe de se não vingar? O Evangelho ensina desprezo do mundo, e total renuncia de suas pompas e vaidades; e quem ha que se não envergonhe de não egualar á grandeza e luzimento do mais vão? Isto não é envergonhar-se do Evangelho? Não é envergonhar-se de ser christão? Não é envergonhar-se de Christo pobre, de Christo humilde, de Christo injuriado, affrontado, crucificado? O mesmo Christo o confessa, e não sem vergonha: *Qui me erubuerit, et meos sermones, hunc filius hominis erubescit:* [1] Vós vos envergonhaes de mim, e eu me envergonharei de vós: porque quando o Evangelho é vergonha para o christão, o christão é vergonha para Christo; como se não ha de envergonhar Christo de um christão, que, professando a sua lei, se envergonha das virtudes que prégou, e louvou, e não se envergonha dos vicios que elle condemnou e amaldiçoou? Por isso a Igreja nos ensina, como nos havemos, e não havemos de envergonhar: envergonharmo-nos como a aurora, para passar das trevas á luz: *Eratis aliquando tenebræ, nunc*

[1] *Luc.*, IX, 26.

autem lux in Domino: [1] e não nos envergonharmos como o crepusculo para passar da luz ás trevas: *Dilexerunt homines magis tenebras, quam lucem.* [2]

Mas porque a pratica deste conselho, ou desejo da Igreja não tem facil execução; e da fraqueza humana se póde com maior certeza temer o contrario, em tal caso com licença sua me atrevo a aconselhar a todos, que já que não imitam a aurora em fugir ás trevas, e crescer sempre a maior luz, ao menos façam em parte como o crepusculo que quando vira as costas á luz, se esconde e se sepulta nas trevas. Se te resolves a peccar, ó christão, seja ao menos em secreto, esconde e sepulta o teu peccado, para que ninguem o saiba; porque a mesma vergonha com que o escondes aos olhos dos homens, te alcançará misericordia nos olhos de Deus. O confessar o peccado depois de commettido, e escondel-o quando se commette, quasi correm parelhas em ordem ao remedio do peccado. E' a vergonha como um oitavo sacramento, ou verdadeiramente uma ampliação maravilhosa do quarto: porque se o sacramento da penitencia tira a culpa, o quasi sacramento da vergonha suspende a pena: vêde se é ponto de importancia para o tempo presente, e se o provo.

Ameaça Deus pelo propheta Jeremias a ruina de Jérusalem, e o desterro e o exterminio de todos os seus cidadãos: mas porque causa? Não só pelos gravissimos peccados daquella ingrata republica, senão porque peccando, não se envergonhavam, diz o mesmo Propheta: *Confusi sunt, quia abominationem fecerunt, quinimo non sunt confusi, et erubescere nescierunt, idcirco cadent inter corruentes in tempore visitationis suæ.* [3] Chove Deus fogo sobre as cinco cidades da infame Sodoma, não ficando dos homens e das pedras mais que as cinzas: e ainda que não era necessaria mais causa, nem tanta, para tão extraordinario castigo, acrescenta Isaias que não só foi porque peccaram tão abominavelmente, senão porque não occultaram nem esconderam o seu peccado: *Peccatum suum sicut Sodoma prædicaverunt, nec absconderunt.* [4] De maneira,

---

1 *Ad Ephes.*.. v, 8.
2 *Joan.*, III, 19.
3 *Jer.*, VI, 15.
4 *Isai.*, III, 9.

que quando Deus executa, ou quer executar castigos, attende a sua justiça a duas coisas: a primeira para a sentença á multidão e graveza dos peccados; a segunda para a execução á publicidade ou segredo com que foram commettidos; porque se os peccados são graves e publicos, executa o castigo; porém se são secretos, ainda que gravissimos, suspende a sentença. Por isso os dois Prophetas sobre os dois peccados de Jérusalem e Sodoma accrescentam a publicidade com que se não envergonhavam delles nem os escondiam. Suppondo um e outro nesta condição, que se aquelles homens se envergonhassem de suas maldades e as escondessem, ainda que Deus por isso não lhes perdoasse a culpa, ao menos suspenderia a pena. Parece que se envergonha Deus de executar o castigo, quando o homem se envergonha de commetter o peccado; e se buscarmos a razão desta limitação da Divina Justiça, ou desta ampliação da sua misericordia, que a mim me parece verdadeira, e mui conforme ás suas mesmas leis, é porque Deus instituiu a confissão do peccado por remedio do peccado; e quem peccando se envergonha do seu peccado e o esconde, ainda que não confesse o peccado, confessa que é peccado; e basta esta meia confissão, para alcançar meia absolvição. A confissão inteira da penitencia tira a culpa, a meia confissão da vergonha suspende a pena: nem é grande maravilha, que Deus pela vergonha do peccado sem confissão suspenda o castigo temporal, quando pela vergonha do peccado na confissão commuta a pena eterna.

Senhores meus (fallo com toda a Italia), quando são verdadeiros os discursos não são necessarios prodigios: mas quando os prodigios e tão formidaveis, concordam com os discursos, não temer os avisos e ameaças do céu, não só é faltar á razão, senão tambem á fé. O primeiro remedio de evitar os castigos, é tirar os peccados; o ultimo escondel-os. Se vos não envergonhaes para não peccar, ao menos peccae com vergonha.

DISCURSO QUARTO

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente. [1]

Se alguma vez foi terrivel, se alguma vez formidavel e espantosa a funda de David, nunca de maior terror, nunca de maior horror e espanto, que no tiro que faz hoje, e o estalo é um trovão, a pedra um raio: o estalo é tão horrendo e temeroso, que só ouvido fará desmaiar e tremer ao maior gigante; a pedra é tão dura e tão forte, que ainda que a testa esteja armada de aço e de diamante, a romperá sem resistencia, e a penetrará até o cerebro: e qual será a ferida tão profunda e tão estranha, que em logar de tirar o sangue para fóra, o retira e recolhe todo ao coração? Este é o effeito natural do temor: e este o argumento terrivel que haveis de ouvir nesta hora: *Timor supplicii:* O temor do castigo.

Porém este argumento, direis senhores, como se póde concordar com o mez? O meu argumento, como prometti ao principio, e tenho mostrado até agora, deve ser heroico: e se é do inferno, como ha de ser limpo? A pedra de hoje, direis, será dura e durissima; porém limpa e limpissima: *Limpidissimos lapides:* desta vez não. Parece-vos que todo o inferno mettido em um alambique afogueado não poderá destillar uma quinta essencia, ou de pena que seja limpa, ou de temor que seja heroico? Eu cuido que sim. Os Theologos dividem as penas do inferno em pena de sentido, que é o fogo, e em pena de damno, que é a privação da vista

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XVII.

de Deus: mas quando eu entro com o pensamento nas entranhas mais intimas do mesmo inferno, considero cá de fóra, e a respeito de nós um tormento, e uma materia de temor mais sensivel que toda a pena do sentido, e mais ponderavel que toda a pena de damno. E que nova e inaudita pena é esta? Fogo, e eterno, não vêr a Deus, e para sempre; podem admittir sobre si outro excesso de pena? Não são estas aquellas duas columnas de fogo e de nuvem; uma de fogo, que eternamente arde, outra de nuvem, que eternamente cega? Como póde logo haver algum temôr tão heroico, tão generoso, tão alto, que sobre estas duas columnas se atreva a escrever *plus ultra*? Isto é o que eu pertendo mostrar hoje. Ouvi o meu sentimento, e espero que ha de concordar com o vosso.

II

Senhores meus: eu temo, como todos, as penas do inferno: porém o que me faz maior horror (deixae-me fallar assim) não é o que no inferno padecem os homens, é o que no inferno padece Deus. Que Deus por sua immensidade não só esteja no céu, senão tambem no inferno, todos o sabeis, e crêdes: *Si ascendero in cœlum, tu illic es; si descendero in infernum, ades.* Porém que no inferno tambem Deus padeça? de modo que Deus póde padecer? Sim. Deus não póde padecer como sugeito de penas; porém póde padecer, isto é, ser offendido, como objecto de injurias: e que padece Deus por este modo no inferno? Coisa espantosa! Os condemnados padecem no inferno tudo aquillo a que Deus os condemna; e Deus padece no inferno aquillo a que não póde condemnar os condemnados. Deus manda ao meu coração que o ame, á minha lingua que o louve; porém não póde mandar ao meu coração que o aborreça, nem á minha lingua que o blaspheme; e este é o exercicio continuo de todos os condemnados, aborrecer eternamente, e blasphemar eternamente de Deus: e que eu, eu com este meu coração haja de aborrecer eternamente a Deus! E que eu, eu com esta minha lingua haja de blasphemar eternamente de Deus! Deus eternamente aborrecido! Deus eternamente blas-

phemado! Este é o maior horror do inferno; este é o objecto mais terrivel, e mais tremendo, que se deve temer naquelle supplicio.

Tendo considerado Job os mais efficazes motivos do temôr do inferno, conclue, que o mais horrivel de todos é não haver alli nenhuma ordem: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror.* [1] Bella definição, senão padecera duas grandes difficuldades: a primeira, medir o horror do inferno, não pelo fogo, nem pela privação de Deus, senão pela desordem: a segunda, suppor e dizer expressamente que no inferno não ha ordem: começando por esta ultima, *Ubi nullus ordo*, é theologia certa, que no inferno não só ha ordem, senão summa ordem: assim o diz Santo Agostinho, e o prova maravilhosamente: *Damnatus ibi est, et ita est, ubi esse, et quomodo esse ordinatissimum est.* O condemnado alli está, e assim está, aonde, e como é summa ordem que esteja. Aonde está o condemnado? No inferno. E como está no inferno? Ardendo em vivas chammas. Logo aquelle logar é ordenado, e ordenadissimo, porque está o condemnado aonde, e como deve estar; aonde, porque está no inferno: e como, porque está ardendo: *Ibi est, et ita est, ubi est, et quomodo esse ordinatissimum est.* Assim discorre Santo Agostinho no livro sexto da Musica, aonde mostra que esta ordem ordenadissima é uma grande harmonia do universo, concertada por Deus no mesmo inferno; porque assim como a culpa sem castigo é a maior dissonancia, assim o castigo junto com a culpa é a maior harmonia. Boa doutrina para aquelles que fazem o compasso na republica. Logo se no inferno ha ordem, e summa ordem, como diz Job, que no inferno não ha ordem: *Ubi nullus ordo?*

Para apertar mais a duvida, e mostrar mais claramente o modo e ordem desta ordem, oiçamos a Euzebio Emisseno, o qual com profundo juizo chamou ao fogo do inferno, fogo racional: *Illa non causalis, sed rationabilis, et pœnalis exultio, quia culpam jubetur inquirere, substantiam nescit absumere.* [2] Aquelle fogo, diz, não causal, senão racional das penas do inferno, por-

[1] *Job.*, x, 22.
[2] Euseb. Emiss. Hom. I. ad Monach.

que é instituido para inquirir a culpa, não póde consumir a substancia. Grandes palavras! Imitem os principes a Deus em moderar o poder aos instrumentos de sua justiça: por isso se veem tantas substancias consumidas, e tão poucas culpas emendadas; porque os que teem officio de inquirir a culpa, teem poder de consumir a substancia. Os instrumentos da justiça punitiva hão de ser como o fogo do inferno, o qual, *quia culpam jubetur inquirere substantiam nescit absumere*. Mas porque diz Emisseno que o fogo penal do inferno não é causal, senão racional: *non causalis, sed rationabilis*? Porque esta é a admiravel differença daquelle fogo ao nosso. O nosso fogo é fogo causal, porque com causa natural obra e queima, sem distincção, com toda a força e actividade da natureza; porém o fogo do inferno é fogo racional, porque nem obra, nem queima segundo a actividade, e força da sua natureza, senão como instrumento da suprema razão da divina Justiça, medindo sempre a pena com a culpa, conforme a regra rectissima da mesma razão: o fogo da terra sem respeito ao merecimento, ou á culpa, tanto queima um martyr, como um herege; tanto uma Igreja, como uma mesquita: tanto o incenso consagrado a Deus, como offerecido ao idolo: porém o fogo do inferno primeiramente, como o da fornalha de Babylonia, respeita, reverencia, e não chega aos Santos; e se queima e atormenta aos maus, é moderando, ou estendendo a efficacia do seu ardor segundo o merecimento de cada um. Ao gentio menos, perdoando a ignorancia; ao christão mais, em consideração da fé; e ao ecclesiastico e Religioso muito mais pela obrigação do seu estado e profissão: e até entre os mesmos demonios, tanto mais abraza aquelle fogo a Lucifer, quanto maior e mais culpavel foi o seu delicto, como de cabeça de rebellião, e dogmatista da apostasia. Póde haver maior justiça, póde haver maior egualdade, póde haver maior ordem? Prouvera a Deus que fosse tão bem governado, e tão bem ordenado o mundo, como o inferno: como logo diz Job que no inferno não ha ordem: *Ubi nullus ordo?*

Já é tempo de responder a esta grande duvida não examinada, nem resoluta bastantemente até agora; e a solução não é outra senão o que eu dizia. Tudo o que se obra e padece no inferno, ou o faz Deus, ou os con-

demnados: o que faz Deus é ordenadissimo; o que fazem os condemnados é summa desordem. Que faz Deus nos infernos? A sua justiça decreta as penas, a sua misericordia as modera, a sua sabedoria as distribue, e a sua omnipotencia as executa, e com tal ordem, proporção, e medida, que de todas ellas juntas, ainda que tão horriveis e espantosas, resulta no mesmo inferno uma consonancia e harmonia pouco menos que celestial, e verdadeiramente divina: os tormentos, ou mais, ou menos graves, ou mais, ou menos agudos, fazem as vozes; a differença as figuras; a eternidade os tempos: a egualdade o compasso; e o fogo, que é orgão das dôres, tanto levanta, ou abaixa a pena, quanto é consonante á culpa: *Consonam pœnam gehennæ ignis constituit Deus unicuique*, [1] diz S. Maximo; e não era necessario que elle nem outro o dissesse: pelo contrario, que fazem os condemnados no mesmo inferno? Não se póde dizer, nem imaginar a desordem, a confusão e dissonancia horrendissima daquelle chaos, concorde só no tumulto perturbadissimo dos affectos e paixões com o estrondo confusissimo dos bramidos e alaridos tremendos, com que daquella multidão immensa de linguas sacrilegas é incessantemente blasphemado o céu: arde o odio, morde-se a inveja, escuma a ira, raiva a dôr, e desafoga-se sem nunca desafogar-se a vingança em injurias, em opprobrios, em maldições contra o sempre mais e mais odiado Deus. De todos os attributos, e de todos os beneficios divinos se ouve alli em desentoados clamores a sua affronta; a justiça se chama injusta, a bondade iniqua: a misericordia cruel, a liberalidade avara; a piedade impia, a sabedoria ignorante, e até a omnipotencia fraca e covarde, como empregada só contra manietados e miseraveis. No Padre se blasphema a creação, no Filho a redempção, no Espirito Santo a justificação e a graça, e na Humanidade Sacrosanta a humildade, a pobreza, a paciencia, a obediencia, a cruz; e o mesmo sangue de infinito preço, derramado para apagar as chammas do mesmo inferno, as accende, atiça, e assopra mais. Esta é a summa dissonancia, a summa confusão, e summa desordem, que considerava Job; e porque uma tal desor-

[1] S. Maximo supra cap. 8. Luc.

dem é propria e natural do inferno, e totalmente infernal, como concebida e nascida não da justiça de Deus, mas da maldade e protervia dos mesmos condemnados, por isso com egual propriedade e verdade diz Job que no inferno não ha ordem: *Ubi nullus ordo.*

III

D'aqui fica já entendida e facil a outra difficuldade da mesma sentença, e a proporção, e profundo juizo com que Job mediu o horror pela desordem, e daquella summa ordem do inferno tirou o summo horror, que o faz mais temeroso e horrivel: *Ubi nullus ordo, sed sempiternus horror.* A razão é manifesta, porque pesada bem a malicia, deformidade, e atrocidade sacrilega daquella só desordem em comparação de todas as outras penas, tormentos, e horrores do inferno; que homem de são entendimento poderá duvidar, que ella só é mais horrenda e formidavel, e digna, excessiva, e incomparavelmente, ou do maior, ou de todo o horror? Que haja eu de arder eternamente no inferno, e carecer eternamente da vista de Deus, e blasphemar de Deus, e maldizer a Deus: isto é o terribilissimo daquelle terrivel, e este é o inferno do inferno. Não é proposição minha, senão de S. João.

No Capitulo vinte do Apocalypse diz o Evangelista Propheta, que acabado o dia do Juizo viu lançar o inferno no fogo do inferno: *Mors et infernus missi sunt in stagnum ignis ardentis.* [1] Notavel dizer! E se perguntarmos a S. João, que inferno é este que viu lançar, e ser lançado no fogo do inferno, do seu mesmo Texto, se vê claramente que são os condemnados, os quaes, acabado o Juizo, serão lançados para sempre nas chammas eternas, quando ouvirem da bocca do Supremo Juiz: *Ite maledicti in ignem æternum.* [2] Pois se os que hão de ser lançados no fogo do inferno, são os condemnados; porque diz S. João que então será lançado o inferno no inferno? Porque os condemnados teem comsigo e dentro de si outro inferno. No coração da

---

[1] *Apoc.*, xx, 25
[2] *Math.*, xxvi, 41.

terra ha um inferno de fogo, aonde são atormentados eternamente os condemnados; e no coração dos mesmos condemnados ha outro inferno do odio de Deus, onde Deus é eternamente blasphemado e aborrecido, e este é o inferno, que foi lançado no fogo do inferno: aquelle inferno aonde são atormentados os condemnados, é o inferno da terra; o outro inferno aonde é odiado Deus, é o inferno do inferno; assim como ha céu do céu: *Cœlum cœli Domino*, assim ha inferno: *Eruisti animam meam ex inferno inferiori.* E assim como o céu do céu é aquelle em que Deus é eternamente louvado e amado; assim o inferno do inferno é aquelle, em que Deus é eternamente blasphemado e aborrecido; e por isso se chama inferno inferior, porque é o abysmo do abysmo, e a parte mais infernal do inferno. E para que se veja que não foi outro o pensamento de S. João, notae nas suas mesmas palavras, que só a este segundo, e maior inferno chamou inferno, e ao outro não: *Mors, et infernus missi sunt in stagnum ignis ardentis:* O inferno, diz, foi lançado no lago de fogo ardente; ao inferno vulgar chama, não inferno, senão lago de fogo; e ao outro inferno, que foi lançado neste, chama propriamente inferno; porque o inferno, dentro do qual ardem e são atormentados os condemnados, é um tanque de fogo; porém o inferno, que arde dentro dos mesmos condemnados, e aonde Deus é o odiado e blasphemado, este é propriamente o inferno.

E senão, comparae entre si estes dois infernos, e achareis tanta differença entre um e outro, quanto vae, não de um mal a outro maior, senão de maior mal ao bem. O mal daquelle inferno é mal de pena, que sendo justa, é bem: o mal deste é mal de culpa, e da maior culpa, que é o maior de todos os males: aquelle inferno serve a Deus, e está da parte de Deus; este é rebelde a Deus, e faz guerra a Deus: aquelle inferno é santo, porque castiga o peccado; este é impio e sacrilego, porque está sempre commettendo o maior de todos os peccados: aquelle louva e exalta a divina Justiça; este infama a justiça, e blasphema a misericordia: aquelle faz mal a quem tem feito mal; este quer mal, e diz mal do Auctor de todo o bem: aquelle executa a pena nos condemnados; este condemna e accusa ao rectissimo Juiz que os condemna: aquelle persegue a culpa mas não destroe a natureza; este, sendo a na-

tureza e essencia de Deus eterna e immutavel, a quizera destruir e acabar; e porque não póde, o blasphema. Finalmente, aquelle consiste na pena do sentido, e na pena de damno; e este excede infinitamente quanto se póde padecer, ou perder, ainda que o que se padece seja fogo eterno, e o que se perde, a vista de Deus para sempre.

Oiçamos esta verdade da bocca do mesmo Christo na cruz, que foi a balança mais fiel de todas as penas: *Dolores inferni circumdederunt me, præocupaverunt me laquei mortis.* [1] Os laços da morte, diz o Senhor, me prenderam, e as dôres do inferno me cercaram: os laços da morte que prenderam a Christo na cruz, foram os cravos, que como laços o tinham pendente e atado de pés e mãos ao duro madeiro, e como laços de morte lhe abriram quatro feridas mortaes, por onde se lhe ia destillando a vida em fios de sangue: isto é facil de entender: mas quaes foram as dôres e penas do inferno, que na cruz cercaram a Christo: *Dolores inferni circumdederunt me?* E' sentimento de graves theologos, entre elles do cardeal Bellarmino, que como Christo padecia na cruz para pagar pelas penas do inferno merecidas pelo genero humano; quiz tambem elle, que alguns dos seus tormentos e dôres fossem similhantes, quanto podia ser, ás que no inferno se padecem: aquella sêde ardentissima, que interiormente o abrazava, e de que só se queixava, *sitio*, respondia ao fogo que é a pena de sentido; e aquella ausencia ou retiro do Pae, de quem se viu desamparado, *Deus meus, ut quid dereliquisti me?* respondia á privação de Deus, que é pena de damno. Diremos pois que estas foram ardores do inferno de que falla Christo? A propriedade das palavras não o permitte, porque expressamente dizem que aquellas dôres não só affligiam ao Senhor por dentro, mas o rodeavam e cercavam por fóra: *Dolores inferni circumdederunt me:* logo que penas e dôres do inferno foram aquellas que o rodeavam e cercavam na cruz? O Propheta que pronunciou as palavras, não o diz; porém disseram-no os Evangelistas, que são os melhores interpretes dos Prophetas. Todos os Evangelistas dizem que junto da cruz no Calvario

[1] *Psalm.* XVII, 6.

estavam os Escribas, Principes dos Sacerdotes e Phariseus, os quaes como crueis inimigos de Christo, e como impios sacrilegos, blasphemavam sua divindade: *Blasphemabant eum dicentes: Si Filius Dei est, descendat de cruce, confidit in Deo, liberet nunc, si vult eum, dixit enim: quia Filius Dei sum.* E como o Senhor por todas as partes ao redor da cruz via odiado e blasphemado a Deus na sua Pessoa, este odio e estas blasphemias eram as dôres e penas do inferno que o cercavam, e estas que o cercavam, as que mais lhe doíam. E' verdade que no mesmo tempo, como dissemos, padecia Christo na cruz outras duas penas similhantes ás duas, em que se divide e comprehende todo o inferno vulgar, que nós sómente estimamos e chamamos inferno: porém como entre aquellas penas e estas fazia o seu amôr e a sua dôr a verdadeira estimação e juizo, a pena de vêr blasphemado a Deus, era tormento excessivamente maior, e que mais altamente o affligia; e por isso, fazendo menos caso de todas as outras dôres, só ás blasphemias dos que o cercavam chamou por antonomasia dôres do inferno: *Dolores inferni circumdederunt me.*

E' tão certo, e o deve ser para comnosco este heroico juizo, que se as trevas escurissimas do inferno não cegaram totalmente os condemnados, e elles tiveram o uso do entendimento e da vontade, tão livre e inteiro, como nós temos, esta pena só de blasphemar a Deus, entre todas, e sobre todas, havia de ser a sua maior dôr e tormento. Vamos ao inferno. Sabida é de todos a famosa historia do rico avarento, a pratica que teve com Abrahão, e as petições que lhe fez sobre o remedio de seus irmãos e seu. Esta é uma das maiores difficuldades que se acha em todo o Testamento Novo; porque no inferno, como ensina a theologia, os miseraveis condemnados pela cegueira do seu entendimento, e pela obstinação da sua vontade, nem para si, nem para outro podem pedir, nem desejar coisa que seja moralmente boa; como logo se póde verificar que pedisse e desejasse o avarento o seu allivio, e muito mais a salvação de seus irmãos? Entre os Padres antigos Euthimio e entre os Exposidores modernos Maldonado, dizem que a narração de Christo não foi toda historia, senão parte historia, parte parabola, e esta é a verdadeira intelligencia daquelle Texto. Que aquelle homem

rico e avarento estivesse no inferno, é historia; que desejasse ou dissesse aquillo que se refere, é parabola; e accrescentou Christo para nossa doutrina ao verdadeiro da historia o verosimil da parabola (como se o mesmo condemnado no mesmo tempo estivesse dentro e fóra do inferno; dentro pelo que padecia, e fóra pelo que desejava), não porque effectivamente desejasse ou pedisse taes coisas, senão porque assim o devia fazer, se discorresse e obrasse como nós, com perfeita liberdade e uso de razão. Isto supposto:

E' coisa digna de grande reparo, que estando aquelle homem ardendo de pés e cabeça, e padecendo não um, senão muitos tormentos: *Cùm esset in tormentis*, só da lingua se doesse mais, e só para a lingua desejasse remedio: *Ut intingat extremum digiti sui in aqua, ut refrigeret linguam meam.* [1] Cresce mais esta admiração, porque os peccados de que o vêmos accusado, nenhum é particular e proprio da lingua: se era avarento, padeça mais nas mãos; se duro e sem misericordia, no coração; se dado á gula, no paladar e no estomago; se demasiadamente delicado e vão em vestir purpuras e hollandas, no tacto e no cerebro: porque logo se doe mais, e se queixa só da lingua? Porque com a lingua, como fazem todos os condemnados, blasphemava de Deus; e como elle só entre todos os outros, em supposição da parabola, obrava com inteiro juizo e uso da razão, como se estivera dentro do inferno para padecer, e fóra como nós para julgar; por isso entre todas as suas penas e tormentos, a dôr que julgava mais terrivel e intoleravel, era a da sua lingua blasphema. Não se queixava das penas dos peccados passados repartidas por todos os outros membros, mas do peccado presente, que commettia a sua lingua sacrilega, digno (porque o via com juizo) de maior horror que todas as penas: cuspia chammas a sua lingua ao céu, e fulminava raios de blasphemias contra Deus, e o ardor furioso e raivoso desta mesma chamma era o que mais lhe abrazava e atormentava a mesma lingua: *Ut refrigeret linguam meam, quia crucior in hac flamma. In hac*, nesta chamma, diz, para distincção das outras chammas do inferno: as outras chammas do in-

[1] *Luc*, XVI, 23 e 24.

ferno queimam e abrazam ao condemnado; as chammas da blasphemia, que sáem da bocca do condemnado, intentam, se puderam, abrazar e queimar ao mesmo Deus; as outras chammas do inferno, como justas e racionaes, conteem-se nos limites do centro da terra; as chammas da blasphemia, como furiosas e sem freio de lei, nem razão, não só penetram e passam a terra, mas sobresaem e chegam até ao céu: *Posuerunt in cœlum os suum.* Que muito logo que o fogo e ardor de uma tal chamma não escurecida com as trevas do inferno, senão vista á luz clara da razão, o atormentasse mais que todas as suas penas, e só para ella desejasse, ou devesse desejar refrigerio: *Ut refrigeret linguam meam?*

IV

Este é, senhores, o inferno destillado; isto o limpo, o puro das penas do inferno; e isto o mais fino e heroico do temor das mesmas penas: assim se divide a respeito de nós todo o terrivel daquelles tormentos, não já em duas, senão em tres partes: e não é minha a divisão, senão do theologo mais angelico, e mais subtil das coisas eternas, David. *Ignis, et sulphur, et spiritus procellarum pars calicis eorum.* Falla litteralmente das penas do inferno, e diz que o calix dos condemnados é composto e temperado de tres ingredientes: fogo, enxofre, e tempestades; o fogo é a pena do sentido; o enxofre, que o faz mais ardente e mais escuro, é a pena de damno; e as tempestades são as blasphemias, as injurias, as maldições, que por summo furor, raiva e odio de Deus se fulminam e sobem perpetuamente do inferno ao céu: *Superbia eorum, qui te oderunt, ascendit semper*, diz o mesmo David; e não podia declarar com similhança, ou metaphora mais propria, que de tempestade. Não só os Poetas, mas ainda os Prophetas, quando querem descrever a tempestade mais horrivel, dizem que a braveza e furia dos ventos já levantam as ondas ao céu, já as precipitam ao inferno: *Ascendunt usque ad cœlos, et descendunt usque ab abyssos.* E isto que nas tempestades do mar é hyperbole, na tempestade do inferno não chega a dizer tudo o que verdadeiramente é; porque os trovões e os

raios daquella tempestade de blasphemias, injurias e maldições, não só sobem e se levantam desde o inferno até o céu, senão sobre o céu do céu até o mesmo Deus.

Comparando pois entre si estas duas partes do inferno, e horror com que se deve temer cada uma dellas, isto é, a pena de sentido, a pena de damno, e o odio e blasphemias contra Deus; assim como a segunda é muito mais terrivel que a primeira, assim a terceira excede infinitamente a segunda: a segunda é muito mais terrivel que a primeira; porque sendo o fogo mal infinito, e Deus bem infinito, muito maior e mais terrivel pena é não vêr a Deus, que padecer o fogo: e a terceira excede infinitamente a segunda, não por esta, mas por outra razão mais alta; porque não vêr a Deus é pena minha, aborrecer e blasphemar de Deus é injuria de Deus: e quanta differença ha de mim a Deus, tanta ha do horror de um tormento a outro. Temer o inferno por não vêr a Deus, é temel-o por amôr de mim; temer o inferno por não blasphemar de Deus, é temel-o por amôr de Deus; e por isso este temor é mais fino e heroico: pelo seu contrario o vereis claramente. O contrario do temor é o desejo; e o contrario do temor do inferno é o desejo do céu. Agora pergunto: o desejo fino e heroico do céu em que consiste? Porventura em desejar vêr a Deus? Consiste não em desejar vêl-o, senão em desejar louval-o eternamente. E' conclusão expressa de uma alma coroada e desconfiada, desta vida, el-rei Ezechias.

Domine, salvum me fac: Senhor, salvae-me, e se persistis na sentença de que morra ámanhã, e no meio dos meus dias deixe a vida e a corôa, dae-me o céu. Bem; mas para que, santo rei, desejaes e pedis o céu? Para vêr a Deus e gozal-o eternamente? Não é isso o que eu digo, continúa Ezechias: *Salvum me fac*, digo, *et psalmos nostros cantabimus omnibus diebus nostris in domo Domini.* Se vos peço, Senhor, e desejo o céu, o meu fim principal não é para vêr-vos, senão para louvar-vos e cantar eternamente vossos louvores no côro das moradas eternas. Tal é o desejo fino e heroico do céu; querel-o e desejal-o, não para vêr a Deus, que é gloria minha, senão para louval-o, que é honra sua. E senão, adverti o que fazem no mesmo céu aquelle par de heroes sem par, os dois famosos Serafins que viu

e ouviu Isaias: *Velabant faciem ejus, et clamabant alter ad alterum, Sanctus, Sanctus, Sanctus.* Assistiam sempre ao throno da Magestade de Deus, com duas azas cobriam sua divina face, e não cessavam já mais de cantar e repetir alternadamente, Santo, Santo, Santo. Pois esta é a fineza dos mais elevados espiritos da suprema gerarchia? Sim, esta é: cobrir os olhos, e dizer Santo: louvar a Deus sem cessar, e cuidar mais dos seus louvores que da sua vista: e como o desejo fino e heroico do céu é desejal-o, não para vêr, senão para louvar a Deus; assim o temor fino e heroico do inferno é temel-o, não por não vêr Deus, mas pelo não blasphemar. Não vêl-o é damno meu, blasphemal-o é injuria sua. E isto é o que teme sobretudo, quem limpa e heroicamente teme o inferno.

V

Basta o que está dito para desempenhar o meu argumento: mas não basta para satisfazer á minha consideração. A consideração de vêr a Deus blasphemado é o maior horror do inferno; mas ainda ha mais que acrisolar neste mesmo horror do inferno, se me daés licença para que me detenha um pouco em refinal-a. Bem vejo que passarei os termos da costumada brevidade; porém o ser largo tambem é propriedade do inferno. Que novo motivo, pois, ou que nova circumstancia de horror é esta? Sobre vêr a Deus blasphemado póde haver consideração ainda mais terrivel? Sim, e nas mesmas blasphemias. Não sei se quiz significar tanto o mesmo Auctor Divino, que na divisão dos tormentos do inferno accrescentou a terceira parte: e no crisol daquelle calix destillou o mais apurado e fino dos seus horrores: *Ignis et sulphur, et spiritus procellarum pars calicis eorum.* [1] Dos materiaes que se destillam, as partes mais puras e subtis se chamam espiritos; sendo pois as blasphemias e injurias de Deus, como temos visto, as tempestades e furacões do inferno, os espiritos das tempestades, *Spiritus procella-*

[1] *Psalm.* x, 7.

rum: o mais fino, o mais espirituoso destas injurias, em que vos parece que póde consistir? Eu digo que na impunidade: em ser injurias de Deus, sim; mas muito mais em ser injurias não vingadas.

Para intelligencia deste pensamento havemos de suppôr com a sentença commum dos Theologos que no inferno só são punidos e castigados os peccados commettidos nesta vida. Os outros peccados, que se commettem no inferno, como são as continuas blasphemias e injurias de Deus, não se castigam lá com pena nova: e que é o que se segue desta supposição? Segue-se que nesta terceira parte do inferno cessa totalmente aquella harmonia que considerava Santo Agostinho, e resulta uma nova dissonancia e circumstancia de horror incomparavelmente mais tremenda. Os peccados commettidos nesta vida por isso fazem harmonia no inferno, porque a pena proporcionada está sempre junta á culpa; porém os peccados que se commettem no inferno como á nova culpa não corresponde nova pena; em logar daquella harmonia fazem uma nova dissonancia, tanto maior, e tanto mais horrenda, quanto o odio e desprezo de Deus é maior peccado, e o peccado sem castigo é a maior affronta. Alli está Deus offendido, mas vingado; aqui não vingado e muito mais offendido: alli triumpha a justiça, e desaggrava-se o poder; aqui prevalece o delicto e eternisa-se o aggravo: alli o fogo da pena apaga a offensa; aqui a impunidade da culpa accende a injuria. E que haja eu de vêr (não digo fazel-o, porque não admitte o coração christão tal supposição), e que haja eu de vêr a meu Deus blasphemado, e os blasphemos sem castigo! A sua Magestade infinitamente lesa, e o seu respeito perdido, a sua honra desacatada, a sua bondade aborrecida, os seus attributos divinos cheios de opprobrios e maldições eternamente, e todas estas injurias não vingadas! Se isto não é o ultimo assombro e pasmo de horror, não temos fé.

A razão adequada deste horror só Deus a comprehende: o pouco que eu considero tirado das Escripturas, é tão muito e tão grande, que só dividido por partes se póde conceber. A primeira consideração é, porque a honra lesa e offendida, não só a humana, senão ainda a divina, não tem outro reparo ou consolação, senão a vingança executada no auctor da offensa; isto

se entende quando a vingança é justa, como são as de Deus, e por isso o mesmo Deus offendido não duvidou de o confessar assim: *Heu consolabor super hostibus meis, et vindicabor de inimicis meis:* [1] Eu, diz, me consolarei, eu me vingarei de meus inimigos; porque se Deus fosse capaz de desconsolação, só a sua honra offendida e não vingada o poderia desconsolar. Que mais? A segunda consideração é, porque entre todas as offensas da divina Magestade, a que Deus jámais deixou de vingar, é a blasphemia, como aquella que mais directamente se oppõe á regalia do seu mesmo sêr. O homicidio, o adulterio, a traição e aleivosia commettida contra o innocente Urias, já Deus tinha perdoado a David: *Verumtamen*, replica o mesmo Deus, *quia blasphemare fecisti nomen Domini, non recedet gladius de domo tua.* [2] Mas porque tu com o teu mau exemplo fizeste blasphemar o meu nome, nunca a minha espada se levantará da tua casa. David não havia blasphemado de Deus, e só com o seu peccado, como peccado de rei, tinha dado occasião a que fosse blasphemado de outros; porém é Deus tão zelador da sua honra na vingança das blasphemias, que perdoando a David os peccados proprios, vingou no mesmo David as blasphemias alheias. Finalmente, a terceira consideração, e que bastava por todas, é, porque peza mais diante de Deus a reparação da sua honra, e a vingança das suas offensas, que a condemnação e inferno de todos os homens. Porque cuidaes que encarnou e morreu o Filho de Deus? Porque a injuria infinita da honra divina lesa não se podia vingar senão com sangue divino; nem a condemnação do genero humano remir-se com menor preço. Estes foram os dois fins da Encarnação do Verbo; mas o primario a vingança, o secundario a Redempção. Isaias: *Ecce Dominus adducet ultionem retributionis, ipse veniet, et salvabit nos.* [3] Falla expressamente da vingança da honra divina, e da redempção do mundo; porém notae a ordem: *Ecce Dominus adducet ultionem retributionis;* eis-aqui a vingança, e o primeiro fim: *Ipse venit, et salvabit nos;*

---

[1] *Isai.*, I, 84.
[2] *2.º Livr. dos Reis*, XII, 21.
[3] *Isai.*, 35.

eis-aqui a redempção, e o fim segundo: porque peza mais a honra de Deus offendida, e a sua vingança, que a condemnação e inferno de todos os homens. Logo se as blasphemias de Deus por si só são maior inferno que o mesmo inferno; e essas mesmas blasphemias não vingadas são de maior pezo e attenção que o inferno de todo o mundo: que coração haverá com fé e juizo, que não trema de horror, e não desmaie de assombro, considerando a Deus blasphemado eternamente, e sobre blasphemado não vingado? Não é christão, nem humano, o coração que o não sentir assim.

Ao menos eu creio do meu (se me não engana) que não só se atreveria a padecer no inferno todas as penas dos peccados desta vida, mas que a harmonia de vêl-os assim justamente punidos, seria bastante (como se diz da cithara de Orpheu para suspender as mesmas penas. Diria em tal caso (que Deus não permitta): *Justus es Domine, et rectum judicium tuum:* [1] e prégaria a todas aquellas almas justissimamente condemnadas, que ao som dos mesmos tormentos, cantassemos juntos: *Meritò hæc patimur, quia peccavimus.* [2] Até aqui me parece que se conformaria a paciencia com a razão; porém passando á consequencia mais dura e verdadeiramente intoleravel daquelle infeliz estado, isto é, ás blasphemias contra Deus, então desmaiaria toda a força do valor e da constancia, e prostrado o animo, e cahido no profundo do mesmo inferno, pediria partido ao céu, e diria assim: Senhor, e Deus ainda meu, se o inferno é logar e instrumento rigoroso da vossa justiça, não vos peço misericordia, não, que a não mereço; o que desejo unicamente é que ao menos este inferno seja por todas as partes justo. Padecer eu no inferno é summa justiça; sêrdes vós blasphemado no inferno é summa injustiça; porque eu mereço ser eternamente atormentado, e vós mereceis ser eternamente louvado: commutae pois, estas minhas blasphemias em dobradas chammas, de maneira que juntamente padeça e vos louve, e assim de uma e outra parte seja justo o inferno: justo da vossa parte, porque eternamente me atormentaes; e justo da

[1] *Psalm* CXVIII, 137.
[2] *Ibid.*, XLVII, 31.

minha, porque eternamente vos louve. Se este partido, christãos, é possivel, não deixando o inferno de ser inferno, eu o não sei; porém creio que não fui mui dissimilhante ao affecto de Moysés e de S. Paulo, quando parece se offereceram ás penas do inferno; isto é, á do sentido e damno; porque a consequencia intrinsecamente má de blasphemar a Deus não a podiam desejar nem consentir, ainda que juntamente com a impunidade de outra pena. E se me perguntaes porque Deus não castiga as blasphemias dos condemnados, accrescentando-lhes sempre tormentos sobre tormentos, como podéra a sua Omnipotencia, sem injustiça, ainda que estejam fóra do estado de viadores: duas razões me occorrem ao nosso proposito, para o haver ordenado assim sua Divina Providencia. A primeira, para que este maior horror nos servisse de freio e nos retrahisse do inferno. A segunda, para que este mesmo horror e temor santo do inferno fosse mais meritorio e mais heroico. Se as blasphemias do inferno fossem castigadas com penas novas, seriam temidas por amôr de nós, e não por reverencia de Deus. Quiz, pois, sua Divina Providencia que fossem impunidas, para que nas suas mesmas injurias se afine o nosso temor, e na mesma impunidade cresça e se apure a fineza.

VI

Declarado assim (ainda que nem tão bem, nem tão brevemente como eu quizera) o limpo e heroico horror do castigo eterno, isto é, limpo da parte do inferno, e heroico da parte do temor, resta só persuadil-o; e para que a vossa paciencia m'o permitta, eu a quero subornar com uma grande e por ventura não esperada promessa. E qual é? Que um tal temor do inferno, tão limpo, tão heroico e tão fino, é um grande signal de predestinação, e um seguro infallivel da vida eterna. O inferno fez-se para aquelles que o não temem, ou o temem só pelo horror das penas: porêm aquelles que temem o inferno pelo horror do odio, das blasphemias, e das injurias de Deus, estes espiritos fidalgos, generosos, e verdadeiramente christãos, não foram creados para o inferno: vêde se o provo com tanto fundamento, quanto gosto meu.

Viu David a Deus como Supremo Juiz, e diz que tinha na mão um calix cheio de vinho, parte do qual era limpo, puro e defecado, e a outra parte turva, impura e cheia de fezes: *Calix in manu Domini vini meri plenus mixto.* [1] E que fez Deus com este calix? *Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen fæx ejus non est exanauita.* Inclinou, diz, e lançou a parte limpa e defecada deste calix em outro, e no que estava cheio ficaram as fezes. Agora saibamos que calix é este, que licôr puro e impuro, e quem são aquelles que bebem de um e outro. O calix dizem communmente os Padres e Expositores, que é o inferno, do qual disse acima o mesmo Propheta: *Ignis, et sulphur, et spiritus procellarum pars caticis eorum.* O licôr deste calix parte é limpo e puro, e parte impuro, turvo e cheio de fezes, porque ha inferno limpo e não limpo, conforme as duas considerações em que até agora temos fallado: os que bebem, ou não bebem, de um e outro, parece mais difficil de resolver; porém o mesmo Texto, se bem se pondera, o diz: *Inclinavit ex hoc in hoc, verumtamen fæx ejus non est exananita, bibent omnes peccatores terræ.* Lançou Deus o licôr puro e limpo em um calix, e deixou as fezes no outro, e deste beberam todos os peccadores da terra. Não sei se reparaes no que diz o Propheta, e no que não diz. Os calices são dois: *Inclinavit ex hoc in hoc:* as fezes ficaram todas em um: *verumtamen fæx ejus non est exinanita:* este das fezes hão de beber os peccadores da terra: *bibent omnes peccatores terræ.* Pois se diz quem ha de beber este calix, porque não diz quem ha de beber o outro? Um e outro calix é do inferno; um do inferno limpo, outro do inferno não limpo. Pois se diz quem ha de beber este calix, porque não diz quem ha de beber aquelle? Porque o inferno limpo ninguem o ha de beber. A separação que o Propheta viu fazer de calix a calix, é a que nós fazemos de inferno a inferno: uns temem baixamente o inferno pelas penas e tormentos, que são as fezes do inferno; outros o temem heroicamente, não pelas penas, senão pelas injurias de Deus, que é o inferno defecado e puro; e porque este temor heroico é signal de caracter de predestinação, e nenhum predestinado ha

[1] *Psalm.* LXXIV, 9.

de ir ao inferno; por isso signalando o Propheta os que hão de beber o outro calix, não diz quem ha de beber este, porque os que temem este nenhum o ha de beber: *Illas fæces amarissimas gustabunt, nec umquam epotare desinent in æternæ damnationis loco cuncti peccatores terræ*, commenta com S. Jeronymo, S. Gregorio Nazianzeno, S. Bruno, Procopio, e entre outros o doutissimo Lorino: e se o calix das fezes do inferno é aquelle que hão de beber todos os condemnados e precitos, bem se segue que o outro calix do inferno limpo, e que não ha de ser bebido, pertence aos predestinados, os quaes ainda que sejam peccadores, se podem chamar peccadores do céu, assim como aquelles se chamam peccadores da terra: *Bibent omnes peccatores terræ*. Donde tambem se infere, que a mão que ficou com o calix das fezes, era a esquerda de Deus, que é a mão dos precitos; e a que tinha o outro calix, a que se passou o inferno limpo, era a direita, que é a mão dos predestinados.

E para que ninguem duvide da probabilidade gostosa destas consequencias, oiçamos outra vez a David, e seja elle o expositor e interprete de si mesmo. No Psalmo setenta e dois, conforme o Texto chaldaico, fallando David das blasphemias do inferno diz assim: *Posuerunt in cœlum os suum, et lingua eorum ussit sanctos terræ*. Puzeram os condemnados a sua bocca no céu, e a sua lingua impia e sacrilega queimou os santos da terra. A sentença é facil; o atado delia não parece que havia de dizer: *Puzeram a sua bocca no céu, e a sua lingua queimou os santos do céu;* mas *puzeram a sua bocca no céu, e a sua lingua queimou os santos da terra?* Sim: porque as blasphemias do inferno, ainda que vão atiradas e fulminadas contra o céu, não tocam, nem podem tocar aos Santos do céu, e muito menos ao Santo dos Santos, que é Deus: tocam porém essas mesmas blasphemias, e queimam os santos da terra: porque como estes amam sobre tudo a Deus, e muito mais que a si mesmos, aquillo que mais temem e lhes faz maior horror na consideração do inferno, aquillo que mais os fere, penetra e queima o coração, não é o fogo do mesmo inferno, senão as injurias, opprobrios e maldições, com que por summa impiedade, e horrendos sacrilegios é alli blasphemado Deus. Bem: mas este mesmo con-

ceito, esta mesma estimação, e esta mesma distincção de penas a penas, e de horror a horrór, a póde fazer qualquer homem de alto juizo, ainda que não seja santo, temendo mais o inferno pelas blasphemias de Deus, que pelo fogo, e outros tormentos; como logo chama David santos a todos os que teem este nobre e verdadeiro sentimento: *Et lingua eorum ussit sanctos terræ?* Porque como este é um grande signal, e como caracter certo de predestinação; e os predestinados, ainda que actualmente não sejam santos, hão de ser santos, justamente os canonisa a todos David, e lhes dá o nome de Santos já na terra: *Et lingua eorum ussit sanctos terræ.*

Combinae agora este *sanctos terræ* com aquelle *peccatores terræ;* e reparti os dois calices do inferno puro e limpo, e não limpo: aquelles que bebem o inferno, e lhes amarga pela parte das fezes, isto é, pelo fogo e tormentos, estes são os peccadores da terra, isto é os reprobos: *Bibent omnes peccatores terræ:* porém aquelles que o não podem tragar pela parte limpa, isto é pelo horror das blasphemias e injurias de Deus, estes são os santos da terra, isto é, os predestinados: *Et lingua eorum ussit sanctos terræ.*

E se algum me perguntar a razão desta differença, eu lh'a darei, e a confirmarei com effeito. A razão é, porque quem teme o inferno pelas penas do fogo, teme-o por amôr de si; quem teme o inferno pelas injurias de Deus, teme-o por amôr de Deus; e quem teme o inferno não por amôr de Deus, senão por amôr de si, vá para o inferno: porém quem teme o inferno, não por amôr de si, senão por amôr de Deus, não o póde Deus lançar no inferno. Esperava á porta do Templo o Summo Sacerdote Eli o successo da batalha, em que naquella occasião se combatiam Israelitas e Philisteus, quando chegou a triste nova com tres circumstancias terriveis. A primeira, que o exercito de Israël era roto e perdido; a segunda, que os dois filhos do mesmo Eli, Ophni e Phinees, ambos ficavam mortos; e até aqui esteve elle animoso e constante, sem se turbar um ponto; a terceira, finalmente, que tambem a Arca de Deus fôra tomada, e estava captiva em poder dos inimigos; e em ouvindo isto Eli, cahiu desmaiado, e subitamente expirou: *Cumque ille nominasset arcam Dei, cecidit de sella retrorsum, et mor-*

tuus est. [1] Tal foi a improvisa morte daquelle Pontifice; e porque na sua vida nota a Escriptura alguns defeitos não leves a respeito do governo ecclesiastico, disputam os Interpretes, se se salvou, ou não. Muitos teem para si que se condemnou, e fundam o seu parecer nas culpas do mesmo Eli, verdadeiramnete graves; porém S. Jeronymo, S. Gregorio Magno, S. Chrysostomo e Ruperto, Carthusiano, Caetano, Abulense, e outros, defendem que se salvou Eli, ainda que commetteu aquelles peccados; e porque? Pelo que succedeu na sua morte. Não vêdes, dizem, que sabendo Eli a perda do exercito e morte de seus filhos, não se turbou: e em ouvindo o captiveiro da Arca, foi tão excessiva a sua dôr, que cahiu morto? Pois homem que sente mais a injuria de Deus, que os dois maiores golpes da natureza, não podia Deus deixar de salval-o: *Qui ergo sine arca Dei vivere non poterat, quomodo sine Deo ipsius arcæ moreretur?* Assim conclue com os Padres e Doutores allegados o mais diligente commentador dos Livros dos Reis. [2] O mesmo digo eu no nosso caso. Quem teme de tal maneira o inferno, que lhe fazem maior horror as blasphemias e injurias de Deus que todas as outras penas, que são tormentos proprios, não póde o mesmo Deus não o livrar do inferno: temer assim é acto de contrição do temor; e quem vive e morre assim contrito, não póde deixar de salvar-se.

Ouvida já a razão, ouvi agora o effeito. A promessa do céu mais expressa, e mais canonica de quantas Christo fez a nenhum homem particular, foi aquella do Bom Ladrão, o qual em toda a sua vida tinha tão merecido o inferno, como o outro seu companheiro: ainda assim lhe diz Christo: *Hodie mecum eris in Paradiso:* [3] Hoje estarás commigo no Paraiso. Pois a um ladrão, a um malfeitor, a um justiçado e enforcado por seus delictos, tão geral absolvição, tão plena indulgencia! Porque merecimentos? Doutissimamente, e com grande advertencia Origenes: *Ad eum, qui increpaverat blasphemantem, dixit: Hodie mecum eris*

---

1 *1.º Livr. dos Reis*, IV, 13.
2 Mendoç. ibid. n.º 18 anno 13 sect. 3.
3 *Luc.*, XXIII, 43.

in paradiso. [1] Se quereis entender a consequencia, reparae nas premissas. Que fez o Bom Ladrão? Antes de dizer: *Domine, memento mei*, e antes de tratar da sua salvação, ouvindo que o companheiro blasphemava, voltou-se contra elle, defendendo a honra de Christo, e o fez calar: *Unus ex his, qui pendebant, latronibus blasphemabat; respondens autem alter increpabat eum.* [2] E um homem, que posto em uma cruz e em meio de seus tormentos, e, o que é mais, em perigo de sua condemnação eterna, o que mais sente, o que mais lhe doe, e o que lhe faz maior horror, não são as penas que padece, nem as que póde padecer, senão o ouvir blasphemar de Deus: este homem é predestinado, este homem não se póde perder, e ainda que seja um grande peccador, alcançará sem duvida uma indulgencia plenaria: *Ad eum, qui increpaverat blasphemantem, dixit: Hodie mecum eris in paradiso.*

VII

Isto, isto é, ó almas fieis, isto é, ó espiritos heroicos e generosos, o que mais deveis sentir, e o que maior horror vos deve fazer em todo o inferno. Sintamos e temamos assim: e este mesmo sentimento e temor seja em nós uma firme esperança de nossa salvação. Firme, porque firmemente nos resolvemos a não offender a Deus nesta vida, pelo não blasphemar na outra; e firme, porque este é o mais firme, e o mais forte escudo contra todas as tentações. Os Padres antigos ensinaram por efficacissimo remedio contra as tentações, que todas as vezes que alguem se visse tentado, applicasse a mão, ou um dedo ao fogo, para que provando por experiencia que não podia soffrer um momento aquelle ardôr, temesse a eternidade do fogo do inferno, e se abstivesse em peccar: bom conselho; mas eu não digo assim. Christãos, quando

---

[1] Orig. Homil. 35 in Mat.
[2] *Luc.*, XXIII, 29; *Math.*, XVII, 4.

o demonio, o mundo, ou outro inimigo vos tentar, fazei a vossos corações esta pergunta: Atreves-te, alma minha, a blasphemar eternamente da Santissima Trindade? A blasphemar do Pae, a blasphemar do Filho, a blasphemar do Espirito Santo? Atreves-te a blasphemar eternamente de Jesus e seu sangue, e de sua Santissima Mãe? Se te atreves, não temas o inferno: se te não atreves, teme o peccado.

DISCURSO QUINTO

Elegit quinque limpidissimos lapides de torrente. [1]

I

Resta já á funda de David uma só pedra; se esta não faz effeito, e emprega o tiro, ficará a cabeça do Gigante tão vã e soberba como d'antes; e assim o creio eu. A pedra verdadeiramente é de boa côr; não é esmeralda, mas verde. A primeira foi branca e transparente, qual a pedia o conhecimento de si mesmo: a segunda negra, pela dôr do bem perdido: a terceira vermelha, da dôr da vergonha: a quarta da côr do temôr, pallida, ou amarella, e esta ultima, como dizia, verde, da côr da esperança: *Spes æterni gaudii*. A maior façanha que fizeram os Argonautas da minha nação, foi descobrir o Cabo de Boa Esperança; muito maior e muito mais difficil empreza é hoje, a minha: porque é de descobrir o cabo não da bôa, nem da melhor esperança da terra, senão da mais limpa, da mais fina e da mais heroica do céu: e se foi demasiada a ousadia daquelles descobridores, em levar as ancoras do Tejo com tão novo e formidavel acommettimento, confesso que maior temeridade tem sido a minha, em ter navegado por mar para mim tão novo e tão estranho, até lançar a ancora da esperança no Tibre, e no logar aonde é mais alto e mais profundo. Esta confissão me servirá de desculpa: dae-me a ultima attenção.

---

[1] *1.º Livr. dos Reis*, XVII.

II

Spes æterni gaudii: A esperança do gosto e premio eterno; esta é a materia de hoje; mas nem o gosto, nem o eterno parece que se atam bem com a esperança: o gosto não, porque a esperança é tormento; o eterno tão pouco, porque a esperança é virtude desta vida e do tempo, e não chega á eternidade. Assim parece no sentimento commum; porém no meu não é assim: o gosto eterno, isto é, a bemaventurança do céu, consiste em vêr e amar a Deus eternamente; o vêr responde á fé, o amar á caridade; e o eternamente, digo eu, que á esperança. Não se atará a esperança ao gosto em quanto gosto: mas em quanto eterno sim, e porque? Porque Deus é justo remunerador, e quando paga a esperança com o gosto eterno, ou com o eterno do gosto, paga uma eternidade com outra: a eternidade do esperar com a eternidade do gosar. Oiçamos ao nosso David, que até ao fim nos hão de ajudar os seus impulsos, e nunca mais galhardos que hoje. *Inclinavi cor meum ad faciendas justificationes tuas in æternum propter retributionem.* [1] Eu, diz o grande Rei, inclinei e affeiçoei o meu coração a servir a Deus eternamente pela esperança do premio. Parece que estão trocados os termos; e que diz, ou suppõe David um impossivel. Nós serviços que fazemos a Deus, o premio é o eterno, e não o servir, que não passa desta vida: parece logo que havia de dizer o Prophéta: *Inclinei-me a servir a Deus pelo premio eterno;* e não, *inclinei-me a servil-o eternamente pelo premio.* Mas se o servir nesta vida pudéra ser eterno, era mui boa a proporção do merecimento ao premio; porque ao merecimento de servir eternamente, responderia o premio de gosar eternamente. Mas isto é impossivel; porque não póde haver uma eternidade antes, e outra depois. Que eternidade era logo esta, em que David havia de servir a Deus eternamente: *Inclinavi cor meum ad faciendas justificationes tuas in æternum?* O mesmo David o disse, accrescentando,

[1] *Psalm.* CXIII, 112.

que servia pela esperança do premio: *Propter retributionem*. Quem serve pela esperança do premio, serve e espera juntamente. E a mesma duração que no servir é tempo, no esperar é eternidade. Para ser proporcionado o premio ao merecimento, e o servir ao gosar, convinha que havendo de ser eterno o gosar, fosse tambem eterno o servir: prometta-se pois á esperança nesta vida o gosto eterno da outra, para que se mereça e se pague uma eternidade com outra eternidade, e responda o eterno do gosto ao eterno da esperança: *Spes æterni gaudii*.

Para prova da eternidade, ou eternidades do esperar, bastavam os thronos de tantos Jeremias, quero dizer, as lamentações de todos estes senhores que Roma eternisa em esperanças. Mas porque as suas queixas não são cridas, oiçam os que não as ouvem, a Escriptura divina. Antes de vir o Messias ao mundo, o nome com que o chamavam as vozes dos Prophetas, e com que o suspiravam os clamores dos Patriarchas, era: *Desiderium collium æternorum*, [1] o desejo e esperança dos montes eternos: os montes, ou começaram como alguns philosopham, nas ruinas do diluvio: ou, como é mais certo, na mesma creação do universo: logo que montes eternos são estes? Dirão os doutos, que debaixo desta metaphora estão significados os mesmos Prophetas e Patriarchas antigos: assim é: mas se elles eram menos antigos que os montes, porque se chamam montes eternos? Chamam-se montes, porque se levantavam da terra, e olhavam sempre para o céu: e chamam-se eternos, porque não faziam outra coisa, senão suspirar, e esperar a vinda do Messias: a sua elevação os fazia montes, e a sua esperança eternos. Naquelle tempo, como a fé era de poucos, os Patriarchas e Prophetas esperavam, os outros homens não esperavam: a vida dos que não esperavam era tempo: a vida dos que esperavam era eternidade: *Desiderium collium æternorum*. E como a esperança é um affecto, que do tempo faz eternidade, pertencia á justiça e liberalidade de Deus, que pagasse a esperança desta vida com a bemaventurança da outra; e isto por duas razões: A primeira, como até

1 *Gen.*, XLIX, 26.

agora dizia, para premiar uma eternidade com outra eternidade. A segunda, e mais admiravel, para pagar um tormento, que do tempo faz eternidade, com um gosto, que da eternidade faz tempo.

Bem vejo que vos parecerá coisa estranha, e ainda impossivel, que o gosto da bemaventurança do céu faça da eternidade tempo. Não me creaes, se o não provo. Falla o nosso Propheta do gosto da vista de Deus na bemaventurança e diz assim: *Mille anni in conspectu tuo, sicut dies hesterna, quæ præteriit:* Mil annos, Deus meu, em vossa presença, são como o dia de hontem, que passou. Cada palavra deste Texto é uma contradição. A eternidade, como define Boecio, é uma duração simultanea, que não tem antes, nem depois; é um instante perpetuo, que não admitte anno, nem dia; é um hoje permanente, que nem conhece hontem, nem ámanhã; é um presente continuo que não teve preterito, nem ha de ter futuro: pois se na eternidade não ha anno, nem dia, como suppõe David na eternidade annos: *Mille anni in conspectu tuo?* Se na eternidade não ha hontem, nem ámanhã, como suppõe na eternidade hontem: *Sicut dies hesterna?* Se na eternidade não ha preterito, nem futuro, como suppõe na eternidade preterito: *quæ præteriit?* E' porque não fallava David de qualquer eternidade, senão daquella eternidade beatissima, que se gosa na vista de Deus: *In conspectu tuo.* E tal é a grandeza e a immensidade daquelle excessivo gosto, que sendo sempre permanente, e não passando jámais, como se fosse successivo, e verdadeiramente passasse, do presente faz preteritos, de muitos seculos poucos instantes, de milhares de annos um dia, e da mesma eternidade breve tempo: *Mille anni in conspectu tuo, tamquam dies hesterna, quæ præteriit.* E para que vos não pareça impossivel esta philosophia, a razão della é, porque a duração, qualquer que seja, tem duas medidas; uma com que se mede pela realidade, outra com que se mede pela apprehensão. Assim media Jacob o tempo que serviu por amôr de Rachel, em que o trabalho contava muitos annos, e o amôr poucos dias: *Videbantur illi pauci dies præ amoris magnitudine.* Se a duração se mede pela realidade, é sempre egual, e a mesma; porém se se mede pela apprehensão, nella se varia e deseguala de tal sorte, que se é de gosto, o gosto a estreita e faz

breve; e se de pena a pena a dilata e faz larga, e tanto mais breve, ou mais larga, quanto é maior o gosto, ou a pena. Ponde uma ponta do compasso no centro, e outra na circumferencia, e vereis que movendo-se ambas no espaço da mesma duração; uma ponta faz um circulo mui breve e quasi imperceptivel e a outra mui largo, e, se quizerdes, immenso. O mesmo succede na apprehensão, ou do gosto do que se possue, ou do tormento do que se espera. O circulo do gosto, porque se move dentro, e com deleite, é brevissimo: o circulo da esperança, porque se move de fóra, e com tormento, é immenso. Não é logo maravilha incrivel, nem que a bemaventurança pelo excesso do gosto abrevie os espaços immensos da eternidade, nem que a esperança pelo excesso da pena estenda immensamente os termos breves do tempo; e que aquelles na apprehensão passem como temporaes, e estes durem como eternos. Sendo pois o tormento da esperança tal, que do tempo faz eternidade, e tal o gosto da bemaventurança, que da eternidade faz tempo, justamente se mede, e se corresponde o gozar da outra vida com o esperar desta; e se paga o eterno da esperança com o eterno do gosto: *Spes æterni gaudii.*

III

Composta assim a esperança do eterno gosto, e reduzida a proporção a mesma esperança com o gosto e com o eterno, a necessidade do nosso argumento nos chama a outra difficuldade maior; porque sendo o objecto desta esperança todo celestial, e todo eterno; limpo pelo celestial de tudo o que é terra, e limpo outra vez pelo eterno de tudo o que é tempo; parece que não póde limpar-se mais. As esperanças do mundo, todas teem muito que purificar e limpar; porque como todas são terrenas e temporaes, por mais que remontem o vôo, sempre vão misturadas com os vapores da terra e turvas com as mudanças do tempo. Porém nós, para não faltarmos ao nosso argumento, nem havemos de comparar as esperanças da terra entre si, nem a esperança da terra com a esperança do

céu, senão que dentro da esperança do céu somos obrigados a buscar o mais puro, e o mais limpo; antes do puro acrisolar e tirar o purissimo, e do limpo o limpissimo: *Limpidissimos lapides*. Esta é a difficuldade presente, e a maior que até agora tivemos, quanto vae da terra ao céu. Comtudo no mesmo céu, e a respeito dos mesmos bens celestiaes e eternos, digo que póde haver duas esperanças, ambas puras e limpas: porém uma mais pura, mais limpa, ou fina, e mais heroica que a outra: isto é, uma limpa e outra limpissima: e que duas esperanças são, ou podem ser estas? Vamos ao céu. Na bemaventurança do céu, que é o objecto da esperança, e como definem os Theologos, um aggregado perfeitissimo de todos os bens: não só ha um summo bem infinito, e increado, que é Deus, senão outros muitos bens creados sobrenaturaes e quasi divinos, dignissimos por si mesmos de ser desejados e estimados sobre tudo o que não é Deus. E que faz á vista de todos estes bens a esperança? Se ella é só pura e limpa, espera a Deus e juntamente com Deus espera tambem todos aquelles bens; mas se ella é purissima e limpissima aparta e fecha os olhos a todos os outros bens, ainda que celestiaes, sobrenaturaes e quasi divinos, e olha e espera só a Deus. Esta é a esperança do céu fina e heroica: na mesma bemaventurança não querer, nem esperar de Deus mais que a Deus.

O propheta Jeremias fallando da esperança em Deus, diz assim: *Bonus est Dominus sperantibus in eum, animæ quærenti illum*. Bom é Deus para os que esperam nelle, e para a alma que o busca. Nestas palavras distingue o Propheta dois modos ou graus de esperança, e faz grande differença de esperança em Deus, e buscar a Deus? *Sperantibus in eum, animæ quærenti illum*. Quem esperando em Deus, quer, ou deseja mais que a Deus, espera em Deus, mas não busca a Deus; porém quem esperando em Deus, não quer, nem deseja de Deus outro bem mais que a Deus, este só busca a Deus. E para que vejaes que este modo de esperar é o fino, heroico e o singular da esperança, ouvi o reparo de S. Bernardo. [1] Nota elle e manda notar, que quando o Propheta propõe o primeiro modo

[1] Bernard. Serm. 9 in Psalm. *Qui habitat*.

de esperança, falla em plural, e de muitos: *Sperantibus in eum.* Mas quando distingue o segundo modo, falla em singular, e de uma só alma: *Animæ quærenti illum. Ipsam numeri d scretionem prudenter adverte. Sperantes pluraliter dixit: quærentem eum singulariter.* E porque varía o Propheta o numero e passa da multidão á unidade quando distingue uma esperança da outra? Porque esperar em Deus, e querer de Deus outra coisa que não seja Deus; esperar em Deus, e buscar em Deus, não só a Deus, senão a si mesmo, esta esperança é vulgar e de muitos: *Sperantibus in eum:* mas esperar em Deus, e não querer de Deus mais que a Deus; esperar em Deus, e não se buscar a si, nem outro bem, senão ao mesmo Deus, essa é a esperança, fina e heroica, e por isso tão rara e singular, que apenas se acha no mundo uma alma que espere tão pura e limpamente: *Animæ quærenti illum.* Excellentemente S. Bernardo: *Quod singularis sit puritatis singularis gratiæ, singularis perfectionis non solum nihil sperare nisi ab eo, sed nihil quærere, nisi eum.* Disse o Propheta: alma, e não almas; disse uma e não muitas: callou o plural, e poz o singular; porque não buscar em Deus mais que a Deus, nem esperar do summo bem outro bem que o summo, é a graça singular, a pureza e limpeza singular da esperança; e a alma que assim esperar será singular, e unica como a Phenix: *Animæ quærenti illum, quærentem eum singulariter.*

E porque não seja singular este testemunho, ainda que maior que toda a excepção, qualifiquemos o *singulariter* de Bernardo com outro *singulariter* de David: *Singulariter in spe constituisti me:* [1] Eu, diz o mais alluminado, e mais humilde de todos os Prophetas, em outros dons de Deus serei inferior a muitos, e ainda a todos; porém na virtude da esperança, o Senhor me tem levantado, e constituido em um grau tão alto e tão sublime, que entre todos me faz singular: *Singulariter in spe constituisti me.* E qual foi, saibamos, a singularidade da esperança de David? Porventura foi singular David na esperança, porque sendo tão valente capitão, não punha a esperança na

---

1 *Psalm.* IV, 10.

sua lança, nem na sua espada, senão em Deus: *Non enim in arcu meo sperabo, et gladius meus non salvabit me?* [1] Porventura, porque sendo tão santo, e conhecendo que o era, não se promettia a salvação pela sua innocencia, senão pela sua esperança: *Custodi animam meam quia sanctus sum, salvum fac servum tuum Deus meus sperantem in te?* [2] Porventura, porque sendo perseguido de dois reis, um grande inimigo, porque era competidor, e outro maior inimigo, porque era filho, jámais temeu o seu odio, nem o seu poder; porque esperava em Deus mais poderoso: *In Deo speravi, non timebo quid faciat mihi homo?* [3] Porventura, porque fundando-se a esperança na palavra e promessas divinas, a sua esperança passava adiante, e sobre o que Deus lhe tinha promettido, ainda esperava mais: *In verba tua super speravit?* [4] Porventura, finalmente, porque começando a esperança em Deus; quando começou a viver: *Tu es spes mea ab uberibus matris meæ,* [5] ainda depois da morte e da sepultura esperava: *Insuper et caro mea requiescet in spe?* [6] Grandes actos de esperança, e verdadeiramente heroicos foram estes de David; mas nem por isso singulares, porque ainda que juntos se não achem em ninguem, divididos se acham em outros. O primeiro em Judas Macchabeu, o segundo em Ezechias, o terceiro em Daniel, o quarto em Moysés, o ultimo em Job. Qual é logo esta singularidade, pela qual diz David que foi singularmente sublimado na esperança: *Singuriter in spe constituisti me?* Antes que elle o diga, o direi eu. Foi sublimado singularmente na esperança David; porque depois de subir por todos os graus da esperança, que temos visto, chegou a esperar tão pura e limpamente, que nem na terra, nem no céu esperava de Deus mais que a Deus. Agora diga-o elle mesmo: *Quid mihi est in cœlo, et à te quid volui super terram Deus cordis mei, et pars mea Deus in æternum?* [7]

1 *Psalm.* XLIII, 8.
2 *Ibid.*, LXXXV, 2.
3 *Ibid.*, LV, 11.
4 *Ibid.*, CXVIII, 74.
5 *Ibid.*, XXI, 10.
6 *Ibid.*, XV, 9.
7 *Ibid.*, LXXII, 23.

A terra, diz David, para mim é nada, o céu outro nada; a terra um nada baixo, o céu um nada alto; porém um e outro nada: tudo quanto póde dar, ou negar a terra, tudo quanto póde dar e prometter o céu: *Quid mihi?* [1] Que é isso para mim: *Quid mihi?* Que David tenha por nada a terra, e não queira nada da terra, seja embora; porém não só da terra, senão tambem do céu? Sim. Agora entendereis porque disse Deus deste grande heroe: *Inveni virum secundum cor meum:* Tenho achado um homem feito á medida do meu coração. Notae: No principio creou Deus o céu e a terra: *In principio creavit Deus cœlum et terram:* e antes do principio havia céu e terra? Não: e antes de haver céu e terra estava o coração de Deus tão contente, e era o mesmo Deus tão feliz como depois de haver céu e terra? Sim: tão contente e tão feliz Deus com céu e terra, como sem céu nem terra. Pois eis-aqui porque o coração de David era como o coração de Deus: *Quid mihi est in cœlo, et a te quid volui super terram?* Ao meu contentamento, e á minha felicidade, nenhuma coisa póde tirar ou accrescentar, nem toda a terra nem todo o céu: e porque? Pela mesma razão em Deus, e em David: em Deus, porque Deus tinha toda a sua felicidade em si mesmo: e em David, porque David tinha toda a sua felicidade em Deus: não é razão minha, senão sua: *Deus cordis mei, et pars mea Deus in æternum.* Nem para o tempo na terra, nem para a eternidade no céu, quer o meu coração outra coisa senão a Deus, e não a Deus em quanto Deus da terra e céu, senão emquanto Deus do meu coração: *Deus cordis mei.* Porque se o meu coração é similhante ao seu, assim como Deus sem terra nem céu, tem toda a sua felicidade; assim eu sem nada da terra nem do céu, tenho toda a minha: elle, porque eternamente tem tudo em si; eu, porque eternamente terei tudo nelle: *Et pars mea in æternum.*

Eis-aqui, senhores, como ha de ser o nosso coração, se queremos esperar fina e heroicamente: ha de ser o nosso coração para com Deus, como o coração de Deus para comnosco. Que quer, ou espera Deus de nós?

---

1 *Act.*, XIV, 22.

Nenhuma coisa, senão a nós mesmos: *Te, et non tua*, diz Santo Agostinho: *Te, et non tua*, diz S. Gregorio: logo se Deus não quer de mim mais que a mim, eu não devo querer de Deus mais que a elle. Assim como os que se combatem ou desafiam, medem as espadas; assim nós, se queremos obrar generosamente, havemos de medir com Deus os corações, elle de uma parte com a sua soberania, e eu da outra com a minha esperança: este sim, que foi o maior duello de David, e não o outro do Gigante. Entraram como em estacada de uma parte a esperança de David, e da outra a soberania de Deus; combatendo-se como de corpo a corpo, de generosidade a generosidade, e de independencia a independencia: o cartel deste desafio é o principio do Psalmo decimo quinto: *Conserva me Domine, quoniam speravi in te:* eis-aqui a esperança de David: *Dixi Domino: Deus meus es tu: quoniam bonorum meorum non eges:* eis-aqui a soberania e independencia de Deus. E porque oppõe, ou contrapõe David a sua esperança á soberania de Deus, e a sua independencia á independencia divina? Porque isto era o singular e heroico; o limpo, e o limpissimo da sua esperança. A soberania de Deus, independente dos bens de David, porque os não ha mister: *quoniam bonorum meorum non eges:* a esperança de David independente dos bens de Deus, porque espera nelle: *quoniam speravit in te:* como se dissera David: Se Deus não quer os meus bens, porque os não ha mister, eu não hei mister os seus, porque os não quero: a sua soberania é independente dos meus bens, porque tem tudo em si; e a minha esperança é independente dos seus, porque tenho tudo nelle. Aquella é a maior felicidade da sua natureza; esta é a maior fineza da minha esperança.

Bem creio que a esperança romana não fia tão delgado; mas é necessario que advirta e considere a mesma Roma, que este homem chamado David não era ermitão, nem monge, nem ecclesiastico; era um rei com o sceptro na mão, era um soldado com a espada na cinta, era um mestre de politica, tão destro nesta esgrima, que na sua edade podéra pôr escóla á nossa; e sendo um homem que parecia tanto do mundo, tinha debaixo de um pé todo o globo da terra, debaixo do outro toda a esphera do céu: *Quid mihi est in cœlo, et à te quid volui super terram?* E os olhos da sua

esperança fitos, sem pestanejar, só em Deus: *Deus cordis mei, et pars mea Deus in æternum.*

IV

Porém vejo que me estão dizendo: E que mau será querer, ou ter a Deus, e juntamente com Deus, tambem as outras coisas, não coisas más, senão boas? A Escriptura está cheia destes exemplos. Que mal fará ter a Deus, não digo com cem mil cruzados de renda, senão com todas as minas de Ophir, como tinha Salomão? Que mal ter a Deus, e quarenta milhas de terra, cobertas de gados e lavouras, e mais de tresentos criados, como tinha Abrahão? Que mal ter a Deus no coração, e na cabeça uma tiara com o dominio espiritual, e uma corôa com o temporal, como tinha Melchisedech? Que mal, finalmente, ter a Deus, e uma vara omnipotente na mão, com que confundir e revolver o mundo, como tinha Moysés? Tudo isto, ou parte disto (se vos contentaes com parte) que mal fará juntamente com Deus?

Primeiramente, senhores, eu não acho estes exemplos no Evangelho que nós professamos; todos são da Lei Velha, quando Deus pagava de contado com os bens da terra, porque estavam fechadas as portas do céu. Mas ainda que todos estes bens, e quaesquer outros fossem do céu, e nós os desejassemos não per si sós, senão juntamente com Deus, ainda assim fariam grande damno á fineza da esperança, e arguiriam menos estimação da sua pureza. Prova-se esta verdade pela mesma razão que parece a contradiz; porque toda a esperança de sua natureza é affecto interesseiro, e tanto mais interesseiro, quanto mais fina, porque attende ao maior interesse: logo, maior, mais interesseira, e mais fina esperança é a que aspira juntamente a Deus, e aos outros bens do céu, que a que se contenta só com Deus. Porque ainda que Deus seja o summo bem, e incomparavelmente maior que todos, os outros bens do céu tambem são bens, e grandes bens, e mui dignos de ser appetecidos e estimados: logo mais interesseira e maior esperança é a que deseja todos estes bens juntamente com Deus, que a que

deseja só a Deus sem elles. Torno a dizer que não, e pela mesma razão. Mais interesseira é, e maior interesse busca a esperança, que não quer mais que a Deus, que a que aspirava a Deus, e juntamente a todos os outros bens, ainda que sejam do céu: e porque? Porque a respeito de nós e de nossos affectos, quem não deseja mais que a Deus, deseja mais; e quem deseja mais que a Deus, deseja menos. Perguntam os Theologos qual é maior bem, se Deus só, ou Deus juntamente com todos os bens creados. Ponde de uma parte a Deus só, e da outra todos os bens da terra, e do céu juntamente com o mesmo Deus; qual é maior bem? Resolve Santo Thomaz, [1] que tão grande bem é Deus só, como Deus juntamente com todos os bens creados: e assim é, absolutamente fallando; porém a respeito de nós, e do nosso affecto, maior bem é Deus só, que Deus juntamente com todos os bens creados. Antes digo que basta qualquer bem da terra, ou do céu, se o ajuntamos com Deus, para que Deus a respeito de nós seja menor bem. Santo Agostinho disse, que quem ama outra coisa com Deus, ama menos a Deus: *Minus te amat, qui tecum aliquid amat:* e podera accrescentar o mesmo Agostinho, que quem ama outra coisa com Deus, não só ama menos a Deus, senão que ama menos de Deus; porque quanto a nossa vontade ama, e deseja de outros bens, tanto se tira de Deus, e tanto se diminue e perde do summo bem. Notae. Todos estes bens creados, ainda que sejam sobrenaturaes, e do céu, são inferiores a Deus; e se nós os amamos por si mesmo, são superiores a nós: e quanto estes bens se mettem entre Deus e nós, tanto nos eclipsam e tiram do summo bem. A terra, porque se mette entre nós, e a lua, eclipsa a lua; a lua, porque se mette entre nós, e o sol, eclipsa ao sol: assim passa na esperança. Os bens da terra eclipsam os bens do céu, como a terra á lua; os bens do céu eclipsam ao summo bem, como a lua ao sol: e assim como o sol não fica eclipsado, ou diminuto em si, senão a respeito de nós, assim o summo bem não padece eclipse, ou falta alguma em si mesmo, senão a respeito dos olhos da nossa esperança e vontade, a qual tanto perde de

[1] D. Thom. I pag. 103 art. 3.

Deus, e do summo bem, quanto attende a outros bens, ainda que sejam do céu. Oiçamos ao maior Doutor da escola do mesmo céu.

S. Paulo, como tão ardente amante, ou namorado de Deus, quiz uma vez sustentar em publico as suas finezas, e escreveu aquelle breve e bravo cartel: *Quis nos separabit à charitate Christi?* [1] E aonde o fixou? No meio da terra, nas portas do inferno, e nas do céu. Assim o diz elle mesmo em muitas palavras, e o resumiu em poucas o seu grande commentador Chrysostomo: *In cœlo, in terra, sub terra.* No inferno, que isto quer dizer *profundum*, desafiou os demonios com todo o seu poder, tentações, astucias e ciladas: na terra a todos os homens armados de ferro, de odio, de crueldade, de tormentos, de morte, e ainda da mesma vida, talvez mais insoffrivel que a morte: *neque mors, neque vita.* No céu aos Anjos, os Principados, as Potestades, e todo alto e sublime, que lá se goza e de cá se espera: *Certus sum quia neque angeli, neque principatus, neque virtutes, neque altitudo, neque creatura aliqua poterit nos separare à charitate Dei.* [2] Aqui é o meu reparo. Que supponha Paulo que o inferno, e os demonios com as suas suggestões e astucias possam quebrar as lanças com elle, e contrariar as finezas do seu amor, bem está. Que supponha o mesmo da terra e dos homens, ou com as vaidades e delicias da vida, ou com os tormentos e horrores da morte, tambem. Porém os Anjos, os Archanjos, os Principados, as Virtudes, e os mesmos bens do céu, que elle tinha visto e provado? Aquelles bens purissimos, e gloriosissimos, *Quæ præparavit Deus itis, qui diligunt illum?* [3] aquelles bens sobre todos os sentidos, e sobre toda a imaginação, *Quod non oculus vidit, nec auris audivit, nec in cor hominum ascendit?* Aquelles bens altissimos, e ineffaveis, *quæ non licet homini loqui?* Sim. Porque não ha creatura no céu tão celestial, tão angelica, tão seraphica: não ha bem no céu tão celestial, tão espiritual, e tão puro, que se se mette entre Deus e nós, não separe de Deus alguma cousa do

1 *Rom.*, VIII, 35.
2 *Ibid.*, VIII, 28.
3 *1.ª Epist. ad Cor.*, 29.

nosso coração, ou não separe o nosso coração alguma coisa de Deus: os bens do céu, por mais celestiaes e sobrenaturaes que sejam, todos são creados; isso quiz advertir o Apostolo, quando accrescentou: *Neque creatura aliqua;* e quantas são as creaturas, que amamos juntamente com Deus, tantos são os eclipses que oppômos ao nosso amôr, e ao mesmo Deus amado; porque tanto nos rouba o nosso affecto, e nos tira do summo bem, quanto se applica e diverte em outros bens.

Por isso é necessario que para evitar estes eclipses nos recatemos tambem do mesmo céu: e se me perguntaes de que modo: digo que imitando a nossa fineza a prudencia e cautela de Josuë em caso similhante. Mandou Josuë ao sol que parasse; obedeceu o sol, e parou no mesmo ponto; porém elle não se contentou com isso; volta-se para a parte opposta, e manda juntamente á lua que se não mova: *Sol contra Gabaon ne movearis, et luna contra vallem Aialon.* [1] Notavel caso! Que Josuë para dar ao céu parte da sua victoria, ou para que o céu lh'a désse toda, mande fazer alto ao sol, como se fôra um dos seus soldados, bem se entende; porque o sol já então se precipitava ao occaso, e faltando o dia e a lua, debaixo da capa da noite lhe podiam escapar os inimigos, e elle não acabar com elles, nem proseguir a victoria: porém se a luz e o dia dependia do sol, e ao sol o tinha parado, e immovel; porque manda tambem á lua que não se mova? Porque temia, como sabio capitão, que lhe podia tirar a lua o mesmo que lhe dava o sol. Se estando parado o sol, não parasse juntamente a lua, movendo-se esta, podia eclipsal-o: pare pois a lua, e fique detraz das costas de Josuë para que não haja coisa no céu, que mettendo-se entre Josuë e o sol, lhe possa tirar ou diminuir a luz: assim deve fazer a nossa vontade, se quer esperar heroicamente em Deus, recatar-se até do céu, voltar as costas a todos aquelles bens do mesmo céu, que lhe possam fazer eclipse ao summo bem: e querer só a Deus, e esperar só a Deus, e nem de Deus, nem com Deus outra coisa que Deus.

Mas porque esta esperança heroica e limpissima é

[1] *Josuë*, x, 12.

tão singular como David confessava de si, e tão rara como Jeremias dizia de todos, passando da esperança ás esperanças, e da unidade á multidão, seja o ultimo documento, e para todos, a primeira parte da sentença de S. Bernardo: dizia elle: *Non solum nil sperare nisi ab eo, sed nil quærere nisi eum.* Eu digo que se a nossa esperança não chegar á perfeição de *nil quærere nisi eum*, ao menos contenha-se e contente-se com *nil sperare nisi ab eo.* Se quereis esperar outra coisa, que não seja Deus, não a espereis de outro, senão de Deus. Pintae uma nau com as ancoras no céu, e uma lettra, que diga: *Nil sperare nisi ab eo:* e esta seja a empreza das nossas esperanças.

A vossa côrte, senhores, assim como excede a todas as do mundo na dignidade, assim as excede incomparavelmente nas tentações da esperança. Nas outras côrtes póde a esperança particular prometter-se um grande logar; o supremo só em Roma. Entre as obras famosas de Jérusalem fabricou Salomão um throno, ao qual se subia por degraus cobertos de purpura; no alto estava uma cadeira, ou reclinatorio de oiro, e ao pé da subida uma imagem da caridade: *Ferculum fecit sibi rex Salomon, reclinatorium aureum, ascensum purpureum media charitate constravit.* Esta mesma fabrica, que desenhou em figuras Salomão, passou em realidade Christo da Jérusalem velha para a nova, senão é que a phantasia dos pintores lhe tem mudado a imagem: via-se lá a da caridade, aqui a da esperança: como a purpura é a escada do reclinatorio, *Reclinatorium aureum, ascensum purpureum*, ninguem desconfia tanto da sua esperança, que não lhe pareça póde aspirar a um degrau; e ninguem se vê já no degrau, que não possa aspirar e subir ao reclinatorio. Nas outras côrtes não é assim: em Babylonia, côrte da Assyria, poderá prometter esperança a purpura de Daniel, mas não a cadeira de Balthasar; em Susa, côrte da Persia, poderá prometter o poder e auctoridade de Aman, mas não o throno de Assuero; em Memphis, côrte do Egypto, póde prometter o grau e agrado de José, mas não o solio de Pharaö: *Uno tantùm regni solio te præcedam.* Porém em Roma póde prometter a esperança sem engano, e dar a fortuna sem milagre, o solio, o throno, a cadeira, isto é, o mesmo reclinatorio, o qual por isso se chama assim,

porque nelle descança a esperança, não havendo mais a que aspirar nem subir.

Julgae agora se em outra parte ou côrte do mundo póde ser tão fortemente tentada, ou tão fortemente tentadora a esperança, a qual tantas vezes resuscita a morte, quantas neste grande theatro muda brevemente a scena. As duas maiores tentações com que o demonio tentou aos dois maiores homens do mundo, isto é, o primeiro Adão e o segundo, são as mesmas com que póde tentar e tenta a esperança em Roma. Como tentou o demonio a Adão? Promettendo-lhe que seria como Deus: *Eritis sicut Dii.* [1] Como tentou o demonio a Christo? Promettendo-lhe que lhe daria todos os reinos do mundo: *Hæc omnia tibi dabo, si cadens adoraveris me.* [2] E as promessas destas tentações não falsas, senão verdadeiras, não impias, senão religiosas, são as mesmas com que tenta a esperança em Roma: ser como Deus, e o imperio universal sobre todos os reinos do mundo: *Tibi tradidit Deus omnia regna mundi.* São tão grandes e tão fortes estas duas tentações, que nem ao primeiro Adão nem ao segundo tentou o demonio com ambas juntas, senão divididas: com a primeira cahiu Adão do estado da innocencia; com a segunda imaginou o demonio que podia cahir a mesma innocencia: *Si cadens adoraveris me.* Tentando pois a esperança com ambas juntas, e não uma, senão muitas vezes; e não a um, senão a qualquer; e não com ambição declarada, senão com piedade e devoção, e com zelo do bem universal, quem poderá escapar da tentação, se põe a sua esperança em outro, ou em outros, senão só em Deus?

Deixada á parte a esperança, que não quer de Deus mais que a Deus, ainda ha tres modos de esperar: Esperar em Deus, esperar de Deus, e esperar naquelles e daquelles que não são Deus. Esta ultima esperança é a que aprendem na escola do mundo os filhos deste seculo, tanto mais ignorantes, quanto mais sabios nella: tantas artes, tantas astucias, tantas politicas, tantas invenções para ganhar as vontades falsas e fracas dos homens, sendo tanto mais facil e certo pôr a

1 *Gen.*, III.
2 *Math.*, IV, 5.

esperança em uma só vontade, que tudo póde, e só não póde faltar, ou enganar: ouvi ao Mestre singular da esperança: *Bonum est sperare in Domino, quàm sperare in Principibus.* Melhor é esperar em Deus, que esperar nos principes. Porque? Nem eu o digo, nem vós o direis; porque é lei dos que esperam nelles esperar, desesperar e calar. Por isso o disse, e declarou o mesmo David: *Nolite confidere in principibus, in filiis hominum, in quibus non est salus.* [1] Ha se de esperar em Deus, e não nos principes, não porque são principes, senão porque são homens: *In filiis hominum*, e filhos de homens. Esperar no Filho do homem, sim; nos filhos dos homens, de nenhum modo, porque o Filho do homem é Deus, como seu Pae; os filhos dos homens são homens como os seus; e isto basta para não esperar nelles, nem fiar delles.

Porém não nos passe sem reparo o appendix da mesma razão do Propheta: *In filiis hominum, in quibus non est salus.* Não espereis, diz, nos homens; porque não ha nelles saude: e que tem que vêr a saude com a esperança? Eu diria antes: Não espereis nos homens, porque não ha nelles justiça para o merecimento nem agradecimento para o beneficio, nem fidelidade para ás promessas, nem constancia na amizade, nem respeito, ou attenção a outras esperanças que as suas; mas porque não ha nelles saude: *in quibus non est salus?* Sim: e não sabeis que a esperança é enfermidade, e todos os que esperam são enfermos? Assim o disse o Espirito Santo no Texto hebraico; por isso poderá ser o não entendam os Latinos: *Spes, quæ differtur, ægritudo cordis.* [2] Que coisa é Roma, senhores cortezãos, senão um hospital commum de todas as nações, cheio de enfermos, uns incuraveis, outros mal curados, todos sem quietação, sem socego, sem respiração, sempre queixosos, sempre melancolicos, sempre gemendo, sempre agonisantes, e não de outra enfermidade, que daquelle engano habitual, que chamaes esperança? Esta é aquella piscina universal de Jérusalem, onde havia *multitudo languentium expectantium aquæ motum.* [3] A multidão

1 *Psalm.* CXLV, 2.
2 *Prov.*, III, 11.
3 *Joan.*, V, 3.

grande, todos enfermos, e todos esperando: quando se moviam as aguas, corriam todos, atropellando-se uns aos outros; porém não sarava mais que um, e a saude que levava este, era nova enfermidade para os outros. Não é isto o que succede aqui a todos os pertendentes? Passam os dez, os vinte, e mais annos, e as queixas e lamentações de todos são como as daquelle que havia trinta e oito annos que esperava: *Hominem non habeo.* Todos dizem: Não tenho homem; e porque põem a sua esperança nos homens; *in quibus non est salus*, por isso não acham remedio esperando, e desesperados.

Verdadeiramente eu não admiro tanto a vossa esperança, quanto a vossa paciencia. Aquella piscina se chamava Probatica, porque nella se purificavam as victimas que iam ao sacrificio, e esta se pudera chamar Probatica, porque nella se prova a paciencia. Neste mesmo logar se fizeram em outro tempo as maiores provas da paciencia christã; e quando eu considero a Roma presente, não posso esquecer-me da antiga. Em tempo de Nero e Diocleciano eram muitos os martyres em Roma, hoje são muito mais; aquelles eram os martyres da fé, estes são os martyres da esperança: vêde se são muito mais, porque são todos. Cada casa é uma catacumba, cada ante-camara uma catasta, cada carroça um equuleo, cada cortejo um satellicio, cada palacio um amphitheatro; e porque não quero fallar das feras, cada esperança um martyrio. Só uma differença acho daquelle tempo a este: naquelle tempo o que incensava, alcançava a vida e honras; vós estaes incensando de dia e de noite, e a honra se envilece, a vida se consome, o incenso pede-se como divida e paga-se como fumo; e se talvez do idolo adorado se ouve um oraculo, sempre é equivoco, e nunca verdadeiro.

Senhores meus, enfermos por vontade, e martyres por força, se para a vossa enfermidade não ha saude, nem para o vosso martyrio corôa; se a vossa esperança é cheia de tantos desgostos, de tantos trabalhos, de tantos tormentos, de tantas desesperações, trocae esta esperança infeliz com a esperança felicissima do gosto eterno: e se quereis vêr a usura desta commutação, considerae a differença de uma esperança á outra: aqui a esperança é eterna, e o gosto nunca chega; lá o gosto é eterno, e a esperança não póde durar muito: a

esperança aqui sempre é eterna, ou porque não tem fim, não alcançando o fim desejado; ou porque o fim de uma esperança quando chega a alcançar-se, é principio de outra esperança maior, e por isso mais difficil. D'aqui se segue, que o gosto do que se esperava nunca chega; porque encadeada uma esperança com outra, o trabalho e tormento da segunda suspende o gosto da primeira. Pelo contrario, na esperança do gosto eterno, o gosto é verdadeiramente eterno, porque ha de durar por toda a eternidade da bemaventurança; e a esperança ainda que dure toda a vida, dura pouco; porém nem esse pouco tarda o gosto á esperança; porque como o bem esperado não depende dos homens, senão de Deus, e é esperança certa, e não contingente, o mesmo principio de esperar é já principio de gosar: *Spe gaudentes*, diz S. Paulo: [1] a esperança do gosto eterno não é esperança sem gosto, é gosto com esperança juntamente. Quem assim espera, não espera: espera, porque o gosto ha de ser sem fim na eternidade; e não espera, isto é, não aguarda, porque já o mesmo gosto tem o seu principio na esperança: *Spes æterni gaudii.*

PERORAÇÃO

Tenho acabado com a ultima pedra, e, como disse no principio, creio que a cabeça do Gigante ficará como de antes: se culpaes a fraqueza do braço, e a pouca força e efficacia da funda, eu o confesso: mas não poderei negar, sem fazer aggravo, senhores, ao vosso juizo, que o não haver respondido o successo ao desejo, mais tem sido desattenção vossa, que negligencia minha: a funda atirou á testa do Gigante; a que lhe cortou a cabeça foi a sua propria espada; por isso David dedicou a espada ao Templo, e da funda não fez caso. Queixae-vos dos fios embotados da vossa propria espada, e não da minha funda: que importam os golpes de fóra, se prevalecem as paixões de dentro? Nota o Texto, que o gigante aturdído com o golpe, cahiu para diante, e com a bocca para a terra: *Cecidit in faciem*

[1] *Rom.*, XII, 12.

suam. [1] Parece que não havia de ser assim, senão ao contrario: porque a força e impulso da pedra na testa, havia de empuxar-lhe a cabeça para traz, e com a cabeça o corpo; porque logo com movimento contrario ao impulso, não cahiu de costas, e para traz, senão de peitos, e para diante? A razão natural foi, porque estava diante o seu inimigo, e elle irado; e pôde mais a colera e paixão que tinha dentro, que o golpe que recebeu de fóra: estava o Gigante naquelle ponto cheio de raiva e de odio contra David, promettendo fazel-o pedaços, e dal-o a comer ás aves e ás feras, pelo desprezo com que havia sahido ao desafio, sem outra arma na mão que um páu, como se sahira a um cão; e como tinha diante a causa de sua paixão, e a ira, ainda que a força do golpe o empuxasse para traz, pôde mais o impeto da propria paixão, que o impluso da pedra. Por isso eu, se bem vos lembra, vos pedi no principio, que me desseis as testas nuas de affectos, e paixões. Estas são as que têm resistido e impedido o effeito, e não a fraqueza do impulso; com tudo, como o dia é da esperança, ainda não desespero. David não tirou a pedra da cabeça do Gigante, mas deixou-lh'a dentro do cerebro: assim o faço eu: levae na memoria a pedra do conhecimento proprio, e lembrae-vos que sois almas, e almas immortaes: levae a pedra da dôr do bem perdido, e doei-vos do peccado, e de haver peccado: levae a pedra da vergonha do mal commettido, e envergonhae-vos de Deus e dos homens, e de vós mesmos: levae a pedra do temor do castigo eterno, e temei mais que todas as penas do inferno, o odio e blasphemias contra Deus: levae, finalmente, a pedra da esperança do céu, e vivei como quem espera salvar-se, e gosar o summo bem eternamente. Se levardes na memoria estes cinco pontos, e particularmente nestes dias tão sagrados os meditardes com a devida attenção, eu espero da sua virtude e efficacia, que ainda façam o que não têm feito até agora. Quantas vezes a garça ferida da setta, ainda que não cáia logo, e continue o vôo, como leva dentro em si o ferro, emfim se rende e cáe? Levae na memoria o que tendes ouvido, dae-lhe uma e outra volta no entendimento, e fará a vossa con-

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XVII, 10.

sideração, o que não pôde a minha funda. Na narração do caso de David troca a Escriptura os termos, e falla com uma mysteriosa impropriedade propriissima do que vou dizendo: *Tulit unum lapidem, et funda jecit metae et circumducens percussit philisthæum.* Tomou, diz, uma pedra, atirou com ella, e revolvendo-a, feriu o philisteu. Primeiro diz que atirou com a pedra, e depois accrescenta que a revolveu, e que revolvendo-a feriu. As pedras já estão atiradas, se quereis que tirem e que derribem o Gigante, a vós toca e não a mim o revolvel-as; dae-lhe uma e outra volta na consideração; e digo uma e outra, porque não basta uma: porque diz Jeremias, que está perdido o mundo? *Quia nullus est, qui recogitet corde.* [1] Não basta cuidar para a victoria nos vicios, é necessario cuidar, e recuidar; considerar, e tornar a considerar: *recogitet.* Finalmente, para que a vossa consideração e meditação, ajudada da divina graça, tenha maior efficacia, applicae devotamente estas cinco pedras ás outras cinco mais fortes, que nestas foram representadas. Christo crucificado foi o verdadeiro David, que com o baculo da cruz, e com as cinco pedras de suas santissimas chagas venceu o mundo, o peccado, e o inferno: applicae e mettei estas cinco pedras naquellas cinco fontes de misericordia: tingi-as e banhae-as muitas vezes na torrente daquelle preciosissimo e potentissimo sangue: porque banhadas naquella torrente, e santificadas naquella torrente, e naquella torrente purificadas, supprirão abundantissimamente os meus defeitos, e serão *limpidis imos lapides de torrente.*

[1] *Jer.*, XII, 11.

SERMÃO

PELO BOM SUCCESSO DAS

ARMAS DE PORTUGAL

CONTRA AS DE HOLLANDA

Prégado na Igreja de Nossa Senhora d'Ajuda da cidade da Bahia, no Anno de 1640, com o SS. Sacramento Exposto *

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiæ nostræ, et tribulationis nostræ? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum.

PSALM. 43.

I

Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando que orando, dá fim o Propheta Rei ao Psalmo quarenta e tres — Psalmo que desde o principio até o fim não parece senão cortado para os tempos e occasião presente. O Doutor Maximo S. Jeronymo, e depois delle os outros Expositores, dizem que se entende á letra de qualquer reino, ou provincia catholica,

---

* Commentando este Sermão maravilhosissimo, diz Honorati, que é um dos de maior eloquencia, inspiração e originalidade. A sua disposição oratoria em forma de colloquio é sobremodo admiravel.

O historiador francez Raynal chamou-lhe "o discurso mais vehemente e genial que se ouviu nunca em pulpito christão". Raynal, *Histoire philosophique des etablissements des Européens dans les deux Judes*, t. II, pag. 381. O dr. E. Corel escreve a este respeito: "Era em 1640; a Bahia estava a ponto de

destruida e assolada por inimigos da fé. Mas entre todos os reinos do mundo a nenhum quadra melhor que ao nosso reino de Portugal; e entre todas as provincias de Portugal a nenhuma vem mais ao justo que á miseravel provincia do Brazil. Vamos lendo todo o Psalmo, e em todas as clausulas delle veremos retratadas as da nossa fortuna; o que fomos, e o que somos.

Deus auribus nostris audivimus, Patres nostri annuntiaverunt: nobis opus, quod operatus es in diebus eorum, et in diebus antiquis. [1] Ouvimos (começa o Propheta) a nossos paes, lemos nas nossas historias, e ainda os mais velhos viram, em parte, com seus olhos, as obras maravilhosas, as proezas, as victorias, as conquistas, que por meio dos portuguezes obrou em tempos passados vossa omnipotencia, Senhor: *Manus tua gentes disperdidisti, et plantasti eos: afflixisti populos, et expulisti eos.* [2] Vossa mão foi a que venceu, e sujeitou tantas nações barbaras, bellicosas e indomitas, e as despojou do dominio de suas proprias terras, para nellas os plantar, como plantou com tão bem fundadas raizes; e para nellas os dilatar, como dilatou, e estendeu em todas as partes do mundo, na Africa, na Asia, na America. *Nec enim in gladio suo possederunt terram, et brachium eorum non salvabit eos, sed dextera tua, et brachium tuum, et illuminatio vultus tui, quoniam complacuisti in eis.* [3] Porque não foi a força do seu braço, nem a da sua espada a que lhes sujeitou as terras que possuiram, e as gentes e reis que avassallaram, senão a virtude de vossa dextra omnipotente, e a luz e o premio supremo de vosso beneplacito, com

cahir sob o jugo hollandez. Arrebatado por uma inspiração patriotica, Vieira quiz reanimar os brios dos brazileiros e fazer ao céu uma santa violencia. N'um sublime transporte de genio compoz essa obra prima, verdadeiramente unica no seu genero, repleta das sublimes audacias de Moysés e dos Prophetas„. E conclue, finalmente, depois de haver resumido a inimitavel oração: "Seja qual fôr a ideia que façamos da prégação, é impossivel não sentir a grandeza e a originalidade de tal eloquencia. Só um genio era capaz de conceber e executar uma obra como aquella„. COREL, já citado, cap. II, pag. 27.

[1] *Psalm.* XLIII, 2
[2] *Ibid.*, 3
[3] *Ibid.*, 4.

que nelles vos agradastes, e delles vos servistes. Até aqui a relação ou memoria das felicidades passadas, com que passa o Propheta aos tempos e desgraças presentes.

Nunc autem repulisti et confudisti nos: et non egredieris Deus in virtutibus nostris. [1] Porém agora, Senhor, vemos tudo isto tão trocado, que já parece que nos deixastes de todo, e nos lançastes de vós, porque já não ides diante das nossas bandeiras, nem capitaneaes como dantes os nossos exercitos. *Avertisti nos retrorsum post inimicos nostros, et qui oderunt nos, diripiebant sibi.* [2] Os que tão costumados eramos a vencer e triumphar, não por fracos, mas por castigados, fazeis que voltemos as costas a nossos inimigos (que como são açoute de vossa justiça, justo é que lhe demos as costas), e perdidos os que antigamente foram despojos do nosso valor, são agora roubo da sua cubiça: *Dedisti nos tanquam oves escarum: et in gentibus dispersistis nos.* [3] Os velhos, as mulheres, os meninos que não têm forças, nem armas com que se defender, morrem como ovelhas innocentes ás mãos da crueldade heretica, e os que podem escapar á morte, desterrando-se a terras estranhas, perdem a casa e a patria: *Posuisti nos opprobrium vicinis nostris, subsannationem, et derisum his, qui sunt in circuitu nostro.* [4] Não fôra tanto para sentir, se, perdidas fazendas e vidas, se salvára ao menos a honra; mas tambem esta a passos contados se vae perdendo; e aquelle nome portuguez, tão celebrado nos annaes da fama, já o herege insolente com as victorias o affronta, e o gentio de que estamos cercados, e que tanto o venerava e temia, já o despreza.

Com tanta propriedade como isto descreve David neste Psalmo nossas desgraças, contrapondo o que somos hoje ao que fomos em quanto Deus queria, para que na experiencia presente cresça a dôr por opposição com a memoria do passado. Occorre aqui ao pensamento o que não é licito sahir á lingua; e não falta

[1] *Psalm.* XLIII, 10.
[2] *Ibid.*, 11.
[3] *Ibid.*, 12.
[4] *Ibid.*, 14.

quem discorra tacitamente, que a causa desta differença tão notavel foi a mudança da monarchia. Não havia de ser assim (dizem) se vivêra um D. Manoel, um D. João o terceiro, ou a fatalidade de um Sebastião não sepultara com elle os reis portuguezes. Mas o mesmo Propheta no mesmo Psalmo nos dá o desengano desta falsa imaginação: *Tu es ipse rex meus, et Deus meus: qui mandas salutes Jacob.* [1] O reino de Portugal, como o mesmo Deus nos declarou na sua fundação, é reino seu e não nosso: *Volo enim in te et in semine tuo imperium mihi stabilire;* e como Deus é o rei: *Tu es ipse rex meus, et Deus meus;* e este rei é o que manda, e o que governa: *Qui mandas salutes Jacob*, elle que não se muda, é o que causa estas differenças, e não os reis que se mudaram. A' vista, pois, desta verdade certa, e sem engano, esteve um pouco suspenso o nosso Propheta na consideração de tantas calamidades, até que para remedio dellas o mesmo Deus, que o allumiava, lhe inspirou um conselho altissimo, nas palavras que tomei por thema.

Exurge, quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis, oblivisceris inopiæ nostræ, et tribulationis nostræ? Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos propter nomen tuum. Não prega David ao povo, não o exhorta ou reprehende, não faz contra elle invectivas, posto que bem merecidas; mas todo arrebatado de um novo e extraordinario espirito, se volta não só a Deus, mas piedosamente atrevido contra elle. Assim como Martha disse a Christo: *Domine non est tibi curæ?* [2] assim estranha David reverentemente a Deus, e quasi o accusa de descuidado. Queixa-se das desattenções de sua misericordia e providencia, que isso é considerar a Deus dormindo: *Exurge, quare obdormis Domine?* Repete-lhe que accorde, e que não deixe chegar os damnos ao fim, permissão indigna de sua piedade: *Exurge, et ne repellas in finem.* Pede-lhe a razão porque aparta de nós os olhos e nos volta o rosto: *Quare faciem tuam avertis:* e porque se esquece da nossa miseria, e não faz caso de nossos trabalhos: *Oblivisceris inopiæ nos-*

[1] *Psalm.* XLIII, 5.
[2] *Luc.*, X, 40.

træ et tribulationis nostræ? E não só pede de qualquer modo esta razão do que Deus faz e permitte, senão que insta a que lh'a dê, uma e outra vez: *Quare obdormis? Quare oblivisceris?* Finalmente depois destas perguntas, a que suppõe que não tem Deus resposta, e destes argumentos com que presume o tem convencido, protesta diante do tribunal de sua justiça e piedade, que tem obrigação de nos acudir, de nos ajudar e de nos libertar logo: *Exurge, Domine, adjuva nos, et redime nos.* E para mais obrigar ao mesmo Senhor, não protesta por nosso bem e remedio, senão por parte da sua honra e gloria: *Propter nomen tuum.*

Esta é (Todo Poderoso e Todo Misericordioso Deus), esta é a traça de que usou para render vossa piedade, quem tanto se conformava com vosso coração. E desta usarei eu tambem hoje, pois o estado em que nos vemos, mais é o mesmo que similhante. Não hei de prégar hoje ao povo, não hei de fallar com os homens, mais alto hão de sahir as minhas palavras ou as minhas vozes: a vosso peito divino se ha de dirigir todo o sermão. E' este o ultimo de quinze dias continuos, em que todas as igrejas desta Metropole, a esse mesmo throno de vossa patente Magestade teem representado suas deprecações: e pois o dia é o ultimo, justo será que nelle se acuda tambem ao ultimo e unico remedio. Todos estes dias se cançaram debalde os oradores evangelicos em prégar penitencia aos homens; e pois elles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho de vossa misericordia, Deus meu, que ainda que nós somos os peccadores, vós haveis de ser o arrependido.

O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos, et redime nos.* Mui conformes são estas petições ambas ao logar e ao tempo. Em tempo que tão opprimidos e tão captivos estamos, que devemos pedir com maior necessidade senão que nos liberteis: *Redime nos?* E na casa da Senhora d'Ajuda, que devemos esperar com maior confiança, senão que nos ajudeis: *Adjuva nos?* Não hei de pedir pedindo, senão protestando e argumentando: pois esta é a licença e liberdade que tem quem não pede favor senão justiça. Se a causa fôra só nossa, e eu viera a rogar só por nosso remedio, pedira favor e misericordia. Mas como a causa, Senhor, é mais

vossa que nossa, e como venho a requerer por parte de vossa honra e gloria, e pelo credito de vosso nome: *Propter nomen tuum*, razão é que peça só razão, justo é que peça só justiça. Sobre este presupposto vos hei de arguir, vos hei de argumentar; e confio tanto da vossa razão e da vossa benignidade, que tambem vos hei de convencer. Se chegar a me queixar de vós, e a accusar as dilações de vossa justiça, ou as desattenções de vossa misericordia: *Quare obdormis: quare oblivisceris*, não será esta vez a primeira em que soffrestes similhantes excessos a quem advoga por vossa causa. As custas de toda a demanda tambem vós, Senhor, as haveis de pagar, porque me ha de dar a vossa mesma graça as razões com que vos hei de arguir, a efficacia com que vos hei de apertar, e todas as armas com que vos hei de render. E se para isto não bastam os merecimentos da causa, supprirão os da Virgem Santissima, em cuja ajuda principalmente confio.

Ave Maria.

II

Exurge, quare obdormis, Domine? Querer argumentar com Deus e convencel-o com razões, não só difficultoso assumpto parece, mas empreza declaradamente impossivel, sobre arrojada temeridade. *O' Homo, tu quis es, qui respondeas Deo? Nunquid dicit figmentum ei, qui se finxit: Quid me fecisti sic?* [1] Homem atrevido (diz S. Paulo), homem temerario, quem és tu, para que te ponhas a altercar com Deus? Por ventura o barro que está na roda e entre as mãos do official, põe-se ás razões com elle e diz-lhe porque me fazes assim? Pois se tu és barro, homem mortal, se te formaram as mãos de Deus da materia vil da terra, como dizes ao mesmo Deus: *Quare, quare;* como te atreves a argumentar com a sabedoria Divina, como pedes razão á sua Providencia do que te faz, ou deixa de fazer? *Quare obdormis? Quare faciem tuam aver-*

[1] *Rom.*, IX, 20.

tis? Venera suas permissões, reverencia e adora seus occultos juizos, encolhe os hombros com humildade a seus decretos soberanos, e farás o que te ensina a fé, e o que deves á creatura. Assim o fazemos, assim o confessamos e assim o protestamos diante de Vossa Magestade infinita, immenso Deus, incomprehensivel bondade: *Justus es, Domine, et rectum judicium tuum.* [1] Por mais que nós não saibamos entender vossas obras, por mais que não possamos alcançar vossos conselhos, sempre sois justo, sempre sois santo, sempre sois infinita bondade; e ainda nos maiores rigores de vossa justiça, nunca chegaes com a severidade do castigo aonde nossas culpas merecem.

Se as razões e argumentos da nossa causa as houveramos de fundar em merecimentos proprios, temeridade fôra grande, antes impiedade manifesta, querer-vos arguir. Mas nós, Senhor, como protestava o vosso propheta Daniel: *Neque enim in justificationibus nostris prosternimus preces ante faciem tuam, sed in miserationibus tuis multis.* [2] Os requerimentos e razões delles, que humildemente presentamos ante vosso divino conspecto, as appellações ou embargos, que interpomos á execução e continuação dos castigos que padecemos, de nenhum modo os fundamos na presumpção de nossa justiça, mas todos na multidão de vossas misericordias: *In miserationibus tuis multis.* Argumentamos, sim, mas de vós para vós: appellamos, mas de Deus para Deus — de Deus justo, para Deus misericordioso. E como do peito, Senhor, vos hão de sahir todas as settas, mal poderão offender vossa bondade. Mas porque a dôr quando é grande sempre arrasta o affecto, e o acerto das palavras é descredito da mesma dôr, para que o justo sentimento dos males presentes, não passe os limites sagrados de quem falla diante de Deus e com Deus, em tudo o que me atrever a dizer seguirei as pisadas solidas dos que em similhantes occasiões, guiados por vosso mesmo espirito, oraram e exoraram vossa piedade.

Quando o povo de Israël no deserto commetteu aquelle gravissimo peccado de idolatria, adorando o

[1] *Psalm.* CXVIII, 136.
[2] *Dan.*, IX, 18.

oiro das suas joias na imagem bruta de um bezerro, revelou Deus o caso a Moysés, que com elle estava, e accrescentou irado e resoluto, que daquella vez havia de acabar para sempre com uma gente tão ingrata, e que a todos havia de assolar e consumir, sem que ficasse rasto de tal geração: *Dimitte me, ut irascatur furor meus contra eos, et deleam eos.* [1] Não lhe soffreu porém o coração ao bom Moysés ouvir fallar em destruição e assolação do seu povo: põe-se em campo, oppõe-se á ira divina, e começa a arrasoar assim: *Cur Domine irascitur furor tuus contra populum tuum?* E bem, Senhor, porque razão se indigna tanto a vossa ira contra o vosso povo? Porque razão Moysés? E ainda vós quereis mais justificada razão a Deus? Acaba de vos dizer que está o povo idolatrando; que está adorando um animal bruto; que está negando a divindade ao mesmo Deus, e dando-a a uma estatua muda, que acabaram de fazer suas mãos, e attribuindo-lhe a ella a liberdade e triumpho com que os livrou do captiveiro do Egypto; e sobretudo isto ainda perguntaes a Deus, porque razão se agasta: *Cur irascitur furor tuus?* Sim. E com muito prudente zelo; porque ainda que da parte do povo havia muito grandes razões de ser castigado, da parte de Deus era maior a razão que havia de o não castigar: *Ne quæso* (dá a razão Moysés) *ne quæso dicant Ægyptii, Callidè eduxit eos, ut interficeret in montibus, et delèret è terra.* [2] Olhae, Senhor, que porão macula os Egypcios em vosso ser, e quando menos em vossa verdade e bondade. Dirão, que cautelosamente, e á falsa fé, nos trouxestes a este deserto, para aqui nos tirardes a vida a todos, e nos sepultardes. E com esta opinião divulgada e assentada entre elles, qual será o abatimento de vosso santo Nome, que tão respeitado e exaltado deixastes no mesmo Egypto, com tantas e tão prodigiosas maravilhas do vosso poder? Convém logo para conservar o credito, dissimular o castigo, e não dar com elle occasião áquelles gentios e aos outros, em cujas terras estamos, ao *que dirão: Ne quæso dicant.* Desta maneira arrasoou Moysés em favor do povo; e ficou tão con-

[1] *Exod.*, XXXII, 10 e 11.
[2] *Ibid.*, 12.

vencido Deus da força deste argumento, que no mesmo ponto revogou a sentença, e, conforme o Texto hebreu, não só se arrependeu da execução, senão ainda do pensamento: *Et pœnituit Dominum mali, quod cogitaverat facere Populo suo.* [1] E arrependeu-se o Senhor do pensamento e da imaginação que tivera de castigar o seu povo.

Muita razão tenho eu logo, Deus meu, de esperar que haveis de sahir deste sermão arrependido; pois sois o mesmo que ereis, e não menos amigo agora, que nos tempos passados, de vosso nome: *Propter nomen tuum.* Moysés disse-vos: *Ne quæso dicant:* Olhae, Senhor, que dirão: E eu digo e devo dizer: Olhae, Senhor, que já dizem. Já dizem os herejes insolentes com os successos prosperos, que vós lhes daes ou permittis: já dizem que porque a sua, que elles chamam religião é a verdadeira, por isso Deus os ajuda e vencem; e porque a nossa é errada e falsa, por isso nos desfavorece e somos vencidos. Assim o dizem, assim o prégam, e ainda mal porque não faltará quem os creia. Pois é possivel, Senhor, que hão de ser vossas permissões argumentos contra a vossa fé? E' possivel, que se hão de occasionar de nossos castigos blasphemias contra vosso nome? Que diga o hereje (o que treme de o pronunciar a lingua), que diga o hereje, que Deus está hollandez? Oh não permittaes tal, Deus meu, não permittaes tal, por quem sois. Não o digo por nós, que pouco ia em que nos castigasseis: não o digo pelo Brazil, que pouco ia em que o destruisseis: por vós o digo e pela honra de vosso Santissimo Nome, que tão imprudentemente se vê blasphemado: *Propter nomen tuum.* Já que o perfido calvinista dos successos que só lhe merecem nossos peccados faz argumento da religião, e se jacta insolente e blasphemo de ser a sua a verdadeira, veja elle na roda dessa mesma fortuna, que o desvanece, de que parte está a verdade. Os ventos e tempestades, que descompoem e derrotam as nossas armadas, derrotem e desbaratem as suas: as doenças e pestes, que diminuem e enfraquecem os nossos exercitos, escalem as suas muralhas e despovoem os seus presidios: os conselhos que, quan-

[1] *Exod.*, XXXII, 14, ex text. Hebr.

do vós quereis castigar, se corrompem, em nós sejam allumiados e nelles enfatuados e confusos. Mude a victoria as insignias, desafrontem-se as cruzes catholicas, triumphem as vossas chagas nas nossas bandeiras, e conheça humilhada e desenganada a perfidia, que só a fé romana, que professamos, é fé, e só ella a verdadeira e a vossa.

Mas ainda ha mais quem diga: *Ne quæso dicant Ægyptii:* Olhae, Senhor, que vivemos entre gentios, uns que o são, outros que o foram hontem; e estes que dirão? Que dirá o tapuya barbaro sem conhecimento de Deus? Que dirá o indio inconstante, a quem falta a pia affeição da nossa fé? Que dirá o ethiope boçal, que apenas foi molhado com a agua do Baptismo sem mais doutrina? Não ha duvida, que todos estes, como não têm capacidade para sondar o profundo de vossos juizos, beberão o erro pelos olhos. Dirão, pelos effeitos que vêem, que a nossa fé é falsa, e a dos hollandezes a verdadeira, e crerão que são mais christãos sendo como elles. A seita do hereje torpe e brutal, concorda mais com a brutalidade do barbaro: a largueza e soltura da vida, que foi a origem e o fomento da heresia, casa-se mais com os costumes depravados e corrupção do gentilismo: e que pagão haverá que se converta á fé, que lhe prégamos, ou que novo christão já convertido, que se não perverta, entendendo e persuadindo-se uns e outros, que no hereje é premiada a sua lei, e no catholico se castiga a nossa? Pois se estes são os effeitos, posto que não pertendidos, de vosso rigor, e castigo justamente começado em nós, por que razão se atea e passa com tanto damno aos que não são cumplices nas nossas culpas: *Cur irascitur furor tuus?* Porque continúa sem estes reparos o que vós mesmo chamastes furor: e porque não acabaes já de embainhar a espada de vossa ira?

Se tão gravemente offendido do povo hebreu, por um que dirão dos egypcios lhe perdoastes: o que dizem os herejes e o que dirão os gentios, não será bastante motivo, para que vossa rigorosa mão suspenda o castigo, e perdôe tambem os nossos peccados, pois, ainda que grandes, são menores? Os hebreus adoraram o idolo, faltaram á fé, deixaram o culto do verdadeiro Deus, chamaram Deus e Deuses a um bezerro;

e nós, por mercê de vossa bondade infinita, tão longe estamos e estivemos sempre de menor defeito, ou escrupulo nesta parte, que muitos deixaram a patria, a casa, a fazenda, e ainda a mulher e os filhos, e passam em summa miseria desterrados, só por não viver nem communicar com homens que se separaram da vossa Igreja. Pois, Senhor meu, e Deus meu, se por vosso amôr e por vossa fé, ainda sem perigo de a perder ou arriscar, fazem taes finezas os portuguezes: *Quare obliviscéris inopiæ nostræ, et tribulationis nostræ;* porque vos esqueceis de tão religiosas miserias, de tão catholicas tribulações? Como é possivel que se ponha Vossa Magestade irada contra estes fidelissimos servos e favoreça a parte dos infieis, dos excommungados, dos impios?

Oh como nos podemos queixar neste passo, como se queixava lastimado Job, quando, despojado dos Sabeus e Caldeus, se viu como nós nos vemos, no extremo da oppressão e miseria: *Nunquid bonum tibi videtur, si calumnieris me, et opprimas me opus manuum tuarum, et consilium impiorum adjuves?* [1] Parece-vos bem, Senhor, parece-vos bem isto? Que a mim, que sou vosso servo, me opprimaes e affijaes; e aos impios, aos inimigos vossos os favoreçaes e ajudeis? Parece-vos bem que sejam elles os prosperados e assistidos da vossa providencia, e nós os deixados de vossa mão; nós os esquecidos de vossa memoria; nós o exemplo de vossos rigores; nós o despojo de vossa ira? Tão pouco é desterrarmo-nos por vós, e deixar tudo? Tão pouco é padecer trabalhos, pobrezas, e os desprezos que ellas trazem comsigo, por vosso amôr? Já a fé não tem merecimento? Já a piedade não tem valor? Já a perseverança não vos agrada? Pois se ha tanta differença entre vós, ainda que maus, e aquelles perfidos, porque os ajudaes a elles e nos desfavoreceis a nós? *Nunquid bonum tibi videtur:* a vós, que sois a mesma bondade, parece-vos bem isto?

---

[1] *Job.*, x, 3.

III

Considerae, Deus meu — e perdoae-me se fallo inconsideradamente — considerae a quem tiraes as terras do Brazil, e a quem as daes. Tiraes estas terras aos portuguezes a quem no principio as déstes; e bastava dizer a quem as déstes, para perigar o credito de vosso nome, que não podem dar nome de liberal mercês com arrependimento. Para que nos disse S. Paulo, que vós, Senhor, quando daes, não vos arrependeis: *Sine pœnitentia enim sunt dona Dei?* [1] Mas deixado isto á parte: tiraes estas terras áquelles mesmos portuguezes, a quem escolhestes entre todas as nações do mundo para conquistadores da vossa Fé, e a quem déstes por armas como insignia e divisa singular vossas proprias chagas. E será bem, Supremo Senhor e Governador do Universo, que ás Sagradas Quinas de Portugal, e ás armas e chagas de Christo, succedam as hereticas Listas de Hollanda, rebeldes a seu rei e a Deus? Será bem que estas se vejam tremular ao vento victoriosas, e aquellas abatidas, arrastadas e ignominiosamente rendidas? *Et quid faciès magno nomini tuo?* [2] E que fareis (como dizia Josuë) ou que será feito de vosso glorioso nome em casos de tanta affronta?

Tiraes tambem o Brazil aos portuguezes, que assim estas terras vastissimas, como as remotissimas do Oriente, as conquistaram á custa de tantas vidas e tanto sangue, mais por dilatar vosso nome e vossa fé (que esse era o zelo daquelles christianissimos reis), que por amplificar e estender seu imperio. Assim fostes servido que entrassemos nestes novos mundos, tão honrada e tão gloriosamente, e assim permittis que saiamos agora (quem tal imaginaria de vossa bondade), com tanta affronta e ignominia! Oh como receio, que não falte quem diga o que diziam os Egypcios: *Callidè eduxit eos, ut interficeret, et deleret è terra:* [3]

---

1 *Rom.*, XI, 29.
2 *Josuë*, VII, 9.
3 *Exod.*, XXXII, 12.

Que a larga mão com que nos déstes tantos dominios e reinos não foram mercês de vossa liberalidade, senão cautella e dissimulação de vossa ira, para aqui fóra e longe de nossa patria nos matardes, nos destruirdes, nos acabardes de todo. Se esta havia de ser a paga e o fructo de nossos trabalhos, para que foi o trabalhar, para que foi o servir, para que foi o derramar tanto e tão illustre sangue nestas Conquistas? Para que abrimos os mares nunca d'antes navegados? Para que descobrimos as regiões e os climas não conhecidos? Para que contrastamos os ventos e as tempestades com tanto arrojo, que apenas ha baixio no Oceano, que não esteja infamado com miserabilissimos naufragios de portuguezes? E depois de tantos perigos, depois de tantas desgraças, depois de tantas e tão lastimosas mortes, ou nas praias desertas sem sepultura, ou sepultados nas entranhas dos alarves, das feras, dos peixes, que as terras que assim ganhamos, as hajamos de perder assim! Oh quanto melhor nos fôra nunca conseguir, nem intentar taes emprezas!

Mais santo que nós era Josuë, menos apurada tinha a paciencia, e comtudo em occasião similhante não fallou (fallando comvosco) por differente linguagem. Depois de os filhos de Israël passarem ás terras ultramarinas do Jordão, como nós a estas, avançou parte do exercito a dar assalto á cidade de Haï, a qual nos echos do nome já parece que trazia o prognostico do infeliz successo que os Israelitas nella tiveram; porque foram rotos, e desbaratados, posto que com menos mortos e feridos, do que nós por cá costumamos. E que faria Josuë á vista desta desgraça? Rasga as vestiduras imperiaes, lança-se por terra, começa a clamar ao Céu: *Heu Domine Deus, quid voluisti traducere populum istum Jordanem fluvium, ut traderes nos in manus Amorrhæi?* [1] Deus meu, e Senhor meu, que é isto? Para que nos mandastes passar o Jordão, e nos mettestes de posse destas terras, se aqui nos haveis de entregar nas mãos dos Amorrheus e perder-nos? *Utinam mansissemus trans Jordanem!* [2] Oh nunca nós passaramos tal rio! Assim se queixava

[1] *Josuè*, VII, 7.
[2] *Ibid.*

Josuë a Deus, e assim nos podemos nós queixar, e com muito maior razão que elle. Se este havia de ser o fim de nossas navegações, se estas fortunas nos esperavam nas terras conquistadas: *Ut'nam mansissemus trans Jordanem?* prouvéra a vossa Divina Magestade, que nunca sahiramos de Portugal, nem fiáramos nossas vidas ás ondas e aos ventos, nem conheceramos, ou puzeramos os pés em terras estranhas. Ganhal-as para as não lograr, desgraça foi e não ventura: possuil-as para as perder, castigo foi de vossa ira, Senhor, e não mercê, nem favor de vossa liberalidade. Se determinaveis dar estas mesmas terras aos piratas de Hollanda, porque lh'as não déstes em quanto eram agrestes e incultas, senão agora? Tantos serviços vos tem feito esta gente pervertida e apostata, que nos mandastes primeiro cá por seus aposentadores, para lhe lavrarmos as terras, para lhe edificarmos as cidades, e depois de cultivadas e enriquecidas lh'as entregardes? Assim se hão de lograr os herejes, e inimigos da fé dos trabalhos portuguezes e dos suores catholicos? *En queis consevimus agros?* [1] Eis-aqui para quem trabalhamos ha tantos annos! Mas pois vós, Senhor, o quereis e ordenaes assim, fazei o que fôrdes servido. Entregae aos hollandezes o Brazil, entregae-lhe as Indias, entregae-lhe as Hespanhas (que não são menos perigosas as consequencias do Brazil perdido), entregae-lhes quanto temos, e possuimos (como já lhe entregastes tanta parte); ponde em suas mãos o mundo; e a nós, aos portuguezes e hespanhoes, deixae-nos, repudiae-nos, desfazei-nos, acabae-nos. Mas só digo e lembro a Vossa Magestade, Senhor, que estes mesmos que agora desfavoreceis e lançaes de vós, póde ser que os queiraes algum dia, e que os não tenhaes.

Não me atrevêra a fallar assim, se não tirára as palavras da bocca de Job, que, como tão lastimado, não é muito entre muitas vezes nesta tragedia. Queixava-se o exemplo da paciencia a Deus (que nos quer Deus soffridos, mas não insensiveis), queixava-se do tesão de suas penas, demandando e altercando, porque se lhe não havia de remittir e affrouxar um pouco

[1] Virgil.

o rigor dellas: e como a todas as replicas e instancias o Senhor se mostrasse inexoravel, quando já não teve mais que dizer, concluiu assim: *Ecce nunc in pulvere dormiam, et si mane me quæsieris, non subsistam.* [1] Já que não quereis, Senhor, desistir ou moderar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor e chegar com elle ao cabo, seja muito embora, matae-me, consumi-me, enterrae-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam:* mas só vos digo e vos lembro uma coisa: que se me buscardes ámanhã, que me não haveis de achar: *Et si mane me quæsieris, non subsistam.* Tereis aos Sabeus, tereis aos Caldeus, que sejam o roubo e o açoute de vossa casa; mas não achareis a um Job que a sirva, não achareis a um Job que a venere, não achareis a um Job, que ainda com suas chagas a não desauctorise. O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos mesmos affectos, quem se vê no mesmo estado. Abrazae, destrui, consumi-nos a todos; mas póde ser que algum dia queiraes hespanhoes e portuguezes, e que os não acheis. Hollanda vos dará os apostolicos conquistadores, que levem pelo mundo os estandartes da cruz: Hollanda vos dará os prégadores evangelicos, que semeem nas terras dos barbaros a doutrina catholica, e a reguem com o proprio sangue: Hollanda defenderá a verdade de vossos Sacramentos, e a auctoridade da Igreja Romana: Hollanda edificará templos, Hollanda levantará altares, Hollanda consagrará sacerdotes e offerecerá o sacrificio de vosso Santissimo Corpo: Hollanda emfim vos servirá e venerará tão religiosaente como em Amsterdam, Meldeburg e Flisinga, e em todas as outras colonias daquelle frio e alagado inferno, se está fazendo todos os dias.

IV

Bem vejo que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa fé, e as obras de vossa gloria não dependem de nós, nem de ninguem, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazer das pedras filhos de

---

[1] *Job.*, VII, 21.

Abrahão. Mas tambem a vossa sabedoria e a experiencia de todos os seculos nos tem ensinado, que depois de Adão não creastes homens de novo, que vos servis dos que tendes neste mundo, e que nunca admittis os menos bons, senão em falta dos melhores. Assim o fizestes na parabola do banquete. Mandastes chamar os convidados, que tinheis escolhido, e porque elles se escusaram, e não quizeram vir, então admittistes os cegos e mancos, e os introduzistes em seu logar. *Cæcos, et claudos introduc huc.* [1] E se esta é, Deus meu, a regular disposição de vossa providencia divina, como a vemos agora tão trocada em nós e tão differente comnosco? Quaes foram estes convidados e quaes são estes cegos e mancos? Os convidados fomos nós, a quem primeiro chamastes para estas terras, e nellas nos puzestes a meza, tão franca e abundante, como de vossa grandeza se podia esperar. Os cegos e mancos são os lutheranos e calvinistas, cegos sem fé e mancos sem obras: na reprovação das quaes consiste o principal erro da sua heresia. Pois se nós, que fômos os convidados, não nos escusamos, nem duvidamos de vir, antes rompemos por muitos inconvenientes, em que poderamos duvidar: se viemos e nos assentámos á meza, como nos excluís agora e lançaes fóra della e introduzís violentamente os cegos e mancos, e daes os nossos logares ao hereje? Quando em tudo o mais foram elles tão bons como nós, ou nós tão maus como elles, porque nos não ha de valer pelo menos o privilegio e prerogativa da fé? Em tudo parece, Senhor, que trocaes os estylos de vossa providencia e mudaes as leis de vossa justiça comnosco.

Aquellas dez virgens do vosso Evangelho todas se renderam ao somno, todas adormecêram, todas fôram eguaes no mesmo descuido: *Dormitaverunt omnes, et dormierunt.* [2] E comtudo a cinco dellas passou-lhe o esposo por este defeito, e só porque conservaram as alampadas accezas, mereceram entrar ás bodas, de que as outras foram excluidas. Se assim é, Senhor meu, se assim o julgastes então (que vós sois aquelle Esposo Divino) porque não nos vale a nós tam-

[1] *Luc.*, XIV, 21.
[2] *Math.*, XXV, 5.

bem conservar as alampadas da fé accezas, que no hereje estão tão apagadas e tão mortas? E' possivel, que haveis de abrir as portas a quem traz as alampadas apagadas, e que as haveis de fechar a quem as tem accezas? Reparae, Senhor, que não é auctoridade do vosso divino tribunal, que sáiam delle no mesmo caso duas sentenças tão encontradas. Se ás que deixaram apagar as alampadas se disse: *Nescio vos:* [1] se para ellas se fecharam as portas: *Clausa est janua:* [2] quem merece ouvir de vossa bôcca um *Nescio vos* tremendo, senão o hereje que vos não conhece? E a quem deveis dar com a porta nos olhos, senão ao hereje que os tem tão cegos? Mas eu vejo que nem esta cegueira, nem este desconhecimento, tão merecedores de vosso rigor, lhes retarda o progresso de suas fortunas, antes a passo largo se vêm chegando a nós suas armas victoriosas, e cedo nos baterão ás portas desta vossa cidade — desta vossa cidade disse; mas não sei se o nome do Salvador, com que a honrastes, a salvará e defenderá, como já outra vez não defendeu; nem sei se estas nossas deprecações, posto que tão repetidas e continuadas, acharão accesso a vosso conspecto divino, pois ha tantos annos que está bradando ao céu a nossa justa dôr, sem vossa clemencia dar ouvidos a nossos clamores.

Se acaso fôr assim (o que vós não permittaes), e está determinado em vosso secreto juizo que entrem os herejes na Bahia, o que só vos represento humildemente e muito devéras, é, que antes da execução da sentença, repareis bem, Senhor, no que vos póde succeder depois, e que o consulteis com vosso coração, em quanto é tempo; porque melhor será arrepender agora, que quando o mal passado não tenha remedio. Bem estaes na intenção e allusão com que digo isto, e na razão, fundada em vós mesmo, que tenho para o dizer. Tambem antes do diluvio estaveis vós mui colerico e irado contra os homens, e por mais que Noé orava em todos aquelles cem annos, nunca houve remedio para que se aplacasse vossa ira. Romperam-se emfim as cataractas do céu, cresceu o mar até os cu-

[1] *Matth.*, xxv, 12.
[2] *Ibid.*, 10.

mes dos montes, alagou-se o mundo todo; já estará satisfeita vossa justiça; senão quando ao terceiro dia começaram a aboiar os corpos mortos, e a surgir e apparecer em multidão infinita aquellas figuras pallidas, e então se representou sobre as ondas a mais triste e funesta tragedia, que nunca viram os Anjos, que homens que a vissem, não os havia. Vistes vós tambem (como se o visseis de novo) aquelle lastimosissimo espectaculo, e posto que não chorastes, porque ainda não tinheis olhos capazes de lagrimas, enterneceram-se porém as entranhas de vossa Divindade, com tão intrinseca dôr: *Tactus dolore cordis intrinsecus*, [1] que do modo que em vós cabe arrependimento, vos arrependestes do que tinheis feito ao mundo, e foi tão inteira a vossa contrição, que não só tivestes pezar do passado, senão proposito firme de nunca mais o fazer: *Nequaquam ultra maledicam terræ propter homines*. [2] Este sois, Senhor, este sois: e pois sois este, não vos tomeis com vosso coração. Para que é fazer agora valentias contra elle, se o seu sentimento, e o vosso as ha de pagar depois? Já que as execuções de vossa justiça custam arrependimentos á vossa bondade; vêde o que fazeis antes que o façaes, não vos aconteça outra. E para que o vejaes com côres humanas, que já vos não são estranhas, dae-me licença, que eu vos represente primeiro ao vivo as lastimas, e miserias deste futuro diluvio, e se esta representação vos não enternecer, e tiverdes entranhas para o vêr sem grande dôr, executae-o embora.

Finjamos pois (o que até fingido e imaginado, faz horror) finjamos que vem a Bahia e o resto do Brazil a mãos dos hollandezes; que é o que ha de succeder em tal caso? Entrarão por esta cidade com furia de vencedores e de herejes: não perdoarão a estado, a sexo nem a edade: com os fios dos mesmos alfanges medirão a todos: chorarão as mulheres, vendo que se não guarda decóro á sua modestia: chorarão os velhos, vendo que se não guarda respeito ás suas cãs: chorarão os nobres, vendo que se não guarda cortezia á sua qualidade: chorarão os Religiosos e veneraveis sacerdotes,

---

[1] *Gen.*, VI, 6.
[2] *Ibid.*, VIII, 21.

vendo que até as corôas sagradas os não defendem: chorarão finalmente todos, e entre todos mais lastimosamente os innocentes, porque nem a esses perdoará (como em outras occasiões não perdoou), a deshumanidade heretica. Sei eu, Senhor, que só por amôr dos innocentes, disseste vós alguma hora, que não era bem castigar a Nimive. Mas não sei que tempos, nem que desgraça é esta nossa, que até a mesma innocencia vos não abranda. Pois tambem a vós, Senhor, vos ha de alcançar parte do castigo (que é o que mais sente a piedade christã), tambem a vós ha de chegar.

Entrarão os herejes nesta Igreja e nas outras: arrebatarão essa custodia, em que agora estaes adorado dos Anjos: tomarão os calices e vasos sagrados, e applical-os-hão a suas nefandas embriaguezes: derrubarão dos altares os vultos e estatuas dos santos, deformal-as-hão a cutiladas, e mettel-as-hão no fogo: e não perdoarão as mãos furiosas e sacrilegas, nem ás imagens tremendas de Christo crucificado, nem ás da Virgem Maria. Não me admiro tanto, de que hajaes de consentir similhantes aggravos e affrontas nas vossas imagens, pois já as permittistes em vosso sacratissimo corpo; mas nas da Virgem Maria, nas de vossa Santissima Mãe, não sei como isto póde estar com a piedade e amôr de Filho. No Monte Calvario esteve esta Senhora sempre ao pé da Cruz, e com serem aquelles algozes tão descortezes e crueis, nenhum se atreveu a lhe tocar nem a lhe perder o respeito. Assim foi e assim havia de ser, porque assim o tinheis vós promettido pelo Propheta: *Flagellum non appropinquabit tabernaculo tuo.* [1] Pois, Filho da Virgem Maria, se tanto cuidado tivestes então do respeito e decôro de vossa Mãe, como consentis agora, que se lhe façam tantos desacatos? Nem me digaes, Senhor, que lá era a pessôa, cá a imagem. Imagem sómente da mesma Virgem, era a Arca do Testamento, e só porque Oza a quiz tocar, lhe tirastes a vida. Pois se então havia tanto rigor para quem offendia a imagem de Maria, porque o não ha tambem agora? Bastava então qualquer dos outros desacatos ás coisas sagradas, para uma severissima demonstração vossa ainda milagro-

[1] *Psalm.* XC, 10.

sa. Se a Jeroboão, porque levantou a mão para um propheta, se lhe seccou logo o braço milagrosamente; como aos hereges depois de se atreverem a affrontar vossos santos, lhes ficam ainda braços para outros delictos? Se a Balthasar por beber pelos vasos do Templo, em que não se consagrava vosso sangue, o privastes da vida e do reino, porque vivem os hereges, que convertem vossos calices a usos profanos? Já não ha tres dedos que escrevam sentença de morte contra sacrilegos?

Em fim, Senhor, despojados assim os templos, e derrubados os altares, acabar-se-ha no Brazil a christandade catholica: acabar-se-ha o culto divino: nascerá herva nas Igrejas como nos campos: não haverá quem entre nellas. Passará um dia de Natal, e não haverá memoria de vosso Nascimento: passará a Quaresma, e a Semana Santa, e não se celebrarão os mysterios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias, que choravam as de Jérusalem destruida: *Viæ Sion lugent, eò quòd non sint qui veniant ad solemnitatem:* [1] Vêr-se-hão ermas, e solitarias, e que as não pisa a devoção dos fieis, como costumava em similhantes dias. Não haverá Missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam: morrerão os catholicos sem Confissão, nem Sacramentos: prégar-se-hão heresias nestes mesmos pulpitos, e em logar de S. Jeronymo, e Santo Agostinho, ouvir-se-hão e allegar-se-hão nelles os infames nomes de Calvino e Luthero, beberão a falsa doutrina os innocentes que ficarem, reliquias dos portuguezes: e chegaremos a estado, que se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: Menino, de que seita sois? Um responderá, eu sou calvinista; outro, eu sou lutherano. Pois isto se ha de soffrer, Deus meu? Quando quizestes entregar vossas ovelhas a S. Pedro, examinastel-o tres vezes, se vos amava: *Diligis me, diligis me, diligis me?* [2] E agora as entregaes desta maneira, não a pastores, senão aos lobos? Sois o mesmo, ou sois outro? Aos herejes o vosso rebanho? Aos herejes as almas? Como tenho dito, e nomeei almas, não vos quero di-

---

[1] *Thren.*, I, 4.
[2] *Joan.*, XXI, 15.

zer mais. Já sei, Senhor, que vos haveis de enternecer, e arrepender, e que não haveis de ter coração para vêr taes lastimas, e taes estragos. E se assim é que assim o estão promettendo vossas entranhas piedosissimas), se é que ha de haver dôr, se é que ha de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora, que não é justo vos contente antes o de que vos ha de pesar em algum tempo.

Muito honrastes, Senhor, ao homem na creação do mundo, formando-o com vossas proprias mãos, informando-o, e animando-o com vosso proprio alento, e imprimindo nelle o caracter de vossa imagem, e similhança. Mas parece, que logo desde aquelle mesmo dia vos não contentastes delle, porque de todas as outras coisas que creastes, diz a Escriptura que vos pareceram bem: *Vidit Deus quòd esset bonum:* [1] e só do homem o não diz. Na admiração desta mysteriosa reticencia andou desde então suspenso, e vacillando o juizo humano, não podendo penetrar qual fosse a causa, porque agradando-vos com tão publica demonstração todas as vossas obras, só do homem, que era a mais perfeita de todas, não mostrasseis agrado. Finalmente passados mais de mil e setecentos annos, a mesma Escriptura, que tinha calado aquelle mysterio, nos declarou, que vós estaveis arrependido de ter creado o homem: *Pœnituit eum quòd hominem fecisset in terra:* [2] e que vós mesmo dissestes, que vos pezava: *Pœnitet me fecisse eos:* [3] e então ficou patente, e manifesto a todos o segredo que tantos tempos tinheis occultado. E vós, Senhor, dizeis que vos peza, e que estaes arrependido de ter creado o homem; pois essa é a causa porque logo desde o principio de sua creação vos não agradastes delle, nem quizestes que se dissesse, que vos parecêra bem: julgando, como era razão, por coisa muito alheia de vossa sabedoria e providencia, que em nenhum tempo vos agradasse, nem parecesse bem aquillo de que depois vos havieis de arrepender, e ter pezar de ter feito: *Pœnitet me fecisse.* Sendo pois esta a condição verdadeiramente divina, e

---

[1] *Gen.*, I, 10.
[2] *Ibid.*, VI, 6.
[3] *Ibid.*, 7.

a altissima razão de estado de vossa providencia, não haver jámais agrado do que ha de haver arrependimento; e sendo tambem certo nas piedosissimas entranhas de vossa misericordia, que se permittirdes agora as lastimas, as miserias, os estragos, que tenho representado, é força que vos ha de pezar depois, e vos haveis de arrepender: arrependei-vos, misericordioso Deus, em quanto estamos em tempo, ponde em nós os olhos de vossa piedade, ide á mão á vossa irritada justiça, quebre vosso amôr as settas de vossa ira, e não permittaes tantos dannos, e tão irreparaveis. Isto é o que vos pedem tantas vezes prostradas diante de vosso divino acatamento estas almas tão fielmente catholicas em nome seu, e de todas as deste Estado. E não vos fazem esta humilde deprecação pelas perdas temporaes, de que cedem, e as podeis executar nelles por outras vias: mas pela perda espiritual eterna de tantas almas, pelas injurias de vossos templos e altares, pela exterminação do sacrosanto sacrificio de vosso corpo e sangue, e pela ausencia insoffrivel, pela ausencia e saudades deste Santissimo Sacramento, que não sabemos quanto tempo teremos presente.

V

Chegado a este ponto, de que não sei, nem se póde passar, parece-me que nos está dizendo vossa divina e humana bondade, Senhor, que o fizereis assim facilmente, e vos deixarieis persuadir, e convencer destas nossas razões, senão que está clamando por outra parte vossa divina justiça: e como sois egualmente justo e misericordioso, que não podeis deixar de castigar, sendo os peccados do Brazil tantos e tão grandes. Confesso, Deus meu, que assim é, e todos confessamos que somos grandissimos peccadores. Mas tão longe estou de me aquietar com esta resposta, que antes esses mesmos peccados muitos e grandes, são um novo e poderoso motivo dado por vós mesmo para mais convencer vossa bondade.

A maior força dos meus argumentos não consistiu em outro fundamento até agora, que no credito, na honra, e na gloria de vosso Santissimo Nome: *Propter*

nomen tuum. E que motivo posso eu offerecer mais glorioso ao mesmo nome, que serem muitos e grandes os nossos peccados? *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim.* [1] Por amôr de vosso nome, Senhor, estou certo (dizia David) que me haveis de perdoar meus peccados, porque não são quaesquer peccados, senão muitos e grandes: *Multum est enim.* Oh motivo digno só do peito de Deus! Oh consequencia que só na summa bondade póde ser forçosa! De maneira que para lhe serem perdoados seus peccados allegou um peccador a Deus, que são muitos e grandes. Sim; e não por amôr do peccador, nem por amôr dos peccados, senão por amôr da honra e gloria do mesmo Deus, a qual quanto mais e maiores são os peccados que perdôa, tanto maior é, e mais engrandece e exalta seu Santissimo Nome: *Propter nomen tuum, Domine, propitiaberis peccato meo: multum est enim.* O mesmo David distingue na misericordia de Deus grandeza e multidão: a grandeza: *Secundum magnam misericordiam tuam:* [2] a multidão: *Et secundum multitudinem miserationum tuarum.* E como a grandeza da misericordia divina é immensa, e a multidão de sua misericordia infinita; e o immenso não se póde medir, nem o infinito contar; para que uma e outra, de algum modo, tenha proporcionada materia de gloria, importa á mesma grandeza da misericordia que os peccados sejam grandes, e á mesma multidão das misericordias, que sejam muitos: *Multum est enim.* Razão tenho eu logo, Senhor, de me não render á razão de serem muitos e grandes nossos peccados. E razão tenho tambem de instar em vos pedir a razão porque não desistis de os castigar: *Quare obdormis? Quare faciem tuum avertis? Quare oblivisceris inopiæ nostræ, et tribulationis nostræ?*

Esta mesma razão vos pediu Job quando disse: *Cur non tollis peccatum meum, et quare non aufers iniquitatem meam?* [3] E posto que não faltou um grande interprete de vossas Escripturas que o arguisse por vossa parte, em fim se deu por vencido, e confessou

---

[1] *Psalm.* XXIV, 11.
[2] *Ibid.*, L, 3.
[3] *Job.*, VII, 21.

que tinha razão Job em vol-a pedir: *Criminis in loco Deo impingis, quod ejus, qui deliquit, non miseretur?* diz S. Cyrillo Alexandrino. Basta, Job, que criminaes e accusaes a Deus de que castiga vossos peccados! Nas mesmas palavras confessaes que commettestes peccados e maldades; e com as mesmas palavras pedis razão a Deus porque as castiga? Isto é dar a razão, e mais pedil-a. Os peccados e maldades, que não occultaes, são a razão do castigo: pois se daes a razão, porque a pedis? Porque ainda que Deus, para castigar os peccados, tem a razão de sua justiça, para os perdoar, e desistir do castigo, tem outra razão maior, que é a da sua gloria: *Qui enim misereri consuevit, et non vulgarem in eo gloriam habet; ob quam causam mei non misereatur?* Pede razão Job a Deus, e tem muita razão de a pedir, (responde por elle o mesmo Santo, que o arguiu) porque se é condição de Deus usar de misericordia, e é grande e não vulgar a gloria que adquire em perdoar peccados, que razão tem, ou póde dar bastante de os não perdoar? O mesmo Job tinha já declarado a força deste seu argumento nas palavras antecedentes com energia para Deus muito forte: *Peccavi, quid faciam tibi?* [1] Como se dissera: se eu fiz, Senhor, como homem em peccar, que razão tendes vós para não fazer como Deus em me perdoar? Ainda disse, e quiz dizer mais: *Peccavi, quid faciam tibi?* Pequei, que mais vos posso fazer? E que fizestes vós, Job, a Deus em peccar? Não lhe fiz pouco; porque lhe dei occasião a me perdoar, e perdoando-me, ganhar muita gloria. Eu dever-lhe-hei a elle, como a causa, a graça que me fizer; e elle dever-me-ha a mim, como a occasião, a gloria que alcançar.

E se é assim, Senhor, sem licença nem encarecimento: se é assim, misericordioso Deus, que em perdoar peccados se augmenta a vossa gloria, que é o fim de todas vossas acções; não digaes que nos não perdoaes, porque são muitos e grandes os nossos peccados, que antes porque são muitos e grandes, deveis dar essa grande gloria á grandeza e multidão de vossas misericordias. Perdoando-nos, e tendo piedade de nós, é que haveis de ostentar a soberania de vossa ma-

[1] *Job.*, VII, 20.

gestade, e não castigando-nos, em que mais se abate vosso poder, do que se acredita. Vêde-o neste ultimo castigo, em que, contra toda a esperança do mundo e de tempo, fizestes que se derrotasse a nossa armada, a maior que nunca passou a Equinocial. Pudestes, Senhor, derrotal-a; e que grande gloria foi de vossa omnipotencia, poder o que póde o vento? *Contra folium, quod vento rapitur, ostendis potentiam.* [1] Desplantar uma nação, como nos ides desplantando, e plantar outra, tambem é poder que vós commettestes a um homemsinho de Anathoth: *Ecce constitui te super gentes, et super regna, ut evellas, et destruas, et disperdas, et dissipes, et ædifices, et plantes.* [2] O em que se manifesta a magestade, a grandeza e a gloria de vossa infinita omnipotencia, é em perdoar e usar de misericordia: *Qui omnipotentiam tuam, parcendo maxime, et miserando, manifestas.* Em castigar, venceis-nos a nós, que somos creaturas fracas; mas em perdoar, venceis-vos a vós mesmo, que sois todo poderoso e infinito. Só esta victoria é digna de vós, porque só vossa justiça póde pelejar com armas eguaes contra vossa misericordia; e sendo infinito o vencido, infinita fica a gloria do vencedor. Perdoae pois, benignissimo Senhor, por esta grande gloria vossa: *Propter magnam gloriam tuam:* perdoae por esta gloria immensa de vosso Santissimo Nome: *Propter nomen tuum.*

E se acaso ainda reclama vossa divina justiça, por certo não já misericordioso, senão justissimo Deus, que tambem a mesma justiça se pudéra dar por satisfeita com os rigores e castigos de tantos annos. Não sois vós em quanto justo, aquelle justo juiz, de quem canta o vosso Propheta: *Deus Judex justus, fortis, et patiens, nunquid irascitur per singulos dies?* [3] Pois se a vossa ira, ainda como de justo juiz, não é de todos os dias nem de muitos; porque se não dará por satisfeita com rigores de annos e tantos annos? Sei eu, Legislador Supremo, que nos casos de ira, posto que justificada, nos manda vossa santissima lei, que não

---

1 *Ibid.*, XIII, 25.
2 *Jerem.*, I, 10.
3 *Psalm.* VII, 12.

passe de um dia, e que antes de se pôr o sol tenhamos perdoado: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* [1] Pois se da fraqueza humana, e tão sensitiva, espera tal moderação nos aggravos vossa mesma lei, e lhe manda que perdoe e se applaque em termo tão breve e tão preciso; vós que sois Deus infinito, e tendes um coração tão dilatado como vossa mesma immensidade, e em materia de perdão vos propondes aos homens por exemplo: como é possivel que os rigores de vossa ira se não abrandem em tantos annos, e que se ponha e torne a nascer o sol tantas e tantas vezes, vendo sempre desembainhada e correndo sangue, a espada de vossa vingança? Sol de justiça, cuidei eu que vos chamavam as Escripturas, [2] porque ainda quando mais fogoso e ardente, dentro do breve espaço de doze horas, passava o rigor de vossos raios; mas não o dirá assim este sol material que nos allumia e rodeia, pois ha tantos dias e tantos annos, que passando duas vezes sobre nós de um tropico a outro, sempre vos vê irado.

Já vos não allego, Senhor, com o que dirá a terra e os homens, mas com o que dirá o céu e o mesmo sol. Quando Josuë mandou parar o sol, as palavras da lingua hebraica, em que lhe fallou, foram, não que parasse, senão que se calasse: *Sol tace contra Gabaon.* [3] Calar mandou ao sol o valente capitão, porque aquelles resplandores amortecidos, com que se ia sepultar no occaso, eram umas linguas mudas com que o mesmo sol o murmurava de demasiadamente vingativo: eram umas vozes altissimas, com que desde o ceu lhe lembrava a lei de Deus, e lhe prégava que não podia continuar a vingança, pois elle se ia metter no occidente: *Sol non occidat super iracundiam vestram.* E se Deus, como auctor da mesma lei, ordenou que o sol parasse, e aquelle dia (o maior que viu o mundo) excedesse os termos da natureza por muitas horas, e fosse o maior; foi para que concordando a justa lei com a justa vingança, nem por uma parte se deixasse de executar o rigor do castigo nem por outra se dis-

1 *Ephes.*, IV, 26.
2 *Malach.*, IV, 2.
3 *Josuë*, X, 12.

pensasse no rigor do preceito. Castigue-se o Gabaonita, pois é justo castigal-o; mas esteja o sol parado até que se acabe o castigo, para que a ira, posto que justa, do vencedor, não passe os limites de um dia. Pois se este é, Senhor, o termo prescripto de vossa Lei; se fazeis milagres e taes milagres para que ella se conserve inteira, e se Josuë manda calar e emmudecer o sol, porque se não queixe, e dê vozes contra a continuação de sua ira: que quereis que diga o mesmo sol, não parado nem emmudecido? Que quereis que diga a lua e as estrellas, já cançadas de vêr nossas miserias? Que quereis que digam todos esses céus creados, não para apregoar vossas justiças, senão para cantar vossas glorias: *Cœli enarrant gloriam Dei?* [1]

Finalmente, benignissimo Jesus, verdadeiro Josuë e verdadeiro sol, seja o epilogo e conclusão de todas as nossas razões, o vosso mesmo nome: *Propter nomen tuum.* Se o sol estranha a Josuë rigores de mais de um dia, e Josuë manda calar o sol, porque lh'os não estranhe; como póde estranhar vossa divina justiça, que useis comnosco de misericordia, depois da execução de tantos e tão rigorosos castigos continuados, não por um dia ou muitos dias de doze horas, senã por tantos e tão compridos annos, que cedo serão doze? Se sois Jesus, que quer dizer Salvador, sêde Jesus e sêde Salvador nosso. Se sois Sol e Sol de justiça, antes que se ponha o deste dia, deponde os rigores da vossa. Deixae já o Signo rigoroso de Leão, e dae um passo ao Signo de Virgem, Signo propicio e benefico. Recebei influencias humanas, de quem recebestes a humanidade. Perdoae-nos, Senhor, pelos merecimentos da Virgem Santissima. Perdoae-nos por seus rogos, ou perdoae-nos por seus imperios: que, se como creatura vos pede por nós o perdão, como Mãe vos póde mandar, e vos manda que nos perdoeis. Perdoae-nos em fim, para que a vosso exemplo perdoemos: e perdoae-nos tambem a exemplo nosso, que todos desde esta hora perdoamos a todos por vosso amôr: *Dimitte nobis debita nostra, sicut et nos dimittimus debitoribus nostris. Amen.*

---

[1] *Psalm.* XVIII, 1.

SERMÃO

PELO

BOM SUCCESSO

DE NOSSAS ARMAS

Tendo El-Rei D. João o 4.º, passado a Alem-Tejo

Prégado na Capella Real,
no Anno de 1645, com o SS. Exposto *

Erige brachium tuum sicut ab initio, et allide virtutem eorum virtute tua, cadat virtus eorum in iracundia tua. Non enim in multitudine est virtus tua, Domine, neque in equorum viribus voluntas tua est. Deus Cœlorum, creator aquarum, et Dominus totius creaturæ, exaudi me miseram deprecantem, et de tua misericordia præsumentem. Memento, Domine, testamenti tui. [1]

I

Divina e humana Magestade, Rei dos reis, Senhor dos exercitos. Posto em campo o de Nabucodonosor, á vista da cidade de Bethulia, com estas palavras fez oração a vossa divina misericordia a famosa Judith de Israël, tão famosa pelo excesso de seu valor, como pelo extremo de sua santidade; e com as mesmas óra tambem na occasião presente, prostrada a real Corôa aos pés de vossa Divina Magestade, a soberana Judith

---

* E' primorosissimo este Sermão, nota Honorati, e mais, julgo eu, que o prégado no Brazil póde servir de modelo para sermões de tal genero.

[1] *Judith*, IX.

de Portugal, senão menos valorosa, nem menos pia, mais poderosa hoje para obrigar vossa infinita clemencia. A Judith de Israël orava como pessoa particular, ainda pelo bem commum; a Judith de Portugal, ora como rainha e senhora nossa, pelo bem e conservação de seus vassallos, cuja oração como publica, sempre teve mais logar na aceitação de vosso acatamento divino. A Judith de Israël allegava exemplos antigos, quando a virtude de vosso braço omnipotente assistiu aos hebreus contra os egypcios; a Judith de Portugal allega o exemplo que vimos com nossos olhos no primeiro dia da restauração deste reino. E assim diz com mais propriedade que a outra Judith: *Erige brachium tuum sicut ab initio.* Levantae, Senhor, vosso poderoso braço como no principio, e confundi o poder que temos contra nós, com a virtude de vossa despregada mão. Os outros affectos da oração de Judith, são todos aquelles que nas circumstancias do caso presente podem alentar nossa esperança, e obrigar vossa misericordia. Para que eu os saiba ponderar, e acerte a os persuadir como convém, desse throno do Divinissimo Sacramento, que é a fonte de todas as graças, sêde servido, Senhor, de alentar a tibieza de minhas palavras, com aquella efficacia de espirito, e dispôr os corações dos que me ouvem, com aquelle conhecimento da verdade que pede a importancia de causa tão grande e tão vossa.

II

'Grande causa, senhora, é a que põe hoje a vossa magestade aos pés de Christo; grande causa, portuguezes, é a que nos chama hoje a este logar; tão grande, que não póde ser maior; tão grande, que ainda é maior do que parece. O que nesta materia vêem os olhos, é muito; o que discorre o entendimento, é tudo. E' tão grande o empenho desta empreza, que não sei como declarar o que entendo delle. Deus nos dê o successo que esperamos, porque vejo nesta jornada empenhado todo o reino em corpo e em alma. Já acertei a o dizer: explicar-me-hei agora.

Primeiramente está empenhado o reino com todo

o corpo; porque não só se abalou a cabeça, não só temos em campanha a El-rei, que Deus guarde, que basta para pôr o mundo em grande expectação, como a pós em grande cuidado. Mas para ser total o empenho, seguirão o exemplo e a cabeça, por união natural, todos os membros da monarchia; os grandes, os titulos, a nobreza, a casa real, a côrte, os requerentes, os lettrados, as universidades inteiras, as pessoas particulares de todas as cidades e villas, os auxiliares das comarcas, os presidios das provincias, emfim, tudo. De maneira que havemos de considerar, que temos em campanha, não um exercito de Portugal, senão Portugal em um exercito. De tal sorte é esta causa commum, que toca a todos em particular, e no mais particular de cada um. Lá vão os paes, lá os filhos, lá os maridos, lá as casas, lá os herdeiros, lá os corações, lá o remedio de todos. Os que cá ficamos, estamos fóra do exercito para o trabalho, mas marchamos com os demais para o perigo. Assim que todo o corpo do reino temos empenhado nesta empreza; e para que ao corpo lhe não faltasse o sangue, considerae as grandes despezas publicas e particulares que se teem feito, e quanta desgraça seria ficarem mal logradas.

Menos fôra estar empenhado o corpo do reino, se não levára tambem nesta occasião empenhada comsigo a alma, que no juizo dos que adiantam os olhos ao futuro, importa mais que tudo. A alma dos reinos, principalmente em seus principios, é a opinião. Esta vae hoje buscar a Castella o nosso exercito. Difficultosa empreza em que não imos só conquistar as forças de um reino, e muitos reinos, senão os juizos do mundo. Este ponto é o que nos deve pôr em maior cuidado que a mesma guerra. Quando Christo Senhor nosso prophetisou as guerras, que da sua até á nossa edade teem inquietado todos os seculos, disse que se haviam de levantar umas nações contra outras nações, e uns reinos contra outros reinos: *Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum:* [1] e para encarecer o perigo das mesmas guerras que annunciava, accrescenta (coisa muito digna de se notar) que então não só havia de haver batalhas, senão tambem as opi-

[1] *Luc.*, XXI, 10.

niões das mesmas batalhas: *Audituri enim estis prœlia, et opiniones prœliorum.* [1] A mais perigosa consequencia da guerra, e a que mais se deve receiar nas batalhas, é a opinião. Na perda de uma batalha arrisca-se um exercito; na perda da opinião arrisca-se um reino. Salomão, o rei mais sabio, dizia que melhor era o bom nome, que o oleo com que se ungiam os reis: *Melius est bonum nomen, quam oleum unctionis, quo ungebantur capita Regum;* [2] porque a unção póde dar reinos, a opinião póde tiral-os. E senão vêde a quanto mais nos empenha a reputação do reino, do que nos empenhou a restituição do rei. Para acclamar o rei, bastou a resolução de poucos homens; para reputar o reino, ajuntamos exercito de tantos mil. Para o primeiro bastaram poucos corações e poucas vozes; para o segundo são necessarios tantos braços e tantas vidas. Oh que grande peso de consequencias se abala hoje com o nosso exercito! O respeito dos inimigos, a inclinação dos neutraes, a firmeza dos alliados, tudo isto está hoje tremulando nas nossas bandeiras: *Spectaculum facti sumus mundo:* [3] A batalha será nos campos de Badajoz; o successo está suspendendo os olhos e as attenções de todo o mundo. Roma, Hollanda, Castella, França, todos estão á mira com a mesma attenção, posto que com intentos diversos. Roma se ha de receber; Hollanda se ha de quebrar; Castella se ha de desistir; e até França, em cujo amôr e firmeza não póde haver duvida, está suspensa com os sobresaltos de amiga e interessada, que ainda que não façam mudança no coração, causam alteração no cuidado. A dieta de Allemanha não é a que menos observa este successo, para fundar os respeitos de suas resoluções, que por mais que o nosso direito seja tão evidente, e a nossa causa tão justa, os reinos não os pesa á justiça na balança, mede-os na espada.

Esta opinião tão importante é a que vae buscar o nosso exercito; e para que deste logar da verdade a confessemos, não só a vae buscar, senão tambem a recuperal-a, pelo succedido na proxima campanha. Bem

1 *Math.*, XXIV, 6.
2 *Eccl.*, VII, 2 ex vers. Chald.
3 *1.ª Epist. ad Cor.*, IV, 9.

sei, e tenho ouvido a subtileza dos discursos com que os nossos politicos querem negar á mesma campanha o nome de victoriosa, como se as sentenças de Marte se fundaram em discursos ou arrasoados. Custar-lhe (dizem) uma ponte de Portugal um exercito, antes é desengano que esperança. Cortar o passo aos rios, antes é desconfiar da defeza, que aspirar á conquista. Fazer-se a guerra ás pedras e não aos homens, antes foi acção de receio que de poder. Se nos quiz entreprender uma aldeia, as armas, de que ficou semeado o terreno provam a pressa com que se recolheram; e o sangue e corpos mortos, o valor com que resistimos. Renderam-nos uma atalaia em que vigiavam dez soldados; mas entre os seus houve quem disse, que antes quizera ser tão bizarramente vencido, que com tanta desegualdade vencedor. Oito mil homens eram os que sitiaram tão poucos, e depois de não admittirem embaixadas, depois de se não renderem a baterias, depois de rebaterem duplicados assaltos, tendo-lhes levado um caso grande parte de tão pequeno numero, primeiro desprezaram a morte, querendo ser voados, do que consentiram a vida, acceitando partidos. Emfim, as armas aggressoras, sem opposição offensiva, campearam livremente, e nem por isso nos deixaram com grandes damnos, ou se recolheram com grandes vantagens.

Mas as materias da opinião são muito delicadas, e a consciencia da honra não admitte escrupulos. E' certo que o seu exercito entrou sem resistencia, e se recolheu sem opposição; e basta que entrasse e sahisse para que nos não deixasse a casa airosa. As batalhas são desafios grandes, e ter aguardado no posto nunca deixa acreditado a quem não sahiu. Destruir e edificar são dois grandes argumentos de poder. Por estes termos explicou Deus o poder que dava ao propheta Jeremias: *Ut destruas, et dissipes, et ædifices, et plantes.* [1] Vêde se terão occasião para blasonar que entraram em Portugal victoriosos os que deixam um forte demolido e outro edificado. Um arco triumphal edificou Saül pela victoria de Amalec: e quantos arcos levantaram as trombetas da sua fama por dois que nos quebraram de uma ponte? Que escreveram, que pu-

[1] *Jerem.*, I, 10.

blicaram pelo mundo? Se de duas aldeias, que nos entraram, fizeram suas gazetas duas grandes cidades, muito havemos mister para nos livrar de suas penas, posto que nos desembaracemos de suas mãos. Esta é a injustiça da fama, que tanto desacredita com o presumido, como offende com o verdadeiro. Doze bandeiras acharam em um carro comboyado de lavradores, que levaram e teem em seu poder: e posto que não foram tomadas em guerra, quem ha de distinguir nellas o que é tafetá, do que é insignia? Quem ha de provar ao mundo que foram roubo e não victoria? São hoje estas bandeiras de Portugal como a capa de José nas mãos da Egypcia. Alli estava a fraqueza da parte de quem mostrava a capa, e o valor da parte de quem a perdera. Mas José padecia os desares da opinião, e a Egypcia lograva os applausos da fama que não merecia: porque quem póde mostrar em sua mão os despojos, sempre tem por si a presumpção da victoria; e mais quando não podemos negar aos olhos do mundo a grande desegualdade dos compassos, com que a geometria mede nos mappas as suas e as nossas fronteiras.

III

E como os empenhos da occasião presente são tão grandes, com muita razão trata hoje a piedade da rainha nossa senhora de segurar o successo com Deus, e render o céu com orações, em quanto o nosso exercito defende a terra com as armas. A El-rei David lhe aconselharam os seus que não sahisse á campanha em certa occasião de guerra, persuadidos (como diz Lyrano) que mais os podia ajudar ausente com as orações, que presente com as armas: *Plus enim poterat adjurare existentes in prælio suis orationibus absens, quam viribus præsens.* Assim o fez David, mas não o fez assim El-rei, que Deus guarde. Dividiu-se entre as orações e as armas, porque se está ausente na campanha, tambem o temos presente na melhor e a mais presada parte de si mesmo. Lá como Josuë assistindo ao governo dos exercitos, cá como Moysés levantando as mãos a Deus. De El-rei D. Affonso V lêmos que

quando entrou por Castella tinha comsigo nos arraiaes a rainha D. Joanna, e o principe D. João; e o successo foi, que ficando vencido o troço do exercito que governava El-rei, o que pertencia á rainha e ao principe, ficou victorioso. O que eu espero na occasião presente é que se não ha de dividir a fortuna, mas que se ha de unir a victoria. Serão vencedoras as armas de Barac, mas attribuir-se-ha o triumpho ás orações de Debora: *Hac vice victoria non reputabitur tibi, quia in manu mulieris tradetur Sisara.* [1]

E para que se conheça a prudencia da nossa valorosa e santa Judith nesta sua oração, vejamos nas palavras que propuz como acode a todas as circumstancias que hoje nos podem inquietar o cuidado. Tres difficuldades se nos podem representar nesta empreza. A primeira aquella razão geral de pelejar Portugal contra Castella, o menor poder contra o maior; a segunda ser este superior na sua cavalleria, que na campanha faz mui desegual o partido; a terceira ser inverno, em que as chuvas e inundações dos rios podem atalhar o passo e impedir as operações ao exercito. A todas estas difficuldades está satisfazendo Judith nas palavras da sua oração, fallando com Deus como se fallára comnosco.

IV

E' verdade que sáe a pelejar o menor poder contra o maior; mas a isso responde Judith: *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine:* [2] que as victorias de Deus não dependem da multidão, nem do numero dos soldados. E' pratica mui ordinaria entre os politicos que sempre Deus se põe da parte dos mais mosqueteiros. Esta proposição nasceu nas guerras de Flandres, e não é muito que seja heretica. Dias ha que a desejo tomar entre mãos, para a confutar; agora o farei brevemente. Dizer que Deus ordinariamente se põe da parte dos mais, não só é ignorancia das histo-

[1] *Judic.*, IV, 9.
[2] *Judith*, IX, 16.

rias humanas, mas heresia formal contra as Escripturas Sagradas. Quem isto diz é hereje. Vão os Textos. No primeiro Livro dos Reis, Cap. 14, diz assim a Escriptura: *Non est Domino difficile salvare, vel in multis, vel in paucis.* [1] No segundo Livro do Paralipomenon, Cap. 14: *Domine, non est apud te ulla distantia, utrum in paucis auxilieris, an in pluribus.* [2] No primeiro Livro dos Macchabeus, Cap. 3.°: *Facile est concludi multos in manu paucorum, nec est differentia in conspectu Dei Cœli liberare in multis, et in paucis.* [3] Todos estes Textos querem dizer conformemente que Deus para dar as victorias, não attenta para o numero dos soldados, e que com tanta facilidade faz vencedores aos poucos como aos muitos. Assim que, dizer e entender o contrario é erro, é impiedade, é heresia. E para que esta verdade lance firmes raizes em nossos corações, e nos resolvamos de uma vez, que póde Portugal prevalecer e vencer, ainda que sejamos menos em numero, vamos aos exemplos.

El-rei Roboão poz em campo contra o reino de Judá oitenta mil homens; sahiu-lhe ao encontro El-rei Abias só com quarenta mil. E quem venceu? Sendo o exercito do reino de Judá ametade menor, inclinou Deus para a parte dos menos, e ficou Abias com a victoria. Contra Achab rei de Israël, veiu Benadad, rei de Syria, a quem acompanhavam outros trinta e dois reis, e eram tantos os soldados em seus exercitos, que disse soberbo Benadad: que em toda Samaria não havia um punhado de terra para cada um. Não tinha El-rei Achab na sua côrte mais que sete mil duzentos e trinta e dois homens, e com estes, confiado em Deus, sahiu fóra dos muros, e ensinou a Benadad, que havia bastante terra em Samaria para sepultura de seus exercitos. Mas ainda nestas victorias se contavam os soldados por milhares. Vamos a menor numero. Só com quatrocentos soldados venceu David o exercito victorioso dos Amalecitas, não ficando vivos mais que quatrocentos, que fugindo escaparam. Só com trezentos e dezoito homens de sua casa venceu Abrahão em ba-

---

[1] *1.° Livr. dos Reis*, XIV, 6.
[2] *2.° Paral.*, XIV, 11.
[3] *1.° Machab.*, III, 18.

talha a cinco reis. E só com trezentos, e esses desarmados, desbaratou Gedeão os exercitos orientaes dos Madianitas, que não cabiam nos campos. Ha maior desegualdade? Pois ainda aqui os vencedores se contam a centenas. Vamos a unidades. Armaram os Philisteus contra El-rei Saül tão poderoso exercito, que só os carros (em que naquelle tempo se pelejava) eram trinta mil, e a gente de pé tanta em numero, que, diz a Escriptura, egualava ás areias do mar. Que poder vos parece que seria bastante para vencer tal exercito? Accommetteu-o uma noite o principe Jonathas, acompanhado só do seu pagem da lança, e porque Deus os ajudava, bastaram só dois homens para metter em confusão, e pôr em fugida a tantos mil. Chama a Escriptura a isto não milagre, senão quasi milagre: *Et accidit quasi miraculum à Deo;* [1] porque é Deus tão costumado a se pôr da parte dos menos, que ainda em similhantes maravilhas não excede as leis ordinarias de sua Providencia. Ainda não disse tudo. Menos é que dois homens um homem; menos é que um homem uma mulher e um só David com uma funda venceu o exercito dos Philisteus e uma só Jaël com um cravo desbaratou o poder de Jabin. E como Deus, e não o numero dos soldados, é o que dá as victorias, bem póde Portugal, posto que menor, fiado no braço de Deus, sahir a campo, não só com parte do poder contrario, senão com todo. Acontecer-nos-ha nos campos da Estremadura o que nos de Ourique com os mouros, e nos de Aljubarrota com os mesmos castelhanos, que vencer com numero egual nem é victoria de Deus, nem de portuguezes: *Non enim in multitudine est virtus tua, Domine.*

A segunda consideração que podia difficultar esta empreza, era o numero superior da cavalleria, em que somos excedidos. Mas a isso acode tambem Judith na sua oração, dizendo: *Neque in equitibus voluntas tua est.* A vossa vontade, Senhor, com que daes a victoria a quem sois servido, não está posta em cavallos nem em cavalleiros. Isto mesmo tinha dito David muito tempo antes, como experimentado: e o que é mais para a nossa confiança, o mesmo tinha promettido

[1] *1.º Livr. dos Reis,* XIV, 15.

como propheta para os tempos vindoiros: *Non in fortitudine equi voluntatem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei.* [1] A maior fortaleza dos exercitos, diz David, consiste na cavalleria: e a maior fortaleza da cavalleria consiste em cavallos fortes, e em homens fortes a cavallo: *In fortitudine equi, in tibiis viri;* mas como Deus é o Senhor dos exercitos, e dá as victorias a quem quer, e quer que só a elle se attribuam; pelo mesmo caso não põe ou porá jámais nem a sua vontade na fortaleza dos cavallos, nem o seu beneplacito na dos cavalleiros: *Non in fortitudine equi voluntatem habebit, neque in tibiis viri beneplacitum erit ei.*

E para que não vamos mais longe, na mesma cavalleria do exercito de Holofernes, e no mesmo caso de Judith temos a prova. A cavalleria do exercito de Holofernes, que sitiava os muros de Bethulia, constava de vinte e dois mil cavallos: *Equitum viginti duo millia,* [2] diz o Texto Sagrado. E com que venceu Deus toda esta cavalleria? Com mais e melhores tropas? Com mais e melhores cabos? Com mais e melhores soldados, mais bem montados e armados? Não. Com uma só mulher a pé. E já póde ser que esse foi o mysterio e a energia, com que notou o mesmo Texto, que os pés de Judith foram os que renderam a Holofernes: *Sandalia ejus rapuerunt oculos ejus.* [3] Querendo mostrar Deus, que para vencer muitos milhares de homens a cavallo, basta uma só mulher, e essa a pé. Esta é a cavalleria, e estas são as cavallerias de Deus. Agora entendo eu um logar dos Cantares, que não sei se o entendem todos: *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te, amica mea.* [4] Sabeis com que vos pareceis, amiga minha? Diz Deus: pareceis-vos com a minha cavalleria: *Equitatui meo assimilavi te.* Pois com a sua cavalleria compara Deus uma mulher? Sim. Porque para desfazer vinte e dois mil cavallos, como os que estavam sobre Bethulia, parece que era necessario grande numero de cavalleria, e o que ha-

---

[1] *Psalm.* CXLVI, 10.
[2] *Judith,* VII, 2.
[3] *Ibid.,* XVI, 11.
[4] *Cant.,* I, 8.

via de obrar toda essa cavalleria, obrou só Judith em uma sortida que fez a pé, porque era amiga de Deus: *Equitatui meo assimilavi te, amica mea*

Mas é muito mais difficultoso neste passo que não falla Deus de qualquer cavalleria sua, senão da cavalleria com que desbaratou o exercito d'El-rei Pharaõ no Mar Vermelho: *Equitatui meo in curribus Pharaonis assimilavi te.* Deus, quando venceu a Pharaõ, não pelejou com cavalleria, porque o seu povo vinha fugitivo do captiveiro, todos a pé, ninguem a cavallo. Pois se não havia cavallos da parte do povo, por quem Deus pelejou e venceu: que cavalleria é esta sua: *equitatui meo*? Responde Ruperto Abbade, (e é a razão litteral) que a cavalleria de Deus nesta victoria foi a vara de Moysés, porque com ella abriu caminho ao povo pelo Mar Vermelho, e com ella se suspenderam as ondas que sepultaram a Pharaõ e seus carros. Pois uma vara é a cavalleria de Deus? Sim, uma vara. Porque dependem tão pouco as victorias de Deus da mais ou menos cavalleria dos exercitos, que uma vara que poderá servir, quando muito, para açoitar um cavallo, bastou para romper e desbaratar toda a cavalleria do Egypto. Façamos por ter a Deus por nós, e seja embora o poder que têmos contra nós, superior na sua cavalleria. Quem tem por si o braço de Deus, não lhe são necessarios para vencer muitos cavallos, nem um só cavallo. Com uma queixada de um animal, que não chegava a ser cavallo, *in mandibula asini*, venceu Samsão exercitos inteiros, porque tinha por sua parte a cavalleria de Deus, que é a sua vontade: *Neque in equitibus voluntas tua est.*

A terceira difficuldade é o inverno tão entrado. Mas que bem acode a esta difficuldade na sua oração a nossa Judith! *Domine Deus cœli, creator aquarum:* Senhor Deus do céu, creador das aguas. Parece que só para esta occasião foram feitas estas palavras. Porque chama Judith a Deus creador das aguas e não se lembra dos outros elementos? Porque lhe não chama creador da terra, creador do ar, e muito mais, creador do fogo, que na guerra é o mais activo e mais poderoso instrumento? A razão é, porque os inimigos tinham quebrado os aqueductos de Bethulia, os canaes por onde se communicavam as fontes á cidade, para que os sitiados se entregassem obrigados da sêde.

E como os inimigos queriam fazer a guerra com agua, por isso particularmente allegava Judith a Deus ser creador e senhor deste elemento: *Domine Deus cœli, creator aquarum*. Com o mesmo elemento, posto que por differente traça, nos querem hoje fazer a guerra as disposições contrarias bem conhecidas. Esperam pelas inundações do Guadiana para sitiar as nossas praças, e teem quebrado a ponte, para impedir o passo aos nossos soccorros. Mas se Deus é o Senhor e o creador das aguas, que importa que com ellas nos determine fazer a guerra, quem por grande que seja o seu imperio, o não tem sobre as nuvens? Que importa que espere contra nós pelos diluvios de Noé, se Portugal tem a chave de Elias para fechar ou abrir as fontes do céu? Bem se vê em todos estes mezes, e bem se viu o anno passado no intentado sitio de Elvas, pois precedendo antes, e seguindo-se depois um verão extraordinario de muitos dias, só nos oito em que o exercito sitiador aturou a campanha, foram taes as lanças de agua que continuamente estava chovendo o céu, que elle mais que a nossa artilheria, o fez retirar com tanta perda de gente e reputação, como vimos.

A Job perguntou Deus uma hora, se tinha entrado nos seus armazens da neve, e chuva, que elle tem reservado para o tempo da guerra: *Numquid ingressus es thesauros nivis, et grandinis, quos servavi mihi in tempus pugnæ, et in diem belli?* [1] As chaves destes armazens parece que as tem Deus dado a Portugal, pois tanto se serve destas armas em suas victorias. Os reis de Portugal são senhores do mar Oceano, direito contra o qual se teem composto tantas apologias nas nações estrangeiras. E assim servir o elemento da agua aos nossos reis não é maravilha, senão obrigação. Bem se tem visto e experimentado na occasião presente, em que o mar tanto a seu tempo nos veiu trazer os tributos para esta guerra. Aquella chuva tão rara do dia da coroação d'El-rei, que a muitos pareceu prodigiosa, foi offerecer-se desde então o elemento da agua a militar debaixo de nossas bandeiras. E não tenhaes por encarecimento ou lisonja esta interpretação; porque os reis dados por Deus costumam trazer a seu soldo este elemento. Quando Absalão fez guer-

[1] *Job.*, XXXVIII, 22.

ra a David, rebellando-se tantos de seus vassallos contra um rei ungido e dado por Deus, sempre o elemento da agua lhe foi fiel e propicio. E' caso notavel. Quiz Chusaï, confidente de David, avisal-o secretamente do conselho de Achitofel para que se puzesse em salvo. E para este recado de tanta importancia e risco, diz o Texto que achou a Jonathas e Achimaas junto da fonte de Rogel: *Juxta fontem Rogel.* [1] Foram vistos estes dois embaixadores por uma espia; e para escaparem, entraram em uma casa e metteram-se em um poço: *Descenderunt in puteum.* [2] Chegaram os soldados de Absalão para os prender, respondeu o dono da casa que alli chegaram aquelles homens mas que não fizeram mais que beber um pucaro de agua e passarem: *Transierunt gustata paululum aqua.* [3] Finalmente chegou o recado a David, o qual passando da outra banda do rio Jordão, ficou em salvo elle e todos os seus soldados: *Transierunt Jordanem, et ne unus residuus fuit, qui non transisset fluvium.* [4] De sorte que de quatro modos se apostou o elemento da agua a salvar e favorecer a David. Favoreceu-o a agua nos rios: *Transierunt Jordanem;* favoreceu-o a agua nas fontes: *Juxta fontem Rogel;* favoreceu-o a agua nos poços: *Descenderunt in puteum:* favoreceu-o a agua nas mãos e na bôcca: *Gustata paululum aqua.* Assim serve o elemento da agua aos reis dados por Deus: assim serviu a David, assim serve, e assim ha de servir ao nosso rei nesta occasião. Já nos serviu no mar, ha-nos de servir no rio, ha-nos de servir nas nuvens, ha-nos de servir na terra: que ainda que o tempo promette chuvas e inundações, Deus é Senhor dos céus e creador das aguas: *Dominus cœli, creator aquarum.*

V

E como o fim da presente empreza, sempre difficultoso, e contingente em qualquer poder humano, só na virtude do braço divino póde estar seguro, por isso

1 *2.º Livr. dos Reis,* XVII, 17.
2 *Ibid.*, 18.
3 *Ibid.*, 20.
4 *Ibid.*, 22.

a nossa Judith, tão pia como prudentemente na sua oração, não fazendo conta das forças humanas, põe toda a sua confiança na misericordia divina: *Exaudi me miseram deprecantem, et de tua misericordia præsumentem.*

Mas ou estas palavras as entendamos de Judith, quanto á lettra, ou de nós, quanto á accommodação: parece que entre o rendido da piedade involvem o pusillanime da desconfiança. A cidade de Bethulia estava prevenida de fortificações, provida de bastimentos, e apparelhada á defeza. Pois porque se chora tanto Judith, e não duvída de representar a Deus o seu estado com o nome infimo de miseria: *Exaudi me miseram deprecantem?* Em nós serão ainda mais de estranhar estes termos; porque verdadeiramente neste caso, fallando do céu abaixo, temos as maiores razões que póde haver, para estar muito confiados, e esperar uma grande victoria. E senão discorrei um pouco antes que responda.

Primeiramente, que exercito entrou nunca em campanha com a confiança mais bem fundada no valor de seus soldados, e muito mais na qualidade delles, que o nosso? A Josuë disse Moysés que escolhesse, e não que ajuntasse exercito: *Elige viros, et egressus, pugna contra Amalec.* [1] O numero faz multidão, o valor e o exercicio faz exercito. Assim que, posto que sejam tantos mil, não havemos de estimar os nossos soldados, por quantos, senão por quaes são. São aquelles exercitados soldados, que tendo dilatado a patria em suas Conquistas, hão de mostrar agora quanto mais é pelejar nella, e por ella. São aquelles valorosos portuguezes, que nos mesmos hombros, em que tomaram o reino, ha cinco annos que sustentam as armas, tendo já tanto a guerra por exercicio, como a victoria por costume. São aquelles, (para deixar exemplos maiores) que, sitiados por um exercito sessenta em Santo Aleixo, primeiro renderam todos a vida que a praça, e accommettidos por outro exercito, oitenta em Jerumenha defenderam a dez assaltos a praça, e mais as vidas. Para que entendam os exercitos de Castella, ainda que foram de romanos, (o que nós não podemos negar nem ao seu valor, nem á sua sciencia militar, nem ao

[1] *Exod.*, XVII, 9.

seu grande poder, nem ao nosso mesmo respeito, com que tudo isto reconhecemos) para que entendam, digo, que a menor aldeia de Portugal quando se rende é Numancia, e quando se defende, Carthago. Ao passar do rio Pado contra Annibal, para metter em confiança Scipião aos seus, lembrou-lhes que os soldados com que iam pelejar, eram aquelles que tantas vezes tinham vencido, e de quem já tinham por premio da guerra Sicilia e Sardenha: *Cum iis est vobis, milites, pugnandum, à quibus capta bello prædia Siciliam, et Sardiniam habetis.* [1] D'aqui inferiu o famoso capitão: *Erit igitur in hoc certamine is vobis, illisque animus, qui victoribus, et victis esse solet;* e a mesma confiança póde levar por consequencia o nosso exercito. Vão pelejar os portuguezes com aquelles que muitas vezes, em tempos passados, e algumas já nos presentes, teem vencido e de quem possuem por refens da victoria duas praças fortes, conquistadas e conservadas em suas proprias terras. Finalmente, os nossos soldados são todos portuguezes: os contrarios de nações diversas: e vae muito de pelejar com corações amorosos a resistir com braços comprados. A David disse Saül que lhe daria a desejada posse de Michol, a quem muito amava, se lhe trouxesse cem cabeças de philisteus. Entrou na batalha, e como pelejava com amôr, trouxe duzentas. Que portuguez haverá que não seja David, se para cada um a patria é a sua Michol? Nelles se cumprirá o que disse Platão, que se se formasse um exercito de namorados seria invencivel.

Esta só consideração bastava para segurar a nossa confiança de todo receio. Mas que direi da nobreza, e tanta nobreza, de que se compõe e illustra o nosso exercito? Quando David se offereceu para sahir a desafio com o Gigante, perguntou El-rei Saül a Abner, de que geração era aquelle moço: *Ex qua stirpe descendit hic adolescens?* [2] E que importava a geração para o desafio? Importava muito; porque cada um obra como quem é: e para Saül julgar se sahiria vencedor, quiz-se informar se era honrado. Já David tinha dito a Saül que partira ursos, e desqueixára leões: e

---

1 Tit. Liv. Dec. III, 1.

2 1.º *Livr. dos Reis*, XVII, 55.

sobre tudo isto pergunta-lhe ainda o rei pela geração, porque era melhor fiador da victoria o sangue nobre que tinha, que o sangue bruto que derramára. Os homens de inferior condição, ainda que sejam valorosos, pelejam sós: o nobre sempre peleja acompanhado, porque peleja com elle a lembrança de seus maiores, que é a melhor companhia. Em Ascanio pelejava Eneas e Heitor; em Pyrrho pelejava Achilles e Peleu; nos Decios, nos Fabios, nos Scipiões, pelejavam os famosos primogenitores de seus appellidos: e com tão animosos lados quem não ha de ser valente? A S. José disse o Anjo quando o viu temeroso, que se lembrasse que era filho de David: *Joseph fili David, noli te timere.* [1] Como ha de ter medo no coração, quem tem a David nas veias? Até Christo quando houve de tirar a capa para entrar na batalha, diz o Texto que se lembrou de quem era Filho: *Sciens quia à Deo exivit, ponit vestimenta sua.* [2] E como Christo entrou na campanha com estas considerações, ainda que o amôr da vida lhe fez seus protestos no Horto, em fim, pelejou, derramou o sangue, morreu; mas morrendo triumphou da morte. Grandes premissas de confiança tem logo Portugal nesta occasião, pois tem toda a sua nobreza empenhada na gloria desta empreza. Com os ossos do grande Affonso de Albuquerque dizia El-rei D. João o III, que tinha segura a India. E se estava segura a India com os ossos mortos de um capitão, quão seguro estará Portugal com o sangue vivo de tantos? Todos os que morreram nas conquistas de Portugal, vivem hoje no sangue dos que assistem á defeza delle.

Accrescenta immensamente esta esperança, como razão da maior e mais alta esphera, a presença e assistencia de sua magestade, que Deus guarde, que para dar calor e alento a suas armas, as quiz governar de mais perto. Quando o exercito d'El-rei David houve de dar a batalha ao de Absalão, diz o Texto que se deixou o rei ficar na côrte, e que não sahiu á campanha, como costumava. Pois David, que era tão bellicoso, e não perdia occasião de guerra, porque não quiz esta vez dispôr a batalha, e que o exercito se go-

[1] *Math.*, I, 20.
[2] *Joan.*, XIII, 3 e 4.

vernasse por suas ordens? Divinamente Santo Ambrosio: *David metuebat vincere.* David nesta batalha tinha medo de sahir com victoria, por isso não sahiu. Notae. Esta batalha era contra Absalão, filho do mesmo David; e como os paes sentem mais as perdas dos filhos que as suas proprias, ainda que David mandava dar a batalha como rei, temia que Absalão ficasse vencido, como pae. E porque David antes temia, que desejava a victoria, por isso nesta occasião se deixou ficar na côrte, e não quiz sahir em campanha. Ficar o rei na côrte, é diligencia para ser vencido, sahir o rei á campanha, é certeza de haver de ser vencedor. E como têmos a El-rei na campanha e não na côrte, bem nos podemos prometter a victoria. Têmos tudo o que os Israelitas desejavam, quando pediram rei a Deus: *Egreditur ante nos, et pugnabit bella nostra pro nobis.* [1] Grave caso é que tendo aquelles homens a Deus, que os governava na paz e na guerra, se não déssem por contentes, e que sobre isto instassem ainda e pedissem um rei que sahisse com elles ás batalhas: mas o motivo que tiveram, foi porque ainda que conheciam que Deus é o Senhor das victorias, parecia-lhes que humanamente desta maneira as seguravam melhor. Ter a Deus no céu, e o rei no campo, é ter a primeira causa e mais as segundas.

Sobre tudo vae comnosco, e marcha no nosso exercito a justiça da nossa causa. Não sei se tendes reparado que o primeiro homem que morreu neste mundo fosse Abel. A morte é de fé que entrou no mundo em castigo do peccado: *Per peccatum mors,* [2] diz S. Paulo. Supposto isto, parece que o primeiro morto havia de ser o primeiro peccador, e não o primeiro innocente. Pois se Abel era o primeiro innocente e Adão o primeiro peccador: porque não quiz Deus que fosse o primeiro morto Adão, senão Abel? A razão foi, diz S. Basilio de Seleucia, porque na injustiça, com que a morte se introduziu no mundo, traçava Deus a victoria, com que a havia de lançar delle. O fim para que Deus veiu ao mundo foi vencer a morte: se a morte se introduzia por Adão, fazia guerra justa aos homens: pois por isso dispoz Deus que a

---

1 *1.º Livr. dos Reis*, VIII, 20.
2 *Rom.*, V, 12.

morte começasse tyrannicamente pela innocencia de Abel, para que sendo da parte da morte injusta a guerra, ficasse da parte de Christo segura a victoria na justiça da causa, que o mesmo Deus parece que não podia vencer a morte, se ella nos fizera guerra justa. Oh que seguro temos nesta parte o bom successo de nossas armas! Não ha guerra mais justa que a que hoje fazemos, justa pelo legitimo direito do reino, justa pela satisfação dos damnos passados, justa pela defeza natural, e antecipada prevenção do futuro, e mais justa ainda na presente occasião, por sermos provocados. Como poderá logo faltar a victoria a tantas razões de justiça? Assim o assegurava S. Bernardo aos Cavalleiros Templarios, e assim o podemos nós assegurar aos de Christo, Sant'Iago, e Aviz, e ao Grão Mestre de todos.

Finalmente, os dois ultimos fundamentos que temos para esperar victoria, são as acções contrarias e as nossas. Isto que agora direi parece que toca em arte de adevinhar: mas se é magica, a Sagrada Escriptura m'a ensinou. Primeiramente digo que os nossos oppositores hão de ficar vencidos; porque quando vieram com o seu exercito, ficaram da banda de além, e não passaram o rio. Vae a prova. Estava Timotheo, capitão general dos Ammonitas, com o seu exercito da banda d'aquem de um rio esperando pelo exercito de Judas Machabeu, que marchava contra elle; e disse assim a seus capitães: *Cum appropinquaverit Judas, et exercitus ejus ad torrentem aquæ:* [1] quando Judas e seu exercito chegar á ribeira: *si transierit ad nos prior, non poterimus sustinere eum:* [2] se passar desta banda do rio, é signal que lhe não poderemos resistir: *si autem timuerit transire, et posuerit castra extra flumen:* [3] porém se elle receiar passar e aquartelar o seu exercito da outra parte: *transfretemus ad eos, et poterimus adversus illos:* passemos o rio da outra banda, porque é signal que os havemos de vencer. Assim o disse Timotheo, e assim aconteceu; porque passando Judas primeiro o rio, foram vencidos os Ammonitas. Pois se

---

1 *1.º Machab.*, v, 40.
2 *Ibid.*, 41.
3 *Ibid.*

não se atrever o inimigo a passar o exercito da banda d'áquem do rio, é signal de haver de ficar vencido, vêde se tem bons prognosticos a nossa victoria, pois elle esteve tão fóra de passar o seu exercito a esta parte, que antes impossibilitou a passagem quebrando a ponte. E assim como não passar elle o rio é signal de ficar vencido; assim irmol-o nós buscar a elle, é signal de havermos de ser vencedores.

Como a materia é tão nova, e ao parecer difficil, quero ajuntar segunda prova. Quando Jonathas estava á vista do exercito dos Philisteus, disse ao seu pagem da lança desta sorte: Se os inimigos nos disseram: *Manete donec veniamus:* [1] esperae que nós imos, não os accommettamos; porém se disserem: *Ascendite ad nos:* [2] vinde-nos buscar a nós: em tal caso: *ascendamus, quia tradidit eos Dominus in manibus nostris, hoc erit nobis signum:* [3] accommettamos animosamente, porque isto é signal que nos quer Deus entregar o inimigo em nossas mãos. Da maneira que Jonathas o disse, succedeu; porque esperando os Philisteus que elle os fosse buscar, accommetteu Jonathas, e ajudado da noite e da confusão, alcançou a mais prodigiosa victoria que viu o mundo. O mesmo digo no nosso caso. Como o exercito philisteu, posto que o seja em respeito de nós, vindo a Portugal nos não accommetteu nas nossas praças, e espera que nós o busquemos nas suas; razão temos e bom annuncio de o fazer assim e entrar confiadamente, porque isto é signal que Deus os quer entregar nas nossas mãos: *Ascendamus, quia Dominus tradidit eos in manibus nostris: hoc nobis signum.*

VI

Pois se Portugal, (torne agora a nossa duvida) se Portugal nesta occasião tem tantas e tão bem fundadas razões para confiar no poder do exercito, no valor dos soldados, na nobreza e obrigações dos que o se-

1 *1.º Livr. dos Reis,* XIV, 9.
2 *Ibid.*, 10.
3 *Ibid.*

guem, na assistencia do rei, na justiça da causa, e ainda nas mesmas acções contrarias e nossas; como se representa a nossa Judith, diante de Deus com tantas desconfianças humanas, como as que pudera ter no caso do maior desamparo e da maior miseria: *Exaudi me miseram deprecantem, et de tua misericordia præsumentem?* Oh que prudente oração! Atégora vos fallei, senhores, como a portuguezes, agora e d'aqui por diante, como a christãos. Em todas as razões que tenho dito, tiradas pela maior parte da vossa bôcca, posto que as tenhaes por verdadeiras, nenhum fundamento havemos de fazer senão confiar sómente da misericordia de Deus: *De tua misericordia præsumentem*, porque esses apparatos, esses exercitos, essas forças humanas sem a misericordia divina tudo é miseria: *Exaudi me miseram deprecantem.*

David, aquelle rei que de ambas as fortunas da guerra deixou ao mundo os maiores exemplos, estava em uma occasião de batalha com exercito superior em tudo ao de seus inimigos, e prostrado diante de Deus, fez esta oração: *Domine Deus meus, in te speravi, salvum me fac ex omnibus persequentibus me, et libera me, nequando rapiat ut leo animam meam, dum non est qui redimat, neque qui salvum faciat.* [1] Deus meu, e Senhor meu, (diz David) só em vós espero: defendei-me e livrae-me de meus inimigos, para que me não despedacem e tirem a vida como leões; pois vêdes que não tenho quem me ajude nem me defenda. Repara muito S. Chrysostomo nesta ultima clausula da oração de David: e contra ella, e contra elle replica assim: *Collegit exercitum, et multos secum habuit: quomodo ergo non est qui redimat, neque qui salvum faciat?* Se David tinha feito as maiores levas de gente: se David tinha comsigo o mais florente e poderoso exercito: se David (que isso só bastára) se tinha a si mesmo, o seu valor, a sua experiencia, a sua espada, como diz, que não tem quem o ajude nem o defenda? Bem diz David, responde Chrysostomo: *Quoniam ne universum quidem orbem terrarum auxilia loco habet, nisi opem divinam fuerit assequutus.* Sabia David, como santo e como soldado, que ainda que tivesse comsigo conjuradas e unidas todas

[1] *Psalm.* VII, 2 e 3.

as forças do mundo, se não tivesse a Deus de sua parte, nada lhe podiam valer; por isso, cercado de guardas e de batalhões, e no meio do mais poderoso exercito, diz e protesta a Deus, com muita razão, que não tem quem o livre, nem o defenda: *Dum non est, qui redimat, neque qui salvum faciat.* Assim entendia David as materias da guerra, e assim as devemos nós entender, se queremos ter bom successo.

De tua misericordia præsumentem. Ponhamos toda a nossa confiança na misericordia divina, e façamo-nos dignos della, se queremos sahir com victoria. Humilhemo-nos diante de Deus: reconheçamos que de sua omnipotente mão depende todo nosso remedio: reverenciemos com temor seus occultos juizos: lembremo-nos de quantos reinos e monarchias se perderam em um dia e em uma batalha: pesemos bem quão offendida temos a infinita bondade, depois de tantas mercês: consideremos e considere cada um quanto está provocando sua divina justiça o desconcerto de nossas vidas; e procuremos todos com verdadeiro arrependimento e firme proposito da emenda, applacar e pôr da nossa parte o céu. Se assim o não fizermos, (o dia é de fallar com toda a clareza) se assim o não fizermos, temamos e tremamos, que nos poderá castigar a ira divina justissimamente, e dar-nos um muito infeliz successo. Não nos fiemos em exercitos, nem em valor, nem em experiencia, nem em victorias passadas, nem ainda na justiça da causa: e o que é mais, nem nos favores do céu e milagres da nossa restauração; porque quanto maior é de nossa parte o empenho, tanto mais geral póde ser a desgraça, e quanto mais conhecidas são as mercês do céu, tanto será mais justificado o castigo.

Maior exercito era que o nosso o dos filhos de Israël, que constava de seiscentos mil soldados; e porque offenderam a Deus com os Madianitas, foram vencidos de bem poucos homens. Mais valoroso e mais experientado capitão, sem fazer aggravo aos nossos, era David que elles; e pelo adulterio de Bersabée, e homicidio de Urias, permittiu Deus que fugisse de um rapaz com umas gadelhas louras. As mais prodigiosas victorias com que nenhum homem assombrou o mundo, foram as que Samsão tinha alcançado dos Philisteus: e depois andava roendo em uma atafona, preso e

arrancados os olhos, porque se deixou prender e cegar do amôr de Dalila. Ninguem fez nunca guerra tão justa como Josuë, quando entrou pela Terra de Promissão; porque as escripturas de que constava ser sua, eram as mesmas Escripturas Sagradas, e por um soldado se atrever aos despojos de Jericó, que estavam consagrados a Deus, foi vencido o exercito nos muros de Hay. Nenhuma liberdade foi confirmada com mais evidentes milagres, nem continuada com maiores favores do céu, que a dos filhos de Israël quando sahiram do captiveiro de Pharaö e porque foram ingratos a estes beneficios divinos, só dois homens, de tantos mil, entraram na Terra de Promissão. Eis aqui como não ha razões humanas, nem ainda divinas, em que possamos fundar seguramente a esperança de uma victoria, se nossos peccados a desmerecem. Muitas prendas temos de Deus para esperar um grande successo, mas muito mais causas temos em nós para temer um grande castigo.

Confiamo-nos em que a nossa restauração é obra de Deus, e que Deus que o fez, o ha de conservar, e eu assim o creio e o espero; mas Deus é o mesmo agora que foi desde o principio do mundo: quizera que me respondera Portugal a dois exemplos. Tambem Deus tinha posto a Adão no Paraiso, e porque foi desobediente, o lançou delle em tres horas. Tambem Deus tinha libertado o povo do captiveiro do Egypto, e porque lhe foi ingrato, o sepultou todo em um deserto. Pois se Deus é este, e nós não somos melhores: que vã confiança é a nossa? Nós não nos mudamos, e queremos que se mude Deus? Cuidamos que ha de dispensar Deus comnosco no attributo de sua justiça? Cuidamos que para nós, e por nós ha-de mudar as leis de sua providencia? Dizei-me (que o não quero perguntar a outrem) qual foi a razão da parte de Deus, e qual a causa da parte nossa, porque nos tirou o mesmo Deus o rei e a liberdade, e nos teve captivos sessenta annos? Todos dizemos e confessamos que pelos peccados de Portugal. Pois se Portugal se tem emendado tão pouco, como vêmos; se os peccados são hoje os mesmos, e póde ser que maiores que d'antes; como queremos que nos favoreça hoje Deus pelas mesmas culpas porque hontem nos castigava? Cuidamos que a Justiça Divina não tem mais que um castigo? Sete vezes liber-

lou Deus o povo de Israël no tempo dos Juizes, e sete vezes o tornou a captivar: porque sete vezes reincidiram em seus peccados. Ah Portugal, que te não temo de Castella, senão de ti mesmo! Poz Deus a Adão no Paraizo: *Ut operaretur, et custodiret illum*, [1] para que trabalhasse e o guardasse. E de quem o havia de guardar, pergunto eu? Dos homens? Não; porque os não havia. Dos animaes? Não; porque lhe eram sujeitos. Pois de quem havia de guardar Adão o Paraiso? Sabeis de quem? De si mesmo. E porque elle o não guardou de si, por isso o perdeu. Todos nos cançamos em guardar Portugal dos castelhanos, e deveramo-nos cançar mais em o guardar de nós. Guardemos o nosso reino de nós, que nós somos os que lhe fazemos a maior guerra. Por um peccado perdeu Adão o Paraiso; por um peccado perderam os Anjos o céu; por um peccado perdeu Saül o reino; por um peccado perdeu Absalão o exercito; e nós cuidamos que com tantos peccados temos a conservação segura! Entramos por Castella com confiança de grandes victorias, e não sabemos quão grandes exercitos, e quão poderosos lá estão prevenidos e armados contra nós. El-rei poz um exercito em Portugal contra Castella, e cada um de nós tem posto um exercito em Castella contra Portugal. E que exercitos são estes? Os peccados de todos, e os de cada um. Não são isto conceitos nem encarecimentos, senão verdades de fé. E se Deus nos abrira os olhos, nós veriamos os montes cobertos destes exercitos, como os viu Giezy, onde os não imaginava: *Circumdederunt me mala, quorum non est numerus, comprehenderunt me iniquitates meæ, et non potui ut viderem.* [2] Eu (diz o rei penitente) estava cercado de innumeraveis exercitos, que eram os peccados meus, e de meus vassallos, mas tão cego que os não via. Estes são os exercitos que temos contra nós em Castella: os peccados de cada um de nós, os peccados de toda Lisboa, os peccados de todo Portugal.

Mas vejo que me dizeis, que se da parte de Castella estão contra nós os peccados de Portugal, tam-

[1] *Gen.*, II, 15.
[2] *Psalm.* XXXIX, 13

bem da parte de Portugal estão contra elles os peccados de Castella. A razão e paridade é muito boa, porque a justiça divina é muito egual: mas com tudo não me consola. Se da parte de Castella, como da parte de Portugal, ha peccados; tambem da parte de Portugal, como da parte de Castella, haverá castigos. Antigamente estavam unidos os reinos de Israël e de Judá, debaixo do mesmo rei como nós o estavamos: dividiu-se do reino de Judá o de Israël, como nós tambem fizemos, seguindo as partes de Roboão. E que se seguiu d'ahi? Seguiu-se que um e outro começaram a ter guerras entre si, e como em ambos os reinos havia peccados, castigava-os Deus a ambos, não com exercitos estrangeiros, senão a um com o outro. A Judá castigava-o com Israël; e a Israël castigava-o com Judá. Isto é o que eu receio, que como em Castella e Portugal ha peccados, queira Deus castigar a Castella com Portugal, e a Portugal com Castella. E nós estamos tão confiados, que não sendo o que era Judith, esperamos de Deus o que ella pedia. Notae. Judith, para si e para os seus, pedia misericordia: *de tua misericordia præsumentem;* e para os inimigos pedia ira: *cadat virtus eorum in iracundia tua;* e a sua petição era muito justa, porque os inimigos eram grandes peccadores, e os de Bethulia estavam muito arrependidos. Porém que Portugal, tendo tantos peccados como Castella, para Castella peça a ira, e para si a misericordia, é querer que Deus seja injusto. Se Deus está castigando peccados em Castella, queremos que premie peccados em Portugal? Se ambos temos peccados, ambos teremos castigos. E accrescento eu que mais deve temer Portugal dos seus peccados, do que Castella dos seus. E porque? Porque os peccados de Castella são peccados de gente castigada, e os peccados de Portugal de gente desagradecida. E estes provocam muito mais a ira divina. Tantas ingratidões sobre tantos beneficios! Tantos esquecimentos de Deus sobre tantas mercês de Deus! Deus quebrando as leis da natureza, e fazendo milagres por nós, e nós faltando a todas as leis da razão, commettendo tantas offensas contra Deus! Não conhece a Deus quem o não teme em tal estado. Que importa que Christo despregasse o bra-

ção, se nós lh'o tornamos a pregar com nossos peccados: *Iterum crucifigentes Filium Dei?* [1]

VII

Este é, senhores, sem affectação, e com a sinceridade devida a este logar, o perigo em que estamos. Se o queremos remediar, como devemos querer todos, o remedio é um só, mas que está em nossa mão. E que remedio é este? Emendar a vida, arrepender, e chorar muito de coração nossos peccados. Se matarmos estes inimigos, logo venceremos os outros. Cessem as paixões nabditas da carne, que tantos exercitos têm perdido: cessem os odios, cessem as invejas, cessem as guerras intestinas da emulação: amemo-nos como proximos com uma caridade muito verdadeira e muito christã. Ajudemos as armas dos nossos soldados com as da penitencia, do jejum, da oração, da esmola. Suas magestades e o reino façam algum voto a Deus, á imitação dos santos reis antigos, que por este meio propiciaram a misericordia Divina. Sobre tudo façamos pazes com o mesmo Deus, e ponhamo-nos todos em sua graça, com resolução e firmissimos propositos de o não offender mais. E se assim com resolução o fizermos, eu prometto d'aqui em seu nome, que nos ha de dar a victoria e feliz successo que desejamos. Não é este empenho meu, senão da mesma verdade, e palavra divina, que não póde faltar, e assim o tem promettido no Capitulo 26 do Levitico: *Si in præceptis meis ambulaveritis, et mandata mea custodieritis, persequemini inimicos vestros, et corruent coram vobis.* [2] Se fizerdes a minha vontade diz Deus; e guardardes os meus preceitos, vencereis a vossos inimigos, e cahirão vencidos a vossos pés. E se o não fizermos assim? Ouvi agora e tremei: *Quod si non audieritis me, et non feceritis omnia mandata mea, ponam faciem meam contra vos: corruetis coram hostibus vestris; et subjiciemini his qui oderunt vos:* [3] e se não me obedecerdes,

---

1 *Hebr.*, VI, 6.
2 *Levit.*, XXVI, 3 e 7.
3 *Ibid.*, XVI, 14 e 17.

nem guardardes minha lei, sereis vencidos de vossos inimigos, e ficareis sujeitos e captivos daquelles que tanto odio vos teem. Todas estas palavras são de fé: vêde se podem faltar, tanto pela parte da promessa, como do ameaço. Pelo que, fieis portuguezes, se o amôr do rei, se o amôr das prendas que todos tendes naquelle exercito; os irmãos, os paes, os filhos: se estes e os outros parentescos ainda mais estreitos, vos merecem alguma coisa, não sejamos tão crueis contra elles e contra nós mesmos, que com os nossos peccados estorvemos as misericordias divinas. Em nossas mãos está a victoria, pois em nossa liberdade está o não offender a Deus. Amemos a Deus ao menos por amôr de nós, e tomemos por devoção todos, para que Deus nos dê victoria, não o offender mortalmente jámais, e muito particularmente em quanto andar o nosso exercito em campanha. Quem ha tão imprudente que offenda aquelle de quem depende, e no mesmo tempo em que mais depende? Pois se nesta occasião dependemos tanto de Deus, porque nos atreveremos a offendel-o? Se fazemos pazes com Hollanda, para nos defender de Castella, porque não faremos pazes com Deus, para que o tenhamos por nós na mesma guerra? Façamos estas pazes, que não teem as difficuldades das outras, e estão na nossa mão. Ponhamo-nos todos na graça, e debaixo da protecção deste unico Senhor dos exercitos, e nenhum haja de nós, que nesta hora, com todo o coração e toda a alma, não capitule esta paz e amizade perpetua, com um proposito muito firme e irrevogavel de nunca mais offender a Deus, e sempre o amar e servir.

Mas porque não é segura confiança a que se põe em corações humanos, ainda que se funde nos interesses de sua propria conservação: quero, Senhor, tornar-me só a vós como Judith, e esperar só em vossa infinita misericordia, e obrigal-a com vossas mesmas palavras, que são as ultimas da sua e nossa oração: *Memento Domine testamenti tui.* Lembrae-vos, Senhor, do vosso testamento, lembrae-vos de vossas promessas. Hoje faz quatrocentos e cincoenta e dois annos que acabou a vida mortal El-rei D. Affonso Henriques, fundador do reino de Portugal: e hoje faz cinco annos (sem se advertir em tal concurso de tempo) que foi recebido nesta côrte, e começou a reinar El-rei

D. João o quarto, restaurador do mesmo reino. Dia é este, Senhor, muito para vos trazer á memoria as promessas que então fizestes ao primeiro rei, e nelle ao ultimo que tambem agora é o primeiro. Promettestes a El-rei D. Affonso (como elle testemunhou e jurou no seu testamento) que depois de attenuada sua descendencia porieis os olhos de vossa misericordia na decima sexta geração sua: *Usque ad decimam sextam generationem, in qua attenuabitur proles, et in ipsa sic attenuata ego respiciam, et videbo.* Sendo pois o rei, por quem nos restaurastes, a mesma geração decima sexta; tempo é, Senhor, de pôrdes nella e em nós os olhos de vossa divina misericordia, senão por nossos merecimentos, pelos muitos e grandes d'aquelle santo rei, que tanto vos soube servir então e obrigar para o futuro. Ponde os olhos, Senhor dos exercitos, no nosso exercito; e lembrae-vos que todo é daquelles portuguezes, que no mesmo testamento escolhestes para conquistadores de vossa fé, e para debaixo de suas armas levarem vosso santissimo nome ás gentes tão remotas e estranhas que antes de nós o não conheciam: *Ut portent nomen meum in exteras nationes.*

Este é, Senhor, o vosso testamento, e testamento é tambem vosso, que assim lhe chamastes, esse Divinissimo Sacramento em que estaes presente. Sobre o testamento de vossa palavra, lembrae-vos tambem do testamento de vosso amôr: *Memento Domine testamenti tui:* e mereça-nos esta lembrança, quando e em tudo o mais nos falte o merecimento, o muito que esta cidade e este reino, entre todos os do mundo, e em todas as partes delle, se assignala na veneração e culto desse soberano mysterio. Em virtude desse Sagrado Pão, sendo visto descer do céu, foi tão forte a espada de Gedeão, que venceu os exercitos sem numero dos Madianitas. E este mesmo foi o exemplo com que animastes o primeiro rei, na mesma hora em que vos mostrastes descoberto a seus olhos, e lhe mandastes tomar a corôa, cuja perda e restituição logo então lhe annunciastes. Os soldados e capitães que a defendem, todos vão armados com esse Divino Escudo que levam dentro no peito: delle só esperam a fortaleza e o valor, e a elle só procuram referir a victoria. Vossos são, e vosso o reino por que pelejam. E pois o rei que está em campanha é o mesmo descendente de quem dissestes: *Volo*

in te, et in semine tuo imperium mihi stabilire: para estabelecimento e conservação deste reino até que chegue á grandeza, que lhe promette o nome de imperio vosso: *Memento Domine testamenti tui.*

SERMÃO

HISTORICO E PANEGYRICO

NOS ANNOS DA RAINHA

D. MARIA FRANCISCA ISABEL DE SABOYA *

Paraclitus autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia. [1]

Dar graças, e pedir graça (muito altos e muito poderosos principes e senhores nossos), dar graças, e pedir graça, é o assumpto grande deste dia. Dar graças pelo anno presente, pedir graça para os annos futuros. Por isso a solemnidade e o Evangelho nos levam ao Auctor de toda a graça o Espirito Santo: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

I

Assumpto grande chamei ao deste dia (deixada por agora a segunda parte delle), não só porque neste dia, com tão devidas demonstrações de alegria festejamos os felizes annos da rainha serenissima (que Deus nos guarde por muitos), senão porque neste dia se cerra venturosamente aquelle grande anno, tão grande que nem Portugal o teve egual, nem o mundo o viu maior. Os annos e os dias do mundo fal-os o curso do sol: os

---

* É necessario ter diante dos olhos as graves desordens do reinado de D. Affonso VI, no anno de 1668, ás quaes no mesmo anno se dera remedio com o divorcio da rainha, para se entender, explicar e ainda desculpar algumas paginas d'esta eloquente oração, commenta a proposito Honorati.

[1] *Joan.*, XIV.

annos, e os dias dos reinos, fazem-nos as acções dos principes. O sol póde fazer dias longos: dias grandes só os fazem e podem fazer as acções. O mais famoso dia que teve o mundo, foi aquelle em que parou o sol obediente á voz de um homem. Escreve o caso o Texto Sagrado, e diz assim: *Stetit sol in medio cœli; non fuit antea, nec postea tam longa dies.* [1] Esteve o sol parado no meio do céu, e nem antes nem depois houve no mundo tão longo dia. [2] Notae. Não diz o Texto *dia tão grande* senão *dia tão longo: Tam longa dies;* porque o sol póde fazer dias longos: dias grandes só os podem fazer as acções. Aquelle mesmo dia verdadeiramente foi longo, e foi grande: mas foi longo, porque o fez o sol; foi grande, porque o fez Josuë; foi longo, porque o estendeu a luz; foi grande, porque o engrandeceu a maravilha; foi longo, porque esteve o sol parado; foi grande, porque um homem o mandou parar: *Non fuit antea nec postea tam longa dies.* Este dia, em que se contam vinte e dois de junho, dizem os mathematicos que é o maior dia do anno. O mais longo, deverão dizer e não o maior para o mundo, mas o maior para Portugal. O mais longo para o mundo, porque nasce hoje o sol mais perto de nós; o maior para Portugal, porque nasceu hoje sua magestade; mais longo, mas para nós. O mais longo para o mundo, porque o accrescenta hoje o sol com a multiplicação de poucos minutos; o maior para Portugal, porque o engrandece hoje sua magestade com a memoria de seus felizes annos, que para serem mais felizes, tambem são poucos. Assim que vão o sol, senão as acções, e os successos são os que fazem os dias grandes.

Nos annos (que se compoem dos dias) passa o mesmo. Perguntou El-rei Pharaó a Jacob, quantos annos tinha, e respondeu sabiamente o velho: *Dies peregrinationis meæ centum et triginta annorum sunt parvi et mali.* Os dias de minha peregrinação, Senhor, são cento e trinta annos, pequenos e máus. Não sei se reparaes no dizer de Jacob. Não disse que os seus

[1] *Josuë*, x, 13 e 14.

[2] Dies magnus dicitur, in quo magna, et mirabilia: dies parvus, in quo parva fiant. Ribera in illud Zachar. 4, quis enim despexit dies parvos?

annos eram poucos e máus: *Parvi et mali.* Annos máus não é cousa nova em uma vida tão cheia de miserias como a nossa: mas annos pequenos, parece que não póde ser, porque todos os annos são eguaes. Todos se compõem dos mesmos mezes, todos se contam pelos mesmos dias, todos se medem pelas mesmas horas. Como diz logo, ou como suppõe Jacob, que ha annos grandes, e annos pequenos: *Parvi et mali?* A segunda palavra é a explicação da primeira. Se os annos são máus, são annos pequenos; se os annos são bons, são annos grandes; se os annos são máus, e os successos adversos e infelizes, são annos pequenos e minguados, como os nossos antigos chamavam ás horas menos ditosas: se os annos são bons, e os successos prosperos e felizes, são annos accrescentados, annos maiores que os outros annos, como este grande anno e felicissimo que hoje celebramos. Quem quizer vêr quão grande foi este anno, olhe para as acções grandes que nelle se obraram, olhe para os successos grandes que nelle se viram. Leiam-se os annaes de Portugal, e de todos os reinos do mundo, e em muitos centos de annos se não acharão divididas tantas coisas grandes e notaveis, como neste grande anno se viram juntas.

Esta é a grandeza do anno, e esta a grandeza da materia. O fundamento que nos dá o Evangelho para dar graças a Deus, e fallar della, são as palavras tambem grandes que propuz no thema: *Paraclitus autem Spiritus Sanctus, quem mittet Pater in nomine meo, ille vos docebit omnia.* [1] O Espirito consolador que mandará o Padre em meu nome diz Christo, esse vos ensinará tudo. De maneira, que para conhecimento e agradecimento das grandes mercês que Deus nos fez neste grande anno, se nos propõe hoje o Espirito Santo com nome de Consolador, e com officio de Mestre. Com nome de Consolador: *Spiritus Paraclitus;* com officio de Mestre: *Ille vos docebit omnia.* O nome pertence ao attributo de sua bondade, o officio ao attributo de sua sabedoria, e ambos ao proveito e remedio nosso. Mas porque razão neste anno, Consolador, e porque razão neste anno, Mestre? Será porque teve o

[1] Paraclitus græcè, latine: Consolator. Vide interpretat nomin. biblicorum hebraicæ, chaldaicæ, et græcæ linguæ.

Espirito Santo muito que consolar, e muito que ensinar neste anno? Assim foi, assim o vimos, assim o veremos. Supposta, pois, esta verdade dos tempos, e esta melhoria e indifferença dos annos, reduzindo todo o assumpto a um elogio breve do anno presente, será o titulo do sermão este: Anno de Deus consolador, e Anno de Deus mestre: Anno de Deus consolador, porque neste anno sarou Deus nossas desconsolações; Anno de Deus mestre, porque neste anno nos ensinou Deus os remedios. E' sem glosa nem commento o que está dizendo a lettra do mesmo Texto: *Spiritus Paraclitus ille vos docebit omnia.*

Agora peço attenção, e a espero hoje com a benevolencia que se deve ao applauso do dia, com a expectação que merece a estranheza do anno, e com a inteireza e indifferença de animos, que requer a supposição da materia, a força do assumpto, e a obrigação do orador. Nos outros sermões elegemos, neste seguimos.

II

As desconsolações geraes que padecia Portugal o anno passado, e ainda na entrada do presente, se attentamente as consideramos, todas se reduzem a tres: a guerra, o casamento, o governo. Na guerra estava o povo afflicto, no casamento estava a successão desesperada, no governo estava a soberania abatida: e em todas juntas? O reino perigoso e vacillante. Ora vejamos como Deus neste grande anno, em quanto Consolador, nos sarou estas tres desconsolações: *Spiritus Paraclitus;* e em quanto Mestre nos ensinou para todos tres os remedios: *Ille vos docebit omnia.* Assim como o Evangelho nos deu o assumpto em commum, assim nos dará tambem os discursos em particular.

Começando pela desconsolação da guerra, e guerra de tantos annos, tão universal, tão interior, tão contínua: ó que temerosa desconsolação! E' a guerra aquelle monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas, e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. E' a guerra aquella tempestade terrestre, que leva os campos, as casas, as villas, os castellos, as cidades, e talvez em um momento sorve os reinos

e monarchias inteiras. E' a guerra aquella calamidade composta de todas as calamidades, em que não ha mal algum, que, ou se não padeceu, ou se não tema; nem bem que seja proprio e seguro. O pae não tem seguro o filho, o rico não tem segura a fazenda, o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a honra, o ecclesiastico não têm segura a immunidade, o Religioso não tem segura a sua cella; e até Deus nos templos e nos sacrarios não está seguro. Esta era a primeira e mais viva desconsolação que padecia Portugal no principio deste mesmo anno. Mas que bem nol-a consolou Deus com a felicidade da paz, de que nos fez mercê! Assim o diz o Texto do Evangelho.

Pacem relinquo vobis, pacem meam do vobis, non quomodo mundus dat, ego do vobis. [1] Deixo-vos a paz, e dou-vos a minha paz (diz Christo), mas não vol-a dou como a dá o mundo. O que reparo nestas palavras, é que parece nos dá Christo a mesma coisa duas vezes, e que de uma mercê faz dois beneficios, ou de um beneficio duas dadivas. Na primeira clausula dá-nos a paz: *Pacem relinquo vobis:* na segunda clausula torna-nos a dar a paz: *Pacem meam do vobis.* Pois se a paz é a mesma, porque nol-a dá duas vezes? Nem é a mesma, nem nol-a dá duas vezes, disse e notou agudamente Santo Agostinho. Na primeira clausula dá-nos a paz: *Pacem relinquo vobis;* [2] na segunda clausula dá-nos a paz sua: *Pacem meam do vobis;* e ser a paz sua, ou não sua, é grande differença de paz; a paz não sua, é a paz que dá e póde dar o mundo; a paz sua, é a paz que só dá, e póde dar Deus; e esta é a paz que Christo promette no Evangelho, e a que nos deu neste feliz anno: *Non quomodo mundus dat, ego do vobis.* E senão, vejamos se foi paz sua por todas as circumstancias della.

A mais propria figura da nossa guerra e da nossa paz, foi, a meu vêr, a lucta de Jacob com o Anjo. E a primeira propriedade da historia, é a desproporção e desegualdade nos combatentes. De uma parte Jacob de tão limitada estatura: da outra parte o Anjo de tão desmedida esphera. [3] A esphera do menor anjo, é sem

---

1 *Joan.*, XIV, 27.
2 August. in Joan. Tract. 77
3 *Gen.*, XXXII.

proporção maior que a estatura do maior homem: e tal é no mappa do mundo o nosso Portugal, comparado com o resto de toda Hespanha. E que sendo Portugal o Jacob, que sendo Portugal tão pequeno, nem ficasse vencido do poder, nem opprimido da grandeza de um contrario tão enormemente maior! Só Deus o podia fazer. Viu Eleazaro aquelle portentoso elephante dos Assyrios, que trazia sobre si um castello armado; atreve-se mais que ousadamente a accommettel-o, crava-lhe pelo peito com ambas as mãos o montante: mas que succedeu? Cahiu morta sobre elle a machina do vastissimo bruto [1] e ficou Eleazaro opprimido de sua mesma victoria, e sepultado (como diz Santo Ambrosio) no seu triumpho. Tal é a fortuna e o fim dos pequenos, quando se atrevem sem proporção aos excessivamente maiores. Os pequenos, ainda quando vencem, ficam debaixo; os grandes, ainda quando vencidos, cahem de cima. Quem é o elephante que traz sobre si o castello armado, senão Hespanha com os castellos de suas armas? Atreveu-se Portugal mais que animosamente á desegual empreza; mas como Deus pelejava por elle e nelle, não ficou victorioso e morto como Eleazaro, senão vencedor e vivo como Jacob: antes vivo como Jacob, e immortal como o Anjo.

O genero da peleja do Anjo com Jacob foi lucta: *Ecce vir luctabatur cum eo.* [2] Tambem foi lucta a guerra de Hespanha com Portugal. Não é certo que Hespanha abraçava e abarcava por todas as partes a Portugal, desde Guadiana ao Minho, desde Ayamonte a Tuy? Mas sendo Hespanha a que nos abraçava a nós, nós eramos os que a apertavamos a ella. Catalunha estava cercada de Hespanha por uma parte; mas tinha outra parte aberta e livre para receber, como recebia, a Tuy? Mas sendo Hespanha a que nos abraçava a cada de Flandres por uma parte, mas por outra, e muitas outras, estava tambem livre, e aberta para os soccorros da mesma França, de Allemanha, de Inglaterra, do mundo. E qual foi o fim destas duas guerras? [illegible] cer: e Hollanda, se prevaleceu, foi porque estava tão

[1] *1.º Machab.*, VI, 34 e 36.
[2] *Gen.*, XXXII, 24.

longe. Eis aqui a vantagem gloriosa de Portugal sobre todos. Prevaleceu Portugal, prevaleceu Hollanda; mas Hollanda de longe, nós de perto. Sai a desafio David com o Gigante, mette a pedra na funda (porque para a pedra e para Pedro estava guardada a victoria); dá uma volta ao redor da cabeça (que tambem foi necessario dar volta): em fim dispara, fere, derruba: põe-se de dois saltos sobre o Gigante, e cortando-lhe com sua propria espada a cabeça, entra triumphando por Jérusalem e pendura no Templo a victoriosa espada. [1] Aqui a minha duvida. Já que David pendura no Templo a espada, porque não pendura a funda? Se a espada cortou a cabeça ao Gigante, a funda derrubou ao Gigante pela cabeça. Pois porque não fez tropheu da funda, como fez tropheu da espada? [2] Porque a funda tirou e venceu de longe, a espada cortou e venceu de perto. Hollanda e Portugal foram o David: Hespanha a da funda; a victoria de Portugal foi a da espada. Entre Hespanha e Hollanda havia trezentas leguas de mar e terra: entre Hespanha e Portugal uma só linha mathematica. Esconda-se logo a funda, e metta-se outra vez no surrão, e pendure-se no Templo só a espada.

Apertado de Jacob o Anjo, resolve-se a lhe pedir pazes: *Limitte me:* [3] Jacob, deixa-me. Infinitas graças vos sejam dadas, Senhor. No principio da guerra só queriamos que Hespanha nos deixasse: no fim da guerra, pede-nos Hespanha que a deixemos: *Dimitte me.* Mas que responde Jacob ao Anjo? *Non dimittam te, nisi benedixeris mihi.* Que o não ha de deixar se lhe não conceder quanto quizer. Basta, que o maior pede as pazes, e que o menor põe as condições! Quem pudéra fazer este trocado senão Deus? O mesmo Deus o diga. Na parabola: *Si quis rex iturus committere bellum adversus alium regem:* [4] introduz Christo dois reis postos em armas, um menos poderoso, outro com mais poder: um que se acha com dez mil soldados, outro com vinte mil. Pergunto: e para estes dois reis virem a

1 *1.º Livr. dos Reis*, XII, 49. Tulitque unum lapidem, et funda jecit, et circumducens percussit philistæum.
2 *1.º Livr. dos Reis*, XVI, 20. Vide Basil. Sel. orat. 15.
3 *Gen.*, XXXII, 26.
4 *Luc.*, XIV, 28.

condições de paz, qual delles é o que a deve pedir, como, e quando? *Adhuc eo longe agente, legationem mittens, rogat ea quæ pacis sunt.* O menos poderoso (diz Christo) é o que ha de mandar a embaixada: o menos poderoso é o que ha de rogar e pedir a paz; o menos poderoso é o que ha de aceitar os partidos e se ha de contentar com os que lhe concederem, e isto não depois, senão antes de virem ás mãos. Não podemos negar que para cada cidade de Portugal tem Hespanha um reino. E que Hespanha fosse a que mandou o embaixador: *Legationem mittens?* Que Hespanha fosse a que propoz e pediu a paz: *Rogat ea quæ pacis sunt!* E que Portugal, pelo contrario, seja o que difficultou as condições! Que Portugal seja o que pleiteou as egualdades! Que Portugal seja o que dizia o *não*, e mais o *senão: Non dimittam, nisi benedixeris!* E tudo isto com magestade e soberania reciproca, e com reconhecimento de rei a rei: *Si quis rex adversus alium regem!*

Ainda fez mais Deus, para que nos não faltasse a preferencia e melhoria do logar: *Et benedixit ei in eodem loco.* [1] Concedeu o Anjo e veiu em todas as condições que quiz Jacob: mas aonde: *In eodem loco:* No mesmo logar de Jacob: no mesmo logar onde Jacob estava antes da lucta. Um dos escrupulos mais pleiteados entre os principes para os tratados de paz, é a circumstancia e eleição do logar. Assim como nos desafios se parte o sol, assim em similhantes congressos se partem as terras, os mares, os rios. Na ultima paz de França com Hespanha, que se chamou dos Pyreneus, o logar em que se ajuntaram os primeiros ministros de ambas as Corôas, foi no meio do rio Vidasso, que é a raia ou a baliza (sempre inquieta) com que a natureza dividiu a Hespanha de França. Até a nossa suspensão de armas em Lapella se ajustou de exercito a exercito, em uma ilhota do Minho. Mas para as pazes de Portugal, nem se partiu a corrente do Guadiana, nem se mediu a ponta do Caya. A Lisboa se vieram tratar as pazes, em Lisboa se capitularam, em Lisboa se firmaram, e a Lisboa se trouxeram ratificadas. Entrevieram no tratado tres Corôas, as quaes pa-

[1] *Gen.*, XXXII, 31.

rece esteve retratando e pondo em seus logares o Ecclesiastico em tres arvores jeroglyphicas maravilhosamente. Note-se a ordem e os nomes, que são muito para notar. *Quasi palma exaltata sum in Cades, quasi plantatio rosæ in Jericho, quasi oliva speciosa in campis.* [1] De uma parte estava a palma, da outra parte a oliveira, e no meio de ambas a rosa. Quem é a palma senão Portugal, carregado de victorias: *Quasi palma exaltata sum in Cades?* Quem é a oliveira, senão Hespanha, requerendo decorosamente a paz com seus exercitos em campo: *Quasi oliva speciosa in campis?* E quem é a rosa, fazendo mediação no meio de uma e outra, senão Inglaterra, que tem a rosa por armas: *Quasi plantatio rosæ in Jericho?* Mas em que logar vimos nós estas reaes e mysteriosas arvores? Por ventura divididas cada uma no seu terreno, a oliveira nos campos, a rosa em Jericó, a palma em Cades? Não por certo. Todas vimos juntas em Lisboa, todas dentro na nossa côrte, todas no mesmo logar: *In eodem loco.*

Só restava a circumstancia do tempo. Mas parece que a nossa paz não se fez em tempo, signal que foi paz de Deus, e não do mundo. Que de tempos costuma gastar o mundo, não digo no ajustamento de qualquer ponto de uma paz, mas só em registar e compôr os cerimoniaes della! Tratados preliminares lhe chamam os politicos, mas quantos degráus se hão de subir e descer, quantas guardas se hão de romper e conquistar, antes de chegar ás portas da Paz, para que se fechem as de Jano? E depois de acceítas com tanto exame de clausulas as plenipotencias; depois de assentadas com tantos ciumes de auctoridade as juntas; depois de aberto o passo ás que chamam conferencias, e se haviam de chamar differenças; que tempos e que eternidades são necessarias para compôr os intrincados e porfiados combates que alli se levantam de novo? Cada proposta é um pleito, cada duvida uma dilação, cada conveniencia uma discordia, cada razão uma difficuldade, cada interesse um impossivel, cada praça uma conquista: cada capitulo, e cada clausula delle

[1] *Eccl.*, XXIV, 18 e 19.

uma batalha, e mil batalhas. [1] Em cada palmo de terra encalha a paz, em cada gotta de mar se afoga, em cada atomo de ar se suspende e pára. Os avisos e as postas a correr e cruzar os reinos, e a paz muitos annos sem dar um passo. A famosa Dieta, ou Congresso universal de Munster na Westphalia, que vimos em nossos dias, em espaço de sete annos, que durou, veiu a sahir com meia paz. Fez Hespanha paz com Hollanlanda e Suecia; ficou em guerra com França e Portugal. Vêde que bem se equivoca o *pacem meam*, com a meia paz, e quanto vae de tempo a tempo. Aquella em tantos annos: a nossa em tão poucos momentos: aquella tão esperada, sem se concluir: a nossa concluida quando se não esperava: aquella tão dilatada, a nossa tão subita.

Esta circumstancia de subita, foi excellencia particular que S. Lucas ponderou na paz de Christo: *Et subitò facta est cum angelo multitudo militiæ cœlestis laudantium Deum, et dicentium: Gloria in altissimis Deo, et in terra pax hominibus.* [2] Até áquelle ponto estavam a terra e o céu em uma tão porfiada e inveterada guerra, bem descuidados os homens, que tivesse, nem podesse ter fim: quando subitamente, *subitò*, ouvíram cantar e publicar as pazes. E nota o Evangelista (coisa muito digna de se notar) que os embaixadores da paz foram os mesmos ministros da guerra: *Multitudo militiæ cœlestis.* E' certo, como nos ensinou Isaias, que na côrte do céu ha anjos particulares, que são proprios ministros da paz: *Angeli pacis.* [3] Pois se no céu ha anjos da paz, porque não foram esses os embaixadores da paz de Christo, senão os ministros da guerra: *Multitudo militiæ cœlestis*? Porque assim havia de ser, sendo a paz subita. Houve tão pouca distancia entre a guerra e a paz: foi a paz tão apressada, tão abreviada, tão subita, que não deu logar de multiplicar, nem mudar ministros: os mesmos que eram ministros de guerra, foram embaixadores da paz. O' paz de Portugal, paz verdadeiramente de Christo! Quem foi o embaixador de nossa paz, senão um mi-

---

Annal. Spondani in Append. ad annum 1645.

[2] *Luc.*, II, 13 e 14.

[3] *Isai.*, XXXIII, 7.

nistro (e tantas vezes grandes) da mesma guerra? [1] A fortuna da guerra o trouxe a Portugal, e a da paz o fez embaixador della. Não deu tempo a brevidade da paz a multiplicar, nem variar ministros, para que a paz de Portugal fosse tão subita como a de Christo, e tão subita como a de Jacob. Andavam Jacob e o Anjo no maior fervor e aperto da lucta, e para a guerra subitamente se converter em paz, não foi necessario mais que mudar as tenções: era lucta, ficaram abraços. Com aquelles grandes braços com que Hespanha nos cercava contraria, com esses mesmos em um momento nos abraçou amiga. Aos doze de fevereiro anoitecemos, como em tempo d'El-rei D. Affonso; aos treze amanhecemos, como em tempo d'El-rei D. Sebastião. Na tarde de hontem ainda apertavamos os punhos; na manhã de hoje já tinhamos dado as mãos.

Feita a paz, não pediu caução Jacob, nem fiança della, porque o decoro da mesma paz, era o melhor fiador da sua firmeza. [2] Naquella paz do seculo doirado (paz verdadeiramente de Deus), dizem os Prophetas, que o leão deporia a ferocidade, e a serpente o veneno; que se quebrariam os arcos e settas: que se queimariam os escudos e lanças; que as espadas se converteriam em arados e foices; e que não haveria mais exercito, nem ainda temor ou receio de armas. E d'onde tanta confiança entre homens? Na fé? Na palavra? Na mesma paz? Não; senão no decoro della. E' ponderação de só Isaias, como propheta tão politico, e tão versado na razão das côrtes: *Sedebit populus meus in pulchritudine pacis.* [3] Não diz que viveriam os homens tão confiados e descançados na paz, senão na formosura da paz: *In pulchritudine pacis;* porque só então é a paz segura e firme, quando para todas as partes é formosa. Já o Leão de Hespanha depoz a ferocidade; já a serpente de Portugal depoz o veneno; já vêmos o ferro em todos os campos fronteiros, com alegria da terra, convertido em arado; já houve praça e praças em que os instrumentos da guerra se accenderam em luminarias das pazes; e não são estes effeitos da paz.

---

1 Marquez de Liche, etc. Plenipotenciario de Hespanha.
2 *Gen.*, XXXII, 10; *Isai*, II, 4; *Mich.*, IV, 1; *Psalm.* XLV, 10.
3 *Isai.*, XXXII, 18.

senão da paz formosa: *In pulchritudine pacis;* porque é formosa para Hespanha, e formosa para Portugal; formosa para Jacob, e formosa para o Anjo. Jacob e o Anjo ambos sahiram da lucta com maior e melhor nome: Jacob com nome de Israël, e o Anjo com nome de Deus: *Israel erit nomen tuum, quia contra Deum fortis fuisti.* Jacob acreditou a fortaleza; o Anjo manifestou a divindade. Até naquellas que acima pareciam desegualdades, ficou tão gentil-homem o Anjo como Jacob. Jacob fez honra de não pedir a paz, porque era valente desconfiado; o Anjo não fez pundonor de ser requerente della, porque tinha mais seguros os estribos da confiança: Jacob não a pediu por timbre de seu valor; concedeu-a, não pedida, o Anjo, por confiança de sua grandeza. Da parte de Jacob não ha que receiar, porque a sua guerra foi defensiva; da parte do Anjo tambem não ha que temer, porque despiu o phantastico, e ficou no incorruptivel. Segura está logo e firme para sempre a paz; porque está reciproca e decorosamente ratificada debaixo das firmas de sua formosura: *In pulchritudine pacis.*

Mas a cujos auspicios deve Portugal esta felicidade? Qual foi a iris celestial que de lá nos trouxe esta paz? Não o digo eu, senão o mesmo Texto: *Dimitte me, jam enim ascendit aurora.* [1] Paz, paz (diz o Anjo a Jacob), porque já vem apparecendo a aurora. Pois porque amanhece e apparece a aurora, e vem arraiando com sua luz a terra, essa é a razão porque ha de cessar a peleja? São mysterios do céu. Appareceu a bellissima aurora nos nossos horizontes, coroada de resplandores e lyrios, e no mesmo ponto começou a se mover em seu seguimento a paz. [2] E' verdade que da primeira vez errou a paz o tempo, porque havendo de vir neste anno, vinha no passado: errou o caminho, porque havendo de vir a Lisboa, foi a Salvaterra. Não era tamanha felicidade, nem para aquelle tempo, nem para aquelle logar, nem para aquella companhia, nem para a primeira vez. Duas vezes sahiu a pomba da arca de Noé: do primeiro vôo, não estava ainda bas-

---

[1] *Gen.*, XXXII, 26.

[2] Primeira proposta da paz no anno de 1667, estando el-rei D. Affonso em Salvaterra.

tantemente desafogada a terra, e não achando onde firmar os pés, voltou sem novas da paz. [1] Do segundo vôo estava já socegada a tormenta, e desaguado o diluvio: descobre a oliveira, toma o ramo no bico, e alegrou com a vista delle as reliquias do passado mundo, e os principios do futuro. O mesmo aconteceu á felicissima pomba da nossa Arca (phenix havia de ser, se Noé previra o que representava): ella foi a que nos trouxe o ramo da oliveira, ella foi a que nos trouxe a paz, e não do primeiro vôo, senão do segundo. O primeiro vôo foi de França a Portugal: o segundo vôo foi do Paço á Esperança: e onde, senão na Esperança, se havia de colher o ramo verde: *Ramum olivæ virentibus foliis?* Assim nos pacificou a pomba da terra, e assim nos consolou e nos ensinou a conseguir a paz a pomba do céu: *Spiritus Paraclitus, ille vos docebit omnia.*

III

A segunda desconsolação que padeciamos no principio deste notavel anno, era a do casamento real, desejado com tanta razão, duvidado com tanto fundamento, concertado com tanto acerto, mas conseguido, finalmente, com tão pouca ventura. O acerto da eleição, e as conveniencias della entenderam já antigamente bem duas grandes cabeças do mundo: o Papa Pio V, [2] e El-rei Philippe II. O Papa procurando com todas as instancias, o rei impedindo com todas as forças a alliança e união de Portugal com França, no casamento d'el-rei D. Sebastião com Margarita de Vallois, filha de Henrique II, e irmã de Carlos IX. Mas deixada esta consideração, e ó profundo de suas consequencias aos politicos; para o fim da real successão, que se pertendia, bastava só a razão (e não sei se a experiencia) da mesma agricultura natural. A enxertia mais propria, mais certa, e mais segura, é quando o garfo e a raiz são da mesma planta. Assim o ensinou

[1] *Gen.*, VIII, 10.
[2] In Epist. Pii V ad reg. Sebastian.

fisicamente, não Plinio ou Dioscórides, senão o Apostolo S. Paulo escrevendo aos Romanos: *Si tu ex naturali excisus es oleastro, et contra naturam insertus es in bonam olivam; quanto magis ii, qui secundum naturam inserentur suæ olivæ?* Se o ramo de oleastro (como vós) enxertado na oliveira dá fructo; quanto mais abundante e copioso fructo dará o ramo da mesma oliveira se fôr enxertado nella? E dá a razão o Apostolo. Porque o enxerto de oleastro em oliveira é contra natureza; o enxerto de oliveira em oliveira, é natural: o de oleastro em oliveira é contra natureza, porque o garfo é de uma planta, e a raiz de outra; o de oliveira em oliveira é natural, porque o garfo e a raiz são da mesma planta. Esta mesma agricultura de S. Paulo, é a do nosso caso. A raiz do tronco real dos reis portuguezes, foi o conde D. Henrique, pae do primeiro rei D. Affonso, segundo neto de Roberto, e terceiro de Hugo Capeto, rei de França. [1] Logo não podia haver eleição mais acertada, nem enxertia mais propria e natural, que ir buscar outra vez o garfo mais generoso da arvore real de França, para que o garfo e a raiz fossem do mesmo tronco. Este foi o acerto acertadissimo da eleição; mas o erro e o engano esteve em que se uniu o garfo ao ramo secco e esteril, quando se havia de unir ao ramo verde e fecundo.

O' que desgraça e que desconsolação tão grande para um reino posto no ultimo fio! E tanto maior desconsolação, quanto mais ignorado; tanto maior desgraça, quanto mais applaudida. Quem estivera olhando do mais alto desses montes no dia do famosissimo triumpho (o mais solemnisado que viu Portugal nem Europa) com que os nossos reis naquella memoravel entrada foram recebidos; e chorando então sobre Lisboa (como Christo sobre Jérusalem) lhe dissera: *Si cognovisses et tu, quæ ad pacem tibi; nunc autem abscondita sunt à te:* Abre os olhos, ó cega e mal triumphante cidade! Vê o que solemnisas, vê o que festejas, vê o que applaudes. Solemnisas o que cuidas que é verdade, e é illusão: festejas o que esperas que ha

[1] Sandoval Chronic. Alf. VI. Vasconc. Elog. 1. Brandão L. 8. Monarc. c. 1. Sueyro Annal. Fland. 191. Paez. Viegas. Princ. R. Lus. lib. 1. Faria Epit. etc.

de ser successão, e é engano: applaudes o que chamas matrimonio, e é nullidade. Adoras esse carro do sol, imaginando que ha de tornar a nascer, e não vês que o seu occaso não tem Oriente. Como é certo, que se naquelle dia entenderamos o que depois se conheceu, as galas se haviam de trocar em lutos, os epitalamios em lagrimas, os arcos e as pyramides em mausoleos e sepulchros: pois as mesmas bôdas que celebravamos dos reis presentes, eram exequias dos futuros. Vendo o principe Absalão que não tinha filhos, diz o Texto Sagrado, que levantou um arco triumphal no valle chamado de El-rei, para perpetuar sua memoria nas pedras, já que não podia na successão. [1] Taes foram os arcos e os tropheus daquelle famosissimo e falso triumpho; tal foi então a nossa enganada e enganosa alegria; e tão verdadeira era a nossa dôr, e tão bem fundada a nossa desconsolação.

Mas Deus, que neste grande anno havia de ser o consolador das tristezas, e o mestre das difficuldades, vêde que facilmente dispoz, e compoz tudo em duas notaveis acções. E quaes foram? A primeira, que sua magestade, obrigada da consciencia, sahisse do paço, para desenganar ao reino do seu perigo: [2] a segunda, que obrigada do amôr do mesmo reino, tornasse outra vez para o paço, para lhe dar o remedio. De maneira que neste ir e vir, esteve o reparo de tudo. E senão, diga-o o Evangelho: *Non turbetur cor vestrum, neque formidet; vado, et venio ad vos.* [3] Não tem que temer, nem que se alterar vossos corações; porque eu vou e torno. Fallava Christo aqui da sua morte e da sua resurreição: ao morrer chamou ir, ao resuscitar chamou tornar: [4] e este ir e tornar, foi o socego e remedio de toda a perturbação do seu reino, porque indo e morrendo matou a morte; voltando e resuscitando recuperou a vida. As almas dos outros homens não recuperam a vida; porque, como notou David, são almas

---

[1] *2.º Livr. dos Reis*, XVIII. Abulens., Caietan., Dionys., Cornel. hic.

[2] Retiro da rainha nossa senhora, para o convento da Esperança.

[3] *Joan.*, XIV, 26 e 27.

[4] Ita Lyranus hic.

que vão e não tornam: *Spiritus vadens, et non rediens.* [1] Mas a alma de Christo matou a morte, e recuperou a vida; porque era a alma que foi e tornou: *Vado, et venio ad vos.* O' espirito singular, ó alma generosa do nosso reino! *Spiritus vadens, et rediens.* Espirito que foi e tornou — que foi para matar a morte; que tornou para resuscitar a vida: que foi para matar a morte do reino, morto pela esterilidade; que tornou para resuscitar a vida do reino, resuscitado pela successão. A vida dos reinos é a successão dos reis: se esta falta, morrem os reinos; se esta recupera, resuscitam. E esta é a differença em que no principio e no fim deste grande anno vimos e vêmos a Portugal: no principio do anno morto pela esterilidade; no fim do anno resuscitado pela successão.

Sentenciou Deus a Adão, e sentenciou a Eva. A pena da sentença de Adão foi a esterilidade e a morte: *Maledicta terra in opere tuo, in pulverem reverteris.* A pena da sentença de Eva foi o parto dos filhos, e a sujeição do matrimonio: *In dolore paries filios, sub potestate viri eris.* [2] Pois se a causa era a mesma, porque foram as sentenças tão diversas? Porque quiz Deus revogar o rigor da primeira sentença na misericordia da segunda, e restaurar ao genero humano por parte da mulher, o que lhe tinhã tirado por parte do homem. Na sentença de Adão pronunciou-se expressamente a morte: *In pulverem reverteris:* na sentença de Eva declarou-se tambem expressamente a successão: *Paries filios:* e não ha duvida que pela promessa da successão se restituiu outra vez ao genero humano o que se lhe tinha tirado pela sentença da morte: porque o mesmo homem, que pela sujeição da morte ficara mortal, pelo beneficio da successão ficou outra vez immortalisado: de maneira, que a successão promettida a Eva, foi revogação da morte fulminada contra Adão; porque a successão é uma segunda vida, ou uma anticipada resurreição, com que os paes se immortalizam nos filhos: *Misericors Deus puniendi severitatem diminuens, et mortis personam auferens, liberorum successionem largitus est: quasi imaginem re-*

[1] *Psalm.* LXXVII, 39.
[2] *Gen.*, III, 17.

surrectionis per hoc subindicans, et dispensans, ut pro cadentibus alii resurgant: commentou com o mesmo pensamento S. João Chrysostomo. [1] E por isso Adão (que foi o primeiro auctor deste reparo), sendo elle verdadeiramente pae dos mortos, chamou, sem lisonja, a Eva mãe dos viventes: *Vocabit Adam nomen uxoris suæ Heva, eo quod mater esset cunctorum viventium.* [2] Quem dissera que na primeira tragedia do mundo havia de estar retratada a historia deste anno em Portugal! Na primeira sentença, por parte do homem, Portugal sem successão, condemnado á morte: *In pulverem reverteris:* na segunda sentença, por parte da mulher, Portugal com successão restituido á immortalidade: *Paries filios.*

E para que se veja qual foi a mão superior que obrou toda esta mudança, reparemos na maior circumstancia della. Envoltas as duas sentenças em uma sentença; que succedeu? Publicou-se a sentença hontem, chegou o Breve da dispensa hoje, celebrou-se o matrimonio ámanhã. [3] Os repentes do Espirito Santo estão acreditados desde o primeiro dia que veiu sobre a Igreja: *Factus est repentè de cœlo sonus.* Ha tal repente como este? Hontem a sentença, hoje o Breve, ámanhã o casamento?! Assim o fez Deus, para provar que era obra sua. Uma opinião dizia, que era necessaria dispensa do Pontifice: outra opinião dizia, que não era necessaria: e Deus mandou o Breve tanto a ponto, porque não só quiz casar as pessoas, senão tambem as opiniões. O matrimonio mais difficultoso e infinitamente distante (que foi o do Verbo com a humanidade) concordou-se em um instante: mas as opiniões dos entendimentos angelicos sobre este mesmo mysterio, não se hão de concordar por toda a eternidade. Tanto mais facil é unir distancias e vontades, que ca-

[1] Chrys. Hom. 18. in *Gen.*

[2] *Gen*, III, 20.

[3] Sentença da nullidade do matrimonio. Primo ex probabili defect. consensus juxta communem sent. Sanchez lib. 7. disp. 7. Secundò ex opinione Præpositi. Emman. Rz. Amici, Taneri, Conradi, Sá, et aliorum, qui probabile existimant ex matr. rato non resultare imped. publ. honest. etiam post motum Pii Quinti.

sar opiniões e entendimentos. Poderem casar as pessoas sem o Breve era opinião; poderem casar as opiniões sem o Breve, era impossivel; por isso mandou Deus o Breve.

Casou Moysés com Sephora, princeza de Madian, [1] e concorria no matrimonio aquelle impedimento, que depois se chamou: *Cultús disparitas;* porque era de differente nação e religião. Murmuraram do casamento Arão e Maria; mas accudiu logo Deus a desfazer esta opinião, em Arão com satisfação secreta, em Maria, não só com satisfação, senão ainda com mortificação publica. E certo, comtudo, que o matrimonio era licito e valido, como suppoem Expositores e Padres: porque o impedimento allegado, não era de direito natural, e ainda então não havia direito positivo que o prohibisse, como consta da historia e chronologia sagrada. Pois porque não dissimula Deus com a murmuração de Arão e Maria; e porque os não deixa ficar embora, ou no seu erro, ou na sua opinião, supposta a validade do matrimonio? Porque Moysés e Sephora eram os principes supremos do povo de Deus: e no casamento de pessoas tão altas e soberanas, que hão de ser a regra e exemplar do mundo, não só quer Deus que haja validade no matrimonio, mas nem permitte que haja contrariedade nas opiniões. Quer que seja licito sem escrupulo: quer que seja valido sem disputa: quer que seja recebido de todos sem contradição. Cesse logo a diversidade de pareceres, (diz o supremo Dispensador), e assim como se deram as mãos os contrahentes, deem-se tambem as mãos as opiniões. Assim o fez Deus em um e outro matrimonio; mas com grande vantagem de providencia no nosso. Porque nas bodas dos principes de Israël, primeiro se casaram as pessoas, e depois socegou Deus as opiniões: nas bodas dos nossos principes, primeiro concordou Deus as opiniões, e depois se receberam as pessoas.

Mas se algum escrupuloso critico sobre os poderes amplissimos delegados, achar menos (em materia tão grande) a confirmação immediata, e beneplacito do Pontifice, digo, que nem esta faltou; porque supprio Deus

[1] *Exod.*, XXI, 16; *3.º Livr. dos Reis*, XI, 1; *Num.*, XII, 1.

por si mesmo as vezes do seu Vigario. [1] Quando Christo respondeu a Dimas, *Hodie mecum eris in paradiso*, reparou com subtileza Arnoldo Carnotense, que aquella indulgencia de abrir as portas do Paraiso, pertencia a S. Pedro, e ás suas chaves. Pois se este era o officio de Pedro; porque o exercitou Christo naquella occasião? Porque estava Pedro ausente, e não soffria tanta dilação a brevidade do despacho: *Hodie*. E assim como Pedro na ausencia de Christo suppre as vezes de Christo, assim Christo na ausencia de Pedro suppre as vezes de Pedro. *Aberas Petre* (diz Arnoldo), *vices tuas gerit summus sacerdos Jesus*. [2] Estava ausente tambem, e mais distante no nosso caso, o Vigario de Christo, e porque a brevidade do despacho não consentia tanta dilação, suppriu o soberano Senhor as vezes do seu Vigario, confirmando por si mesmo o que elle em tanta distancia não podia.

E em que consistiu esta confirmação? No effeito e cumprimento promptissimo do que Portugal desejava e pertendia. Deus, como diz David, confirma os conselhos com os effeitos: *Tribuat tibi secundùm cor tuum, et omne consilium tuum confirmet*. [3] Se os conselhos não teem effeito, é signal que os não approva Deus: mas se o effeito desejado se segue aos conselhos, é prova que Deus os approva e os confirma. O conselho de Portugal foi, que á experiencia provada do ramo esteril succedesse a esperança do fecundo; e que á infelicidade das primeiras bodas se seguisse o remedio das segundas. E o effeito maravilhoso foi, que tanto que as segundas bodas foram celebradas, logo (como em outra vara de Arão florescente) amanheceu á nossa desconsolação o fructo desejado e pertendido dellas. Assim declarou Deus o seu beneplacito, assim confirmou com o effeito a nova eleição, e assim suppriu a benção immediata do Pontifice ausente, com a benção presente sua. Não é phrase, nem applicação minha, senão estylo praticado de Deus, desde o primeiro matrimonio do mundo. Lançou Deus a benção sobre o matrimonio

---

[1] Dispensação expedida em França pelo Eminentissimo Cardeal de Vandoma, legado *à latere*.

[2] Arnoldo de septem verbis.

[3] *Psalm.* XIX, 5.

de Adão e Eva; e o effeito e prova da benção, foi a fecundidade e successão dos filhos: *Benedixit illis Deus, et ait; crescite, et multiplicamini.* [1] Lançou Deus a benção sobre o matrimonio de Isaac e Rebecca: e o effeito e prova da benção foi tambem a successão e fecundidade: *Benedicam tibi, et multiplicabo semen tuum.* [2] Lançou Deus a benção sobre o matrimonio de Abrahão e Sara; e o effeito e prova da benção, foi da mesma maneira a fecundidade e successão: *Benedicam ei, et ex illa dabo tibi filium.* [3] Cuidam os que mal o consideram, que o fructo da successão é effeito só dos poderes da natureza, e não é senão graça e benção do Auctor della. E esta foi a benção que Deus tão promptamente lançou sobre os nossos principes, declarando-nos por este modo de approvação, que confirmava e ratificava, desde o céu, o que se tinha obrado na terra, e em tantas terras. Em Roma se preveniu, em França se expediu, em Portugal se concluiu, e no céu se confirmou, assistindo o Espirito Divino em tantas partes, e provendo com tão vigilante opportunidade em tudo, que bem se estava entendendo e experimentando que em Portugal dispunha a nossa consolação, como Consolador: e em Roma e França dava as suas lições como Mestre: *Spiritus Paraclitus, ille vos docebit omnia.*

IV

A terceira e ultima desconsolação que padecia Portugal, era o governo. A enfermidade não é culpa: e os effeitos da enfermidade são dôr, não devem ser escandalo. E porque sei com quanto decoro e reverencia se deve fallar nessa mesma dôr (já que é forçoso trazel-a á memoria), será a voz do nosso sentimento uma pintura totalmente muda. Viu o propheta Ezechiel quatro corpos enigmaticos e gerogliphicos, que tiravam pelo

[1] *Gen.*, I, 28.
[2] *Ibid.*, XXVI, 3 e 4.
[3] *Ibid.*, XVII, 16.

carro da gloria de Deus; [1] e em cada um, ou qualquer delles (porque todos eram similhantes), se me representa o governo de Portugal naquelle tempo. Lá tiravam pelo carro da gloria de Deus, cá tiravam tambem pelo carro das glorias de Portugal: porque não se póde negar, que no mesmo tempo vimos o reino carregado de fortunas e palmas, sendo tão lastimoso o governo para os de dentro, nas leis, quanto era glorioso contra os de fóra, nas armas: *Intus domestica vitia, virtutes foris in seculos emicantes*, disse de similhantes tempos Orosio. [2] Formava-se aquelle corpo enigmatico (como o nosso politico) não de uma só figura, senão de muitas. Tinha uma de humano, porque tinha rosto de homem: tinha duas partes de entendido, porque tinha rosto de homem e rosto de aguia: tinha tres partes de rei, porque tinha rosto de homem, rosto de aguia, e rosto de leão: de leão rei dos animaes, de aguia rei das aves, de homem rei de tudo: finalmente, tinha quatro partes de chimera, porque aos tres rostos de leão, de aguia, de homem, se ajuntava com a mesma desproporção, o quarto de touro. Destes quatro elementos se compunha aquelle mixto, e por estes quatro signos (uns proprios do seu zodiaco, outros estranhos) se passeava naquelle tempo o sol. Quando entrava no signo de Touro, dominava grosseiramente a terra: quando passava ao signo de Aguia, dominava variamente o ar: quando se detinha no signo de Homem, dominava friamente a agua: quando chegava ao signo de Leão, dominava arrebatadamente o fogo. Assim influia (ou assim entregava as influencias) o confuso planeta, já apparecendo resplandecente, já desapparecendo eclipsado: tendo o imperio dividido entre si a luz com as trevas, a razão com o appetite, a justiça com a violencia, ou, para fallar mais ao certo, a saude com a enfermidade. A parte sã era de homem e de aguia: a parte enferma era de leão e de touro: e quanto se intentava nas deliberações da parte sã, tanto se desfazia nas perturbações da enferma. O que dispunha a benignidade do homem, descompunha a fereza do leão: o que levantava a generosidade da aguia, abatia a bra-

---

[1] *Ezech.*, I, 5.
[2] Paul. Oros. lib. I. cap. 4.

veza do touro. Visto pela parte sã, provocava a adoração e amôr: visto pela parte enferma, provocava a dôr e commiseração: e como o juizo verdadeiramente estava partido, não podia o governo estar inteiro.

A esta desconsolação tão lastimosa e tão universal acudiu Deus, como ás demais, supprindo suavemente a enfermidade e defeito de um irmão com a perfeição e capacidade do outro. Eleito Moysés por Deus para senhor e libertador do povo, escusava-se que não podia fallar a Pharaõ, porque era tartamudo. E que fez Deus neste caso? Sendo tão facil á sua omnipotencia sarar a Moysés, e tirar-lhe aquelle impedimento, não quiz senão suppril-o por meio de seu irmão: *Aaron frater tuus erit propheta tuus:* [1] Arão, vosso irmão, será vosso interprete, e fallará em vosso nome. De maneira, que Arão tinha a voz, e Moysés tinha a vara: e tudo o que mandava ou dizia Arão, não era em seu nome, senão no de seu irmão. Assim, nem mais nem menos, o fez Deus comnosco: e assim o temos no Evangelho: *Sermonem quem audistis; non est meus, sed ejus, qui misit me, Patris.* [2] As palavras que me ouvistes (diz Christo), não são minhas, senão do Padre, que me mandou: porque eu só tenho a voz, elle tem o mando. Como se dissera Christo: Neste governo e magisterio do mundo, que exercito, ha duas pessoas: uma primeira e invisivel, que é o Padre: outra segunda e visivel, que sou eu: mas tudo o que mando, ou digo, não o mando, nem o digo eu, senão elle, porque fallo em seu nome, e não no meu. Não foi assim a primeira fórma com que se reparou o nosso governo? Assim foi. E posto que ultimamente se mudou a voz, não houve mudança na vara. Na voz mudou-se o nome; na vara não se alterou o dominio. De maneira, que uma pessoa é a que domina, e outra a que governa: a que domina, a primeira: a que governa, a segunda: a primeira invisivel, que se não vê, nem ouve; a segunda visivel, que a vêmos e ouvimos. Mas nisto mesmo que ouvimos á segunda, que vêmos, reverenciamos, como em sua imagem á primeira, que não vêmos, porque da segunda (por ella mais não querer) é só o ministe-

[1] *Exod.*, VII, 1.
[2] *Joan.*, XIV, 24.

rio, e da primeira o dominio: da segunda é só o exercicio, e da primeira o imperio: *Sed ejus qui misit me.*

Pharés e Zarão eram irmãos herdeiros do sceptro real de Judá: [1] e posto que a Zarão competia naturalmente a prerogativa do nascimento, [2] vêde como repartiam entre si o mesmo sceptro sem offensa da irmandade. Zarão, que era o primeiro, retirou-se e escondeu-se com a purpura, cedendo do logar; Fares, que era o segundo, succedeu-lhe sómente no logar, mas sem a purpura. [3] E para que se admire prodigiosamente o espirito sobre-humano desta acção, não é necessaria mais prova que a mesma ponderação do que é. Que quizesse ser segunda pessoa, quem podéra ser a primeira! [4] Que quizesse ser Arão com o ministerio da voz, quem podéra ser Moysés com o imperio da vara! Que quizesse ser Pharés só com a substituição do logar, quem podéra ser Zarão com a auctoridade da purpura! E que chamado tantas vezes e por tantos titulos á corôa, a resistisse com tão invencivel constancia! Só nos Canticos de Salomão, onde se contém a mais alta philosophia do céu, acho uma alma de similhantes espiritos: *Veni sponsa mea, veni de Libano, veni, coronaberis.* [5] Tres vezes foi chamada para a corôa: *Veni, veni, veni, coronaberis*, e sempre resistiu firme. Que alma fosse esta de generosidade tão dura, não se sabe em particular, porque nunca se viu similhante resistencia no mundo: E assim venho a entender, que é a mesma alma generosissima do nosso

1 *Gen.*, XXXVIII. 29.

2 Zaram hoc est Orient.

3 Phares, hoc est Divisio.

4 Acceita o principe a administração do reino, e não quer acceitar a corôa.

5 *Cant.*, IV. 2 In secundo sensu de sponsa particulari, quæ est anima cujusque fidelis Richard. Viet. Groisl. Del Rio, Cornel Legion. etc. Carlev. de Judic. lib. 1. tit 1. disp. 1. q 2. n. 134. — Azor Moral. t. 2. lib. 11. cap. 5. — D Thom. 2. q. 42 art. 2. et 3 — Suar. contra. Angl. L. 3 c. 3. n. 3 — Valboa de Monarch. Reg. q. 1. n. 16. — Valenç. cons. 299. 2 p — Pet. Greg. de Rep. lib. 26. cap. 1. 2. 3. — Burgos de Paz in præm lib. Taur n. 95 — Henriq. tract. de abdic. lib. 1. c. 2. — Navar. in cap. Nov. de jud not. 30, n. 99. — Molin. de Just. tr. 2. disp. 23. — Anton. Mass. contra Duel. n. 78, 79 etc.

principe, antevista e retratada em prophecia. E senão, vejamos o numero das repetições e dos titulos, porque foi chamado á coròa. Chamado á coròa uma vez a titulo da inhabilidade: *Veni*: chamado á coròa outra vez a titulo da renuncia: *Veni*: chamado á coròa terceira vez a titulo da eleição de todos os estados do reino: *Veni*. E que rogado e instado tantas vezes, e por tão qualificados titulos, nunca quizesse inclinar a cabeça á coròa, nem dar ouvidos a uma voz tão doce, e a uma palavra tão encantadora, como é: *coronaberis!* Mas que havia de fazer o espelho, senão retratar-se pelo seu exemplar? O primeiro exemplar desta tão valente e generosa acção foi a rainha nossa senhora. Estava de posse da coròa de Portugal; estava reconhecida e adorada por rainha; e vendo a ruina occulta e irreparavel do reino, que fez? Resolveu-se a deixar e perder a coròa, para que a mesma coròa se não perdesse. A' vista pois de uma resolução de tão estranho valor e generosidade, que havia de fazer o mais valoroso, e mais bizarro principe, senão mostrar maior coração que a mesma Coròa, e regeital-a tambem? Retrataram-se reciprocamente ambas as almas, porque Deus de ambas queria fazer uma.

Só se pode pôr em questão, com bem curiosa portia, qual dos dois galhardos espiritos fez maior acção neste caso: se a rainha em deixar a coròa lograda, se o principe em a engeitar offerecida: se um em largar a posse, outro em recusar a offerta. Fique a questão por agora indecisa: eu só digo egualmente de ambos, que o deixarem e não quererem a coròa, não foi descer um degráu, foi subir dois. Parece que o não querer a coròa, foi descer de reis a principes; e não foi senão subir de principes a mais que reis. A mais que reis? Sim. Disse Christo do Baptista, que não só era propheta como os outros, senão mais que propheta: *Etiam dico vobis, et plusquam prophetam.* [1] A prophecia é uma luz sobrenatural das coisas que naturalmente nos são occultas; e esta luz foi commum a todos os Prophetas. Logo porque ha de ser o Baptista mais que propheta? Vêde o que lhe offereceram, e o que respondeu: *Propheta es tu? Ait ilis: Non.* O Ba-

[1] *Matth.*, XI, 9.

ptista era propheta e não quiz ser propheta: offereceram-lhe o titulo de propheta, e não o quiz acceitar: e quem não quer ser propheta, nem acceitar o titulo de propheta, é mais que propheta: *Plusquam prophetam*. Não ha mister accommodação a consequencia. Quem não quiz ser rainha, é mais que rainha: quem não acceitou ser rei, é mais que rei. Os portuguezes prezamo-nos de ser mais que vassallos: prezemo-nos tambem de termos reis mais que reis. E esta é uma boa differença do governo passado. Então governava-nos quem não era rei; e agora? Quem é mais que rei.

Ainda não está ponderado o mais fino do caso. Que sua alteza não quizesse acceitar a corôa, seja embora triumpho da ambição, seja gloria da modestia, seja fineza da irmandade. O que admira e pasma é que acceitasse o trabalho da administração, não admittindo a auctoridade da corôa. Lá no apologo ou parabola de Joatham, a oliveira, a vide e a figueira não acceitaram a corôa, ou reinado das arvores, que toda a republica dellas lhes offerecia. E a razão com que se escusaram foi, porque não queriam deixar o seu descanço, nem as suas commodidades: *Numquid deseram dulcedinem meam, fructusque suavissimos, ut inter cætera ligna promovear?* [1] Fallaram como quem carecia de espiritos racionaes, e se movia pelos impulsos insensiveis do vegetativo. Não haviam de responder assim, se foram homens, nem ainda se foram animaes. Diga-o entre as feras o leão, e entre as aves a aguia. Pasme logo no nosso caso, e admire-se de si mesma toda a natureza. Pasme de vêr o sensitivo tão racional, e pasme de vêr o mesmo racional tão sobre-humano. Não acceitar a corôa, não se acha no racional, nem no sensitivo; mas não acceitar a corôa e acceitar o pezo e encargos della, nem no insensivel se acha. A corôa tem duas propriedades oppostas: o pezo e o resplandor: a obrigação e a magestade. E que um principe daquelles annos sujeite o hombro ao pezo e á obrigação, e não queira accommodar a cabeça ao resplandor e á magestade! Que diremos em um caso tão novo? Digo, com a mesma novidade, que só o nosso principe, entre todos os do mundo, soube pôr a corôa em seu logar.

---

[1] *Jud.*, IX.

Porque? Porque coroou o hombro, e não quiz coroar a cabeça. Prova? Sim.

O primeiro rei que Deus fez foi Saül: [1] mandou ao propheta Samuel, que o ungisse, e a cerimonia do acto foi notavel. Assentou-se á meza Saül, e deu ordem o Propheta, que lhe puzesse diante o hombro de uma rez que naquelle dia tinha sacrificado. Essa foi a unica iguaria: *Levavit autem cocus armum, et posuit ante Saul.* E porque se não duvidasse que o prato e a parte tinham mysterio, accrescentou Samuel, que de industria lh'a mandara guardar: *Comede, quia de industria servatum est tibi.* Pois se o prato era mysterioso, e aquella parte da rez foi reservada para Saül não acaso, senão de industria: porque lhe reservou Samuel o hombro, e não outra parte, ou de mais regalo por hospede, ou de mais propriedade por rei? Supposto que ungia a Saül por rei, e para cabeça suprema daquella povo, parece que a parte da rez que se lhe devia presentar, era a cabeça sacrificada. Pois porque lhe não põe diante Samuel a cabeça, senão o hombro? Porque Saül, como diziamos, era o primeiro rei que Deus elegeu e coroou neste mundo; e o logar e assento proprio da corôa (segundo a instituição divina) não é a cabeça é o hombro. A corôa, fel-a Deus para o pezo e para o trabalho; os homens, abusando della, fizeram-na para o resplandor e para a magestade. A corôa, fel-a Deus para carregar sobre o hombro; os homens, trocando-lhe o logar, fizeram-na para auctorisar e adornar a cabeça. [2] Assim que, assentar a corôa sobre a cabeça é pôr a corôa fóra de seu logar, e seguir o estylo dos homens; carregar a corôa sobre o hombro, é pôr a corôa em seu proprio logar, e obrar pelos dictames de Deus. Homens eram os que desejavam que sua alteza se coroasse, e por isso lhe queriam pôr a corôa sobre a cabeça; Deus foi o que finalmente o coroou, e por isso lhe poz a corôa sobre o hombro: *Principatus ejus super humerum ejus.* [3] O principe Deus (cujo é este elo-

[1] *1.º Livr. dos Reis*, IX, 24.

[2] Cum armus maximè valeat ad onera ferenda, Saul cogitaret se non ad jocum, ad lusum, ad voluptates, sed ad maxima onera ferenda, atque sustinenda vocari. Auctor Antiq. Convival. L. 1. cap. 33.

[3] *Isai.*, IX, 6.

gio) poz as insignias reaes ao hombro; assim o havia de fazer tambem um principe de Deus: *Principatus ejus super humerum ejus.* Reparae no titulo e no logar. O logar não a cabeça, senão o hombro: *Super humerum;* o titulo não de rei, senão de principe: *Principatus ejus.* Não rei com a corôa na cabeça, senão principe com a corôa ao hombro. E quem podia infundir uma lição tão alta e de tão superior madureza em um pensamento generoso de tão verdes annos, senão aquelle espirito e virtude do Altissimo, que assim o ensinou a elle, para assim nos consolar a nós? *Spiritus Paraclitus, ille vos docebit omnia.*

V

Temos dado as graças (ou mostrado a materia dellas) pelo anno presente. Restava agora, como promettemos no principio, pedir graça para os annos futuros: mas o cumprimento da primeira promessa foi tambem satisfação da segunda. O melhor modo de pedir é agradecer. Assim como o ingrato só pela ingratidão perde o beneficio passado, assim o agradecido só pelo agradecimento sollicita e alcança o futuro. [1] Christo, para nos ensinar a pedir, dava graças: e Deus (como diz S. João) dá uma graça por outra. Pelas graças que lhe damos, dá-nos as graças que lhe pedimos. Mas não espera Deus nestes casos nova petição, porque (como bem disse Theodoto bispo no Concilio Efesino) o mesmo agradecer para com Deus, é pedir; e o agradecimento das mercês, ou graças passadas, é o memorial das futuras. [2]

A graça que eu determinava pedir para os annos que de hoje em diante começam, é, que fossem tambem annos de Deus Consolador, e annos de Deus Mestre. De Deus Consolador, conservando-nos as felicidades presentes: de Deus Mestre, ensinando-nos para as difficuldades futuras: *Spiritus Paraclitus, ille vos do-*

---

1 *Math.*, XIV, 19. Maldon. ibi.

2 *Joan.*, I, 16. Vide Theod. epist. in Homil. habita in Conc. *Ephes.*, t. 6. c. 10.

cebit omnia. E para que a harmonia desta segunda parte correspondesse com a mesma proporção á primeira: assim como dei graças por tres coisas, assim tratava de pedir graça para outras tres: uma por parte dos vassalos, duas por conta dos principes. Mas porque o tempo falta, antes já me reprehende, apontarei só as graças que queria pedir, e as palavras com que o Evangelho nos formava as petições.

VI

A graça primeiro que peço, ou queria pedir ao Espirito Santo por parte dos vassallos, é, que o amôr com que amamos aos nossos principes, tenha effeito de amôr. O primeiro e primario effeito do amôr, é a união. Se alguem me ama (diz Christo no principio do Evangelho) guardará o meu preceito: *Si quis diligit me sermonem meum servabit;* [1] e quem me não ama, (continúa o mesmo Senhor) não guarda os meus preceitos: *Qui non diligit me, sermones meos non servat.* [2] Não sei se reparastes na differença. Na primeira clausula disse *o meu preceito;* e na segunda, *os meus preceitos.* A sua lei, de que Christo fallava, é a mesma para os que a guardam e para os que a não guardam: pois porque lhe chama na primeira clausula um preceito: *Sermonem meum servabit;* e na segunda clausula muitos preceitos: *Sermones meos non servat?* No mesmo Texto está clara e declarada a razão. Na primeira clausula fallava Christo dos que amam: *Si quis diligit:* na segunda clausula fallava dos que não amam: *Qui non diligit:* e esta é a differença que ha entre o amôr e o desamôr. O desamôr, como tem por effeito dividir, de um preceito faz muitos preceitos: *Qui non diligit, sermones meos non servat:* o amôr, como tem por effeito unir, de muitos preceitos faz um só preceito: *Qui diligit, sermonem meum servabit.* Este effeito unitivo do amôr é, Consolador divino, a graça que eu vos peço para uns vassallos que tanto amam a seus

[1] *Joan.*, XIV, 23.
[2] *Ibid.*, 24.

principes. Que assim como o amôr de muitos preceitos faz um só preceito, assim faça de muitos pareceres um só parecer, de muitos juizos um só juizo, de muitas vontades uma só vontade, e sobre tudo e em tudo, de muitos interesses um só interesse.

E que interesse ha de ser este? A conveniencia do principe. O amôr que tem outro interesse mais que a conveniencia do principe, não é amôr do principe. [1] Fazer competencia de quem mais o ha de assistir, e cuidar que mais o ama quem mais o assiste, é cegueira (não digo de enganoso) mas de enganado amôr. Não quem mais logra a presença do principe, senão quem mais est ma sua conveniencia, é o que mais, ou o que só o ama. Estavam tristes os Apostolos pela partida de Christo, e disse-lhes o Senhor (é o nosso Evangelho): *Si diligeretis me, gauderetis utique, quia ad Patrem vado:* Se me amáreis verdadeiramente, discipulos e companheiros meus, é certo que haverieis de estar, não tristes, senão muito alegres nesta minha partida. Pois, Senhor meu, a tristeza pela ausencia não é amôr? Em outras occasiões sim, neste caso não. O partir-me e ausentar-me da terra, é grande conveniencia minha: porque vou tomar inteira posse do meu reino, e assentar-me no throno de minha gloria á dextra do Padre: e quem ama mais a minha presença, que a minha conveniencia, não me ama fina e fielmente. Todos amam á porfia a presença e assistencia do principe; não sei se porfiamos tanto por suas conveniencias: se é amôr, não cheguem a ser ciumes.

Desengane-se, cortezãos, o vosso cuidado, que não consiste o amôr e graça do principe em vós morardes com elle, senão em elle morar em vós. E' Texto expresso do mesmo nosso Evangelho: *Si quis diligit me, diligetur à Patre meo, et ad eum veniemus, et mansionem apud eum faciemus:* Quem me ama, está na minha graça, moro eu nelle. De maneira, que o effeito e a prova da graça, não consiste em vós morardes com elle, senão em elle morar em vós. Inferi agora. Se pela vossa assistencia oraes vós com o principe, e pela sua graça mora o principe em vós, não é maior favor, e mais de dentro, elle em vós, que vós com elle? Se

[1] *Joan.*, XVIII.

moraes com elle, entraes mais; mas se elle mora em vós, estaes mais entrado. Senhores: já que o nosso amôr é racional, queiramos o possivel. Assistir todos ao principe, morar todos com o principe, não póde ser: amar o principe a todos, e morar o principe em todos, isto é o que póde ser, e isto é o que é. Contentemo-nos com este modo de amôr, contentemo-nos com este modo de graça (ainda que seja menos visivel), e estaremos contentes todos. [1] Estimar a graça pelo visivel, e querer que todos vejam que sois bem visto, é ostentação, não é amôr. O amôr tem a satisfação no coração proprio, e não nos olhos alheios. O preço da graça está no agrado dos olhos soberanos, e não na admiração dos vulgares. Desmerece ser bem visto, quem quer a graça para ser olhado. Por isso Deus fez invisivel a sua. A lição é muito alta e muito fina; mas estas são as que ensina o Espirito Santo: *Ille vos docebit omnia.*

VII

A graça que queria pedir ao mesmo divino Espirito por parte do principe, que Deus nos guarde, não é graça nova, senão antiga e sua. Dois espelhos tem sua alteza em que se vêr, um defunto, outro vivo, ambos sepultados. Desde mui tenros annos tomou o sempre grande principe por timbre e empreza de suas acções, retratal-as todas pelas de seu glorioso pae, o nosso invictissimo libertador, El-rei D. João o IV de immortal memoria. A continuação e exercicio deste tão nobre pensamento, é a graça que só peço, e nella muitas. O ultimo filho, o filho mais amado, o Benjamin d'El-rei D. João foi o seu infante D. Pedro. E porque sua alteza com nenhuma outra demonstração póde pagar melhor este amôr, quer imitar seus exemplos. As ultimas palavras do nosso Evangelho são o memorial expresso desta resolução: *Ut sciatis quia diligo Patrem:* Para que saibaes quanto amo a meu Pae e Senhor, olhae para o corpo e alma da minha empreza. O corpo

[1] *Joan.*, XIV, 23.

é um livro aberto das acções d'El-rei D. João: a alma é esta lettra: *Sicut mandatum dedit mihi Pater, sic facio.*

Neste livro, neste exemplar, neste espelho, senhor, estudará, imitará, e verá vossa alteza (como tem deliberado) todas as acções generosas, todos os attributos reaes, e todas as virtudes heroicas de um principe christão perfeito. Para com Deus a religião, a piedade, o zelo: para comsigo a temperança, a modestia, a sobriedade: para com os subditos, a prudencia, a justiça, a clemencia: para com os estranhos, a vigilancia, a fortaleza, a verdade. Verá vossa alteza um valorosissimo rei cercado sempre dos maiores perigos, mas nelles acautelado egualmente e confiado: na confiança com recato, na cautela sem temor, no perigo com magnanimidade. Moderado: mas a moderação com decencia: affavel; mas a affabilidade com respeito: liberal; mas a liberalidade com medida. A magestade sem affectação, o senhorio sem fausto, o mando sem dependencia. Verá vossa alteza um coração alto, talhado para grandiosas emprezas, mas circumspecto e prudente: porque aconselhado; e bem aconselhado, porque com os melhores. Pacifico por inclinação, bellicoso por necessidade, victorioso contra seus inimigos sempre; porque sempre referiu a Deus as victorias. Bem afortunado em tudo, mas nunca altivo; porque sendo tão grande a sua fortuna, era maior o seu peito. Observantissimo em recatar os segredos proprios; fidelissimo em guardar os alheios; e em saber e penetrar os estranhos, vigilantissimo. Cuidava de noite o que havia de executar de dia; e porque media os pensamentos com o poder, sempre as suas idéas chegavam a ser obras. Incansavel no trabalho, posto que com suas horas e intervallos de allivio: mas o trabalho como tarefa da obrigação; o allivio como respiração do trabalho. Sabia reinar, porque sabia dissimular; e reinou, porque não dissimulou. Prezava-se só da justiça, affectava o nome de justiceiro, e era justo. Para os criminosos severo, para os pleiteantes egual, para os ministros senhor, para os vassallos pae, e para todos rei.

Este é o exemplar que vossa alteza, senhor, tem proposto a suas reaes acções, para que ellas sejam tão singulares, como elle glorioso. E se vossa alteza acaso apartar os olhos deste primeiro espelho, seja só para os pôr no segundo. Perdeu-se lastimosamente

El-rei Roboão, e do reino inteiro das doze Tribus que tinha herdado, apenas deixou duas a seus descendentes. Mas porque? Só porque não quiz seguir os conselhos e conselheiros de seu pae, sendo seu pae Salomão. E' verdade que se comparou no seu pensamento com elle; mas não para o imitar, ou se lhe fazer egual, senão para cuidar vãmente, que era maior: *Minimus digitus meus grossior est dorso patris mei.* [1] O' que differente lição nos leu hoje no Evangelho Christo? *Quia Pater major me est.* Meu Pae (diz Christo) é maior que eu. Christo comparado com o Pae, emquanto homem é menor, em quanto Deus é egual: e comtudo Santo Athanasio, S. Gregorio Nazianzeno, Santo Hylario, S. Cyrillo, S. João Chrysostomo, Leoncio, Theophilato, Euthimio e outros grandes Padres, querem que fallasse Christo neste Texto, quanto á divindade. [2] Pois se Christo quanto á divindade é egual ao Pae; como diz, ou como póde dizer que o Pae é maior? Porque é Pae: *Qui a Pater.* O respeito não encontra a verdade, nem a cortezia a fé. O filho é imagem do Pae: o Pae é exemplar do filho: e a esta prioridade original chamou o Filho maioria: porque é maioria entre os homens, ainda que em Deus seja egualdade. Esta egualdade verdadeira, e esta maioria respeitosa entre Pae e Filho, é a graça, em que todos desejamos confirmado o nosso grande principe. Que o pae na estimação do filho lhe seja sempre maior, e que o filho na experiencia dos vassallos lhe seja sempre egual. Que retrate naquelle espelho as reaes acções: que imite naquelle exemplar as virtudes heroicas; que estude naquelle livro aberto as lições que só a sabedoria do divino Espirito lhe póde ensinar: *Ille vos docebit omnia.*

VIII

A terceira e ultima graça que eu finalmente quizera pedir por parte da rainha nossa senhora, é que pois o

---

[1] *3.º Livr. dos Reis*, XII, 8 e 10: *Joan.*, XLI, 28.

[2] Athan. serm. contra Arian. Hilarius L. 9. de Trin. Nazian. orat. 4. de Theol. Cyrillus lib. 2. — Thesaur. cap 1. Leontius, Chrysost. Theophilat. Euthimius hic. — Clement. Alex. ad Ortodox. Basil. 2. contra. Eunom., Athan. de Decret. Nicæn. Synod. Nazianzen, eadem orat. 4. — Jansen. Cornel. Maldon. ibi.

mesmo divino Espirito dotou a sua magestade de tantas e tão excellentes graças, nos dê graça, para que nos saibamos aproveitar dellas. Assim se aproveitava Abrahão dos conselhos de Sara; assim Nabal da prudencia de Abigail; assim David da industria de Micol; e assim El-re. Assuero do valor e sabedoria da rainha Esther. [1] Para esta ultima petição reservei duas palavras, que só nos restam por ponderar em todo o Evangelho: *Et suggeret vobis omnia, quæcumque dixero vobis.* [2] Nas clausulas desta sentença distingue Christo dois officios, um seu, outro do Espirito Santo. O primeiro é mandar, o segundo é suggerir. Ninguem póde mandar só, se houver de mandar como convém. Ao lado do officio de mandar, deve andar sempre o officio de suggerir, ou como companheiro, ou como instrumento inseparavel. A obrigação e exercicio deste segundo e tão importante officio, é o que significa a mesma palavra suggerir; que vem a ser, lembrar, inspirar, aconselhar, conferir, persuadir, despertar, instar. Os talentos que para o mesmo offic o se requerem, são maiores e mais relevantes: grande entendimento, grande comprehensão, grande juizo, grande conselho, grande zelo, grande fidelidade, grande vigilancia, grande cuidado, grande valor. As disposições e os meios com que se exercita, ainda são de mais altas e mais interiores prerogativas: summa communicação, summa confiança, intima amizade, intima familiaridade, intimo amôr; e não só perfeita união, senão ainda unidade. De sorte que os dois sugeitos em que concorrerem estes dois officios, de tal maneira hão de ser dois, que verdadeiramente sejam um: de tal maneira hão de ser diversos, que verdadeiramente sejam o mesmo. Ha se de multiplicar nelles o numero, mas não se ha de dividir a unidade. E' o que temos no mesmo exemplo divino do Evangelho. O Filho, a quem pertence o officio de mandar, e o Espirito Santo, a quem pertence o officio de suggerir, quantos são? Considerados quanto ás pessoas, são dois; considerados quanto á essencia, são um; considerados quanto ás pessoas, são diversos; con-

[1] *Gen.*, XXI, 12; *1.º Livr. dos Reis*, XXV, 18; *Ibid.*, XIX, 13; *Esth.*, IV, 12.

[2] *Joan.*, XIV, 26.

siderados quanto á essencia, são o mesmo. E tal ha de ser necessariamente, quem tiver o officio de suggerir, em respeito de quem tem o de mandar.

Mas dir-me-ha alguem, que isto só o póde haver nas pessoas divinas, mas não em sugeitos humanos. Sim, póde. Tambem ha sugeitos humanos, que sendo diversos, são o mesmo; e sendo dois, são um só. E que sugeitos são estes? Os dois de que fallo, sem os nomear. O esposo e a esposa. O mesmo Deus que os formou o disse: *Erunt duo in carne una.* [1] Notavel foi a ordem e artificio com que o supremo Auctor da natureza se houve na creação dos dois primeiros homens. No principio creou um só; logo de um formou dois; ultimamente de dois tornou a fazer um. Ao principio creou um só, que foi Adão: *Formavit Deus hominem:* logo de um formou dois, porque de Adão fez o homem, e a mulher: *Masculum, et fœminam fecit eos:* ultimamente de dois tornou a fazer um; porque o homem e a mulher, unidos pelo matrimonio, ficam sendo uma coisa: *Erunt duo in carne una.* E' advertencia tudo de S. Cypriano: *Duo, inquit, erunt in carne una, ut in unum redeat, quod unum fuerat.* [2] E como o esposo e a esposa, pela virtude natural daquelle vinculo divino, sendo dois, são verdadeiramente um; e sendo diversos, são propriamente o mesmo, só o esposo e a esposa (juntamente) podem exercer os dois officios de mandar e de suggerir; e só a esposa (divisamente) o de suggerir, sem o de mandar.

Perguntar-se-me-ha, porém, e com muito fundamento, porque razão é necessaria esta mutua união, e identidade; e que os dois que exercitam os officios do mandar e suggerir sejam a mesma coisa? Digo que é necessario serem ambos a mesma coisa, porque só os que são a mesma coisa teem o mesmo fim e os mesmos interesses. Onde ha differença de pessoas, ha differença e distincção de bens: onde ha differença e distincção de bens, ha tambem differentes fins, e differentes interesses; e estes são os que perturbam a luz, e corrompem a pureza dos verdadeiros conselhos. Necessario é logo, que o que tem o officio de suggerir,

---

[1] *Gen.*, II, 7.
[2] Cyprian. de Bono Pudicitiæ.

seja a mesma coisa com quem tem o officio de mandar, para que tendo os mesmos interesses, e o mesmo fim, nem haja outro fim que lhe divirta o entendimento, nem outro interesse que lhe suborne a vontade. Mas esta vontade sem suborno, e este entendimento sem diversão, só o póde achar o principe seguramente na esposa, e não no vassallo. O fim e o interesse do principe é o commum, o fim e o interesse do vassallo é o particular: e sendo os fins e os interesses do principe e do vassallo tão diversos, só o do principe e da esposa é o mesmo. Possivel é, Senhor, haver vassallo tão fiel, tão amigo, e tão generoso, que o fim do principe seja o seu fim, e os interesses do principe os seus interesses: mas isto que no vassallo é continente, na esposa é necessario; isto que no vassallo é sempre duvidoso, na esposa é sempre certo; isto que no vassallo é sobrenatural, na esposa é natureza. Porque entre o principe e o vassallo ha differença de pessoa a pessoa, e distincção de bens a bens: entre a esposa e o esposo não ha distincção de bens a bens, nem de pessoa a pessoa. A razão e o discurso tudo temos em um só logar.

Perguntou a Esposa dos Cantares ao seu Esposo, onde passava, onde descançava a sesta, para que o podesse buscar naquella hora sem errar o caminho: *Indica mihi ubi pascas, ubi cubes in meridie, ne vagari incipiam.* [1] E respondeu o Esposo: *Si ignoras te, abi post vestigia gregum tuorum:* Se não sabes de ti, segue as pisadas do teu rebanho. Notavel resposta, e totalmente encontrada! O que o Esposo havia de responder era: Se não sabes de mim, segue as pisadas do meu rebanho: porque pelas pisadas do rebanho se vae logo dar com o pastor. Pois se havia de dizer: Se não sabes de mim; porque diz se não sabes de ti? E se havia de dizer: o meu rebanho: porque diz: o teu rebanho? Porque isso é serem esposos. Entre esposo e esposa, como não ha differença de pessoas, *eu* quer dizer *tu*, e *tu* quer dizer *eu:* e como não ha distincção de bens, *meu* quer dizer *teu*, e *teu* quer dizer *meu*. Por isso o Esposo (sem equivocação, nem impropriedade) havendo de dizer: Se não sabes de mim, disse:

---

[1] *Cant.*, I, 6.

Se não sabes de ti: *Si ignoras te:* e havendo de dizer: Segue o meu rebanho, disse: Segue o teu rebanho: *Abi post vestigia gregum tuorum.* E desta mesma unidade, ou união de pessoas e bens, se arguia manifestamente, que a Esposa não podia errar o caminho para o Esposo; porque aonde não ha differença de mim a ti, nem de meu a teu, logo se acerta o caminho. Quando as pessoas são diversas, e os rebanhos diversos, os interesses, os fins e os caminhos tambem são diversos; e na diversidade de caminhos póde-se errar. Porém quando a pessoa é uma, e o rebanho um; o interesse, o fim, e o caminho, tambem é um; e onde o caminho é um só, não póde haver erro.

Mas depois de acertados verdadeiramente os caminhos, e conhecidos com toda a conveniencia os meios que se hão de suggerir; ainda é necessaria a confiança, a communicação, a auctoridade, e talvez uma resolução, valor, e constancia grande, para se haverem de suggerir. E tudo isto não póde concorrer no vassallo, por maior e mais qualificado que seja, nem se póde achar nelle, como convém, senão só na esposa. Pediu José ao copeiro mór de Pharaó, quizesse suggerir ao rei a sua innocencia, e a sua miseria: *Ut facias mecum misericordiam, et suggeras Pharaoni;* [1] mas o copeiro, sendo tão obrigado a José, não suggeriu. Todos o accusam de ingrato e esquecido: eu não creio que foi só falta de memoria, nem de agradecimento, senão de confiança e de poder. Isto de suggerir a Pharaó, requer maior confiança e maior auctoridade, que a de ministrar de joelhos uma copa doirada. Aman, que era aquelle grande valido, e primeiro ministraço d'El-rei Assuero, é verdade que tinha a confiança e as entradas para suggerir: *Intraverat, ut suggereret regi;* [2] mas a roda de sua fortuna no dia destas mesmas entradas, e a tragedia de sua mal acabada privança, antes de.xou o exemplo de temores, que de ambições ao officio. Entrou a suggerir, sahiu a morrer.

Notemos, porém, no mesmo caso a differença com que suggeriu Esther, rainha e esposa. [3] Tinha alcan-

---

[1] *Gen.*, XL, 14.
[2] *Esther*, VI, 4.
[3] *Ibid.*, III, 13.

çado Aman, por odio de Mardocheu israelita, um decreto universal d'El-rei Assuero, para que todos os daquella nação em qualquer parte de sua monarchia que fossem achados, sem excepção de sexo, nem de edade, morressem á espada. O decreto estava firmado com o annel e sello real, as provisões estavam passadas em diversas linguas a todas as cento e dezesete provincias que Assuero dominava; só se esperava com irremediavel tristeza o dia da tremenda execução; porque em toda a parte se havia de executar em um dia. O' valha-me Deus! Em tanto aperto, em tanta desesperação, não haveria quem valesse á innocencia, quem appellasse da injustiça, quem allumiasse a cegueira do rei, quem se oppuzesse á ira e privança do privado, quem provasse sua tyrannia, quem descobrisse seus enganos? Antes estavam tão fechadas as portas a toda a luz e remedio, que sobre a crueldade do primeiro decreto se tinha publicado outro mais cruel, que ninguem podesse fallar ao rei, nem entrar á sua presença, com pena da vida. No meio porém de todo este apparato de horrores, e por meio de todos elles, sem reparar na severidade dos reis assyrios, nem no estylo inexoravel de suas comminações, entra comtudo animosamente Esther, e apparece diante de Assuero. [1] Propõe-lhe o odio e vingança de Aman, e as soberbas causas della: estranha o decreto, affea a injustiça, pondera a impiedade; e reduzido sem resistencia o rei pela manifesta informação e conhecimento da causa, revoga-se o decreto, annullam-se as provisões, suspende-se a execução, muda-se a sentença, depõe-se do officio e auctoridade Aman, tira-se-lhe no mesmo dia a vida, a fazenda, a honra, de que era tão indigno; justifica-se o rei, dá-se satisfação á monarchia, emenda-se para com Deus a consciencia, restaura-se para com o mundo a fama. Está bem feito tudo isto? Ninguem o póde negar. Mas quem se atreveria a suggerir a um rei potentissimo, severissimo, e deliberado, uma informação (posto que justa) tão contraria á magestade de seus decretos; e (o que é mais) á vontade, á paixão, e aos interesses do seu grande valido, mais respeitado em toda a monarchia, e mais temido que o mesmo rei, se não

[1] *Ibid.*, IV, 11.

fosse unicamente Esther, pela auctoridade de rainha, e pela confiança de esposa?

Quantas vezes será importante e necessario em um reino sanear a ruim informação, dar novos olhos á sentença injusta, acudir ao decreto pernicioso, atalhar a ruina publica ou particular, depôr o ministro grande e pôr em grandes logares ao que não é ministro; moderar a ira do rei, ter mão na sua constancia, desenganar-lhe o affecto (que tantas vezes se cega), impugnar-lhe o parecer, e ainda contrariar-lhe descobertamente a vontade? E quem ha que tenha a confiança e auctoridade, nem possa ter o valor e resolução necessaria para suggerir as razões de tudo isto, opportuna e efficazmente, senão Esther? Quem, senão unicamente aquelle espirito, que é ametade da alma do mesmo principe, cuja conservação, cujo augmento, cujo interesse, fama, corôa e gloria, não só é commum de ambos, senão a mesma?

O' ditoso principe, e tres e quatro vezes bemaventurado (que assim lhe chama á bocca cheia o Espirito Santo) [1] aquelle que, não por testemunho incerto da opinião ou informação suspeitosa da lisonja, senão por experiencias presentes e tão provadas, logra a felicidade de tal companhia! Contente Adão da que Deus lhe tinha dado, e julgando que formada de uma parte tão dura do homem, como os ossos, não podia deixar de ser muito similhante a elle na fortaleza e no vator, poz-lhe por nome Virago, dizendo que assim se havia de chamar d'ali por diante: *Vocabitur Virago, quoniam de viro sumpta est.* [2] E comtudo, nem o mesmo Adão, nem algum de seus descendentes chamou nunca tal nome a Eva. E porque razão perdeu Eva o elogio de tão honrado nome? Porque lh'o poz Adão sem exame, nem testemunho da experiencia: e na primeira occasião que se offereceu, viu que não tinha nada de varonil, e que era indigna do nome de Virago. Quem não teve valor para resistir a uma cobra, nem peito para rebater uma maçã (vêde que bala) porque se havia de chamar Virago? Vagou a dignidade ou a valentia do nome desde aquelle tempo: e posto que se oppuzeram a elle com grandes actos, primeiro Jael e Debora, e depois Judith, ficou em fim reservado para Ma-

[1] *Eccles.* XXVI 11.
[2] *Gen.*, II, 2.

ria: não Maria a irmã do primeiro Moysés, senão Maria a esposa do segundo Pedro. Elle foi sem duvida aquelle venturoso (não nomeado) de quem perguntava Salomão: *Mulierem fortem quis inveniet?* [1] Quem será o venturoso a quem cahirá em sorte a mulher valorosa? E dando logo os signaes para que se conhecesse quem era, quão preciosa, e d'onde havia de vir, accrescenta: *Procul, et de ultimis finibus pretium ejus:* Que não havia de ser do reino proprio, nem dos visinhos, mas que havia de vir de além dos fins da terra. O Texto não nomeia França, mas França, a respeito de nós, é a que está além dos fins da terra: e de França, passando o cabo dos fins da terra, é que veiu aportar felizmente ao Tejo a herdeira valorosa do nome de Virago.

Mas que ha de fazer o venturoso esposo depois de lhe caber em sorte tão generosa companhia? O mesmo Salomão o diz, fechando a sua sentença: *Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit:* Porá nella o esposo toda a confiança do seu coração: e o que conseguirá por meio desta confiança, é que lhe sobejarão despojos. Parece que não promettiam tanta consequencia as premissas: mas tanto importa fiar de quem só se não póde desconfiar. Os despojos que o Texto promette por effeito desta confiança, ou podem ser da guerra, ou tambem da paz: *Et spoliis non indigebit:* se são da paz, não terá necessidade de despojos, porque não terá guerra: se são da guerra, não terá necessidade de despojos, porque terá victoria. Victoria contra os inimigos de fóra, e paz com os inimigos, e com os amigos de dentro, que ás vezes são os mais bellicosos. Estes são os despojos que promette o divino Oraculo ao esposo da mulher valorosa, se puzer nella a confiança do seu coração, valendo muito mais o seguro que lhe dá da confiança, que a promessa que lhe faz dos despojos.

Não ha ponto mais difficultoso a um principe, que saber de quem se ha de fiar. Se se fia de todos, perde-se de contado: se se não fia de ninguem, tambem vae perdido: se se fia de quem não deve fiar-se, já se perdeu: se se não fia de quem se deve fiar, ultima

---

1 *Prov.*, XXXI. 10.

perdição. Pois que remedio nesta perplexidade? Que seguro em tantas ondas, ou syrtes de desconfianças? Fiar-se de quem o Espirito Santo diz que se fie: *Confidit in ea cor viri sui.* O esposo fie-se da esposa. E não bastará, ou não será melhor fiar-se só de si? Não será esta a mais certa e a mais segura confiança? Não. Fiar-se só de si, e aconselhar-se só comsigo, tem o perigo do amôr proprio: fiar-se só de outro, e aconselhar-se só com outro, tem o risco do interesse alheio. Haja logo um tribunal supremo, e um conselho intimo e secreto, que compondo-se de dois, seja juntamente um, e formando-se de diversos, seja juntamente o mesmo: para que nesta reciproca differença se segurem os perigos da primeira desconfiança, e nesta reciproca identidade os riscos da segunda. O perigo da desconfiança de si, segura-se na differença, porque sou eu, e mais outro: o risco da desconfiança de outro segure-se na identidade, porque esse outro sou eu. Eu, como eu, posso cegar-me: pois seja eu juntamente outro, para que me guie. Outro, como outro, póde desencaminhar-me: pois esse outro seja juntamente eu, para que me não engane. E sobre estes seguros de tão intima e indubitavel confiança, diz o rei mais sabio de todos os homens, que o coração do esposo se fie da esposa: *Confidit in ea cor viri sui.* Se o principe se fia do vasallo, fia-se um coração de outro coração: se o esposo se fia da esposa, fia-se um coração, não de outro, senão de si mesmo. E de quem mais seguramente se deve fiar uma ametade do coração, que da outra ametade tambem sua? Sua sem ser só, porque é outra: outra sem ser alheia, porque é sua; e sua sem ser diversa, porque é a mesma: *Fecit Deus, ut sit homo, unus duo, duo unus, alter ipse*, disse com resumida elegancia S. Pedro Chrysologo. [1] Para o conselho são dois, *duo:* para o segredo são um, *unus:* para o desinteresse são outro, *alter:* para o amôr são o mesmo, *ipse:* e para a confiança são tudo: *Confidit in ea cor viri sui.* Assim o ensinou o Espirito Santo por bocca de Salomão ha tantos annos, e assim peço eu por ultima felicidade dos annos que vem, se sirva de nol-o ensinar o mesmo Espirito: *Spiritus Paraclitus, ille vos docebit omnia.*

---

[1] Petr. Chrysol. serm. 99.

IX

Espirito Consolador e Mestre Divino: infinitas graças vos damos, e vos sejam eternamente dadas, pelo que nos consolou vossa bondade, e pelo que nos ensinou a vossa sabedoria neste anno: anno tão trabalhoso e arriscado nos principios, e tão venturoso em seus progressos até o fim. Com a paz, verdadeiramente vossa, nos consolastes o temor e afflicção da guerra: com a esperança tão prompta da real descendencia, nos consolastes a antiga desconfiança da successão: com o governo presente de principe soberano, justo, e por si mesmo, nos consolastes as desattenções e sujeições do passado. Por estas graças, que vos damos, e por estes mesmos beneficios tão singulares de vós recebidos, nos concedei, Senhor, as que para os annos futuros, com egual confiança em vossa divina bondade e sabedoria, humildemente vos pedimos. E' hoje o dia que, entre todos os do anno, se levanta vulgarmente com o nome de maior, por chegar nelle o sol a seu auge, e encher o mais dilatado gyro de sua carreira. A'manhã começam outra vez a descrescer os dias, com pregão de publico desengano a todas as coisas do mundo (ainda ás que estão acima das sublunares) que nenhuma ha tão firme, que não se mude; nenhuma tão levantada, que não se abata; nenhuma tão grande, que não diminua, e torne atraz pelos mesmos passos de seu augmento. Não seja assim em nossas fortunas, soberano e omnipotente Auctor da natureza, que assim como a creastes, a podeis emendar e fazer constante.[1] Conservae, Senhor, perpetuamente vossos dons, e prorogae sem mudança nem fim, por todos os annos futuros, as felicidades de que tão liberalmente nos fizestes mercê no presente. Não as percamos depois de logradas, para que não resuscitem com dobrada magua em nós aquellas mesmas desconsolações, de que tão efficaz e cumpridamente, e com tão exquisitos remedios nos livrastes. Uni nos vassallos o amôr do principe: confirmae no principe a imitação do pae: prospe-

[1] *Rom.*, XI, 20 e 21.

rae na esposa a continuação dos felicissimos annos, competindo nelles a felicidade com o numero, e o numero com os herdeiros de seus soberanos dotes, para que o sejam dignissimos da mesma corôa. Sobretudo, ensinando-nos a todos a passar de tal maneira os annos breves e incertos desta vida, que saibamos por meio della conseguir as consolações dos annos eternos: pois para ser eternamente nosso Consolador, vos dignates ser temporalmente nosso Mestre: *Spiritus Paraclitus, ille vos docebit omnia.*

INDICE

PAG.

Sermão undecimo do seu dia 5
Sermão duodecimo da sua protecção. 37

SERMÕES D'ASSUMPTOS VARIOS

Sermão das Obras de Misericordia. 63
Sermão ao Enterro dos Ossos dos Enforcados 91
Sermão da publicação do Jubileu 115
Sermão da Bulla da Santa Cruzada 143

As cinco Pedras da Funda de David

Noticia previa 171
Exordio 172
Discurso primeiro. 175
Discurso segundo 193
Discurso terceiro 213
Discurso quarto 233
Discurso quinto 257
Sermão pelo bom successo das armas de Portugal contra as de Hollanda 279
Sermão pelo bom successo de nossas armas 307
Sermão historico e panegyrico nos annos da serenissima Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya . . . 335

St. Ignatius' Church,
3220-43rd St. S.E.
Portland, Oregon